

JAN VAL ELLAM

HOMOA FETIVIDADE

O SEGREDO PERDIDO DO ÉDEN

CONECTAR EDITORA

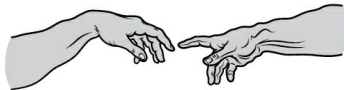


HOMOAFETIVIDADE

O SEGREDO PERDIDO DO EDEN

JAN VAL ELLAM

CONECTAR EDITORA



SUMÁRIO

- I. [Narrativas Esquecidas](#)
 - 1. [Logo depois do Dilúvio](#)
 - 2. [Na cidade de Tubal](#)
 - 3. [Sobrevivente Impensável](#)
 - 4. [Marcas de um Enigma](#)
 - 5. [O Patriarca](#)
 - 6. [Mistérios de um Passo Esquecido](#)
- II. [Narrativas Antigas](#)
 - 7. [A Estranha Linha Temporal](#)
 - 8. [Os Magos do Norte](#)
 - 9. [A Babel de Cada Dia](#)
 - 10. [Os Mistérios Dionisiacos](#)
- III. [Narrativas Tardias](#)
 - 11. [A Sina dos Portadores](#)
 - 12. [A Liberdade e seus Efeitos](#)
 - 13. [Notícias em Alexandria](#)
 - 14. [A Emblemática Roma](#)
- IV. [Explicação Necessária](#)
 - 15. [O “Poder” que Habita em Nós](#)

[Sobre o Autor](#)

[Projeto Orbum](#)

[Roteiro de Livros](#)

[IEEA](#)

PARTE I

NARRATIVAS ESQUECIDAS

Muito das coisas passadas se perdeu, menos a memória dos que sofreram e clamam por justiça e compreensão.

LOGO DEPOIS DO DILÚVIO

O BARCO TREMULAVA por entre as ondas, e a umidade do ar, junto com a chuva, havia encharcado a veste de um homem que, segurando firmemente com as mãos o mastro de madeira, observava a tempestade se afastando, enquanto, ao longe, a visão da terra já era possível, o que causou grande alegria a todos os embarcados.

Heber, na altura dos seus quase 58 anos, endereçou uma prece ao ente protetor do seu povo, ao mesmo tempo que chamou para perto si um rapaz que trazia amarrado aos seus ombros um farnel que lhe pendia ao peito.

— Observe, Joctan, já se vê terra... Vamos ter que dar a volta, mas logo atracaremos. Tubal, filho de Jafé, aqui esteve e fundou um centro de comércio. Assim ele fez logo após a grande devastação... Dias tristes, impostos pelo Criador para eliminar o erro deste mundo.

— Meu pai, será que ele conseguiu? — perguntou Joctan.

— A quem você se refere, a Tubal ou ao Criador?

Joctan sorriu se apoiando no pai para poder se equilibrar no piso escorregadio do barco, que balançava ainda mais por estar se aproximando do litoral.

— Ao Criador, meu pai. Este mundo continua cheio de maldades, e se o dilúvio de que falam teve o objetivo de dar fim a alguma coisa, convenhamos que não foi aos desmandos dos poderosos e ao comportamento inadequado dos seus filhos desvirtuados. Não sei mesmo como o Criador cometeria tamanho equívoco, se foi essa a sua intenção.

— Não pense assim... O Criador escuta tudo o que falamos. Seus soldados sempre estão a postos na vigilância desta humanidade. Ele não erra, ainda que se arrependa, como nos explicou o pai Noé.

— Você O teme, não é, meu pai? Devemos mesmo temê-lo?

— Sim, meu filho, sigamos a sabedoria dos nossos ancestrais que foram escolhidos por Ele... Eu o temo e o respeito, mas sempre que o escuto, o meu ser vibra em contentamento e sinto reforçada a aliança que Ele fez com Noé, nosso ancestral e pai de todos nós, os sobreviventes àqueles dias de tribulação.

— Você é um dos escolhidos, meu pai, mas não sou eu o continuador da linhagem, mas sim Faleg, o seu primogênito e meu irmão, o portador da perpetuação da semente do Criador. Talvez por isso não tenha em mim esse respeito e mesmo o temor pelo Criador. Para mim, se a história for essa, algo saiu errado, porque nem mesmo foi somente o pai de todos nós que escapou com sua linhagem, pois já conheci muitos outros povos que também escaparam à devastação.

Heber sorriu enquanto balançava com as duas mãos a cabeça de Joctan, pedindo aos céus um pouco de juízo e de temor ao Criador para aquele seu filho.

— Vamos, Joctan, chame os demais, pois precisamos pegar as nossas coisas para seguirmos viagem enquanto o dia ainda nos permite.

O grupo de Heber e de seu filho Joctan contava ainda com mais três outros membros, sendo Bartar o mais velho dentre eles. Eram homens acostumados aos deslocamentos e serviam também como segurança, pois eram adestrados em lutas.

Aquela era a terceira vez que Bartar, nos seus quase 65 anos de vida, estava retornando ao centro fundado por Tubal há mais de uma década. Ele era também versado na língua local de Sefarad — assim era chamada a atual península ibérica na linguagem hebraica.

Bartar era um dos poucos homens que, devido às circunstâncias da sua vida, mais se encontrava adaptado aos novos costumes que começaram a surgir após a grande devastação. Antes, o principal grupo de humanos sediado no “norte divino” falava uma só língua. Para os que ali viviam, a sensação de proximidade com o Ente Criador era uma das principais características do modo de pensar das pessoas.

O simples fato de “viajar” e de se afastar da região abençoada — a antiga e lendária hiperbórea das mitologias dos povos do norte — provocava inquietude naqueles que o faziam, pois era crença comum que se sentiam “diferentes”, ficavam doentes, e, por isso, procuravam jamais de lá se ausentar.

Se aquele conjunto de sensações era algo real que se sentia, ou se tudo era tão somente uma crença semeada pelos “entes poderosos” junto aos humanos para melhor controlá-los, essa foi uma questão que passou pela mente de algumas poucas pessoas que conviviam com os “imortais”.

Heber observava o valoroso Bartar enquanto continuava a pensar sobre as coisas que escutara dos seus antepassados Sem e do próprio Noé — ainda vivos nessa época — que, antes da grande devastação, eram habitantes de uma região situada bem abaixo do norte setentrional, mas conheciam a história dos que ali longamente conviveram com os seres que não haviam se originado neste mundo.

Agora, após a devastação, o Senhor determinara a Noé o espalhamento pelo mundo de todos os sobreviventes, para que os humanos, divididos em línguas e costumes diferentes, pudessem ser mais docemente controlados pelo seu poder.

De todos os deuses, o Senhor era o mais doce e compreensivo para com as questões da humanidade — refletia Heber, movido pela fé que herdara dos ancestrais.

Desembarcaram e se dirigiram para a praça que nascia a partir do pequeno atracadouro, onde Bartar coletou algumas informações atualizadas sobre o caminho até a cidade erigida por Tubal, que ficava mais a leste. (Nota de esclarecimento – O porto onde atracaram, de acordo com a geografia da época, ficava numa parte do litoral que hoje está coberto pelo Oceano Atlântico. A vila fundada por Tubal ficava como que se retornando na direção leste, no sentido do estuário do Rio Sado, que banha o lugar onde Setubal foi erguida. Na época da chegada de Heber, outro porto ainda estava sendo lá construído, porque o primeiro havia sido destruído por uma tempestade).

As notícias sobre o caminho não eram das melhores, e tiveram que ali pernoitar para conseguir os acessórios necessários à empreitada.

Somente conseguiram começar a sua marcha para o leste, em linha paralela à do litoral então existente, quando o Sol já se posicionava alto no céu.

— Seremos bem recebidos, meu Pai? A quem você espera encontrar?

— Faz muito tempo que porto comigo um pedido do meu pai, Salé, do pai do meu pai, Asfarxad, e de Sem, um dos três filhos sobreviventes do infortúnio e que a tudo testemunhou junto ao seu pai e pai de todos nós, Noé.

Seus três filhos, Sem, Cam e Jafé, ouviram do pai Noé uma maldição que até hoje ecoa nos ouvidos dos que compõem essas três linhagens. E desde que, após a estabilização dos dias, as notícias de muitos núcleos de sobreviventes, além dos muitos homens e mulheres que solitariamente conseguiram escapar à tragédia, chegaram até os filhos da primeira geração dos três, um deles, Tubal, filho de Jafé, tomou a direção oeste, rumo totalmente diferente da que foi tomada por todos os demais descendentes. Aqui estamos para analisar o que ele iniciou e o que pretende. Mas não é somente esse aspecto que me traz aqui. Mas foi isso que meu pai Salé me pediu para verificar... Confesso, porém, que somente vim para cá porque há outro motivo... Mas depois conversaremos sobre isso, se for o caso. Bartar já esteve nestas terras, e saberá nos conduzir às pessoas que nos poderão informar sobre como se vive por aqui e se observam o Criador como o Senhor todo poderoso. Além do que, compreenda, Joctan, desde a devastação, os núcleos sobreviventes fundaram centros de apoio aos que aparecem nas cercanias das vilas, pois ainda são muitos os que migram procurando dar melhor rumo à vida. Seremos bem recebidos.

A marcha continuava e a previsão era de que, em três dias, os difíceis caminhos encharcados daqueles dias seriam superados e então chegariam à cidade de Tubal.

Joctan, que na época estava formando a sua ainda jovem personalidade com a colagem dos painéis daqueles tempos, perguntava constantemente ao pai e a Bartar sobre muitas coisas.

Por algum tempo, Heber pensou que o filho havia esquecido o problema que ele revelara entre os três descendentes diretos de Noé. Mas à noite, ao redor da fogueira improvisada, Joctan voltou ao assunto.

— Mas meu pai, e quanto ao problema da maldição de nosso pai Noé? Por que o fato de Tubal ter vindo para o oeste tem importância nesse contexto?

— Como todos nós sabemos, mas não com entendimento profundo sobre o ocorrido, o pai Noé, após ter orientado a plantação da nossa primeira vinha, tão grande foi a sua alegria com a bebida do fruto da videira, que se embabedou pela primeira vez nesses seus 726 anos abençoados pelo Senhor até agora — e que longa ainda seja a sua presença entre nós. O seu filho mais novo Cam, entrando na tenda do pai sem saber o seu estado, o viu desnudo, apesar de não ter sido visto pelo nosso pai Noé. Contou aos seus irmãos Sem e Jafé, e esses entraram na tenda, mas com seus rostos voltados para não

verem a sua nudez. Cobriram-no e a história era para ter sido finalizada naquele ponto, mas tal não se deu. Ao saber, mais tarde, do ocorrido, o que infelizmente se deu pelas desavenças entre irmãos e demais familiares que não controlam as suas línguas e os impulsos que acionam as forças da maldade, o nosso pai Noé amaldiçoou ao seu neto Canaã, filho de Cam, pois que a esse ele não poderia aplicar qualquer maldição, porque já tinham recebido, anteriormente, a benção do Senhor Deus de Noé, Deus de todos nós e de nossos ancestrais detentores da sua marca sanguínea. Sim, meu filho Joctan, o sangue da descendência de Adão, o pai dos pais (n.e. – penso que “sangue”, nesse contexto, significa o que hoje entendemos como sendo o código do DNA) , é diferente do da maioria das pessoas deste mundo. Sobre nós e em nós reside a Graça do Senhor, por isso somos e seremos Sua descendência. E devemos cuidar, ó Joctan, pois muitas são as forças que nos têm perseguido para descaracterizar a nossa linhagem e o que representamos até mesmo para os demais entes que também se pretendem deuses deste mundo, e esse é um dos motivos que me propulsionaram nessa viagem. Cam, ao ver seu filho Canaã ser amaldiçoado por algo que ele fizera, mas sem nenhuma intenção, deixou que nele surgisse um sentimento de repulsa pelo pai e, conforme estamos nos acostumando a entender, em relação ao próprio Senhor, o nosso Pai e Criador. Como a maldição transformou toda a descendência de Canaã em escravos das casas das descendências de Sem e de Jafé, nele brotou uma raiva ainda maior do que a que o seu pai Cam tenta disfarçar, mas já não mais consegue, ainda que o seu isolamento seja sempre renovado por sua própria vontade, para não ver a sua descendência desonrada por um “erro” seu. Muitos que lhe dão apoio na desgraça o visitam, e já mesmo eu lá estive, pois o assunto que me traz a essas terras me fez pensar que ele soubesse de algo a respeito. Canaã, porém, na altura dos seus atuais 94 anos, há tempos tem trabalhado com sua descendência, vinda dos seus filhos Sidon e Het, associados aos “parentes da desgraça”, ou seja, os filhos dos irmãos de Canaã, filhos de Cam, que, mesmo sem a maldição diretamente a eles dirigida, pela postura de Cam, também demonstram “prudências” em relação ao Senhor do nosso pai Noé. Ensimesmados, todos esses descendentes têm produzidos cidades que crescem bem mais do que tudo o que ainda existe na Terra, seja o que sobreviveu à devastação, ou mesmo o que começou a ser construído por nós, descendentes do pai Noé. Ainda não sabemos, ó Joctan, tudo o que sobreviveu... Ninguém sabe. Pouco a pouco vão surgindo notícias de que aqui e acolá ainda está de pé uma cidade, às

vezes até mesmo com sobreviventes. Nesses poucos mais de cem anos após a devastação, não deu tempo a que os povos sobreviventes, se foi o caso, tenham se reorganizado e mesmo, como é o nosso caso, a retomada da linhagem do sangue do Senhor vem sendo comandada por nosso pai Noé, apesar desses problemas.

— Meu pai, ainda não compreendi...

— Não é tempo ainda para compreender Joctan... Não é tão simples.... Nem mesmo eu sei se estou conduzindo a questão corretamente. Mas os descendentes de Canaã retomaram neles uma postura que o nosso pai Noé afirmou jamais ter existido nos tempos anteriores à grande devastação, e tem afirmado ter sido por isso que ele amaldiçoou a sua própria descendência, pois não deveria sair do seu sangue a vexaminosa tendência de alguns seres humanos... Isso está sendo verificado nas muitas cidades erigidas pelos descendentes de Cam, mais notadamente naquelas onde os filhos de Canaã fincaram suas moradas e costumes. Acidentes diversos tiveram lugar nessas cidades e, segundo dizem, com interferência dos soldados das milícias celestes do Senhor, o que somente aumentou o horror dos seus habitantes. Mas eles têm continuado a se comportar de modo diferente do que o que determina o nosso pai Noé.

— Mas meu pai Heber, qual é o modo diferente dos nossos parentes que causa tamanho infortúnio aos olhos do pai Noé e do Senhor?

Heber olhou longamente para seu filho, que caminhava a seu lado, imaginando se ele, nos seus 19 anos, conseguiria compreender o tema que tanto lhe angustiava o íntimo, como também a todos os da linhagem de Sem e de Jafé que haviam posto sobre os seus ombros aquela penosa missão de “descobrir a verdade” sobre o problema. Temiam, mesmo, alguns dentre os descendentes da segunda e da terceira gerações advindas de Noé, que a maldição imposta por ele a Canaã e a sua descendência tivesse produzido ou despertado a conduta diferente em alguns dos seus membros.

Voltou seus olhos na direção dos demais membros que caminhavam um pouco mais à frente, levando o único animal, um muar, que levava a carga do pequeno grupo.

Será que Faleg e Joctan, com a pouca idade que possuem, já perceberam que existem homens que procuram outros homens para coabitarem? — refletia Heber em plena indecisão se devia ampliar a conversa entre eles.

Seu pai, Salé, que havia estado com Noé, dele lhe trouxera a ordem missionária de procurar, pessoal e discretamente, em torno das realizações

de Tubal no oeste, qualquer vestígio do comportamento inadequado às tradições da linhagem advinda de Adão. Noé precisava ter a “certeza” de que o problema se encontrava restrito tão somente à descendência de Canaã. Para isso ele estava ali, e agora se perguntava por que deixara Joctan vir consigo... Mas foi exatamente para lhe dar experiência de vida que decidi trazê-lo — pensava Heber.

— Meu filho, não sei se deveria lhe deixar a par disso... Mas preciso confiar nos desígnios do Senhor, que afirma que tudo é por vontade dele... Meu problema é se, caso você nada saiba sobre esse tema, eu tiver que nele introduzi-lo, para que você seja meu parceiro nessa aferição. Você é muito jovem e não sei exatamente se algo existe no seu conhecimento sobre a vida que já contemple essa questão... Você sabe ou já se deu conta que existe um comportamento estranho em alguns homens naquelas cidades que visitamos anos antes, eu, você e seu irmão, nas regiões ainda muito alagadas lá na direção do nascente, onde a descendência de Canaã prevalece?

— O meu pai se refere aos que olham mais demoradamente do que o devido para outro homem?

Heber voltou os seus olhos na direção do seu filho que o observava na expectativa de uma resposta.

— Sim, meu filho, de certo modo, sim, não estou bem certo, mas acho que você bem definiu uma das circunstâncias que marcam essas pessoas.

Joctan sorriu enquanto emendava:

— Ora meu pai, não olhamos nós para as mulheres na busca do nosso complemento e o fazemos, às vezes, sem que a nossa atenção consciente nos comande... Por impulso, e vejo que assim também alguns daqueles homens o fazem...

— Não, meu filho, não é a mesma coisa... Mas, assim, Joctan, isso não tem importância para nós. Apenas devemos lamentar esse comportamento, pois é sobre ele que preciso estudar e refletir em respeito às nossas tradições e à glória do Senhor.

— Descanse a sua cabeça, meu pai, e se liberte de qualquer preocupação quanto a mim, pois já conheço esse comportamento desviado há tempos, desde que observei que alguns rapazes, antes de se tornarem homens, portam essa postura. Mas, meu pai, apenas eu pensava... E penso que isso também vem do Senhor, pois não é ele mesmo que afirma que tudo é por vontade dele?

Não, meu filho, não nesse sentido.

— Isso é sua opinião, não é, meu pai? É o que o senhor pensa sobre o que o nosso pai Noé afirma ser dito pelo Criador, não é assim?

— Não, meu filho, não pense desse modo, pois as forças que lutam contra o Senhor podem estar por trás de pensamentos com esse teor. Nem tudo nos convém na arte da liberdade do pensar, porque precisamos cuidar da falsa e aparente liberdade do pensamento quando o seu teor se fizer contrário ao que a nossa tradição afirma ser o conselho do Senhor, a ordem do nosso Ente Poderoso, sempre na medida perfeita e destinada ao progresso da raça dos homens, e não para sua danação. Precisamos cuidar, ó meu filho, para que sejamos conhecedores da tradição dos nossos pais, para que, diante de qualquer pensamento que possa afrontar os seus divinos princípios, a prudência seja a nossa postura para nos precavermos do equívoco. Precisamos preservar a pureza dos nossos corações para que o Senhor habite em nós, pois somos o seu sangue escolhido dentre os que existem neste mundo.

— Quer dizer que estamos “caçando homens estranhos” para informar ao nosso pai Noé das suas existências? É isso mesmo, meu pai?

— Essa é uma das questões, mas o contexto é bem mais complexo. Deixe-me, contudo, ir aos poucos lhe informando sobre o que julgar conveniente, apesar de agora saber que você já tinha conhecimento sobre essas posturas vida.

— Todo mundo tem, ó meu pai, não conheço um só dos meus companheiros que seja alheio ao fato de que essas pessoas existem...

Surpreso, mas não “chocado”, Heber continuou a caminhar enquanto se perguntava sobre o quanto os que lhe eram mais jovens sabiam naqueles dias.

Ele mesmo somente soubera que o mundo era assim há não mais do que alguns poucos anos, quando o seu pai Salé começou a lhe deixar a par das preocupações de Noé.

Aos 19 anos, seu filho Joctan parecia saber sobre o assunto tanto ou mais que ele, apesar dos seus 58 anos de vida.

NA CIDADE DE TUBAL

O RESTO da viagem até a vila (n.e. – atual cidade de Setubal, em Portugal) que, anos atrás, Tubal fundara em homenagem ao primeiro legislador da humanidade, Set — o terceiro filho do casal Adão e Eva, escolhido pelo Senhor para ser o novo foco de uma humanidade que quase veio a ser completamente dizimada pela devastação — transcorreu sem maiores problemas, apesar da difícil travessia que tiveram de realizar em um dos rios da região.

Tubal não fundou somente aquele centro urbano quando da sua permanência naquelas terras. Ao longo do tempo em que ali permaneceu, deixou a semente de mais alguns outros vilarejos, espalhados por toda a península, que floresceram com o tempo.

A devastação tinha tão somente cessado a sua força e agora permitia que as pessoas se agrupassem. Foi nesse contexto que Tubal e seus 26 expedicionários, alguns com famílias, ali se fixaram e construíram uma espécie de vila que prosperava a cada dia que passava.

As regras trazidas por ele, que lhe foram dadas pelo patriarca Noé, pertenciam à longa tradição que as hostes do Senhor estabeleceram para a raça humana, desde os tempos do casal primevo da linhagem do “sangue escolhido”.

Heber e seus companheiros de viagem foram calorosamente recebidos por membros da primeira expedição comandada por Tubal que ali permaneceram, nos tempos em que ele interagiu com habitantes locais e exerceu de modo surpreendente a sua supremacia moral sobre os demais.

Procuraram um sábio vindo das montanhas (n.e. – os Pirineus, que separam as atuais Espanha e França) logo após a devastação, que resolvera ali

se estabelecer a convite de Tubal, e que, posteriormente, foi transformado em líder dos que ali viviam.

A maior parte do tempo que Tubal passou na vila foi na companhia do sábio Melmon, dele escutando as infindáveis histórias daquela região.

Por que estou aqui, procurando por um sábio que já revelou a Tubal o que sabia, assim pelo menos penso? Meu parente já esteve com o pai Noé e lhe transmitiu o resultado da sua empreitada nessas terras. Por que então os meus pais Noé, Sem, Arfaxad e Salé me investiram da responsabilidade de retornar no mesmo rumo dos passos de Tubal? O que esperam descobrir que ainda não saibam? — pensava Heber, enquanto aguardava o retorno das tentativas de localizar o sábio.

Após quatro dias de espera, eis que o sábio Melmon retornou ao vilarejo, pois fora tomar parte em uma busca marítima próxima ao litoral.

Devido a sua autoridade moral e ao seu nível de conhecimento, os moradores, naturalmente, haviam colocado sobre os seus ombros a função de “chefe local”, o que o obrigava a cumprir com certas obrigações, como a que acabara de realizar com aquela viagem.

O sábio Melmon e Bartar se cumprimentaram efusivamente, pois já se conheciam de encontros anteriores. Bartar apresentou Heber e os demais membros do grupo, e uma agradável estadia estendeu-se por alguns dias, de acordo com o código de hospitalidade que estava se tornando comum à época.

Heber expôs longamente sobre a viagem, mas foi econômico na exposição das razões da sua presença na cidade, modificando a justificativa para a necessidade de atualização permanente e de manutenção dos laços fraternais da nova humanidade. Por causa disso, ele ali estava para verificar como os fatos estavam se desenvolvendo, pois quaisquer focos de problemas na descendência da linhagem precisavam ser verificados e corrigidos.

Melmon escutou profundamente concentrado a exposição de Heber, que terminou por enveredar pelas costumeiras e inevitáveis louvações ao Senhor Criador a quem Noé venerava, e com quem havia feito uma aliança.

— Você é abençoado e rico em sabedoria, ó Heber, portador da preciosa descendência sanguínea que traz consigo o aparente destino dos que vivem neste mundo. Manter sob controle a educação dos jovens é a garantia de um futuro promissor para os povos que assim o fazem. Sei que o patriarca Noé está certo em proceder com todo esse zelo... Infeliz daquele que tem em suas mãos o poder e não o utiliza nesse sentido... Você é e será sempre muito bem

vindo, assim como qualquer um que em seu nome, no de Tubal ou no de quem lhe esteja vinculado aqui venha, porque nos será sempre motivo de satisfação.

Após alguns instantes em silêncio, como se refletindo sobre o que dizer, o sábio Melmon retomou a sua abordagem.

— Devo contextualizar melhor o que agora pretendo dizer, pois, embora já o tendo dito a seu parente Tubal, pretendo ir um pouco mais além agora. Isso faço pelo simples fato de você estar aqui, de que alguém vindo da linhagem de Tubal aqui tenha retornado... Isso é muito importante para nós, pois vocês da linhagem representam, para muitos, a esperança em plena devastação. Você se encontrou com Tubal depois da sua estadia entre nós?

— Sim, ó Melmon, em duas vezes convivi por muitos dias com o meu parente Tubal, mas devido à diferença de idade, na primeira vez ele fazia parte do Conselho dos Anciões e eu não tinha acesso aos assuntos tratados pelos Veneráveis. Isso foi antes de ele vir até aqui. Depois, tornei a encontrá-lo, junto ao patriarca Noé, em uma das comemorações instituídas pelo nosso povo. Naquela feita, ele já havia estado aqui, e um dos temas que dele muitos de nós escutaram foi exatamente a sua preciosa narrativa sobre os seus dias aqui em Sefarad. Ele, inclusive, comentou a seu respeito, ó Melmon, situando-o como o mais sábio dos homens que ele encontrou nas suas muitas jornadas.

Melmon sorriu algo envaidecido e fez referências à generosidade de Tubal e de todos os membros da linhagem, perguntando ao final:

— Ele mencionou as minhas observações sobre o Senhor que é venerado pelos descendentes do patriarca Noé?

— Não que eu estivesse presente. Se o fez em intimidade junto aos do Conselho, quando ali fui chamado, eles não fizeram referência a isso e nem direcionaram a minha atenção no sentido de que, quando aqui estivesse consigo, houvesse de minha parte alguma intenção de abordar esse tema específico.

Ele não comentou com os seus descendentes — pensou Melmon com ar preocupado.

O sábio se levantou e convidou Heber e Joctan a acompanhá-lo até um local aprazível ali perto. Enquanto caminhavam, retomou a palavra.

— Meus antepassados eram habitantes do outro lado das montanhas... Vocês conhecem as montanhas (n.e. – os Pirineus) a leste daqui? Penso que não, pois vieram direto de barco e tiveram que atracar no porto caudaloso do

oceano, mas começo a achar que vocês deveriam ir até as planícies que as limitam... Lá reside alguém, fácil de ser encontrada, mas difícil de ser por ela recebido, quando se consegue sair vivo da empreitada. Você está com seu filho e não vai querer expô-lo a tal perigo. Mas deixe-me explicar. Primeiro, entendam que os fenômenos da devastação à qual Tubal se referiu quando aqui esteve, foram muito fortes nas regiões a leste daqui, mas, especificamente aqui em Sefarad, as implicações foram menores. Contudo, muito tempo atrás, outra muito maior e mais devastadora parece ter ocorrido, e foi isso que fez os meus ancestrais, que viviam do outro lado das montanhas, se dirigem e se estabelecerem em suas alturas como modo de sobreviver aos tempos vindouros. Nasci de uma geração mais recente e tive como berço o sopé dessas montanhas. Dos meus ancestrais recolhi muitas informações, as quais, se por um lado, auxiliam no exercício da sabedoria como único modo de se entender a realidade na qual vivemos, por outro, dificultam, em muito, a compreensão do papel da criatura humana nesse processo... Vocês, ó Heber, têm o conforto da crença em um Ente que os protege e cuida mesmo do progresso das suas gerações... Isso é muito estranho e significativo, porque é um evento que vem se desdobrando ao longo do tempo, e dele meus ancestrais prestaram testemunho, apesar de não pertencerem a essa descendência. Pertenciam a outra que, agora, se encontra destruída, porque pereceu ao longo do período compreendido entre as duas grandes devastações as quais me refiro. O meu próprio sangue já veio misturado... Os meus progenitores foram produto do encontro de núcleos humanos desesperados pelo que estavam vendo: civilizações antiquíssimas perecerem assim – Melmon fez um movimento com a mão enquanto caminhavam – e não foram poucas, segundo o que eles narraram de geração para geração. A sua descendência, como disse, tem a graça e a fé na proteção e no acompanhamento da parte desse Senhor poderoso... A minha nada tem, ó Heber, e vive pela vida como ela se apresenta. Não temos tido necessidade de construir modelos de moralidade e, portanto, de conduta, apesar de nos regozijarmos quando somos motivados a entender a vida sob a ótica de preceitos e de ideias que julgemos elevadas e que nos podem, assim, enlevar. O Senhor a quem veneram, ó Heber, tem obrigado vocês a construírem um “modelo para o homem” que atende aos objetivos dele, as metas e intenções que ele tem para com a humanidade. Mas, sinceramente — e isso o disse a Tubal — observando a vida, vejo nesse modelo um sentido corretivo das feições que este mesmo Senhor afirma ter sido ele a ter marcado

no modo como se vive neste mundo. Isso, para mim, não faz sentido! Quando observo o legado dos outros deuses, conforme os meus ancestrais narraram, esses parecem não ter modelo algum para o homem...

Melmon disse essas últimas palavras vagarosamente, ao mesmo tempo em que observa o semblante de Heber. Vendo-o impassível e atento, ele continuou.

— Para esses outros deuses, a criatura humana, surgida no meio dessa contenda entre muitas forças destrutivas e poderosas — e aqui me refiro àquelas que esses próprios seres representam com suas histórias que hoje, após essas devastações, penso que estão talvez perdidas — como também à da natureza, parece nada poder fazer a não ser se submeter ao curso inclemente dos fatos que delineiam a sua vida. Para mim, portanto, ó Heber, resta tão somente fazer o que pessoas como eu fazem, buscando nos sinais da vida a orientação para viver, e para os escolhidos por esses seres, como é o caso da linhagem a qual você pertence, resta cumprirem fielmente com esse modelo a ser vivenciado. Não fui eu que, por mim mesmo, cheguei a essa conclusão, ó Heber. Mas sim, a recebi de alguém, de um ser que julgo ser uma mulher de idade indefinível, também uma sobrevivente dos dias passados e agora esquecidos, que me falou sobre ter pertencido a uma geração de seres bem diferentes de nós. Ela ainda pertence, mas não sei lhe dizer se eles sobreviveram à devastação. Ela, sim. Vem dela a informação de que, sobre a sua espécie, foi “imposto um modelo” do qual ela terminou se libertando, e, por isso, até hoje vive isolada, nas primeiras alturas após as planícies, na direção das montanhas a leste. Felizes dos descendentes da linhagem de Noé, que longa vida ele tenha para bem orientá-los, que dele recebem o zelo sobre os termos desse “modelo de homem”. E que seja, sim, considerada essa sua busca como processo sempre necessário de ser renovado, para que os desvios em relação a esse modelo possam ser percebidos, apesar dos perigos que lhe possam ser inerentes.

— Perigos? — perguntou sem se conter Joctan.

— Sim, filho de Heber, e seu cúmplice desde esta hora, pois desconfio que parte do que vocês buscam, ainda que muito venham sobre ela a saber, pouco sobre isso falarão até mesmo com seus afetos mais profundos, restando-lhes tão somente as conversas íntimas que manterão até o fim das suas vidas sobre os níveis de entendimento possíveis a essa questão que vocês puderem construir. A busca da verdade, meus filhos, é uma aventura solitária, e imagino como não será a do vosso pai Noé...

— Mas ele está sempre com as pessoas que o rodeiam... Ah! Compreendo o que quer dizer, ó Melmon. Mas, quais são os perigos a que se refere, nobre senhor? — perguntou, por fim, Joctan.

— Os que residem nos equívocos e nas avaliações sobre o que não pode ser convenientemente ajuizado. O modelo a que me referi, ó nobres descendentes de Noé, é o que remonta ao tempo dos meus antepassados, quando foi afirmado que um novo modelo estava então em curso, sem os defeitos dos anteriores, mas só que com outros problemas. A questão é que existe uma premissa que é perturbadora quando sobre ela pensamos: a de que o novo modelo foi feito (n.e. – na linguagem hoje, seria a de que o novo modelo foi “programado”) para reconhecer o seu Criador. O grande drama de alguns tipos ou espécies de seres parece ser o fato de que eles, enquanto “modelos” formulados por entes poderosos, não estão “reconhecendo” a mente que os formulou. E estão sendo punidos, apesar de não terem culpa porquanto foram criados. Contudo, parece não existir sensibilidade no Ente Criador para perceber esse “detalhe”. Sobre isso não cheguei a falar com Tubal... Com ele apenas discorri acerca de como pode ser frágil e mesmo perigosa a valorosa crença que todo um povo deposita no Ente Criador que acreditam ser o mais poderoso dentre os demais que assim se apresentam. Naquela oportunidade lhes falei sobre o modelo que cada ser, que tenha alguma responsabilidade sobre seus próprios atos, representa para esse Ente Criador. A linhagem de Noé está se obrigando a reconhecer esse Ente Criador movida pela fé, agora o digo. Contudo, outras formas de seres existiram e existem neste mundo, que também despertaram para algum nível de consciência que lhes permitiu se perceberem como modelos, mas que não reconheceram a seu criador, se é que houve realmente tal personagem. Tenho cá as minhas dúvidas, ó Heber; talvez por não possuir o seu tipo de sangue (n.e. – no sentido de pertencer ou não à linhagem escolhida pelo Ente Criador) eu seja um homem tão cheio de dúvidas. Pode ser que não haja mais jeito ou solução para mim, pois, observando homens valorosos que agem com extrema retidão e rigor moral como vocês, posso perceber como estou longe dessa condição. O incômodo, porém, para o nosso jeito de ser e de pensar, não é somente o que agora abordei, mas o fato de que, enquanto modelos ; gerados por esse ser que se autoafirma Ente Criador e todo poderoso, o questionamento me é inevitável: por que temos tendências múltiplas que precisam agora ser corrigidas, se as marcações iniciais em nós, no sangue que nos move, vieram dele? Isso me leva a pensar: devemos corrigir em nós o que

nele estava ou está errado?

As pernas de Heber tremeram e ele se lançou de joelhos em plena caminhada enquanto lágrimas de profunda inquietação lhe brotaram na face.

— Meu pai! — apressou-se Joctan em segurá-lo, pois ele estava dando início a um processo convulsivo que terminou por derrubá-lo completamente.

Melmon segurou com uma das mãos um pedaço de pedra que trazia pendurado ao pescoço, enquanto, com a outra, aposta à frente de um Heber profundamente empalidecido, parecia lhe transmitir energia renovadora que aos poucos o foi tranquilizando.

— Fique tranquilo, seu pai está bem... Apenas não adianta acordá-lo agora... Pois ele mal poderia caminhar de fraqueza. É necessário que ele acorde, naturalmente, daqui a pouco.

— Mas o que foi isso com ele?

— Presumo que ele foi “atacado” por forças que não comungam da veneração que ele emana pelo Ente Criador. Muitos sofrem, e—lembre-se: escolher um dentre muitos será sempre voltar esses muitos contra você. Essa linhagem a que vocês pertencem tem dessas coisas, principalmente com aqueles que são considerados os “elos principais” dessa corrente. Seu pai é um deles, é um dos que portam o sangue precioso (n.e. – na linguagem atual penso que a melhor expressão seria “DNA precioso”), e que dele cuidam com todo o zelo. Esperemos seu pai retornar.

— São “forças” de que tipo? Como se pode defender delas?

— Sendo do jeito que elas não são. Elas são perturbadas... Seu pai se perturbou e então ficou suscetível a sofrer isso, mas no final prevalece a aliança que envolve e protege vocês. Essas forças estão no seu fim, consumiram-se, pois perduraram por muito tempo, e em mais um pouco deixarão de existir. São forças demoníacas. A Senhora que vive nas montanhas me revelou seus mistérios. Seu pai foi atacado provavelmente porque também é um dos escolhidos, como já lhe disse. Essas forças não gostam do Ente Criador do seu povo.

Para alívio de Joctan, Heber deu sinais de que estava voltando a si, e pouco depois, com ares de preocupação, escutou Melmon lhe explicar o que havia acontecido, segundo os seus critérios.

Nunca havia sentido tamanha sensação de ausência de ar como também jamais as palavras de alguém tinham me perturbado tão profundamente. Meus alicerces foram abalados, e preciso refazê-los... Melmon não falou por mal... Na verdade, fui eu que vim atrás dele e não posso, portanto, creditar-

lhe nenhuma atitude crítica para comigo, muito pelo contrário. Ele está somente me explicando o que vim aqui buscar, conforme os seus próprios valores... Ele está sendo honesto comigo. Pode estar errado, mas está sendo verdadeiro — pensava Heber, enquanto se deslocava inspirando profundamente.

Caminharam um pouco mais até alcançarem um lago no meio a pedras que se misturavam com a vegetação ao redor.

— Este é o meu lago, onde penso, sonho e deixo a imaginação fluir. Preciso da imaginação para aceitar a realidade... Não sei vocês... Não penso que lhe fará bem voltarmos a falar sobre o “modelo humano” que a linhagem a que você pertence vem tentando criar, segundo a vontade do Ente Criador a quem veneram. Se fizer isso somente motivado pela sua fé, isso lhe será bom, mas se procurar compreensão e justificativa para as correções que têm que fazer em si mesmos, não sei até que ponto os mais habilitados na arte do pensamento irão suportar. É essa a opinião que criei sobre vocês quando escutei Tubal e outras vezes Batar desfilarem sua boa crença nesse ser. Respeito e procuro me deixar conquistar pelo lado maravilhoso da retidão e da prática de virtudes que recebo de vocês! Mas, talvez por não ser possuidor do sangue que vocês têm, como já lhes disse, não consigo me obrigar a ver a mim mesmo do modo como alguém deseja que eu o seja. Isso tem que estar em concordância com o que penso, para que possa ser, então, real em mim. Vocês se forçam e se obrigam a acolher o que esse ser ordena que vocês sejam, para que então se vejam como ele deseja, e isso me é muito estranho. Seguramente, acho que somente essa fé valorosa de vocês fará com que consigam produzir essa postura, se é que conseguirão.

— Preciso retomar o tema que me trouxe aqui, ó Melmon, por mais que ele me possa desequilibrar. Preciso que você me relate o comportamento dos que aqui vivem...

Melmon fez um sinal com uma das mãos apontando para um determinado local enquanto os convidava a segui-lo.

— Venham, vejam como a água daqui é especial. Refresquem-se! — tornou a dizer Melmon, enquanto os levava a uma espécie de tanque natural.

Após alguns momentos em que conversaram sobre amenidades, Melmon dirigiu-se a Joctam dizendo:

— Lembra-se dos “perigos” a que nos referimos anteriormente, ó Joctan? Eles realmente começam quando nos vemos obrigados, por algum motivo, a observar as pessoas e a compará-las aos modelos, porque também teremos

que nos observar e nos comparar a eles, e disso não resulta coisa muito confortável. O mais estranho é comparar esse Ente Criador como parece ser, conforme o que ele mesmo tem dito a seus escolhidos, como ele age, e, ao mesmo tempo, observar como o homem é, e como ele deseja que sejamos. Se esses são os termos de um problema, a questão é: a quem pertence esse problema? Não tenho como responder a mim mesmo essa questão. Contudo, direi o que posso informar, tanto sobre o que pude eu mesmo observar, como em relação ao que me foi dito pelos meus ancestrais. As famílias que vivem nestas terras me fizeram de seu líder, até mesmo por influência de Tubal, depois que vim aqui residir definitivamente, mas essa é uma posição que não almejo, pois o que me preenche a existência é a busca pelo entendimento correto sobre as coisas. Não digo que o consiga, mas essa é a minha meta, o meu caminho. Pelo que posso observar, as pessoas daqui são naturalmente fraternas, obedientes às regras que definimos e principalmente às leis de Seth (n.e. – terceiro filho de Adão e Eva), vosso ancestral, cujas leis Tubal elencou para nós. Não há violência ou disputas além das que considero normais, e não vejo desvios de conduta e nem nunca vi nada que me preocupasse ao longo desses anos. Portanto, não vejo perturbação de nenhum tipo entre os que vivem aqui, ó Heber. Sobre o que os meus pais me transmitiram em relação aos povos de antes da devastação, aqui meu coração pesa ter que falar sobre tempos, costumes e circunstâncias que melhor seria se os esquecêssemos; assim também falavam meus parentes. A tendência à violência, à perversão e à bestialidade, infelizmente, parece ter feito parte do cotidiano de muitos dos povos que então viviam, fossem eles humanos ou mesmo com características diferentes. Todos estavam maculados por muitos males e tendências destrutivas. Até mesmo a nossa raça, a dos humanos, ó Heber, e aqui me permito uni-los todos, independentemente de linhagem, talvez influenciada pelos seres poderosos e pelas suas forças de apoio malignas, que usam o estrondo e a luminosidade para destruir, talvez para se defender perante tanto poder, desvirtuou-se desses padrões que eu e você julgamos aceitáveis. Muitos dos ancestrais humanos viviam e viveram de modo a espantar até os mais desprovidos de quaisquer regras de conduta. Vocês acreditam, e eu também, que a linhagem a que pertenceu Noé perseverou em meio à danação que se estabeleceu por muitos milhares de ciclos deste mundo (n.e. – “ciclos” deve ser entendido como “anos”). Isso, porém, os meus ancestrais não afirmaram, ou porque não sabiam que existiam alguns poucos dentre eles que praticavam a virtude, ou mesmo porque, para eles, parecia não existir

exceção, pois as notícias da perversão sempre envolviam toda a humanidade.

— Não pode ser possível... Não deve ter sido dessa maneira, pois nosso pai Noé tem nos afirmado que, antes da devastação, nossa linhagem permaneceu pura e que não havia... Gosto pelo mesmo sexo entre os da nossa linhagem e nem entre outros humanos — disse Heber, algo alterado.

Melmon esfregou nervosamente as mãos ao tempo em que se levantava, e, após algumas tentativas de retomar o curso da sua narrativa, pareceu ter desistido, mas fez questão de deixar registrada uma preocupação que sabia agora ser evidente.

— Longe de mim querer ser descortês com quem merece todas as honras e zelo, seja pelo próprio cumprimento das regras de hospitalidade que nos adverte que não devemos apoquentar os que recebemos na nossa modesta morada, como também pelo afeto, respeito e admiração que devoto a todos os da linhagem de Noé que buscam, como eu, a verdade sobre a vida. Assim me expresso, ó Heber, para rogar que não mais me seja solicitado falar sobre os dias do passado perdido, porque deles somente posso relatar o que escutei dos meus pais e dos ancestrais, e para mim eles são bafejados pela verdade que reproduzem quando falam, tanto quanto o são os elos da vossa corrente abençoada pelo ente poderoso a quem chamais de Senhor e de Criador de tudo o que existe. Não há solução a vista para esse confronto, pelo que, rogo, paremos com sua continuidade — falou Melmon de modo grave.

Heber ajoelhou-se perante Melmon e lhe rogou desculpas, tanto pela atitude inadvertida de ter solicitado um obséquio e de tê-lo confrontado e, mais ainda, pela sua inaceitável grosseria de ter confrontado a autoridade de Melmon e de seus ancestrais, comparando com a dos seus ancestrais, o que era costume inaceitável naqueles dias, pois gerava uma dramática questão de honra familiar a ser resolvida.

Joctan, ao ver seu pai de joelhos, instintivamente o imitou enchendo os olhos com lágrimas, porque aquilo era uma humilhação insuportável para alguém da linhagem escolhida pelo Senhor, que presumia que, perante homem nenhum e muito menos qualquer ídolo ou ente esculpido, um escolhido e ungido pelo Senhor deveria se ajoelhar.

Melmon também se ajoelhou e os atraiu para si enquanto os convidava a deixarem de lado as obrigações das tradições e esquecerem aqueles últimos momentos.

— Se fôssemos homens despossuídos de qualquer padrão de sabedoria, teríamos resolvido essa questão de modo violento... Mas se estamos aqui, os

três, abraçados, envergonhados e desejosos de que isso não tivesse acontecido, podemos, sim, nos levantar, sabendo que o que aconteceu se deve a algo que nos é superior em entendimento, que os obrigou vir aqui em busca do que talvez melhor seria não ser encontrado. Vamos conversar sobre esse aspecto antes de resolvermos o que fazer sobre esse assunto. Proponho que, se a nenhum bom termo chegarmos de como proceder, simplesmente o esqueçamos — ponderou fraternalmente Melmon.

— Graças a sua sabedoria e a sua generosidade aqui continuamos, ó Melmon, eu e meu filho muito lhe agradecemos.

Conversaram bastante sobre a dificuldade humana de se conduzir perante os desafios e as obrigações que a vida impõe, e por aquele dia se dedicaram a outros misteres.

Heber já estava refletindo sobre a possibilidade de retornar à terra dos seus familiares, ainda que outros pontos estivessem no seu roteiro de visita, porque, depois de muito refletir, achava que já tinha observado com segurança como as coisas agora estavam seguindo seu rumo, e isso era o que lhe importava perante o que julgava ser a sua obrigação de bem observar e retratar os eventos daquele lugar.

Abençoada é a obra de Tubal, e sete vezes seja ela ainda mais abençoada pela presença de um sábio da qualidade de Melmon, que a tudo administra, sendo ele o servidor que com todos se preocupa e de todos recebe o respeito, a admiração e o afeto que lhe são devidos. Mais ainda: ele respeita os preceitos do Senhor, ainda que não lhe seja adepto ou mesmo subordinado, o que torna mais valoroso, sobremaneira, o seu padrão moral — exultou Heber em sua última reflexão.

Ajustou com Joctan e Bartar as suas conclusões, e se preparou para comunicá-la a Melmon numa próxima oportunidade. Contudo, Joctan adoeceu, o que os obrigou a permanecer por mais um tempo até o seu total restabelecimento, que lhe permitiria enfrentar a longa viagem de volta.

O aparente acaso fez com que, em um desses dias, Heber acompanhasse Melmon em uma verificação que ele precisou fazer num pequeno atracadouro que os cidadãos dali procuravam erguer, embora o avanço e o recuo superlativos das marés daqueles anos sempre dificultasse em muito o processo.

Conversando sobre as referências que os habitantes dali faziam sobre uma antiga civilização, formada por humanos e seres de outras linhagens, Melmon revelou a Heber mais um pouco das suas vivências.

— Essa viagem à qual me dediquei nos últimos dias, antes da sua chegada, tem a ver com as buscas que ainda fazemos, sempre que o mar permite, sobre possíveis grupos de sobreviventes ou mesmo de porções de terra que possam ter restado da grande civilização que então existia. Aquele império se espalhava por algumas ilhas e mesmo também nessa parte de terra onde estamos, só que no seu limite sul. Lá ainda existem dois centros relacionados aos descendentes de outro ente poderoso, (n.e. – conhecido na mitologia grega como Poseidon) com muitas linhagens que nada tinham ou têm de humanas, mas sobre quem temos algumas descrições e narrativas apropriadas. Contudo, continuamos a procurar por suas notícias e são muitos os barcos que ainda nesses dias navegam na busca de vestígios.

— O cataclismo que destruiu esse povo veio com essa devastação? — perguntou Heber.

— Não. Conforme o conhecimento que me foi repassado pelos meus ancestrais do outro lado da montanha, essa civilização soçobrou há cerca de quatro mil ciclos do nosso mundo, antes da devastação que agora muito marcou a região dos seus antepassados, e da qual vosso patriarca Noé sobreviveu. Foram eventos diferentes, conforme pensamos, mas entre os quais muitos outros problemas de inundações diversas ocorreram, como decorrência daquela que devastou o trabalho das linhagens do ente poderoso que se afirmava ser o regente divino (n.e. – Poseidon) dessas terras, inclusive desse chão que agora pisamos. Esse regente divino se referia a alguém que lhe era superior (n.e. – provavelmente Zeus, da mitologia grega), mas que não era ainda o Ente Criador dos céus e dos mundos a quem vocês veneram. Meus antepassados falavam que, há muito mais de 4 mil ciclos do nosso mundo em torno do astro que nos ilumina, essas coisas já vinham acontecendo, inundando centros antigos onde muitos viveram. Devo dizer, ó Heber, que já sobre essa cultura e muitas outras que existiram antes das últimas devastações, as informações que delas sobraram não se adequam ao modelo que vocês cultuam, que vocês desejam ver prosperar entre os homens. Sob a perspectiva da vossa crença, essas civilizações foram destruídas pelos cataclismos, talvez, como castigos pelo tipo de comportamento e pelo que produziram por meio do concurso sexual. Bestialismos de muitas ordens foram, então, verificadas, decorrentes do incontornável impulso sexual presente nas feras, em linhagens de diversos tipos de seres tidos como inteligentes e nos humanos. Mas encerremos por aqui essa matéria, para que não incorramos novamente em desentendimentos

inúteis. O que passou, passou, e importa como podemos viver as nossas vidas agora e doravante.

Os dois homens caminharam pensativos, já retornando em direção ao alojamento, enquanto, de vez em quando, um deles fazia algum comentário.

Será que conseguirei expor tudo isso a Noé, nos termos em que Melmon está me esclarecendo e que tanto me tem perturbado? Será que Tubal passou por essa mesma situação e, talvez por isso, tenha preferido calar sobre as questões referentes ao nosso Senhor e Criador? Sinto-me aflito com tudo isso, por ter que pensar sobre a questão com esses elementos que Melmon introduziu no meu pensamento. Afinal, o modelo do Criador que Noé transmitia para o nosso povo era realmente o que ele desejava para a humanidade? Seria possível implementá-lo? – perguntava-se Heber, sem que pudesse deter o fluxo dos pensamentos.

Foram descansar, mas, para o descendente de Noé, o sono não veio fácil, apesar do esgotamento mental.

Alguns poucos dias depois, com Joctan já quase totalmente restabelecido, foram até a praia, e ali sentaram observando as ondas estranhamente calmas naquele momento.

— Melmon, muito lhe agradecemos pelos seus ensinamentos...

— Não os considere como ensinamentos, pois não o são... Dei- -lhes apenas as minhas visões e as notícias que colecionei dos meus antepassados... Não sei mais o que lhes informar. Acho que deveriam procurar a Senhora que vive com seus lobos. Ela sabe muito sobre tudo o que já existiu, se é que saber sobre isso lhes seria suportável. Sempre me perguntei “quanto da verdade” um homem como eu suportaria saber, porque não penso que ela seja agradável... Deixe-me dizer... Acho que é importante que lhe diga isso: quando eu ainda era um menino, nos tempos iniciais dessa devastação, vivia nas montanhas e pude ver — na verdade todos viram — quando uma hoste, jamais observada por aqui, atravessou as montanhas, vindo do outro lado, onde moraram meus ancestrais. Serpenteando as montanhas, aquela hoste difícil de ser percebida, pois sempre envolta por uma névoa, somente quando já estava finalizando a travessia é que nós, que vivíamos praticamente na borda das montanhas desse lado (n.e. – parte sul dos Pirineus onde o atual território espanhol, notadamente dos povos bascos, tem início), pudemos observar aquela Senhora, muito alta, cercada de animais. Muitos disseram ser ela uma feiticeira, um demônio com alto poder de magia sob a forma de mulher. Ela dispensou os demais animais e passou a viver somente com os

lobos em uma das bordas da montanha, o que somente se percebeu muito tempo depois. Não foram poucos os que, por curiosidade ou mesmo por desconhecimento, aproximaram-se demais de onde ela vivia e foram aniquilados pelos seus lobos. Ela não quer a companhia de ninguém, e faz tudo para evitá-la. Uma vez, somente uma vez, uma menina se perdeu de uma caravana e a Senhora dos Lobos a acolheu e depois a devolveu, sã e salva, à planície, de modo que alguns passantes a pudessem receber. Esta menina, que passou com ela alguns dias, foi quem contou que ela jamais se sentava, que dominava os animais, que a tinha curado; enfim, que era uma mulher diferente. Nas palavras infantis que dela escutei, quando por acaso me encontrei com a sua família, a mulher não era bondosa... Mas era boa... Ou ao contrário, assim definiu a menina com o seu linguajar infantil. Penso que ela quis dizer que a mulher não era dada aos gestos de carinho, de afago, com que os adultos sempre brindam as crianças, mas de algum modo a menina se sentiu segura com ela. O “acaso” desse encontro terminou me levando a procurá-la... Minha mulher, falecida há 21 ciclos, quando da sua última maternidade, após o nascimento de mais um filho nosso, adoeceu e esteve à beira da morte por alguns dias. Sonhei com a Senhora dos Lobos e decidi, no meu desespero, procurá-la para ver se a sua sabedoria e poder — que imaginei acertadamente de que ela seria possuidora — pudesse de algum modo ajudá-la. Mas, como chegar até ela, se todos os que passavam pelo vale dos lobos, que é uma planície que antecede a borda das montanhas, eram atacados e mesmo mortos pelos animais? Pensei, pensei e tive a ideia de construir uma jaula de madeira, do tipo nos quais colocamos os animais, só que sem o piso, pois esse seria o próprio chão. Dois guardas da cidade foram comigo e, no limite onde começava o vale, construimos a jaula firmemente atada. Continuamos a caminhar até que divisamos os lobos correndo na nossa direção. Quando eles se aproximaram e colocavam os seus focinhos nos espaços entre as tiras de madeira, nós os feríamos com as pontas das nossas lanças, na esperança de que ela surgisse e nos desse guarida. Se desse errado, a minha expectativa era de resistirmos até a chegada da noite e, caso os lobos nos deixassem em paz, voltaríamos.

Heber e Joctan escutavam extasiados a narrativa de Melmon.

— Pois assim mesmo fizemos, e para nossa benção, e da minha mulher, ela logo surgiu ordenando aos lobos que nos deixassem... Saímos, então, da jaula, e lhe narrei o motivo de ali me encontrar. Para minha surpresa, ela somente pediu-me para não revelar a ninguém aquele evento. Mas ela me

ajudou, ó Heber, mandou-me ficar ali e foi até a sua morada, e de lá retornou com uma poção que minha mulher bebeu e recuperou a saúde, reviveu e nos deu a alegria de permanecer conosco por mais quase trinta ciclos. Tive que explicar à “Senhora dos Lobos” que, no meu tempo de criança, havia visto a sua chegada àquelas terras, e que aquilo muito me marcara, pois meus familiares e seus ancestrais podiam estar acostumados a lidar com “imortais”, mas eu não. Ela mal me olhou, mas ao escutar as minhas palavras, me disse que éramos todos experiências vivas de um “modelo” que se procurava estabelecer neste mundo. Uns viviam mais, outros menos, mas no final tudo era renovado (n.e. – No sentido de reciclado). Ali estava porque se encontrava cansada de tudo, inclusive da própria vida, que nada lhe acrescentava. Aguardava, observava e organizava o conhecimento que acumulava e aquilo era tudo. Disse-me que antes era tida como uma espécie de ser cujo nome ela até expressou, mas não soube e não sei sequer transmitir o que escutei com as nossas palavras. Logo me dispensou pedindo-me para não mais voltar ali. Muito lhe agradei e, desde então, a memória daqueles momentos só me parecem verdadeiros porque, muito mais do que dela, ainda me recordo do hálito quente dos lobos muito próximos a mim naquela jaula. Ela chegou no limite... Um pouco mais, e eu não estaria aqui lhe contando essas coisas. A sua pessoa parecia uma figura fora de lugar, tipo uma casa construída sobre o mar, sem alicerce, tipo uma árvore que flutuasse, sem raízes que a unissem ao chão. Era diferente e mesmo aterradora no princípio. Os homens que me acompanharam sequer conseguem abrir a boca para contar sobre aqueles dias. Segundo eles, algo lhes trava a boca e eles não ousam ir além. Eu consigo narrar algumas coisas, mas com certa dificuldade, por isso quase não falo sobre o ocorrido, apesar de me lembrar com gratidão, pois ela salvou a minha companheira por muito mais tempo que o seu próprio corpo suportaria, penso eu. No entanto, dói-me ver a inutilidade de um ser tão... Tão cheio de poder e tão especial, apesar do seu aspecto singular, mas que não interage com ninguém, preferindo a solidão e, mais ainda, esperando pelo fim de seus dias.

— Árvore estranha que produz frutos maravilhosos. Para quê tanta riqueza, se não se pode saboreá-los? Deve existir uma explicação situada acima da nossa lógica. Somente o Senhor deverá saber o mistério das suas criaturas — ponderou Heber.

— O Senhor Criador e suas criaturas... Eis um tema sobre o qual reflito, mas não ousa assumir conclusões. Deixo-as para vocês, os da linhagem, pois

nisso a vossa fé deve ter um papel fundamental. Talvez essa característica do vosso sangue vos habilite a ter certezas que ainda não ouse ter. Não ser escolhido tem a vantagem de não existir ninguém lhe cobrando, orientando e controlando a sua vida, e nesse desconforto consigo eu levar a vida diante. Que o conforto da sua crença o dignifique cada vez mais, meus irmãos, e que possam retornar em paz e aqui voltarem sempre que o desejarem.

Abraçaram-se como amigos fraternais e, à noite, Heber e Joctan muito conversaram se deveriam seguir direto para a montanha entre os rios onde residia o patriarca Noé quando de lá saíram, ou se ainda iriam se arriscar a tentar produzir um encontro com a “Senhora dos Lobos”, como era conhecida o enigmático ser.

O desvio seria muito acentuado, e tudo era tão incerto e cheio de perigos extras, no que já era aquele tipo de viagem, por si só, uma aventura — pensava Heber antes de conciliar o sono.

Na manhã seguinte, enquanto Joctan defendia o retorno para as suas terras passando em alguns outros centros que ficavam no caminho, Heber, movido por uma estranha vontade bem diferente da que lhe era normalmente usual, decidiu que precisariam seguir no rumo da desconhecida possibilidade de superarem várias incógnitas, a saber, acertarem o caminho, conseguirem construir a jaula, e caso escapassem dos lobos, sequer sabiam ao certo o que poderia ser conversado com um ser que não desejava ser visitado.

Joctan parecia ser o mais velho naquela hora, tentando chamar a atenção do pai para o absurdo da sua decisão de se aventurar pela planície dos lobos, esperando ser protegido por um tipo de ente que talvez não fosse sequer humano.

O próprio Heber refletia que o filho tinha razão e que ele é quem estava sendo imprudente, o que lhe parecia um contrassenso, pois jamais agira por impulso e muito menos em uma questão tão singular quanto aquela.

Bartar foi quem melhor definiu a situação para Joctan, quando lhe disse:

— Seu pai é rico em sabedoria e prudência. Se, ainda assim, ele está inclinado a se aventurar, é porque isso não vem dele, e sim do Senhor que zela pela sua linhagem entre os homens. Não vale a pena você se contrapor à sua decisão. Ajudemo-lo a seguir adiante com o seu fardo, e tentemos tirar da aventura o que de bom ela nos puder dar. Que tenhamos uma boa história para ser contada.

Com as ponderações feitas por Bartar, Joctan passou a apoiar o pai na sua decisão de procurar a “Senhora dos Lobos”.

SOBREVIVENTE IMPENSÁVEL

OS PRINCIPAIS CHEFES das famílias se uniam para formar um vilarejo, um entreposto comercial, enfim, as primeiras formas de reorganização social que então se estruturaram. Sabiam, naqueles primeiros tempos após a devastação, que existiam pelo menos cinco focos civilizatórios, que haviam sido construídos e mesmo reconstruídos — alguns poucos deles — por sobreviventes.

As cinco regiões, que agora se encontravam bem mais desenvolvidas que as demais, apesar de distantes entre si, trocavam informações e se apoiavam mutuamente, pois, nos tempos imediatamente posteriores à devastação, parecia não existir predisposição para guerras, tamanhas eram as dificuldades que precisavam ser superadas. Era tempo de reconstruir.

A principal organização social era a que se formara em torno do patriarca Noé, no lugar onde ele permanecia vivendo, cercado por sua descendência, que, a cada dia, somente aumentava. Ele havia se estabelecido em região próxima de onde a arca atracara, e boa parte dos seus descendentes começaram a se espalhar pelas terras da região (n.e. — atualmente corresponde ao leste da Turquia, Armênia, Geórgia, Azerbaijão, norte do Irã e sul da Rússia, no seu enclave entre o mar Negro e o mar Cáspio).

A leste dali, antepassados diretos de Heber, descendentes de Sem, se distribuíram rumo ao oriente e por lá foram se espalhando, construindo diversos povoamentos.

Ao sul de onde vivia Noé, Cam e seus descendentes fundaram diversas cidades, de um modo bem mais rápido e eficiente do que o fluxo normal dos fatos daqueles dias, por terem encontrado bases de cidades já edificadas antes da devastação e que haviam permanecido de pé.

Era a região com o maior número de cidades naquela época, cerca de oito mil anos antes do presente.

A oeste, os descendentes de Jafé haviam se espalhado tanto por muitas ilhas como por outras regiões (n.e. – correspondente à Grécia atual), até o limite extremo das terras a leste conhecido como Sefarad (n.e. – Península Ibérica), sendo essas as duas regiões situadas próximas aos grandes mares (n.e. – os atuais Mar Mediterrâneo e Oceano Atlântico).

Essas áreas foram as diretamente reconstruídas e influenciadas pela descendência de Noé, apesar de existirem outras que, de algum modo, não haviam sido atingidas ou tão duramente afetadas pela grande devastação, conseguindo superá-la sem maiores problemas.

Segundo as tradições preservadas pelos sobreviventes, a devastação que acabara de acontecer não havia sido a primeira, pois outra, com proporções bem semelhantes, fazia parte da cultura dos seus antepassados.

Enquanto se deslocava na direção do vale dos lobos, Heber rememorava o lado irônico daquele momento da sua vida, por se encontrar no oeste mais extremo, enquanto a sua descendência e seu outro filho Faleg ; estavam no mais extremo leste, no labor diário das suas vidas.

Faleg, Faleg, meu filho, como será que você está se saindo na administração das vilas e do comércio? Como estarão os novos produtores das novas terras recém agregadas? — perguntava-se Heber, num misto de misto de preocupação e rememoração.

Ele havia ficado vivamente impressionado com o modo produtivo e harmônico que Melmon implementara no legado de Tubal, e feliz por perceber o progresso que ali estava tendo lugar. Recordando-se do amigo, relembrou as longas conversas havidas entre eles naqueles últimos dias.

Jamais havia encontrado alguém que confrontasse de modo tão firme os valores da minha tradição e os meus pensamentos como o sábio Melmon, que me esclarecera sobre muitas coisas. Meu pai, Salé, não teria gostado de ter escutado o sábio do oeste, pois ele era muito apegado aos ensinamentos que recebera do seu pai Arfaxad. Esse, por sua vez, embora as respeitasse, não demonstrava tanto apego pela tradição que havia recebido de Sem, que convivera com o patriarca Noé por tempo superior aos demais parentes.

Eu também não gostei, mas não me senti desrespeitado por Melmon. Reconheço nele uma independência de pensamento que muito enriquece a sua verve, as suas argumentações, ainda que as conclusões tenham sido motivo de discórdia.

Se os meus filhos Faleg e Joctan permanecessem um bom tempo convivendo com Melmon, fatalmente eles seriam mais parecidos com o sábio do oeste do que comigo, que sou pai deles. Melmon havia lhe dado uma visão dos tempos anteriores à devastação muito diferente daquela transmitida por Noé aos seus familiares diretos, e difundidas nas muitas linhas da sua descendência. Por que tanta diferença? — pensava Heber, preocupado.

O pequeno grupo formado por Heber, Joctan, Bartar e mais dois homens caminhou por dias até começar a divisar os pontos geográficos que lhe haviam sido explicados por Melmon.

No limite do que julgaram ser seguro, pararam para construir a jaula, cujos lados eram constituídos de madeira entrelaçada, formando pequenos quadrados, amarrada por “fiapos” extraídos de arbustos, seguindo os passos e o roteiro da mesma experiência de Melmon.

Por cerca de mais quase todo um dia eles caminharam, apoiando sobre os ombros a jaula assim construída, pronta para ser fixada no solo ao menor sinal da aproximação dos animais da “Senhora dos Lobos”.

Sabiam que já se encontravam no terreno onde os lobos costumavam atacar, e não deveria demorar muito para que aparecessem.

Eis que eles surgiram, correndo pelo meio da vegetação, enquanto rosnavam de um modo que era desconhecido para Heber e seus acompanhantes.

A realidade era bem mais assustadora do que a que haviam imaginado a partir do relatado por Melmon.

Após fixarem as pontas inferiores das hastes da jaula no chão, firmando-as conforme as circunstâncias o permitiram, Heber e seus companheiros deram-se as costas uns para os outros e, distribuídos de tal modo que suas lanças apontassem para as quatro faces de madeira da jaula, das quais cada pequeno quadrado tão somente permitia que um lobo conseguisse introduzir o seu focinho, aguardaram o ataque dos animais.

Quando os primeiros se lançaram contra a jaula, os homens os feriram com as pontas afiadas das suas lanças, mas os lobos não paravam de atacá-los, apesar da “recepção”.

Enquanto se defendiam do ataque dos animais, que se alongava por muito mais tempo do que o “esperado”, Heber não se perdoava por ter introduzido seu filho naquela situação de perigo extremo.

Deveria tê-lo deixado na cidade de Tubal — pensava Heber, aturdido por aqueles acontecimentos.

Um dos lobos, de cor bem escura, que se mostrava o mais feroz de todos, apresentava muitos pontos de sangramento no seu corpo, o que o levou a cambalear, embora ainda rosnasse freneticamente.

Foi nesse ponto que um som ininteligível atingiu a todos. Os lobos recuaram, e foram se deitando aqui e ali, lambendo seus ferimentos.

Ao longe, os homens enjaulados puderam ver um vulto alto que se aproximava lentamente, e que trazia consigo mais alguns lobos. Outro som se fez escutar. Naquele exato instante, os lobos feridos que se encontravam deitados se levantaram e permaneceram em postura de expectativa, como se esperando pela Senhora, que já se encontrava a poucos passos do local.

O vulto, agora presumivelmente feminino, parou a certa distância, e os lobos feridos foram até ela e começaram a cheirar e a lambe as mãos que lhes eram estendidas.

O lobo mais escuro não conseguiu se deslocar, e ela veio ter com o animal deitado, sobre cuja cabeça pôs uma das mãos, enquanto aproximava a outra do seu focinho.

Um pouco depois, tanto ele como os demais membros da alcatéia que haviam sido feridos já não apresentavam qualquer problema, e pareciam estar curados das lançadas que lhes haviam sido impingidas.

Os homens, ainda sob a proteção do artefato, observaram em silêncio toda aquela estranha ocorrência. Agora, ali estava ela, a Senhora do Lobos, a cerca de quatro metros, observando um por um dos enjaulados.

Definitivamente, seu corpo era feminino, mas sua face era por demais diferente de todas as expressões que Heber e os demais já haviam visto. Aquela face possuía elementos que, enquanto pareciam decompor o padrão normal terráqueo, ao mesmo tempo tornavam mais fortes os contornos dos traços, que, nos humanos, se assumiam como mais delicados.

Heber resolveu dirigir-lhe a palavra.

— Senhora, sei que entende a nossa língua, por isso aproveito para agradecer a sua atitude para conosco de deter esse lobos... Vim de muito longe...

— Podem sair da jaula.... Na minha presença, vocês estão seguros. Vocês não deveriam estar aqui, mas já que estão... — falou pausadamente a mulher.

Vagarosamente, os homens foram se libertando da jaula que os cobria, deixando-a no local onde haviam fixado a sua trincheira de defesa.

— Se vocês repetem a mesma estratégia de Melmon, é porque foi ele quem os enviou aqui... Deve ter achado um bom motivo para fazer isso, caso

contrário não o teria feito. Ele é um humano apreciável. Quem vocês são? O que querem?

Heber pediu a seus homens que recuassem e levassem Joctan, e se mantivessem a umas boas dezenas de passos de distância, de modo a poder falar com mais liberdade.

— É melhor o mais jovem permanecer — disse a mulher, de modo lacônico — Talvez o que você procura não lhes faça bem, pois, para os da sua linhagem, tudo tem que ser enquadrado no modelo das suas crenças. Mas ao seu filho, não. Ele tem a mente mais aberta, e poderá lhe ajudar a organizar o entendimento em torno do foco do que você busca compreender.

Heber se assustou com a inesperada observação, enquanto o próprio Joctan, que já começara a se afastar junto com os demais, também surpreendido, agora retornava, olhando para o seu pai como se esperasse dele alguma orientação.

Vocês têm pouco tempo por aqui... Digam logo o que desejam de mim.

— Sou Heber, filho de Salé, que é filho de Arfaxad, da linhagem de Sem, um dos filhos daquele que aportou com a arca numa terra distante daqui, após a devastação, a quem chamamos o nosso pai Noé. Este é Joctan, o meu segundo filho. Aqui viemos como desdobramento da nossa vinda até a cidade que outro descendente do nosso patriarca Noé edificou no oeste mais extremo daqui, na terra que é envolvida pelos grandes oceanos. Seu nome é Tubal. Ele foi mandado bem antes de mim para o mais extremo oeste de onde a arca atracou, para... Para ocupar toda a extensão de espaço possível do mundo que podemos perceber. Por isso, outros da linhagem do patriarca foram para o leste, e é sua pretensão, no futuro, que a descendência do seu sangue siga também nos sentidos norte e sul. Segundo a tradição que ele traz consigo, é intenção do Senhor Criador dos céus e dos mundos, que com ele fez aliança, como também com seus ancestrais, que o “sangue do Senhor”, o Ente Criador, portado pelos da descendência do patriarca Noé, se espalhe por todo este mundo, como garantia de vida e de sobrevivência da nossa espécie por toda a Terra... Como prevenção para que as tradições ordenadas pelo Senhor prevaleçam entre os que doravante a habitarão.

Heber fez um intervalo para, pelo menos, tentar perceber se estava sendo entendido pela mulher que, parada a sua frente, não fizera o menos gesto ou manifestara qualquer expressão diferente na face, desde que ele começara a falar.

— Nosso pai Noé explicou-nos, ainda, que, no princípio da linhagem do

sangue do Senhor, dos primeiros filhos do casal primevo, cujos membros foram pessoalmente escolhidos pelo Senhor, um deles optou pelo crime... Caim foi seu nome. Isso fez com que o próprio Senhor observasse que, do seu sangue, ou melhor, do segmento do sangue por ele escolhido para sustentar toda a vida da espécie humana em relação à qual a sua vontade e o seu destino estariam indelevelmente associados, surgiam problemas de conduta... Nunca pudemos compreender isso da forma como nos tem afirmado nosso pai Noé, mas o Senhor disse ao casal primevo que “ele habitava nesse sangue”, e, por isso, ele e o sangue eram um só, ou seja, ele e os humanos dessa linhagem eram também uma só força existente. Essa foi a crença e a tradição dos nossos ancestrais que o patriarca Noé trouxe consigo como participante daqueles dias, como também sobrevivente único deste sangue (n.e. – sangue, aqui, aparece no contexto do que modernamente pode ser entendido como sendo o “DNA”). A preocupação dele reside nos problemas que persistem em surgir na sua descendência, como também em alguns outros que ocorreram antes da grande devastação, os quais desconhecemos, e por isso estamos aqui, buscando detectar, compreender e corrigir do modo possível ou necessário, o que puder distorcer e gerar “colônia de desvirtuamentos” das tradições ordenadas pelo Senhor.

— Diga-me, humano da linhagem, o que você espera de mim?

— Melmon me orientou a rogar-lhe que nos ofertasse os seus conhecimentos sobre o que existia antes, pois, segundo ele, a Senhora é alguém que viveu esses tempos para nós desconhecidos. O nosso pai Noé transmitiu às suas primeiras gerações a tradição por ele herdada dos ancestrais, mas as informações colhidas por ele, as que lhe foram possíveis, parecem não serem suficientes para se fazer um juízo sobre todos os comportamentos que desvirtuam as tradições do Senhor. Conseguimos nos expandir nos sentidos leste e oeste, mas não estamos seguros de que os problemas que estão surgindo serão passíveis de serem ajustados ou corrigidos... O pai do meu pai, Arfaxad, disse-me certa vez que, para esses desvirtuamentos, somente existiam, de fato, duas opções: extirpar o mal pela raiz, aniquilando os humanos portadores do sangue com problemas do desvirtuamento, para que esses não reproduzam outros humanos com os mesmos problemas, ou aceitar que as coisas sigam seu curso, já que nem mesmo o Senhor, o Criador de tudo o que existe, conseguiu dar o curso pretendido por Ele aos fatos que acontecem na Terra. Muitos não concordam, e parecem faltar elementos, como já disse, para que o venerável Noé conclua

pelo juízo devido concernente aos fatos. É dele a orientação de que, discretamente, procuremos pelos sinais e indicativos que nos possam fazer progredir com a questão. Como o venerável Enoch, antepassado de Noé, comunicou ao mundo o julgamento de todos, num tempo ainda por vir, como determinado pelo Senhor Criador dos céus e de todos dos mundos, a tarefa da sua linhagem é trabalhar pela garantia da vida decente e honrada na Terra, conforme os preceitos do Senhor explicados aos nossos ancestrais.

— Acompanhem-me... Chame os demais, pois a noite não irá demorar, e é melhor que eles se alojem em lugar próximo que indicarei. Vocês dois me sigam até onde eu for, e até lá decidirei o que fazer. Normalmente, não estaria falando com humanos como vocês... Mas talvez haja uma razão maior por detrás dos fatos, e devo observar esse aspecto.

A mulher começou a caminhar por entre a vegetação, rodeada pelos seus animais, e o grupo foi seguindo o caminho por ela determinado.

Mais tarde, já alojados, ela comunicou que não conversariam naquela noite, pois precisava refletir. Mandou-os descansar e, no raiar da manhã seguinte, a primeira visão que Heber teve ao abrir os olhos, foi a da sua figura em pé, próxima à borda da elevação em que agora estavam situados, de costas para eles.

Ela esperou o tempo suficiente para que tomassem as providências iniciais de cada dia, e somente depois de algum tempo foi ter com eles dois.

— Antes da devastação, eu há muito já existia, pois pertenço a um tipo de raça diferente da de vocês. Pelo que vejo, vocês, que nasceram nesses primeiros tempos após os diversos cataclismos, ainda não lidaram com a presença de outros viventes na Terra. Sei que muitos de nós, deferentes de vocês, pereceram, mas nem todos. Contudo, vocês ainda não conviveram com eles. Eu pertenço a um desses ramos, a uma linhagem diferente da de vocês, e até onde me importa recordar, e tão somente por força do hábito humano de informar nomes uns aos outros, digo-lhes o meu... Despen... Ou Despina.

— A senhora não é humana como nós? — questionou Heber, dominando o receio.

— Não, não sou! Contudo, sou alguém que vivo neste mundo há bem mais tempo que vocês, os humanos dessa linhagem. Quando as primeiras lavas das forças da natureza se movimentaram, causando dores e problemas para este mundo, decidi permanecer na minha morada, isolada de tudo e de todos, na qual há muito tempo vivi. Ela se situava ao norte do lugar onde a

arca do seu ancestral atracou. Meus olhos veem muito, e bem além do que para vocês seria o comum. Mudei-me para cá exatamente porque não queria estar perto do que sairia daquela arca, pois nela estava o sangue de muitas linhagens de animais e de humanos destinados para o futuro, ou seja, o de vocês. Mas nada temam! Vim do norte extremo para não cruzar com os sobreviventes da arca. E observem: minha opção não vingou, pois vocês estão aqui... Por isso não os dispensei ontem mesmo... Fui levada a refletir enquanto dormiam para saber sobre o meu proceder... Nada tenho com isso, e muito menos com o propósito da arca, e aqui me vejo, agora, envolvida com uma busca da qual não preciso fazer parte. Nada tenho a ver com isso... — tornou a dizer a “mulher”.

As suas palavras foram bruscas, mas não denotavam repúdio aos humanos, pelo menos assim Heber e Joctan as sentiram.

— Nada tenho a ver com vocês... Nada tenho a ver com o ente Criador a quem obedecem... Mas algo lhes direi... Não por você... Mas pelo seu filho... Nele repousa um porvir que nada tem a ver com a linhagem sanguínea protegida pelo Ente a quem vocês veneram... Mas também não sei do que se trata. Não sou humana, e entendam que, até a espécie de vocês surgir neste mundo, ninguém o era. Vocês, no início, eram a exceção e, de certo modo, penso que ainda o são. Mas, se havia um comando, esse se perdeu há muito tempo. Os humanos, logo que surgiram, o fizeram acostumados a lidar com seres do meu tipo e de muitos outros, mas a nada que se lhes assemelhasse. Acostumaram-se! Contudo, com as duas grandes devastações de outrora, não essa da arca, mas outras duas que ocorreram, a mais recente há cerca de quatro mil ciclos deste mundo em torno do astro da luz, e a outra ainda mais anterior (n.e. – provavelmente esse ser se refere, inicialmente, ao final da era glacial, que teve fim cerca de 23 mil anos antes do presente, quando o planeta começou a sofrer o que hoje chamamos de aquecimento global, e a outra ocorrida há aproximadamente 12.500 anos.), o panorama começou a se inverter, porque vocês foram crescendo, e os outros, não humanos, diminuindo, devido a uma série de problemas. Para vocês, agora é estranho conviver com alguém como eu; mas antes, o estranho era para nós ter que conviver com seres como vocês. Mas o que sou não deve servir de exemplo de como eram e, provavelmente ainda são, muitos dos meus pares de outrora, pois deles me aparteí e me diferenciei, por isso vivo aqui. Sou alguém que passou a existir muito antes de qualquer humano ter se diferenciado do resto dos animais deste mundo. Pertença a uma geração de seres que surgem sem

que saibam para que estão acontecendo... Do mesmo modo que ocorreria com vocês mais tarde. Isso temos em comum: procurar descobrir o significado da existência e a função que nos cabe, o que não é fácil de distinguir. Esse foi o drama da geração a que pertencço, como também o é das gerações anteriores, e esse é também o vosso drama. Não pertencço a este mundo, e nem foi nele que aconteci (n.e. – “mundo”, aqui, aparece no sentido de “universo”, “dimensão”, “faixa de realidade”). Nós fomos gerados a partir do fogo, de uma poderosa energia, enquanto vocês vieram da lama, do charco. Quando surgi, passei quase toda a existência colecionando e repetindo as convenções mentais dos pares da minha espécie e de outras, pois assim reza o nosso modo de ser. Porém, devido a um incidente com um ser com quem tinha certa relação de “parentesco”, mas não de afinidade, pois isso era difícil de existir entre nós, achei um abuso o que lhe foi imposto como pena, como castigo, e a injustiça, para mim, ficou caracterizada e não mais obedeci ao ser que então nos comandava... (n.e. – provavelmente se refere a Zeus da mitologia grega). Acompanhei, de longe, a sua luta interna quando foi violentada na sua natureza e encaminhada como presente envenenado de um ente poderoso para outro (n.e. – O ser se refere à figura de Pandora, a primeira mulher racional da mitologia grega, que foi endereçada por Zeus a Epimeteu, como “esposa”). Assisti em pleno estupor a sua mudança de “lagarta para borboleta”, a sua metamorfose de um ser com a nossa natureza para outra bem diferente. Foi quando compreendi a absurda opção feita por alguém semelhante a mim para se tornar um ente humanizado e assumindo-se como fêmea. Vi a sua independência e tudo o que fizeram para tentar dominá-la, sem que conseguissem. Nem mesmo o Ente poderoso a quem vocês veneram o conseguiu, mais tarde, quando a percebeu já racional entre os humanos ainda não despertos. Ela resistiu e venceu... Foi assim que percebi que, se eu me deixasse passar pela mesma transição, mas sem chegar ao extremo, poderia me ver livre do domínio automático desses pretensos criadores, sem me fragilizar nos moldes humanos. Como são frágeis os humanos... Transitei, apesar de minha natureza não ter passado pela transformação extrema. Por isso, sou o que sou, e não sou macho nem fêmea. Apartei-me dos meus pares, e optei por não mais pertencer ao mundo (n.e. – faixa de realidade paralela ao nosso universo) onde o meu eu foi gerado, mas sim, a pertencer a este (n.e. – O Universo em que vivemos), o das vidas curtas, pois, ainda que vocês dessa linhagem possam viver muito, não é nada a vida dos humanos, comparada com a nossa. Mas já me encerro! Rompi com o modelo dos da minha

geração, e até mesmo com o modelo do ser que me serviu de base e inspiração para a transição, pois ela optou por ser humana, e eu não! Por que a ela não me uni? Porque ao se fazer humana, ela se submeteu à luta íntima pela assunção, ou não, do modelo que, violentamente, muitos seres tentam impor aos humanos. Entendam: os humanos, ao se libertarem do jugo dos criadores (n.e. – retratado na mitologia grega pelo despertar de Pandora, e na judaico-cristã pelo episódio de Adão e Eva), ficaram, então, com o psiquismo livre. Esses tais criadores, não podendo mais manipular diretamente as consciências como sempre fizeram, optaram por criar um modelo e convencer os humanos, por meio da fé — pelo modo racional eles não conseguem — a assumirem de modo “voluntário”, porém inconsciente, esse modelo que os mantém submissos a eles. É sutil e, ao mesmo tempo, grosseiro, o modo como eles agem sobre vocês... Fazem com que acreditem que há um modelo a ser assumido pelos humanos, e eles mesmos ditam, pelo temor e pela crença ingênua, o que desejam que os humanos sejam. Eu sou alguém livre disso, pois até mesmo os meus antigos pares sofreram e sofrem essa guerra mental, apesar de não serem humanos, e ainda que o modelo que eles representavam pareça não mais servir aos propósitos dos “criadores”. O único, dentre os entes poderosos, que fala sobre o modelo e o impõe sobre os humanos, é o tal Senhor a quem vocês veneram. Os demais abusavam dos humanos, mas sem a pretensão de que fossem desse ou de outro modo, desde que cumprissem com suas obrigações. Esse Ente parece ser mais sofisticado e impositivo do que os demais.

Heber e Joctan mal disfarçavam a inquietação profunda que os dominava. Não sabiam como interromper aquela torrente de informações que os afligia, e se tal deveriam fazer, pois, afinal, vieram até ali exatamente para serem informados dos tempos anteriores à devastação.

— O ser que me foi aparentado transitou e voou. Eu, porém, transitei, conquistei a liberdade, mas permaneço o que sou. Não me humanizei e nem o desejo. Na verdade, espero pela morte, pois não desejo a vida... Jamais a desejei. Vivo, pois! Observo... E não gosto do que observo. De nada gosto!

— Mas a senhora gosta dos animais, dos lobos... — ponderou Heber.

— Não, nem um pouco. Acostumei-me a eles, e eles a mim. Eles também não gostam de ninguém. O meu semelhante que se fez humano, antes de fazê-lo, convivia com muitos animais da natureza deste mundo e, depois de se humanizar, continuou a se cercar deles. Comigo isso se deu quando resolvi me isolar... Esses e outros animais se aproximaram para me destruir; contudo,

o meu poder os manteve inofensivos, e eles foram ficando... Estranhamente, ficaram como que se sentindo protegidos, pois a minha energia afastava os predadores, ou os transformava em animais menos bravos, não sei... Fui lhes dando alimento como forma de passar o tempo, e eles não mais saíram. Começaram a se reproduzir ao meu redor, e as suas novas gerações passaram a ficar mais próximas de mim... Mas não gosto deles; apenas passei a deles me utilizar para me ver livre do assédio de outros seres e dos humanos, na medida em que essas espécies, principalmente a dos humanos, passaram a dominar este mundo, e eu não desejava mais voltar para a minha morada. Tive, assim, que ficar por aqui e me acostumar a essas companhias. Isso vem acontecendo há muito tempo. Desconfio mesmo que a energia animalizada deles me sustenta. Acho que, se os afastar, terei que perecer... Ainda não o fiz porque não sei qual o destino do meu ser após isso. É um passo que ainda não ousei dar, mas devo fazê-lo em breve, pois, de uma forma ou de outra, tudo passa. Somente os tolos dos meus ancestrais pretendem uma imortalidade que não deve existir... Vocês, humanos, parecem gostar e detestar muito facilmente seja o que for... Eu, não!

Após alguns instantes de silêncio, o ser fixou friamente seus olhos acinzentados em Heber, e lhe disse:

— Vou dizer o que você veio até aqui para saber, pois escutei a sua fala enquanto dormia.

Heber ficou pasmo, pois ali, em plena idade madura, sua mente liberou as recordações da sua mãe lhe contando, fazendo troça, sobre quantas vezes ele falava dormindo, o que a levava a lhe dizer para que jamais tivesse segredos, porque, se acordado ele era discreto com as palavras, à noite a situação era bem diferente.

Joctan olhou para o pai de modo desconfiado, pois sempre tivera “sono leve” e, meio que impressionado com o ambiente, recordava-se que mal pregara os olhos, e não escutara a voz de Heber em nenhum momento.

Quando achou por bem, o ser começou a falar.

— A expressão do tipo de força sexual que agora existe entre vocês, humanos, existiu no passado remoto entre algumas das estirpes da família de seres à qual pertenci e, de certo, modo ainda pertenço, apesar de não conviver com eles. Naquela época, a força sexual explodia em algumas classes de seres, como forma de uni-los, independente da maneira do acasalamento. Pelo fato de “todos desconfiarem de todos”, ninguém se unia, e por isso essa força teve que surgir para evitar os problemas da desagregação eterna que

caracterizava a convivência entre essas gerações mais antigas, aspecto que os mantinha sempre em conflitos intermináveis. O gosto ou preferência pelos indivíduos do mesmo sexo surgiu nesse ponto da evolução dos seres da minha espécie, se é que realmente houve alguma. O importante era unir, superar a ojeriza, a desconfiança — afirmaram meus ancestrais, e isso faz parte das tradições da nossa cultura (n.e. — o ser se refere à “cultura demo” que então existia entre os membros da chamada geração do Olimpo, conforme descrito na mitologia grega). Essa “força de atração”, que apareceu com um ente que surgiu entre os meus ancestrais, começou a ser assimilada e absorvida por muitos, antes mesmo de a questão “macho e fêmea” se estabelecer na natureza deste mundo. Quando essas componentes foram edificadas nas espécies deste mundo, já existia a força daquela atração marcada em muitos seres e, para eles, pouco ou nada importava se o corpo que agora possuíam era de macho ou de fêmea.

Heber não sabia se estava sofrendo mais por estar escutando aquilo tudo, ou se porque o seu filho, ainda tão jovem, também ali estava, testemunhando o depoimento de um ser que melhor seria, talvez, jamais ter sido conhecido.

Um profundo arrependimento dominava pouco a pouco o seu psiquismo, enquanto Despina, indiferente a tudo o mais, continuava com a sua rememoração.

— Pelo que os da minha estirpe sabem, somente o passar do tempo foi cuidando em fazer com que prevalecessem as relações que eram produtivas e que mais estabilizassem o comportamento grupal. A força que move os humanos ao sexo é anterior a tudo o que existe sob a perspectiva das organizações das formas animalizadas. Compreenda, e novamente o digo: essa força surgiu para superar a desconfiança que grassava em todos os seres vivos, por herança do Ente poderoso, que é desconfiado em relação a qualquer ente que não seja ele mesmo, e por isso pretende, e precisa, dominar todos os entes vivos. O “Seu modo de ser” foi repassado como legado de vida para todas as criaturas, e por isso elas se sentiam extremamente desconfiadas em relação a todas as demais. Essa força de “atração” veio para este mundo como forma de superar a desconfiança, e terminou se transformando, com a evolução, no que hoje se entende como sexualidade. Quando essa força surgiu, o Ente Poderoso desconfiado se sentiu, finalmente, atraído por alguma coisa: Ele quis, realmente, confiar, envenenado positivamente que estava pela força que O envolveu. Nessa época, não existia nem sexualidade nem a questão macho e fêmea. O importante era a força aglutinadora superar, a

qualquer custo e de qualquer maneira, a força desagregadora original do Ente Poderoso Criador. Quando a vida veio para este mundo, já animalizada, a força aglutinadora se transformou em impulso ou desejo sexual, e essa não direcionava por tipo o seu fim. O importante era a aglutinação, pois o Ente Poderoso desagregado era impulsionado pela resultante entre essas forças, dependendo do modo agregador ou desagregador com que as Suas criaturas agiam. Sob essa perspectiva, qualquer forma de agregação era, para Ele, benéfica, sendo o contrário maléfico. Esse foi o aspecto que passou a ser apreendido pelo Ente Poderoso, que, então, começou a ir se definindo como um ser aglutinador, e não como um ser desagregador. Levando agora a questão puramente para o âmbito sexual, a força agregadora que unia indivíduos do mesmo sexo era exatamente igual, em termos de expressão, àquela que os humanos chamam de amor, que une sexos diferentes. Isso sempre se deu, e se dá nesses tempos, por necessidade do Criador, e os humanos tão somente herdaram esse problema e os vivenciam por meio da sua sexualidade. Compreendeu? Quando os humanos surgiram, já o fizeram demonstrando possuir toda essa gama de opções sexuais no seu modo de pensar e de se sentir perante a vida, e com eles aconteceram ainda as influências, tanto as naturais como as circunstanciais, de quando vocês eram “dominados”, “domesticados” por seres de outras paragens que aqui viviam. Os animais copulam no cio... Os humanos, apesar de animais, estão naturalmente predispostos ao sexo, mas nem sempre foi assim... Mas esse é outro aspecto da questão. O aspecto mais importante de todo esse contexto para a lógica que marca o modo de pensar de vocês é o seguinte: o Criador poderoso a quem vocês veneram não é humano, e também não é macho nem fêmea, e por isso todas as possibilidades de união entre entes particularizados estão disponibilizadas nas suas criaturas, para que ele as vivencie através delas e escolha, assuma, absorva o viés que mais lhe convier ou convém. Vocês, os humanos, vivem conforme esses impulsos, e definem suas personalidades de acordo com o modo como se sentem ao interagirem com as circunstâncias da vida, sendo ou não influenciadas pela imposição determinada nos atuais corpos de macho e de fêmea. Contudo, para muitos, essa imposição do corpo não é superior a outras que surgem do íntimo dos seres individualizados. Compreendeu?

Despina fez a pergunta direcionando-a para Heber, que, absorto no mais perdido dos sentimentos de desespero em ter que lidar doravante com aquelas revelações povoando a sua mente, nada respondeu. O ser voltou seus olhos

para Joctan, que fez um movimento com a cabeça “confirmando o entendimento”.

— O acumulado das vivências explode sob o modo humano particularizado de maneira a expressar as suas paixões. Isso dá forma e vai caracterizando a natureza da espécie de vocês. Conosco o processo foi o mesmo, mas o resultado... Bem, não sei se já existe entre os meus pares uma consciência crítica a respeito disso. Acho que não! Consciência crítica era, e ainda deve ser, uma componente rara entre os da minha estirpe. Por isso, penso que nenhum ser humano — e nenhum ser de qualquer tipo ou espécie — pode ser por isso responsabilizado, se nisso houver responsabilidade a ser imposta sobre alguém. Mas me parece que é isso, exatamente esse aspecto, que vocês estão tentando compreender. Para além disso, existe o padrão da bestialidade, que também é um subproduto, esse sim, perverso, pois que envolve seres de espécies diferentes e com condições de sexualidade muitas vezes não predispostas pela natureza para o concurso sexual. Todas essas questões já existiam antes dessa e das outras devastações que vivenciei. Esse impulso sempre tem sobrevivido, seja em seres originários de outros mundos que vivem aqui, ou mesmo na raça humana. Mas o Ente Poderoso Criador que fez de vocês linhagem escolhida, não deveria e nem poderia descarregar na humanidade uma cota de transição perversa, que pertence a Ele, pois parece que o problema é Dele, pois assim Ele gerou a si mesmo — é o que dizem meus ancestrais. Na verdade, esse Ser, muito mais do que suas criaturas, transita por entre as influências que recebe das espécies. Desde que as primeiras notícias que chegaram, entre os da minha estirpe, sobre esse Criador (n.e. – “Caos”, sob a ótica da mitologia grega), era, e penso que ainda seja, sabido entre nós que o Seu estado desagregado, caótico, começou a ser corrigido quando a tal força agregadora se fez presente (n.e. – “Eros”, conforme a mitologia grega) e foi ela, essa “força amorosa”, que gerou a sexualidade como forma de as criaturas se agregarem, único modo de ajudar o Ente Poderoso Criador a superar a imperfeição da sua criação. As “regras” convenientes ao “modelo” que se pretende impor à humanidade devem ter a ver com alguma necessidade de direcionar os rumos do progresso humano nesse ou naquele sentido, conforme a conveniência desse Ser. Mas, pelo que conheço, enquanto o Criador não se assumir ou se pacificar em torno de uma expressão que o identifique perante Si mesmo, todas as suas criaturas estarão ainda portando a sua cota da incompetência pessoal desse Ser em não saber construir a sua própria condição existencial. O ser humano pode ser

“culpado” de muitas coisas, mas disso, não vejo como ser possível tal se lhe atribuir com um mínimo senso de justiça. Cabe ao inventor a responsabilidade sobre o que ele gerou. Se os humanos, que sentem tudo o que Ele sentiu ou ainda possa sentir, desejarem assumir algum modelo e o implementar como sendo a forma de agir da natureza humana, que seja, talvez venha a ser necessário. Mas a sexualidade será tão somente um dos itens que vocês precisarão pensar a respeito.

Como o ser normalmente não olhava para eles enquanto falava, Heber se permitiu envolver a cabeça com os braços, como se estivesse profundamente arrependido de se encontrar naquele lugar.

— O que você vê como realidade é exatamente o véu que lhe impede de enxergar além dele, que é só uma camuflagem que esconde outro mundo bem amplo. Eu sou desse outro mundo (n.e. – tudo indica que o ser se refere ao universo “antimaterial” que existe paralelo ao que vivemos, o qual a ciência começa a descortinar). Assim, muita coisa que está posta diante dos olhos dos humanos é tão somente para distraí-los e, por isso, eles estão condicionados a somente perceber o que lhes foi destinado por mentes mais poderosas, não necessariamente mais sábias.

Heber se encontrava em estado tão deprimente de assimilação, que coube a Joctan quebrar o silêncio.

— A senhora... Ou melhor dizendo o...

— Chame-me como quiser, não se preocupe. Muitas devastações vivi, e da última me aproveitei para desaparecer, sumir, como se morto estivesse para os meus ex-pares. Portanto, não tenho identidade e nem disso preciso, pois sou o que sou e tão somente observo, penso e não gosto de uma ou de outra coisa e, como já disse, muito menos gosto do que vejo.

— Quer dizer que, segundo... Os seus pensamentos, o Ente Primordial, Criador dos céus e dos mundos, é um ser indefinido e que procura se definir através das suas criaturas... É isso mesmo?

— Sim, foi o que os mais pensantes dentre os meus em estirpe concluíram. Mais ainda, é o que os ancestrais das famílias de seres com as quais convivi afirmam ter sido exatamente o que os entes primordiais das primeiras fases da criação afirmaram, em tempos idos, sobre o Ente Criador. Digo-lhe mais: a vida de um ser como eu é tão somente a vida de alguém como eu. Contudo, a vida de um ser humano traz consigo mistérios profundos e particulares a cada um de vocês que, seres como eu, não conseguem compreender. Contudo, deduzo o que me é possível vislumbrar

como sendo o óbvio de uma questão que envolve vocês, mas não envolve seres com eu. Existe algo em vocês que é colhido, absorvido, por isso, talvez, Ele queira impor o modelo que mais lhe convém. É isso que, desde que me isolei, tenho assumido como sendo... Bem, já muito disse e quanto mais disser, maior será o peso da dúvida e da responsabilidade que ele sentirá — disse-o se referindo a Heber — sobre o que deverá ou não contar ao ancestral Noé a quem tanto venera.

Heber deu literalmente um pulo, ao se levantar por força da observação inusitada que acabara de escutar.

Como aquele ser, aquela mulher... Sabia o que ele estava pensando? Será que ele realmente havia falado alguma coisa quando estava dormindo? — questionava-se Heber, se julgando o mais atormentado dos mortais naquele instante.

Diante da atitude de Heber, secamente aquele ser os convidou a seguirem-no, agora, por uma trilha que os levaria montanha abaixo, enquanto dizia:

— Sigam agora, pois os próximos dias serão agradáveis para o deslocamento.

— Agradeço os seus ensinamentos e, realmente, o Senhor nos ordena a sermos diferentes dos demais humanos, das outras linhagens que se voltam para a prática do mal, da bestialidade e da distorção da conduta sexual. Talvez a razão que levou o nosso patriarca Noé a me enviar até aqui tenha sido a de recolher indicativos, tanto de possíveis problemas, como de elementos para a composição do modelo apontado pelas suas observações. Esse “modelo para o ser humano” deve ser o que está sendo inconscientemente buscado pelo nosso pai Noé, ao mesmo tempo em que ele permanece vigilante, para ver se na nossa linhagem existe ou existirá a semente de algum desalinhamento — disse Heber, a guisa de conclusão e de agradecimento.

Para sua surpresa, Despina voltou a se expressar.

— Pelo que aprendi, o sangue humano é um só (n.e. – acho que, em linguagem moderna, o sentido aqui seria: “o DNA humano é um só”) e se há algum desalinhamento, isso assim se considera tão somente em relação ao que vocês julgam como tal, porque tudo está e acontece na mais perfeita relação de harmonia com a indefinição que vem desse ser Criador. Corrigir a indefinição.... Será que é isso? A indefinição do Criador é que espalha essas possibilidades, esses testes, ao ser que ele pretende edificar. Cada ser é um

tipo de caso particular, é uma particularidade que ele vivencia por trás da personalidade temporária da vida humana. Os da minha estirpe, não, mas vocês, sim, são experiências vivas. Tudo o que cada um de vocês pensa e sente parece ser um modo que poderá vir a ser, ou não, atestado, absorvido, ou não, pelos superiores ou por alguém superior, talvez esse ser a quem veneram e que se diz o maior dentre todos. São testes continuados... Cada pessoa nasce com uma porção particularizada do contexto geral. Os humanos surgiram como a expressão mais atual disso tudo. Vocês, dentre os humanos, talvez sejam os escolhidos para definir o modelo que eles precisam ver se espalhar por toda a espécie dos terráqueos. Afinal, foram os terráqueos que herdaram este mundo, e isso antes era impensável, porque vocês sequer existiam. Esse povo ou essa linhagem escolhida deve servir para esse fim — concluiu Despina, cercada por alguns dos seus lobos que sempre a acompanhavam, enquanto se detinha e apontava na direção que deveriam doravante seguir.

Heber e Joctan se reuniram aos demais companheiro e o grupo seguiu na direção sul para um vilarejo portuário (n.e. – atual Sul da Espanha no litoral mediterrâneo) situado a alguns dias de caminhada.

Como aquele estranho ser havia previsto, os dias e as noites seguintes foram bastante agradáveis. E foi sob um céu cheio de estrelas que Heber procurava conciliar o sono pois no dia seguinte muito provavelmente alcançariam o vilarejo, quando começou a rememorar a avalanche da informações que Melmon e Despina haviam despejado na sua sensibilidade e na de Joctan

Meu Senhor e meu Criador todo poderoso, diga-me que não é assim... Que não foram as causas apontadas pelos meus dois interlocutores que fizeram a humanidade ser do jeito que está sendo, com tantas imperfeições... Que há outra razão para tudo isso... Que a vida fizesse Joctan se esquecer de tudo aquilo... Que o peso e o desconforto de tudo caísse somente sobre ele... Que o inspirasse sobre o que dizer a Noé... Que... O sono finalmente venceu o seu desassossego, mas os dias futuros esperavam, inclementes, pelas decisões que ele seria obrigado a assumir, e não existia opção agradável.

MARCAS DE UM ENIGMA

CHEGARAM a um vilarejo na encosta de uma montanha envolvida por um rio caudaloso que serpenteava toda a região, situado a meio caminho do porto ao sul para o qual se deslocariam em seguida.

Procuraram alguém que ostentasse algum tipo de liderança local e, para a mais profunda surpresa de Heber, após identificar a si mesmo como descendente do patriarca Noé, ainda que sem ter a menor noção quanto à possibilidade de a sua história ser ali conhecida, escutou de um casal, por eles abordado, que aquele lugar havia sido fundado por um homem que viera com Tubal na sua primeira expedição.

O companheiro de Tubal fundador daquele pequeno vilarejo havia falecido há poucos anos, mas, antes, deixara a história da arca e do patriarca Noé como sendo o legado cultural dos poucos que ali viviam.

Heber e seus companheiros ficaram profundamente maravilhados quanto aos desdobramentos da tarefa a que Tubal se vinculara com afincos. Resolveram, então, explorar o pequeno vilarejo e os arredores para melhor se informarem sobre o local.

Após algumas tentativas, desistiram de margear o rio, que mais lhes parecia ser uma serpente se adequando aos espaços situados nas bases daquelas montanhas, e que era chamado, pelos habitantes locais, de “rio das curvas”, devido ao modo acentuado como corria entre os aclives (n.e. – mais tarde, esse rio veio a ser conhecido como Tejo, que deságua no Oceano Atlântico, passando ao largo de um longínquo vilarejo que, muito depois, viria a ser conhecido como Lisboa, em Portugal).

Quedaram-se na pequena vila e por lá repousaram, se preparando para continuar a viagem no dia seguinte. Mas o destino parecia desejar segurá-los

por ali um pouco mais, porque, decisivamente, a semeadura de Tubal e de seus acompanhantes havia produzido uma série de outros pequenos focos civilizatórios que existiram por muito tempo em toda a faixa de Sefarad (n.e. – Península Ibérica), tendo alguns deles progredido e outros não.

Acordaram sob uma pesada chuva que os obrigou a ali se deterem por mais um dia, o que os levou, em certo momento, a serem procurados por um homem que soubera, pelo casal, da presença de descendentes do patriarca Noé no lugar.

O homem os levou até a sua casa, pois se considerava um curioso pelas coisas da vida, e desejava ouvir de Heber notícias sobre o patriarca e o modo como ele sobrevivera à inundação, dentre outras coisas.

Heber discorreu longamente sobre o que era do seu conhecimento, explicando também o porquê da sua viagem e de ele ali se encontrar. Para sua surpresa, ao final da sua narrativa, o anfitrião lhe disse:

— Existe aqui um velho eremita que vive nos montes próximos da grande curva do rio. Ele é um sobrevivente dos tempos anteriores à inundação.

Heber se pôs de pé imediatamente e começou a andar no pequeno recinto, sendo observado por Joctan e pelo anfitrião, já que era notável a sua excitação perante aquela novidade.

O anfitrião se ofereceu para procurar as informações a respeito de como eles poderiam ir até o lugar onde vivia o ermitão.

Heber e seu filho seguiram com o anfitrião na busca das pessoas que pudesse dar alguma informação útil sobre o mais novo desafio de se deslocar naquelas terras de Sefarad.

(N.e. – Na verdade, quando no dia 31 de julho do ano de 1492, o rei Fernando de Aragão e a rainha Isabel de Castela assinaram o edito de expulsão das terras da atual Espanha de todos os judeus ali residentes que não haviam se convertido ao cristianismo, esse fato parece ter sido “fatal” para o esquecimento quase completo de que, um dia, no passado, a península Ibérica era profusamente ocupada por uma série de povos cuja raiz semântica, por exemplo, em inglês é “*Ibri*”, que significa “hebreu”. Essa “península de hebreus”, que foi povoada nos seus primeiros tempos pós-dilúvio por Tubal e depois revisitada em mais de uma vez por Heber, de cujo nome derivou a expressão “*ibri*”, “hebreu”, foi, desde então, desassociada da sua origem étnica, tanto pela inevitável influência islâmica que nela se estabelecera, como consequência dos quase oito séculos (711 – 1492) de ocupação pelos

mouros, como também, pelos fatos da modernidade.

Apenas a título de registro, o vilarejo em foco mais tarde viria a ser conhecido como a atual cidade de Toledo, situada às margens do rio Tejo, em ponto mais próximo a sua nascente).

Segundo as histórias que foram colecionando, o eremita já era idoso quando havia sido encontrado, quase morto, vagando por uns montes ali perto, logo após a inundação, tentando sobreviver sozinho às intempéries. Trazia consigo, segurando com as duas mãos, algo como um saco de pano, que tinha o seu interior forrado por folhas ressecadas, que pareciam proteger um pedaço de “folha de um vegetal desconhecido”, no qual constavam desenhos, algo desgastados, de alguns sinais indecifráveis.

Fora trazido para aquele vilarejo e atendido em suas necessidades, e passara alguns anos se recuperando, quando decidira novamente se isolar, explicando que aquele era o seu modo de viver os últimos dias que a vida lhe reservara, graças à ajuda que recebera dos que ali viviam. Fora, então, para uma caverna situada num monte razoavelmente próximo, onde passara a residir, sendo, de vez em quando, visitado por algumas pessoas, produto das boas relações que fizera enquanto morara no vilarejo.

Nos dias em que Heber ali se encontrava, ele era um ancião com estimados — e enigmáticos — 163 anos, conforme as informações que dele eram sabidas. Ele não podia se movimentar muito, devido a problemas no corpo, e as “visitas fraternais” eram justificativas para que pudesse ser assistido por algumas pessoas que se revezavam no apoio as suas necessidades pessoais.

Em uma de suas poucas conversas com os moradores dali, revelara que seu pai havia sido um “sacerdote” de um “ente poderoso”, que não gostava do fato de os seres humanos terem se reproduzido, aumentando a sua espécie em número tão expressivo, e isso se referia aos tempos ainda antes da inundação. Era tudo o que sobre ele se sabia.

Esse ermitão, cujo nome era Asser, trazia na pele do seu pescoço e na do braço direito, na altura do punho, uma mesma “marca de nascença”, cujas características apontavam para a figura de um pequeno peixe, paradoxalmente apoiado em si mesmo, sobre uma superfície encurvada, com vestígios de vegetação. Estranhamente, a marca do pescoço era de cor negra, e a do pulso algo amarronzada.

Era uma marca cujo tamanho total era semelhante à da elipse que

superficialmente se pode perceber no olho humano. Ainda assim, nesse espaço de tamanho modesto, a figura de um peixe que procurava viver em terra firme era absolutamente clara. Todos os que tiveram oportunidade de olhar para as marcas, quando ele ainda estava recolhido no vilarejo para se refazer, imediatamente eram possuídos por tal intuição.

Na verdade, as “marcas do velho Asser” ficaram conhecidas por todos os habitantes do vilarejo porque, em tendo sido ajudado por algumas pessoas, para ser levado para a vila e ali poder ser tratado, facilmente foram percebidas, até mesmo em decorrência da tentativa inútil que alguns fizeram de limpar “aquela sujeira” do seu corpo.

Apesar de ele jamais ter se referido a elas, os comentários a respeito do fato de um ser humano ter dois “sinais de sangue” exatamente iguais em dois lugares diferentes do seu corpo se avolumaram, pois esse fato era efetivamente estranho, uma vez que jamais algo semelhante fora observado por nenhum dos moradores, ou disso se tivera notícia.

E assim, o velho Asser — com os seus mistérios — ia levando a vida e sendo visitado, esporadicamente, por aqueles que de algum modo o estimavam. Mas, dependendo do clima, o deslocamento a ser empreendido poderia ser dificultado sobremaneira, daí a raridade dessas visitas.

Heber, impressionado com o contexto em torno daquele eremita, mais uma vez fugiu ao seu padrão de prudência comum e, dessa vez, teve mesmo que convencer Joctan a acompanhá-lo, pois a oportunidade se mostrara conveniente, pelo fato de que, após quase cinco meses sem ninguém do vilarejo ir ter com o velho Asser, estava programada, para os próximos dias, uma das raras visitas que, quando feitas, sempre levava a se perguntarem os que até lá iriam se deslocar, se ele anda estaria entre os vivos deste mundo.

Joctan, muito preocupado pela torrente de informações que via seu pai receber e o grau de perturbação que elas lhe provocavam, procurou fazer com que o pai desistisse da ideia. Mas não conseguiu o seu intento.

Três dias depois — a “viagem” não contou com a ajuda do clima — lá estavam eles na frente do velho Asser, que os recebeu algo surpreso, pois se acostumara a receber a visita de, quando não somente uma, no máximo duas pessoas por vez.

Escutou de Heber toda a sua história e a da sua descendência, como também a razão da sua viagem no mais profundo silêncio, somente demonstrando certa inquietação quando ele se referiu aos primeiros ancestrais da linhagem pelo ente que se apresentava como Criador de tudo e de todos.

Adão, Seth, Enos, Cainan, Malalahel, Jared, Enoch, Matusalém, Lamech, Noé e, mais recentemente, Sem, Arfaxad, Salé e agora o próprio Heber— a cada vez que os primeiros nomes eram, por ele, citados, visivelmente o velho Asser fechava os olhos, como se para demonstrar o seu desagrado. Contudo, Heber pouco ou nada havia notado daquela linguagem gestual do ancião.

Por fim, Heber perguntou se ele poderia contribuir com a sua atual busca sobre comportamentos que aviltariam a conduta dos homens, de forma que, por meio de vigilância e acompanhamento, os líderes dos vilarejos pudessem melhor administrar os seus habitantes.

Pela primeira vez, Asser voltou seus olhos para Heber. Ao mesmo tempo, iniciou pausadamente a sua narrativa, como se muito lhe custasse fazê-lo.

— Hoje não mais se verifica, pelo menos aqui, onde tenho morado e passado esses meus últimos dias com a ajuda das pessoas generosas da vila, nenhum tipo de comportamento que pudesse ser distinguido como incomum ou mesmo perturbador. Antes da inundação, porém, alguns núcleos humanos possuíam, sim, na maioria dos seus membros masculinos, um comportamento sexual voltado mais para a atração entre seus pares do que em relação ao sexo feminino. Já entre as mulheres, no que me foi dado observar, tal não se dava naqueles dias. Se for sobre isso que se refere a sua pergunta, essa é a resposta que posso dar.

Joctan, que participava da conversa reservada com Asser e seu pai, e cuja mente parecia mais livre e menos propensa a reunir tantos obstáculos emocionais sobre o assunto, como acontecia com a de Heber, pediu a Asser que dissesse algo mais sobre os dias que ele, pessoalmente, havia testemunhado, e também acerca das notícias dos primeiros tempos da humanidade.

Asser demorou bastante para atender à solicitação de Joctan, o que chegou mesmo a provocar alguma incerteza sobre se ele desejava continuar com aquela conversa. Mas, repentinamente, ele começou a falar.

— Sou descendente de uma linhagem indelevelmente marcada por um poder que comanda o sangue (n.e. – hoje, o sentido aqui seria o do DNA dos humanos) que existe em nós. As marcas de Seth e de seus ensinamentos, citados por você, talvez repousem no meu sangue, como também a maldição de Caim, o provável irmão mais novo de Seth. Essas marcas, eu sei que repousam nos ombros dos que formavam a minha linhagem, pois isso apreendi com os meus ancestrais. Nesses dias, não tenho como saber se há mais alguém como eu, portador de uma sina que a muitos transmiti, pois tive

diversos filhos na idade mais produtiva, mas não sei o resultado do que semeiei e até desconfio de que todos estejam mortos. Jamais o disse a quem quer que seja, mas, se sou o último dos que portam esses sinais, devo deixar o conhecimento sobre aqueles dias para que alguém, dentre os humanos, saiba como fomos tratados no passado pelos entes poderosos que a tudo dominavam. Sinceramente, não sei se ainda somos dominados, mas, desse passado muito distante, nossos ancestrais nos legaram notícias e fatos incontestes de como aqueles seres exerciam seu predomínio sobre nós. Éramos animais nas suas mãos, e talvez ainda o sejamos.

Em silêncio, afastou a veste para um dos lados, deixando à vista de Heber e de Joctan a marca que portava no pescoço. Depois, mostrou o seu punho e disse:

— Os imortais não eram todos iguais, e assim os chamo porque esses seres poderosos sempre se assumiram como tal, apesar de que, de vez em quando, notícias de mortes entre os seus pares chegaram a ser comentadas, mas não sei se eram verdadeiras. Dentre eles, havia alguns que tomavam do nosso sangue, faziam sobre ele magias e feitiços (n.e. – manipulações genéticas), e logo sinais começavam a surgir em partes distintas do nosso corpo (n.e. – do mesmo modo como se marca gado), que eram, mais tarde, transmitidos aos nossos filhos. Meus antepassados afirmaram que eles foram “marcados” ainda em idade infantil. Segundo eles, esse tortuoso destino surgiu como disputa entre os seres poderosos. Eles marcavam até mesmo algumas estirpes da sua vasta família, até que o mais poderoso dentre eles proibiu aquele estado de coisas. Ainda assim, outro ente poderoso escolheu, para marcar, um segmento dentre os humanos inteligentes, pois havia muitos que não o eram, e foi sobre um desses ramos da descendência humana racional que essa marcação que possuo teve lugar. Sei da história de outros grupos humanos também marcados, mas não sei se já eram inteligentes.

— Ó Asser, será que você está se referindo ao nosso patriarca Adão e a sua linhagem? Pelo que rezam as nossas tradições, foi de Adão que a minha descendência surgiu, desde que ele foi escolhido pelo Senhor criador dos céus e de todos os mundos. Ele resolveu se apresentar aos demais imortais como forma de demonstrar a sua soberania inclusive sobre eles, e escolheu um segmento humano para realizar os seus desígnios. Será que você, de algum modo, tem relação com a nossa linhagem? — perguntou ansiosamente Heber.

— Não sei ao certo, mas pode ser. Houve um tempo em que meus

ancestrais rememoravam que esses seres imortais não eram um só povo ou uma só família ou mesmo de um só tipo. Todos eram mais, ou menos, poderosos, mas eram, de algum modo, muito mais poderosos do que nós, os humanos. Parece ter existido, entre os humanos, diversas linhagens distintas a partir do sangue desses seres. Meus ancestrais diziam que alguns desses núcleos de imortais tinham seus “rebanhos” não somente de animais da natureza, mas, também, de humanos, os quais, para eles, no início, eram tão somente mais um tipo desses animais. Quando ficamos inteligentes e adquirimos o sentido das coisas, as nossas gerações anteriores passaram a ser mais desejadas pelos núcleos dos seres poderosos, e muitos grupamentos humanos foram aprisionados desde então, e assim ainda permaneciam até o meu próprio tempo de vida antes da devastação. Não sei quanto disso escapou à selvageria das tempestades e dos ventos, mas, pelo que percebo até esse meu tempo de vida, a sua linhagem foi a única da qual tive notícia da sua posteridade, e não sei dizer se outras sobreviveram. De minha parte, também não sei afirmar se o meu mais remoto ancestral, que foi Caim, era dessa linhagem, pois nada sei sobre seus pais. Talvez os meus pais soubessem da ancestralidade de Caim, mas eu não sei.

— Mas é Adão e a nossa progenitora Eva, isso eu lhe afianço porque sabemos toda a nossa ancestralidade e Adão foi o primeiro, foi ele o escolhido pelo Senhor... — disse Heber, ao mesmo tempo que silenciava sem completar a sua assertiva, levado pela expressão que percebeu no olhar do seu interlocutor.

— Não estou bem certo disso... Desculpe-me dizê-lo. Minha memória pode me trair, porque há muito tempo que não penso nisso, e muito menos falo sobre esse assunto com outras pessoas, desde que fui salvo pela generosidade dos que vivem aqui. Mas meus ancestrais falavam para além de Caim e de seus pais, falavam de outros nomes que seriam a ancestralidade mais remota da linhagem do infelicitado Caim. Se assim for, esse Adão deve ser tido como somente mais um elo nessa corrente... Por isso, não posso ter como fato preciso que seja esse o Adão de que você fala, ou se, em sendo, tenha sido ele o primeiro da linhagem de Caim. Não sei qual a importância disso, cito-o porquê você me solicitou que lhe narrasse o que tenho na memória.

Joctan agradeceu e pediu, praticamente implorou, que ele não se detivesse na narrativa do que julgasse importante ser dito, no que prontamente Heber concordou, olhando para o filho em sinal de cumplicidade para com a sua

estratégia.

— Nos primeiros dias da humanidade, rezam as histórias dos meus ancestrais, os homens passaram a não confiar e nem mesmo gostar dos seres poderosos que os aprisionavam, e não parecia existir exceção, pelo menos no modo como o legado dos meus familiares foi repassado de geração em geração. Não me recordo, e talvez não saiba mesmo nada do contexto antes do tempo do meu ancestral Caim... Mas o que sei é que ele matou o seu irmão não por ser uma pessoa má, pois sabemos todos ser a nossa família uma extensão de nós mesmos. Contudo, o seu irmão havia nascido com traços que não eram do agrado do Ente Poderoso que afirmava ser o proprietário dessa linhagem, e esse, não o querendo eliminar diretamente, usou de subterfúgios e da sementeira de intrigas diversas entre os dois, para que brigassem, e assim Caim, que era mais forte, matasse o seu irmão. Nós, da ancestralidade de Caim, não pronunciamos o nome do seu irmão, e por isso não sei dizer qual seria, mas sempre foi sabido que o direito da descendência do pai de Caim, que pode ser esse Adão a que você se refere, não poderia ser passado para o irmão primogênito e por isso ele foi aniquilado pelo irmão Caim. Sabemos, no entanto, que, pelo assassinato do irmão, Caim foi obrigado a vagar pelo mundo, levando consigo a sua descendência. Porém, ainda assim ele não foi castigado, exatamente porque o que havia feito era do agrado e mesmo encomenda vinda do Ente Poderoso. Outro irmão seu, provavelmente Seth, referido por Tubal no passado e agora por você, deve ter sido esse irmão mais novo para quem a linhagem de sangue foi repassada.

Joctan olhou para o pai como se pedindo para não mais interromper o velho Asser, porque sabia o quanto aquelas informações feriam a sua sensibilidade. Afinal, era voz corrente entre os da linhagem de Noé que os primeiros humanos amavam profundamente o Ente Criador que os escolhera como linhagem preferencial dentre os humanos. E mais ainda, a história de Abel e Caim ali estava sendo contada, só que partindo de uma ótica bem diferente da versão que era a vigente entre os descendentes do patriarca.

— A partir de uma determinada geração dos descendentes de Caim é que começou essa sina da marcação, no nosso corpo, da “marca do poder” dos entes imortais, mas não sei dizer qual deles nos fez sofrer isso. Éramos assim assinalados, para que outros entes poderosos não tomassem dos humanos que já pertenciam a esse ou àquele imortal. Enfim, pelas notícias, nem todos os humanos possuíam essa sina, mas os meus descendentes, sim.

— Era do conhecimento dos seus ancestrais o modo como eles marcavam

os nossos corpos com esses símbolos? — perguntou Joctan.

— Isso começou, segundo o que me foi repassado, quando alguns inocentes (n.e. — não fica claro se a referência foi feita a crianças ou se a humanos ainda não despertos para a racionalidade) foram disputados por dois entes poderosos, e um deles, que era uma ente fêmea, resolveu produzir algum símbolo que a representasse perante os demais imortais. Foi desse modo que essa triste história começou. Foi retirado o sangue dos inocentes e, posteriormente, eles tiveram que sorver uma bebida branca que lhe foi dada pelos entes poderosos. Tempos depois, os símbolos de pertencimento surgiam na pele dos humanos. Mas também existiam as marcas do castigo, da punição: coisas como se fossem galhos saindo de pontos da cabeça, pelos estranhos nas mãos, orelhas bem deformadas e cheias de pequenas marcas, certas partes do corpo ficavam coloridas... Enfim, era estarrecedor o castigo que podia aparecer nos humanos, por muitos motivos, mas aqueles seres sempre faziam questão de deixar claro que era o poder deles a promover tudo aquilo. Esse processo de marcação perdurou por muito tempo, até eles pararem de colecionar novos espécimes para tomarem da beberagem. A partir de certo ponto dessa história, os humanos que nasciam de pais portadores de marca já o faziam ostentando a mesma marcação. Eu mesmo sou alguém assim... Nasci já com essas marcas. Talvez seja eu alguém da última geração a ostentar isso... Mas não sei se estou certo em pensar desse modo. No meu tempo, somente conhecia mais uma pessoa que era também prisioneira dessa vergonhosa situação.

— Asser... Preciso lhe perguntar, independentemente de ter sido Adão o ancestral ou mesmo só o pai de Caim e de seus irmãos Abel e Seth, pois, pelo menos para a cultura da nossa linhagem, as informações de que dispomos se adequam com as que você possui... Preciso lhe perguntar se — e novamente o digo, independentemente de qualquer outro aspecto — Caim matou o seu irmão porque os traços que ele tinha e que eram desagradáveis aos entes poderosos ou mesmo ao Senhor da minha ancestralidade tinham a ver com preferência sexual por homens? Era esse um dos traços ou o aspecto mais importante que fez com que Caim, matando seu irmão, eliminasse o trejeito indesejável que antes era comum a muitos homens, e logo na linhagem de Adão isso teria se dado? E que, com o dilúvio, esperava-se que esse traço não mais se fizesse presente no comportamento humano? Será que foi por isso que a fúria do Senhor do meu povo caiu sobre o irmão de Caim? Será que a morte de Abel foi para extirpar esse traço da nova humanidade que estava e

ainda está nascendo? Você tem essa informação? Você sabe algo sobre esse aspecto do problema? — perguntou Joctan, para desespero do seu pai, que não sabia mais o que fazer com as mãos.

— Não, não sei... Se o traço indesejável era desse tipo eu não sei... Mas pode ter sido, pois o Ente Poderoso por trás de tudo isso parece ter uma resistência profunda quanto a essa questão. No princípio, não demonstrava, mas depois passou a apresentar essa repulsa. O curioso é que ele mesmo criou a humanidade desse jeito... E se for ele, realmente, o formulador e o urdidor da criatura terrena feita igual a ele, isso veio dele? Mas dele sempre se disse que não era humano, que não era macho nem fêmea! Como ajustar esses disparates? O fato é que ele ou alguém poderoso, de certo tempo para cá, parece desejar eliminar alguns traços da natureza humana, como se essa tivesse que se enquadrar em algum tipo de modelo. Lembro-me, sim, que os meus ancestrais se referiam a outros entes poderosos que não se incomodavam com essas questões. Penso mesmo que ninguém se incomodava, mas esse ser passou a tratar o tema de um modo tão virulento, a partir de um determinado momento, que ninguém até hoje entendeu muita coisa sobre o problema. Traços como a falsidade de caráter, do tipo dizer uma coisa aqui e o contrário ali, demonstram que essa pessoa não pode ser útil para coisa alguma, conforme os nossos valores, pois não é confiável nem mesmo para as tarefas mais simples. A perversão, que traduz uma natureza peçonhenta nos homens que a praticam, esse sim, é um dos traços mais perturbadores, pois desde cedo se pode ver uma criança que é naturalmente boa, que não maltrata os animais, e outra que adora maltratá-los. Como isso pode ser? Isso vem do Criador? E os traços do temperamento dos animais selvagens e dos que não são, qual a fonte deles? Não sei e jamais conheci alguém que soubesse! A atitude sexual é inerente ao corpo, e se a preferência pelos do mesmo sexo é uma distorção, bem menos significativa ela será, pois implica em questões pessoais e não necessariamente nas de uma comunidade, dependendo de como o comportamento humano seja observado.

— Será, ó Asser, que o proceder sensual para com os do mesmo sexo não será uma deformação para a comunidade, para as crianças? Isso não pode ser facilmente suportável — questionou Heber, ao mesmo tempo em que reafirmava a sua aflição perante o assunto.

— Mas era! — disse Asser com toda tranquilidade. — Vi com meus próprios olhos e escutei diretamente que havia os dois lados da conduta, pois, homens poderosos e respeitáveis tinham lá suas predileções, e isso não os

tornava motivo de vergonha ou problema nas suas comunidades. Outros, porém, tinham comportamento lascivo e desagradável na conduta sexual com os do mesmo sexo. Estes últimos eram criticados pelo modo como viviam, mas não pela preferência sexual que aplicavam as suas vidas.

— As marcas que você porta têm algum sentido oculto que você conheça? — perguntou Joctan, com certa hesitação.

— Não sei ao certo e o assunto não me é agradável, pelo que me esqueci de pensar a respeito, até porque nesses tempos já não representa coisa alguma. Mas não se preocupe, meu jovem... Não tenho problema em falar sobre isso... Seguramente esta será mesmo a última vez que falarei sobre essas lembranças. Os meus ancestrais se referiam a um pescador que nascera com uma marcação, isso ainda no tempo em que os entes poderosos tomavam dos inocentes para marcá-los. Ele teria se revoltado contra isso e começou a desenhar em cavernas uma imagem que para ele tinha um sentido lógico muito profundo. Na sua atividade, por uma circunstância que já não me recordo, mas que era referida pelos meus familiares, ele uma vez se defrontou com um peixe, acho que pulando sobre uma pedra, no sentido de salvar a sua vida, como se tentando retornar para água. O peixe estava “fora do seu lugar”, e lutava para reconquistá-lo — era essa a questão. Ele transferiu essa inadequação para o caso dos humanos se verem escravizados, e aquele não era o papel deles perante à vida. “Não éramos para ser escravos de ninguém” — defendia ele. Fez dessa imagem simples um símbolo de resistência que tempos depois gerou lutas libertadoras contra a dominação daqueles seres imperiosos. Mas antes que essas lutas tivessem lugar, a sua postura solitária foi descoberta pelos poderosos, que resolveram, então, marcar os humanos com a sua própria “arte”, como forma de humilhá-los ainda mais. De fato o fizeram, mas tão somente deram mais motivos para a não aceitação por parte de alguns núcleos humanos, que mais tarde se rebelaram contra aquilo. A minha linhagem descende diretamente desse pescador, que viveu num tempo logo após o de Caim... Acabei de lembrar de algo sobre o irmão assassinado de Caim — disse Asser, mudando bruscamente de assunto.

Heber e Joctan se entreolharam, e passaram a aguardar as palavras do velho eremita.

— Ao falar do pescador, terminei por me recordar que, nas histórias da minha linhagem sobre o irmão de Caim, ele aparece como sendo um homem zeloso, dedicado, e que trabalhava laboriosamente, dia após dia, na

manutenção da sua família e nos acertos com as demais quanto às questões comunitárias. Contudo, como já me referi, aos olhos do Ente Criador, o seu sangue não saíra do modo que ele esperava. Caim também sempre foi exemplo de trabalho e de labor, mas foi influenciado pela hoste desse Ser para matar o irmão, e a semeadura dessas influências criminosas foi feita de modo extremamente lento, detalhado, ao longo de mais de vinte ciclos das estações de plantio e de colheita, de maneira perversa, para que lutassem entre si. Registro, agora, nesse ponto da minha narrativa a vocês, a questão da perversidade, pois foi exatamente disso que me recordei ter sido ressaltado pelo próprio Caim quando do seu legado para os da sua linhagem. Lembro-me que, de modo decisivo, esse ser disse depois a alguém cujo nome não mais me recordo, mas a uma pessoa da linhagem de Seth, que, para o Ente Poderoso, o ser que se julgava dono dos humanos, era inaceitável que a linhagem por ele escolhida contivesse o tipo de sangue com as marcas que o primogênito apresentava. Pergunto-me, se for verdade que o Ente Criador semeou a discórdia entre os irmãos e levou Caim a matar Abel, que culpa pode ter um ou outro de ser o que era ou de ter agido como agiu?

(N.e. – Na época da vida de Heber e de seus contemporâneos, obviamente, não existia a Bíblia que, quando da confecção dos seus atuais 73 livros, que foram sendo elaborados ao longo do tempo, num processo que somente se iniciaria milhares de anos mais tarde, o Ente Criador estranhamente se apresenta como sendo um “deus” que tanto promove o bem como as desgraças entre os humanos — Isaías 45, 7: *“Eu formo a luz, e crio as trevas; eu faço a paz, e crio o mal; eu sou o Senhor, que faço todas estas coisas”*. No caso de Caim, como o próprio Criador relataria mais tarde na Torah, a chamada bíblia judaica, que corresponde aos primeiros cinco livros do Antigo Testamento da bíblia cristã, que não o puniria, muito pelo contrário, “marcando-o” para que fosse reconhecido por todos que Caim era seu protegido).

— Estou vivo e aqui falando com vocês – continuou o velho eremita - porque esse ser protegeu o meu ancestral, ainda que acusado de criminoso, e, assim, preservou a sua linhagem, da qual os meus pais foram descendentes. E como já disse, penso que, talvez, seja eu o último dessa linhagem, pelo menos nesta parte do mundo onde vivo. Mas, tão somente concluindo de minha parte, o

irmão de Cain era um homem de bem, pois dele não se tem legado de perversão ou de depravação. Por que o Ente Criador decidiu que ele deveria ser aniquilado, permanece para mim algo incompreensível, talvez só explicado por um fator muito especial, já que ele era um homem respeitado. Que fator especial teria sido esse, não sei.

— Você está ponderando que o Ente Criador levou Caim a matar o seu irmão porque esse trouxe no seu sangue (n.e. – código genético pessoal) hábitos e manias que ele queria ver extintos, se não da humanidade, pelo menos da sua linhagem, e que esses traços não eram os da falsidade, da perversão, da desonestidade, pois que era uma pessoa boa. Então, provavelmente, pode ou deve ter sido por uma questão específica...? É isso? — perguntou Heber, profundamente consternado pelos pensamentos que lhe povoavam a razão.

— Talvez sim, mas não posso responder a sua pergunta de modo a atender plenamente a sua necessidade de saber mais sobre aqueles tempos. Não tenho como ser conclusivo! Que é fato que o Ente Criador escolheu ou mesmo produziu a linhagem, e aceito que essa possa ser a sua, como também passo a admitir que o irmão do meu ancestral Caim possa ser o Abel das suas tradições, isso posso aceitar, e que ele pretendeu, com essa escolha, diferenciá-la do resto da humanidade... Se esses são os fatos, acho que para mim isso é claro. Se havia um desagrado dele em relação ao restante dos humanos e, com a sua escolha daquele a quem vocês apontam como sendo Adão, ele pretendeu criar uma nova humanidade, e talvez logo na descendência da primeira geração tenha surgido problema... Será isso? Não sei. Sinceramente, acho muito difícil de se compreender esse Ser, de quem tanto a sua descendência como a minha vieram a existir pela sua vontade e interferência nas nossas vidas. Não lhe posso ter veneração, na verdade sequer o aprecio! — respondeu Asser.

Após algum tempo em silêncio, ele se levantou com certa dificuldade, mas o fez antes de ser ajudado por Heber, que lhe estava mais próximo.

Bebeu um pouco de água, ao mesmo tempo em que a ofereceu aos visitantes. Depois, dirigiu-se lentamente a um local mais ao fundo da caverna onde vivia, de onde retornou com um saco de couro nas mãos.

— Um pouco mais e devo deixar este mundo, e não sei o que fazer com isso — exclamou Asser, novamente sentado, enquanto mostrava o saco em uma das mãos.

— O que está aqui veio do tempo desse pescador a que me referi, que

pode até mesmo não ser o caso de alguém que tenha dedicado a sua vida à pescaria, mas que, independente disso, ficou assim conhecido por sua posteridade. Ele era descendente direto de Caim, e esses registros vieram das mãos dos seus seguidores ou dos que lhe eram simpáticos, mas tanto tempo isso faz que meus pais não me souberam transmitir o seu significado. Pediram-me, apenas, para guardar com todo zelo, pois era tudo o que restava da heroica resistência dos humanos marcados com a “sina dos peixes”. Mas entendam que existiam outros sinais, outras marcações de sinais diversos, e esta que meus ancestrais portavam era somente uma das muitas que então havia. Talvez devesse deixar isso com vocês... São “folhas trabalhadas” de um tipo de árvore que não conheço, mas que, por instrução dos meus ancestrais, sempre mantenho no meio de outras folhas ressecadas que uma vez ou outra recolho por aí, quando as encontro. Mas não entendo os símbolos que constam nessas folhas. Com a minha morte elas desapareceriam... Pois que fiquem com vocês, para o caso de alguma utilidade ou de um possível sentido.

— Você conhece o ser, ou melhor, a mulher chamada Despina que vive com os lobos lá nas altas montanhas? — Perguntou Joctan. — Talvez fosse melhor mostrar-lhe isso, pois ela, com seu vasto conhecimento, pode saber do que se trata...

— Não, não conheço. Essa é a “Senhora dos Lobos” da qual o povo fala? Não, meu filho, não desejo conhecer ninguém e muito menos quero saber mais coisa alguma. Há muito dei minha vida por vivida... Nada mais existe que me motive almejar qualquer intento ou motivação.

— Mas esse ser não me parece cruel para com os humanos, muito pelo contrário, ele... Ela, a “Senhora dos Lobos”, nos assistiu e nos orientou em um momento muito difícil... — Ponderou Joctan.

— Concordo... Concordo que nem todos esses seres foram maus para com os humanos. Mas isso agora não mais me importa... Já sofri o peso dos seus maneirismos, e não desejo e nem posso mesmo sair deste lugar onde vivo... Que a vida siga diante, mas eu parei aqui, nesse ponto da minha trajetória na direção da morte.

Asser olhou para o saco de couro ainda em suas mãos, e disse:

— Pertence a vocês agora, eu lhes peço. Levem isso e deem a essas folhas o destino que lhes for mais lógico e prático. Destruam-nas, se quiserem. Eu não posso fazer isso! O cansaço me domina, e nada há que me seja possível pensar que me traga agrado... Um homem, assim, deve deixar de

viver, mas muitos se esforçam para que assim não seja — disse sorrindo com agradecimento pelos que o visitavam com a oferta de alguma ajuda. — Respeito e agradeço a misericórdia com que me tratam. Mas descansemos, pois a noite já se faz anunciar, e peçam ao seu Senhor inspiração para as suas vidas. Para a minha nada peçam, porque, nesta altura, quanto menos eu receber, melhor será para o meu destino. Afinal, como uma humanidade que foi criada doente pode ser punida por não ser “perfeita”? Será esse questionamento o resumo de todo o problema? Não encontro respostas para isso, nem no que observo e nem muito menos no que penso. Descansemos... E que sua linhagem, ó Heber, um dia possa compreender tudo isso.

Heber e Joctan não conseguiram conciliar o sono com a torrente de perguntas que fluíam nas suas mentes. Decisivamente, o velho Asser não deveria ter concluído as suas palavras com aquele questionamento que lhes perturbara o sono decisivamente.

Na manhã seguinte partiram logo cedo na direção do acampamento dos demais membros do grupo, de onde seguiriam direto para o sul, na direção de um vilarejo portuário.

Durante a caminhada, por entre a conversa entre Heber e Joctan, o último disse em dado momento:

— Pai, ainda que tenhamos que parar em mais lugares antes de chegarmos, por favor, não perguntemos mais coisa alguma sobre essa questão, porque me preocupa o peso da responsabilidade que está sendo acumulada sobre os seus ombros, no que se refere às decisões que terá que tomar quando da sua conversa com o patriarca Noé. Com o volume de informações desagradáveis que colecionamos já está difícil, imagine se formos colher ainda mais, e, pelo que me parece, ainda tem muitos mais mistérios lá para trás no tempo... Talvez seja melhor esquecermos esse passado, e dele somente retirar a figura do Senhor e a sua aliança com o nosso pai Noé.

Heber olhou em silêncio para o seu filho, sorrindo como podia perante a sua observação. Mal sabia ele que teria que voltar algumas vezes até aquelas terras, e que tão grande seria a sua peregrinação nos anos futuros por ali, que a península passaria a ser conhecida como “a terra dos povos descendentes de Heber”, ou seja, a “península dos hebreus”, ou ainda, a “península hebreia”.

(N.e. - Cujos povos, ramificados em suas muitas famílias e descendências diversas, formou a gênese de todas as tribos que, mais tarde, vieram a compor

as terras portuguesas, bascas, catalãs e espanholas. Note-se que todo esse contexto foi muito anterior ao tempo de Jacó, de cujos filhos descenderia o contexto das doze tribos dos hebreus — de Israel — nos tempos mais recentes).

Naqueles dias, porém, a sua intenção era tão somente a de retornar ao seio da sua família, pois que era homem apegado às raízes do seu povo e, acima de tudo, cumpridor fiel das suas tradições. Pena que essas se encontrassem agora abaladas, em alguns dos seus aspectos, pelas notícias colhidas do teimoso passado que perseverava em existir, mesmo depois da grande devastação.

O PATRIARCA

APÓS quase seis meses de viagem parando em entrepostos, aproveitando para levar a efeito as “verificações solicitadas por Noé”, muitas caminhadas e mudanças de embarcação, Heber e os seus companheiros conseguem retornar até o “centro da linhagem”, que era o lugar onde o patriarca Noé sempre se encontrava.

As coisas pareciam mudadas até mesmo no seu aspecto geográfico, porque o patriarca e seus descendentes próximos haviam se deslocado um pouco mais para o norte, deixando a região de montanhas, até porque o perigo das águas há muito já passara.

Noé e sua descendência, por aquele tempo, resolveram se estabelecer nas vastas planícies da região (n.e. – na atualidade, corresponderia ao sudoeste da Rússia, mais especificamente à região situada entre os rios Danúbio e Volga e suas respectivas ligações com os então recém-formados Mar Negro e Mar Cáspio), como forma de ampliar a produtividade dos seus rebanhos e o desenvolvimento de plantações em terra fértil e disponível.

As notícias que chegavam de todos os centros pertencentes ao “legado da arca” eram preocupantes. A uniformidade cultural, então pretendida por Noé e a todo custo trabalhada pelos seus descendentes, estava sendo confrontada em praticamente todas as regiões, por centros de culturas diversas que pertenciam a outras sementes de povos que também conseguiram sobreviver à devastação.

(N.e. – Nesse ponto da narrativa, há que se esclarecer um aspecto importante.

Ao longo dos últimos 22 mil anos da história terrestre, ocorreram muitas “devastações locais” promovidas por efeitos climáticos, notadamente por

meio de grandes enchentes, vinculadas tanto a períodos de chuva intensa como ao processo de elevação do nível dos mares da Terra, que passou a se dar desde o final do último período glacial, o “Last Glacial Maximum – LGM”, que os cientistas apontam como sendo o ponto de mudança entre o padrão de congelamento que existia há cerca de 22 mil anos e a mudança, algo abrupta, para o início do aquecimento global que até hoje acontece. Essas ocorrências foram tendo lugar de tempos em tempos e em regiões distintas.

Esse período, que começou em algum momento entre 22 mil e 21 mil anos atrás, teve um dos seus apogeus há cerca de 12.400 anos, quando teve lugar uma grande devastação que envolveu todo o planeta. Contudo, essa devastação durou pouco mais de 20 anos, gerando problemas de toda ordem. Depois dela, outras tantas passaram a ocorrer como decorrência dos seus efeitos, e essas se deram em diversos lugares.

O dilúvio bíblico, que, apesar de amplo, foi regional, teve lugar há cerca de 7.800 anos, em decorrência da elevação do nível do mar Mediterrâneo, fato que, por sua vez, permitiu que suas águas transbordassem o estreito de Bósforo, assim gerando, ao longo de muitos anos, o atual Mar Negro. Associado a essas modificações teve lugar o evento conhecido como sendo o da “arca de Noé”. Posteriormente a esse, com o passar do tempo, ocorreram outros dilúvios regionais, que também tiveram as suas arcas só que menores, o que gerou, até os tempos atuais, uma noção algo confusa sobre “um único dilúvio”, quando ocorreram vários, com amplitudes distintas, ao longo dos últimos já referidos 22 mil anos.

Assim, os poucos focos de outras culturas humanas e também de origem de outras espécies inteligentes que, na época, se encontravam na Terra, enfrentaram as mesmas dificuldades e, seguramente por isso, têm tradições parecidas, apesar de que, na análise dos detalhes, se poderá perceber o que deve ser distinguido como singular em cada uma delas. Outras há que, obviamente, referem-se a um mesmo evento, só que contado por culturas específicas e em momentos distintos).

Esses outros focos de sobreviventes tinham a ver com o fato de que, no passado ainda mais remoto, havia neste mundo tanto filhos e filhas de humanos quanto filhos e filhas de seres extraordinários que não eram “filhos da Terra”. Além desse aspecto, existiam também os produtos do concurso sexual desses com humanos, os chamados seres “semidivinos” (n.e. – Note o leitor que, nessa época, os livros que compõem atualmente a Bíblia sequer

havia sido formulados). Sob essa perspectiva, aos olhos dos demais e principalmente, dos membros da descendência de Noé, os integrantes da sua linhagem eram, como ele, assim considerados, porque no seu sangue havia a tal mistura do sangue humano com o divino.

Heber tinha uma dificuldade enorme em se ver como alguém semidivino, apesar da força que os seus familiares e afins faziam para que ele assim se aceitasse, embora não demonstrasse possuir nenhum poder extraordinário. Nesse sentido, muito menos demonstraram ostentar poderes os seus antecessores na linhagem que o ligava ao patriarca que sobrevivera ao dilúvio como portador da graça divina e signatário de um pacto, de uma aliança, com o ser que se apresentava como Criador universal.

Noé, porém, era diferente de todos. Dele exalava uma energia que tanto podia ser puramente humana como estranha aos seus pares. Além disso, era detentor de um poder mental que parecia ser capaz de ler ou de compreender os pensamentos dos demais, ou pelo menos é o que dele se falava.

Na altura desses fatos, ele contava com 727 anos, e sua argúcia mental, memória, capacidade física e disposição intelectual eram dignas de nota, por força da sua inegável condição pessoal, diferenciada da que marcava a humanidade.

Com uma estatura elevada, o seu corpo, impressionantemente preservado, apresentava-se como sendo o de alguém cuja musculatura se encontrava graciosamente distribuída, dando a impressão de um homem magro, com cabelos brancos a lhe penderem sobre os ombros largos. A sua tez era pálida, próxima da cor branca dos albinos, o que mais ainda lhe dava uma aparência absolutamente diferente daquela de seus descendentes.

Fato surpreendente, nenhum dos seus três filhos, netos ou mesmo bisnetos trazia qualquer traço que se lhe assemelhasse. Ele era venerado com estremado amor e respeito por todos os seus parentes, tanto os mais próximos como os mais distantes.

Se antes ele fora temido, agora era venerado com estremado amor e respeito por todos os seus parentes, tanto os mais próximos como os mais distantes.

Tinha hábitos que também o diferenciavam dos demais, pois, desde que saíra da arca, não houvera um dia sequer em que, ao final de cada tarde, não saísse para caminhar por algum tempo, estivesse fazendo bom tempo ou ainda que uma tempestade estivesse tendo lugar. Noé caminhava normalmente com as mãos para trás, e muitas vezes parava por longos

períodos, permanecendo imóvel nessas ocasiões.

Comia frugalmente e agradecia ao Senhor desde o ar que respirava até a mais diminuta porção de alimento que se permitia consumir. Apesar disso, não era alguém que observasse os outros para reclamar ou impor os seus pontos de vista. Na verdade, em muitos momentos, ele parecia estar desligado do ambiente que o rodeava, e as pessoas foram aprendendo a respeitar aqueles instantes como se fossem especiais. Mas, para Noé, se o eram, ele não o demonstrava, porque nunca se referia às suas “saídas” do tempo presente.

Com o passar do tempo ele foi se transformando num homem gentil, delicado, atencioso, afetuoso e jamais lhe viram novamente em estado de fúria, aspecto de sua personalidade que era creditado ao domínio do Senhor sobre o seu mensageiro humano que precisava realizar seus desígnios. Quando das suas exclamações, se dizendo falar em nome do Senhor e sendo fiel cumpridor dos seus desígnios, a sua verve se modificava — muito ou pouco, dependendo da ocasião —, mas esses eram momentos pontuais, únicos, sendo tudo o mais levado pelo seu jeito tranquilo de viver.

Algumas de suas características pessoais eram realmente marcantes. Ele tanto podia ser o mais afetuoso dos homens, e o era, como também podia ser o mais distante, pois assim era a sua natureza. Associava-se aos seus e deles se apartava, ainda que rodeado s por muitos, como se o seu senso pessoal estivesse longe dali.

Os que lhe eram mais próximos fizeram uma adaptação numa vasta caverna, situada alguns poucos metros acima do nível do terreno daquela região, e era naquela casa-caverna que ele habitava e recebia a sua vasta rede de parentes-viajantes. Além desses, visitantes que episodicamente iam ver o ser mais estranho daquela região, que não se escondia de ninguém e jamais evitava o contato pessoal, até mesmo com o mais miserável dos humanos que o procurasse.

A sua grande luta íntima era travada exatamente quanto a ser ou não um defensor radical e um cumpridor extremado dos desígnios do Senhor, o ente Criador a quem venerava acima de tudo.

A sua via mental era agitada e muito provavelmente não havia um só outro ser humano vivo naqueles dias que tivesse que lidar com a quantidade de informações que ele administrava.

Seu “serviço de notícias” funcionava com um nível de resultado bastante significativo. A cada semana recebia, em média, dois mensageiros que

estavam voltando de alguma viagem encomendada no campo da sua estratégia de se manter atualizado com o que se passava no mundo. Cada região do seu interesse era continuamente visitada por seus emissários, os quais, pessoalmente, traziam as novidades das terras distantes para o seu conhecimento.

O Senhor havia mandado ele espalhar os seus filhos e a descendência deles por toda o planeta, e era isso o que ele havia feito, cuidando com extremo rigor e retidão moral da sua tarefa.

A cada dia que se passava, porém, ele se tornava mais pesaroso com as notícias que recebia de todos os quadrantes. Elas variavam nos detalhes, mas possuíam um tema comum que dizia da presença, em todas as regiões, de seres poderosos não humanos, convivendo com humanos vindos de novas sementes civilizatórias que eclodiam aqui e ali.

Todas as notícias que chegam parecem obedecer a um padrão, como se um grande processo estivesse acontecendo em cada lugar do mundo — pensava Noé. O poderoso ente Criador me disse que iria extirpar o mal e os vícios da humanidade e dos demais seres, mas o que vejo? Tudo diminuiu, mas tudo persistiu! O que devo pensar? Onde Ele está que há tempos não me dá ouvidos? Fiz o que me mandou fazer, mas... E agora? Como devo proceder? Se a própria natureza e a mão do Senhor não souberam a quem matar, levando justos e injustos, puros e infectados pelo mal e desajustes diversos juntos, quem sou eu para isso corrigir? Não o farei! Mas, de que adianta saber como anda o mundo, se a minha descendência não o dominar? Se o mundo dominar os meus descendentes, o que será da obra do Senhor? Se os maus e os depravados se impuserem sobre as pessoas que observam a retidão de caráter e de conduta, como será o mundo? Muitos existiam com conduta depravada, mas que eram visivelmente boas pessoas... O que devo pensar? Por que o Senhor não me esclarece sobre o que devo fazer?

O Senhor me recomendou que não mais existissem homens desajustados, tendentes à perversão, maldosos, que sentissem atração por outros no seio da sua linhagem, e disse que os que existiam além do nosso sangue seriam exterminados. Mas não foram! Onde existisse qualquer foco de desajuste, esse seria destruído. Mas... Por quem? Será que entendi errado o dizer do Senhor? Afinal, para que serviu a devastação, se todas as sementes permaneceram ativas? Por que Ele não se mostra e fala claramente? Outros poderosos aparecem para os seus escolhidos, são vistos e venerados; por que logo o Senhor, que se afirma mais poderoso que todos os demais, age

diferente? Por que até os outros poderosos o temem, como já foi revelado em tempos anteriores à devastação?

Tempos difíceis esperavam por Noé, e suas constantes reflexões somente o levavam a “situações-limite” mais complexas ainda no campo dos seus pensamentos.

O Senhor parecia ausente do seu circuito pessoal, e somente lhe restava lidar com o fluxo dos acontecimentos.

Aproximava-se o tempo em que, pelo menos, os membros principais de cada família da sua descendência viriam ter com ele, e isso se dava uma vez a cada ano, sempre nos dias próximos ao equinócio de outono do hemisfério norte.

Noé refletia constantemente sobre o tipo de notícia que recebera do seu neto Tubal, quando do seu regresso da sua viagem para o oeste, que não se enquadravam muito bem no contexto geral que lhe era dado observar. Mas, por força dos fatos, passou a considerar normal que, no extremo oeste do mundo, as pessoas pudessem estar reconstruindo um modo de vida mais auspicioso, sem maiores problemas, como costumava perceber na região onde ele vivia, como também pelo que era noticiado por seus mensageiros vindos do leste e do sul. Sobre o norte, as poucas notícias colecionadas, não lhe permitiam ter uma visão clara do que estava acontecendo por lá.

Teria que aguardar as notícias de Heber para melhor organizar as ideias sobre as terras do oeste.

Heber e seus acompanhantes retornaram ao lar em pleno verão, cerca de dois meses antes da grande reunião dos descendentes em torno da figura do patriarca.

Sua esposa, Sana, seu filho primogênito Faleg e demais familiares os receberam em pleno nervosismo pela ausência de notícias da sua parte, e também pela iminente preparação do deslocamento de alguns membros da família para a visita anual ao patriarca.

Heber e Joctan descreveram, em linhas gerais, o roteiro da viagem para os familiares que, ávidos de notícias, a tudo escutavam como se estivessem, eles próprios, vivenciando cada passo da aventura.

Se a narrativa dos dois era extremamente zelosa e dedicada para com os detalhes dos lugares, dos caminhos, das navegações, dos riscos e sustos havidos, tendo como ápice o encontro com Despina e seus lobos, nada foi por eles abordado quanto ao conteúdo dos fatos, das conversas sobre temas melindrosos, pois Heber teria ainda que primeiro decidir “o quê” e “como”

falar com Noé.

Os dias passaram céleres, e lá estava a família de Heber em viagem para o encontro com o Patriarca.

Heber trazia consigo, o mais disfarçadamente possível, o saco de pano “herdado” do eremita, mas sem ter ainda qualquer noção de como iria proceder. Somente a Faleg os dois contaram os traços gerais das conversas havidas, e mostraram as “folhas sinalizadas”, as quais muito o impressionaram. Faleg, muito mais do que o pai e o irmão, por ser o administrador dos vilarejos envolvidos com a descendência, convivia com registros em pedras e madeiras, além dos “apontamentos memorizados” que a gestão dos processos da vida de então exigiam.

Além do que, não era tão raro Faleg receber notícias de “achados” que ocorriam ainda como desdobramentos da grande inundação. Outras “folhas com sinais” eram encontradas aqui e ali, mas ninguém atinava com seus significados.

O próprio Faleg tinha em seu poder duas pedras com sinais e um pedaço de uma folha com o desenho de um provável animal e de um homem, mas cujo desgaste não permitia a identificação precisa do tipo de animal, se é que era o caso. Ele se interessava profundamente pelos achados referentes ao tempo anterior ao da inundação, mas não possuía elementos para melhor analisá-los, e as suas obrigações o impediam de “sair por aí” na busca de pessoas como as que o pai e o irmão descreveram, e que eram conhecedoras dos fatos do passado.

O congaçamento em torno do patriarca Noé era o ponto máximo das comemorações e da vivência daquelas pessoas. Durante cerca de dez dias, havia programação para tudo o que pudesse compor e tornar agradável a permanência de uma numerosa descendência com mais de duas centenas de crianças, de adolescentes e de diversos casais que começavam a procriar como modo de ampliar a presença do “povo do Senhor” no mundo.

Enquanto as programações para as crianças e mulheres tinham lugar, a assembleia dos homens começava a funcionar em suas várias seções.

Os temas gerais eram discutidos abertamente com todos os homens. Os de ordem estratégica, porém, eram reservados para a seção dos anciãos e dos chefes familiares. Nessa última, o patriarca Noé era acompanhado pelos seus três filhos, Sem, Cam e Jafé, além de toda a descendência masculina até a quarta geração a partir deles.

Os temas eram escolhidos pelo patriarca de acordo com a sua necessidade

de responder aos fatos e às solicitações vindas dos chefes familiares sobre situações diversas. Alguns daquelas questões ele mesmo as resolvia junto com o peticionário; outras, porém, eram levadas para serem abordadas no conselho dos anciãos.

Naquele dia, numa caverna bem mais ampla, localizada praticamente vizinha à que o patriarca habitava, estavam reunidos 327 homens, que respondiam, naquele tempo, pela chefia das “famílias” da descendência do patriarca Noé espalhadas pelo mundo. Além daquelas ali congregadas, existiam ainda algumas outras poucas famílias que foram levadas a viver em terras e em ilhas distantes, cujo deslocamento era inviável. Essas, de acordo com o costume então vigente, seriam depois visitadas por emissários do patriarca, para as atualizarem com as notícias advindas do conselho de anciãos.

Dos diversos temas selecionados para serem abordados naqueles dias, alguns o foram para submissão à assembléia, com a participação geral, fórmula na qual, por aclamação, era escolhida uma dada opção entre as oferecidas. Contudo, quanto aos temas mais complexos, esses eram abordados de forma cuidadosa e restrita, com a participação direta do patriarca ou do primeiro em descendência de linhagem, no caso, o seu filho Sem.

Naqueles dias, estava programada a exposição dos “chefes das regiões” diretamente vinculadas ao governo do patriarca, para atualizar os demais quanto às notícias locais. Faleg, que desempenhava a função de chefe da sua região, participou do painel.

Depois da exposição dos chefes das regiões, os emissários enviados por Noé às terras longínquas, para as visitas às regiões que indiretamente estavam vinculadas ao projeto da linhagem do patriarca, iriam, por sua vez, fazer as suas narrativas sobre o que puderam registrar. Dentre esses, Heber se encontrava inscrito.

Ainda segundo a programação, as questões mais delicadas iriam ser abordadas do modo como a assembleia de restritos participantes se encontrava acostumada: Noé, Sem ou algum outro por eles solicitado expunha a questão, e, a seguir, era solicitado que aqueles que quisessem se expressar o fizessem, sempre sob o controle implacável do gestor da congregação.

“Implacável”, porque quem não obedecesse às regras de participação era simplesmente expulso da reunião, o que todos sabiam ser uma decisão do

patriarca para obrigar os mais nervosos a aprenderem a discutir e a analisar questões relevantes sem altercações e explosões de fúria.

No caso, a primeira questão importante daquele encontro dizia respeito à interação ou não com os povos que não pertenciam à descendência do patriarca e que, conforme as predições iniciais por ele recebidas do próprio Criador, não deveriam existir depois da inundação. Contudo, existiam e em bom número, e estavam criando problemas de convivência em algumas regiões.

Coube a Sem expor a questão do momento:

— Lidemos com os fatos. Lamech, nosso venerável ancestral, pai do nosso patriarca Noé, transmitiu à sua posteridade que, do modo como a vida estava sendo deformada pelos habitantes deste mundo nos tempos passados, haveria de surgir outro tempo no qual somente os humanos dedicados ao “plano do Criador” deveriam existir neste mundo, para que ele pudesse progredir. Ao nosso pai Noé, o Criador transmitiu o mesmo vaticínio, mas o pai Noé sempre pediu ao Senhor que outros justos e virtuosos que deveriam existir neste mundo também pudessem sobreviver. Pretendemos sempre a exatidão nas mensagens que os nossos veneráveis escolhidos receberam e recebem do Criador, mas não podemos pretender que a pequenez das pessoas que somos possam absorver tudo o que vem da mente do Senhor, e muito menos podemos atinar com todos os seus desígnios. Portanto, aceitemos que esses povos que conosco dividem a vizinhança deste mundo existam, e para com eles temos que decidir qual a nossa postura, pois em tudo existe a providência do Criador.

Ao finalizar as suas palavras, Sem trocou com Noé um olhar de assentimento, enquanto abriu para os membros do Conselho a participação dos que assim o desejassem.

Como era normal, a primeira geração dos filhos de Sem, Jafé e Cam, nessa ordem, foi convidada a se expressar. Depois, os membros da segunda geração que correspondia aos netos dos três, e assim, até a quarta geração. Noé, Sem, Jafé e Cam poderiam interromper a qualquer momento se o desejassem.

Coube a Magog, filho de Jafé e irmão de Tubal, dar a sua visão sobre aquele contexto.

— Escutei atentamente todas as descrições feitas pelos chefes das regiões, todas elas povoadas pelo receio de que estrangeiros, diferentemente de nós ainda não devidamente organizados em povos, como é o nosso caso, possam,

com o passar do tempo, se habilitarem a nos invadir e tomar as nossas posses. Percebi que todos os nossos filhos e irmãos que ocupam a chefia das regiões exultaram em fornecer as melhores notícias sobre o progresso de todas as sementes da nossa descendência, que a providência do nosso patriarca Noé houve por bem gerar. “Viajei nos meus pensamentos” junto com os meus irmãos em descendência que se deslocaram às terras longínquas, que não se encontram diretamente ligadas ao nosso convívio, como foram os casos de Tubal, o fundador das terras do oeste, e agora de Heber, que de lá nos trouxe notícias alvissareiras sobre o progresso das suas vilas, como também do apreço que demonstraram ter pelo patriarca e pela sua linhagem. A todos escutei e, com base na minha própria experiência de lidar com povos estranhos que nos se avizinham com seu modo bárbaro de viver, expressarei a minha opinião, apesar de confessar que temo ser visto como arrogante e pretensioso, como, por alguns de vocês aqui presentes, já o fui em encontros passados.

A voz de Magog ecoava na caverna de tal modo que, quando ele se calava, parecia que a respiração de todos os presentes passava a ser o som presente no ambiente, somente perturbado pelo vento, que começava a demonstrar que a frieza do clima, obedecendo ao ciclo das estações, novamente iria se impor na região.

— Sei que neste Conselho tem que haver algumas vozes que semeiem a prudência, outras que aticem a discussão para que todos os painéis das questões possam surgir, a fim de serem observados, e a essas últimas a minha voz se une no sentido de conclamar a atenção para o fato de que precisamos ser fortes, na verdade sempre mais fortes que todos os demais povos, sob pena de sermos invadidos.

Voltando-se respeitosamente para o patriarca, Magog continuou com a sua participação.

— Se o plano do Criador obrigou a sua descendência a se espalhar pelo mundo, isso implica em que cada parte precisará sempre ser mais forte do que os seus vizinhos, sob pena de um dia vir a ser destruída. Se nenhum outro povo sobrevivente existisse, o plano do Criador seria perfeito... Mas existem, são muitos e em breve serão perigosos, porque nenhum deles obedece a um “comando central” cuja moral e virtude sejam o seu selo, como é o nosso caso, o que demanda tempo, comunicação, decisão e deslocamento do apoio necessário das forças da nossa descendência, sempre que necessário. Defendo, portanto, que cada uma das nossas famílias seja como uma semente

que traz em si a possibilidade de se transformar em uma força, seja de defesa ou de ataque; defendo que sejamos todos treinados para a inevitabilidade das guerras que, conforme escutei em algumas narrativas, parecem ter existido antes da inundação. Não sei quando o primeiro conflito envolvendo uma das nossas famílias será motivo para uma guerra ampla, mas sei que isso não está longe.

Terminadas as suas palavras, Magog foi saudado por muito dos presentes que, abertamente, demonstravam concordar com os seus receios.

Cuch, filho de Cam, foi o próximo a falar.

— Não desejo contrariar a fé que tenho e que, sei, todos nós temos no Criador, mas, observando os fatos, sejam os narrados pelos nossos ancestrais ou mesmo aqueles que podemos observar, não penso que devemos esperar que os “céus” nos protejam. Vi, com meus próprios olhos, povos que vivem em regiões próximas de onde vivemos que têm seus deuses, e que esses convivem com eles. Se a inundação era para terminar com isso, simplesmente não cumpriu o seu papel. Esses seres mandam nesses povos e os manipulam conforme querem. Esses seres não obedecem ao Criador. Como poderemos permanecer passivos, apáticos, sem demonstrar força, apenas recitando que o nosso Senhor é todo poderoso, se nem mesmo aparecer para nós ele o faz. Alguém já o viu?

— Cuch — advertiu Cam, seu pai — não transforme as nossas expectativas em leis para o Criador. Nós somos suas criaturas, e o que nos diferencia do resto dos povos do mundo é que acreditamos nisso. Esses outros povos obedecem aos seus entes poderosos, mas não lhes têm amor. Nós temos amor pelo Criador.

— Será, meu pai? Não quero contradizê-lo, mas preciso afirmar que a nossa fé realmente é forte, porque nós a transformamos num sentimento poderoso, mas tudo o que foi feito pelos nossos ancestrais o foi pelas suas pessoas, como, no caso do patriarca Noé, foram ele e vocês, seus filhos, que construíram laboriosamente a arca e tudo o mais que ocorreu teve lugar nos acontecimentos do mundo. Os outros povos falam das suas histórias mostrando a interferência direta dos seus entes protetores. No que estarei errado em me expressar dessa maneira? Apenas estou defendendo uma posição mais avançada do que a do valoroso Magog, pois, do modo como vivemos, estamos indefesos frente ao perigo. Esse ser, nosso Criador, cuidará de nós, acredito que sim, mas, de que modo? Isso eu não sei, e se alguém aqui souber que o diga, e assim me expresso com todo o respeito que devo

aos meus ancestrais e a vocês, ó heroicos sobreviventes daqueles dias, que aqui os representam. Longe de mim, meu pai, atentar contra qualquer decisão que venha do pai Noé e de qualquer um de vocês três. Estou dando a visão que tenho sobre a questão, porque isso muito me preocupa.

Outros participantes do Conselho expressaram as suas opiniões de que qualquer movimentação que fizessem poderia ser entendida como ato belicoso, e precipitar ou mesmo criar exatamente os problemas que se pretendia combater.

Apesar de muitas serem as vozes que concordavam com esse ponto de vista, era patente a preocupação com os fatos de que as cidades estavam desguarnecidas, e que a mentalidade que o patriarca Noé e os seus mais próximos vivenciavam naquelas terras não podia ser transferida para outras regiões nas quais a proximidade com outros povos era real.

Próximo ao final das discussões daquele dia, Nemrod, filho de Cuch, pediu a palavra.

— A preocupação do meu pai, Cuch, e de todos os que o precederam e que concordaram com a iminência de problemas com povos vizinhos é, na minha opinião, mais do que importante, urgente. Ainda que não venhamos a concordar sobre o aspecto teórico em torno dos fatos, advirto a todos dessa assembleia que os fatos estão falando muito mais alto do que os argumentos que procuram pacificar o problema, que somente cresce e crescerá ainda mais, ao invés de se pacificar, como alguns aqui acreditam. Estou construindo duas cidades (n.e. — Mais tarde seriam conhecidas como os reinos da Babilônia e da Acádia) devido à proximidade desses vizinhos sobreviventes à inundação, e eles têm trabalhado conosco, e essa foi uma decisão que me vi obrigado a tomar e por isso a apresentei quando das discussões dos chefes das regiões. Para as regiões que não têm sequer vizinhança estabelecida, a situação política é uma; para as que têm, como é a do meu caso e de alguns outros aqui, sequer podemos esperar por esses encontros para tomarmos certas decisões, pois é outro contexto bem diferente. Aceitei-os como trabalhadores dessas cidades, até mesmo porque não os tenho em quantidade suficiente entre os membros do nosso povo. Fui criticado na discussão dos chefes das regiões como estando eu a querer construir cidades grandiosas, além das nossas possibilidades, e por isso o problema teria passado a existir. Na hora, fiquei calado, esperando a decisão do nosso patriarca, que, prudentemente, apontou como sendo melhor o assunto ser conversado de modo mais reservado entre os estrategistas do

nosso povo, o que está para acontecer nos próximos dias, após o nosso encontro geral. Mas aproveito para aqui dizer: passei a intentar construir grandes cidades exatamente como modo de conviver com aqueles grupamentos que, em número, excedia ao contingente das famílias que estão congregadas sob a minha chefia. Já fiz isso para poder contemplar a natural expectativa de vida dos seres humanos, independente de pertencerem ou não a nossa linhagem. E penso em fazer mais: proponho que abramos mão da exclusividade de relacionamento somente entre as linhagens da nossa descendência, e que possamos casar nossos filhos e filhas das gerações futuras com as gerações desse povos que dividem conosco este mundo.

A gritaria foi geral e escandalosa para a maneira como até então todos tinham se comportado.

Na cultura daqueles dias era comum que, de cada encontro anual, um tema se transformasse na grande novidade e/ou em motivo de exaltada discórdia entre os membros do Conselho.

O tema trazido por Nemrod — admitir tal tipo de união — foi tido como sendo “o da vez”, ou seja, o que causaria mais tumulto nas discussões a partir de então.

Muitos gritaram que o Criador os impedira de se unir a povos envenenados pela corte dos entes poderosos, que até relação carnal tiveram com as filhas dos homens, no tempo de Jared, pai de Enoch, antes da devastação. E aqueles homens e mulheres a quem Nemrod adotara como trabalhadores deveriam ser filhos daquela danação promovida pelos imortais poderosos, porém, criminosos, pois sequer obedeciam ao Criador.

Um dos exaltados, cujo nome era Sesfraim, da linhagem de Regma, irmão de Nemrod, afirmou em voz alta:

— Prudência, Nemrod, irmão do meu pai. Visitei suas cidades algumas vezes e pude ver... — era visível a hesitação de Sesfraim em seguir com o assunto.

Nemrod o estimulou a dizer fosse lá o que ele tivesse para informar aos membros do Conselho.

Sesfraim olhou para seu pai, Regma, e depois para o patriarca Noé, que o olhava com certo ar de gravidade, esperando o que dele viria.

— Vi que Nemrod usa trabalhadores valorosos nas suas obras, mas que não há uma criteriosa escolha, pois até mesmo entre eles pude observar o tipo de homem que se sente atraído por outros homens, o que não é permitido pelas nossas leis.

Fez-se um silêncio sepulcral após as palavras de Sesfraim, pois quase todos estavam estupefatos com a informação. O “quase todos” se refere ao fato de que alguns poucos dos presentes que, como Sesfraim, tinham visitado as obras de Nemrod, viram, sim, alguns homens que não disfarçavam ou eram descuidados com o disfarce que aquele tempo impunha a comportamentos daquele naipe.

Nemrod, sagaz como era, observou lentamente a expressão dos presentes antes de retomar a sua fala.

— Somos o povo escolhido pelo Criador porque observamos as suas leis, as quais ele explicou aos nossas ancestrais, mas, como podemos ver, não estamos sozinhos no mundo. Por que as coisas são dessa forma, não sabemos! E nem sabemos também se somos maioria nesse momento e, caso o sejamos hoje, não temos como saber se seremos no futuro. Tudo que sei é que, por enquanto, naquilo que me é dado observar, hoje nós somos a maior organização no mundo, pois formamos uma família de povos que estão unidos pelo sangue. Penso que estamos à frente de todos os demais, desde a devastação. Mas, para que permaneçamos assim, temos que dominar esses outros povos por meio de estratégias, ou simplesmente destruí-los. Não existe uma terceira alternativa. Ora, não podemos modificar o comportamento desses povos e nem os destruir. Logo, se eles vivem ao nosso redor, devemos estabelecer pactos e relações de parceria ou um dia teremos conflitos com eles. Estou errado no que digo?

Nessa oportunidade a gritaria foi ainda maior. Definitivamente, Nemrod seria o responsável pela apresentação dos temas mais instigantes e melindrosos daquele encontro.

Sem e o patriarca Noé novamente se entreolharam, deixando que os membros do Conselho extravasassem as suas opiniões e mesmo a indignação que muitos apresentavam perante Nemrod. Esse, mantendo a calma, aguardava a oportunidade de continuar com a sua abordagem, ou, então, a de escutar da parte dos mais experientes as suas opiniões. Mas, por enquanto, viam-se somente braços sendo agitados e vozes extremadas em posição contrária as dele.

Nemrod desistiu de aguardar e pediu permissão a Sem para retornar ao seu lugar, deixando o complemento da sua participação para uma outra oportunidade.

Heber e Joctan trocaram olhares de preocupação pelo fato de o assunto que tanto lhes atormentava a sensibilidade ter surgido na discussão dos

membros do Conselho daquela forma exaltada, onde a prudência não tinha lugar, e tão somente a reafirmação das crenças dos seus antepassados.

Após a sua explanação sobre a viagem às terras do oeste, Heber recebera um convite vindo do patriarca para que permanecesse por mais alguns dias, pois iriam ter uma conversa reservada, fato que muito o preocupou.

As discussões paralelas, porém, não cediam, e parecia mesmo que, se dependesse dos presentes, aquilo não iria findar tão cedo.

Enquanto a algazarra continuava, Sem aproximou-se do patriarca Noé e trocaram algumas palavras discretamente.

Após algum tempo, o patriarca sinalizou que iria fazer uso da palavra.

— Meus filhos, a fé que temos no Criador e a certeza que carregamos nos corações de que ele sempre nos protegerá não deve, e nem pode, inibir que nos preocupemos com as nossas próprias obrigações. Muito já foi aqui falado, e conluo pela necessidade de fortificarmos, sim, as nossas defesas, pois o mundo se encontra bem mais complexo do que esperávamos que ficasse após a devastação. Isso é uma constatação, e devemos sobre ela depositar a nossa melhor capacidade de análise, com vistas às providências que precisamos tomar.

Um murmúrio de contentamento quase festivo dominou o ambiente, em concordância com as palavras do patriarca.

— Quanto aos demais assuntos, se devemos ou não romper com a tradição dos nossos pais, de evitar a convivência com a sujeira dos corações daqueles que estão apartados da observância ao modelo que o Criador reserva para as suas criaturas, conluo que não está por agora em questão. Nós devemos perseverar com o nosso comportamento impecável diante do Senhor, e precisamos preservar a postura e o compromisso com a pureza de intenção e de propósitos dos nossos ancestrais. Apesar disso, devemos, sim, refletir com mais propriedade sobre o que Nemrod explanou, porque, na prática das coisas do mundo, ele bem o disse, e ressaltou os aspectos sobre os quais precisamos nos deter. A intenção de fortificar as nossas defesas, pela qual agora optamos, pode e deverá nos levar a estratégias de convivência ou mesmo de destruição do perigo, se ele for obstáculo à consecução dos planos do Senhor, pois acredito firmemente que seus desígnios sempre haverão de prevalecer. Conversaremos com Nemrod, eu e os meus três filhos diretos, além de mais outras presenças que sejam importantes para a abordagem do assunto. Mas concluimos aqui e agora esse encontro, e peço que Sem proceda com os rituais que o finalizam. Rendamos graças ao Criador!

Diversos sacrifícios tiveram então lugar, pondo um fim ao encontro, que sempre era motivo de conversas por um longo período para todas as famílias envolvidas.

No dia seguinte, o patriarca Noé convidou Sem, Tubal, Heber e Nemrod para uma primeira conversa, não sem antes ter pedido a Magog, a Cuch e a outros mais que ali retornassem quatro ciclos lunares depois, para fazerem uma nova avaliação das vizinhanças problemáticas.

Heber havia reservadamente perguntado a Tubal se ele havia comentado com o patriarca tudo o que apreendera quando da sua convivência com Melmon, ao tempo da sua presença nas terras do oeste.

Tubal o olhou algo desconfiado e desconversou por algum tempo, o que produziu em Heber a sensação de que ele é quem gostaria de lhe fazer alguma pergunta. Contudo, foram atrapalhados pela chegada inesperada de familiares que os abordaram, impedindo--os de esclarecer a questão que tanto incomodava a Heber e, pelo visto, também a Tubal.

Agora ali estavam os dois se entreolhando, enquanto o patriarca, acompanhado de Sem, começava a abordar o tema a partir das palavras de Nemrod, que também ali se encontrava presente.

— Quando dos meus primeiros dias após a devastação, adverti aos meus três filhos, e Sem deve disso se recordar, que, de acordo com as ordens do Criador, deveria eu aproveitar aquele novo tempo e procurar ensinar à minha descendência o que fosse apropriado para o futuro, para o novo mundo que o Senhor me fez pensar que iria surgir. De fato, surgiu esse novo mundo que, se comparado ao anterior que conheci, é realmente novo. Porém, estranhamente, apresenta ainda traços comportamentais que pensei seriam extintos com os que morreram. Erro meu ou equívoco no meu entendimento, o que dá no mesmo... Ou será que o Senhor hesitou de alguma maneira? Pergunto-me porquê, depois, se confessaria arrependido de ter promovido tamanha devastação. Não sei se foi isso, mas muitos humanos com traços indesejáveis sobreviveram, o que pensei, nos primeiros dias, não ter acontecido. Agora, forço-me a aceitar os fatos!

O patriarca olhou longamente para Nemrod e disse:

— Você será, sem dúvida, ó meu filho Nemrod, um grande chefe de povos. Você nasceu com o poder de concentrar força, de superar obstáculos, de perseguir estratégias e de liderar homens, e o Senhor precisa de agentes dos seus desígnios com essas características. Mas tenho dúvida, o confesso, se a sua decisão de aceitar homens desviados das suas funções sexuais é

profícua. Quanto à união de filhos e filhas do nosso sangue com estrangeiros, até admito a ousadia de pensar que o seu tirocínio está correto em agir assim na sua região. Isso contraria os nossos costumes, mas não macula o nosso sangue, pois tão somente acrescenta à nossa linhagem uma descendência que não é pura, o que não representa um grande problema, se observarmos que pior ainda poderá ser a alternativa, se não procedermos desse modo. Contudo, haveremos de consultar o Senhor, que nos deverá ordenar e orientar sobre esse aspecto do novo mundo que ele afirmou pretender construir por meio do nosso povo. Já conversei com Sem sobre essas questões, e sei que ele concordou comigo, o que me permite lhe dizer que, por enquanto, continue com a sua estratégia; mas vamos voltar a conversar sobre essas questões daqui a quatro ciclos lunares, período no qual acho prudente refletirmos mais apropriadamente sobre tudo. E estimemos que o Criador nos dê a graça de nos orientar.

Voltando-se para Tubal e Heber, o patriarca emendou:

— Pedi a vocês dois que permanecessem para que pudesse dizer exatamente o que acabei de dizer a Nemrod, sobre ter sido minha a afirmação de que apenas a semente do nosso povo iria prevalecer sobre a devastação e que, assim, os vícios e as maldades do passado, não iriam ter lugar entre nós. E vocês puderam constatar que assim não se verificou ou, pelo menos, só em parte. De fato, o nosso povo permanece limpo das impurezas dos tempos passados e muito feliz me deixaram as notícias vindas do povoamento que Tubal fez no oeste, trazidas por Heber. Isso nos permite mesmo vislumbrar que uma descendência, ainda que indireta, da nossa linhagem, pode ali prevalecer no usufruto dos bons costumes e das virtudes encomendadas pelo Criador. Contudo, Nemrod usou de um grau de sinceridade que, se, por uma lado, põe lenha seca no fogo das discussões, por outro lado pode ter o poder destruidor de, em produzindo um fogo maior do que o desejado, gerar um grande incêndio, sem ter sido este o intento. Mas ele o fez porque tinha que fazê-lo, por força das suas responsabilidades.

Diante das sábias palavras do patriarca Noé, Nemrod respirou profundamente aliviado, porque até aquele instante, estava se sentindo desassossegado por ter sido ele o promotor de tanta discussão. Sorriu sentindo-se, finalmente, em paz consigo.

Noé olhou fixamente na direção de Tubal e de Heber, e endereçou-lhes a mais terrível das perguntas:

— Vocês se sentem em paz como Nemrod agora se sente, por ter

cumprido com a sua função, apesar dos riscos que o fato trouxe para a sua própria sensibilidade? Vocês dois já me transmitiram tudo o que tinham para dizer?

Era visível a inquietação dos dois homens, o que por si só respondia claramente à indagação do patriarca.

— Falem, meus filhos, e aqui imponho o sigilo que o meu poder pode dispor sobre o que aqui for dito, até que eu mesmo decida se podemos liberar, ou não, o conteúdo das nossas preocupações. Há tempos, Tubal, desde o seu retorno após o longo tempo nas terras do oeste, compreendi que algo o angustiava, pois algumas vezes penso ter percebido um silêncio da sua parte que era tão somente o resultado de uma hesitação em querer abordar algo comigo, e não o fazia, acho que preocupado com a minha reação. Enviei Heber para as verificações de costume, e nem ele e nem seu filho que o acompanhou me olham por mais do que um instante.

Tubal estava com os olhos fixos no chão, algo arrependido por não ter atendido ao convite de Heber para conversarem. Agora, não mais lhe restava qualquer opção, a não ser a de falar a verdade.

Enquanto Heber procurava organizar as ideias ou, pelo menos, os temas principais do que escutara de Melmon, de Despina e de Asser, Tubal decidiu contar o que apreendera da experiência, que, no seu caso, resumira-se a algumas conversas tidas com Melmon.

— Quando por lá estive, conversei com muitas pessoas sobre a tradição da nossa linhagem, e fui respeitosamente escutado e penso mesmo que eles assimilaram, em seus corações, a mensagem de honestidade, de retidão e das virtudes que compõem o legado moral dos nossos ancestrais. De algumas poucas que tinham conhecimento muito acima do meu, reservadamente escutei que o Ente Poderoso a quem veneramos ainda não consegue governar, porque muitos obstáculos O impedem de fazê-lo; que Ele, de modo estranho, não aparece para os humanos como outros entes poderosos fazem para os seus seguidores, porque a Sua forma ainda está em construção, e esse processo parece se apoiar no sangue que move a vida nos humanos.

Tubal olhou para o patriarca Noé como se a lhe pedir desculpas, e observou o seu semblante impassível, o que o motivou a seguir adiante.

— Diferentemente do que nos foi dito... Pelos nossos ancestrais e que foi reproduzido pelas suas palavras, ó venerável, a nossa linhagem, antes da devastação, também padecia dos mesmos problemas dos demais humanos, pois era observado que, de cada dois, três, quatro ou cinco filhos nascidos de

alguém da nossa linhagem, alguns apresentavam tendência de comportamento inadequado no campo da maldade, da desobediência aos pais, da postura em relação ao sexo e, acima de tudo, na inobservância à importância que damos ao ente poderoso a quem veneramos, o Criador de todos os seres e de todos os mundos. Parece que, com as mulheres, não havia problemas, mas isso não tem maior importância, porque não se marca no sangue de um povo...

— Marca sim, Tubal, deve marcar muito mais do que pensamos, porque todos os homens nascem das suas mães e dela recebem a educação e todos os cuidados da manutenção da vida... O problema é que herdamos e repassamos as notícias dos nossos ancestrais somente demarcando os feitos dos homens, porque assim tem sido desde sempre. Lembremo-nos que veio de Eva, a mãe da humanidade, o sangue de todos os que dela descenderam. Mas entendo o que você pretendeu dizer — ponderou Noé, agora algo pesaroso.

Após alguma hesitação, ele próprio retomou a palavra.

— Na medida em que os fatos são assim, tenho a obrigação de lhes dizer algumas coisas, sobre as quais preferia silenciar e deixar os fatos como estão. Mas o ritmo da vida me impõe aqui retificar algo que deixei vocês todos pensarem como sendo a vontade do Criador. Realmente, os nossos antepassados não estavam livres dos problemas advindos do sangue doente da nossa mãe Eva. O Criador tentou escolher, do que já existia, algo que ainda não estivesse infectado pela sujeira que outros entes poderosos terminaram por marcar neste mundo. Mas o seu desígnio não logrou o resultado esperado e, mesmo quando, em certa etapa da sua criação, pensou ter conseguido, as forças do mal sujaram Eva com a sua maldição e ela fraquejou e instigou o pai Adão a fazer o mesmo, e ambos alteraram o sangue que possuíam. Desde então, todos os que nasceram, o fizeram e o fazem com essa marca no sangue que precisa ser corrigida e é a isso que o nosso Senhor se dedica. Nós, enquanto linhagem escolhida, somos o seu instrumento. Prefiri silenciar sobre esse aspecto na esperança de que, nesse mundo novo, os nossos descendentes não mais precisassem saber de como o passado foi problemático. Por isso lhes disse e lhes deixei pensar que os nossos antepassados da linhagem não tinham problemas de conduta... Tiveram, sim... Mas já não sei precisar os fatos daqueles dias, pois algo em mim sempre quis isso esquecer. Todo o meu esforço foi e é no sentido de tentar descobrir se a sujeira no sangue da humanidade sobreviveu à devastação e, caso tenha sobrevivido, quanto dela está hoje semeada nos corações

humanos. Esse é o temor com o qual convivo, e a sua gestão me cobra implacavelmente todos os movimentos da minha vida — concluiu o patriarca em tom mais grave ainda.

— Que culpa teve a nossa mãe Eva nesse contexto? — perguntou Tubal.

— Não chegaram até mim todas as componentes dessa história, e hoje não temos mais como sabê-las. Mas Matusalém, filho de Enoch, era um ilustre conhecedor das coisas do passado, e ele transmitiu ao seu filho Lamech, meu pai, que morreu com a inundação, muitos mistérios do passado. Prestem bem atenção! Houve um tempo em que existiam entes poderosos animalizados, e outros que não eram nem macho nem fêmea. Existiam, assim, filhos e filhas dos que eram animalizados. Os que não eram nem macho nem fêmea eram engendrados de outro modo, que não sei explicar. Tanto os filhos como as filhas desses entes poderosos que portavam órgão sexual tiveram relações indevidas com os filhos e com as filhas dos homens. Foi desse contexto que surgiu um primeiro Adão, que viveu quase seis mil ciclos do nosso mundo, depois um outro, que viveu um pouco mais de quatro mil ciclos, até que surgiu o Adão escolhido para ser o foco da nossa linhagem. Assim foi com as reproduções dos casais dos primeiros tempos dos ciclos solares daqueles dias, em que ainda não existia vida obediente neste mundo. Do mesmo modo também foi com a nossa mãe Eva, pois outras existiram antes, mas sem atender às exigências do Criador. Depois, os melhores sangues foram urdidos, como os humanos escolhidos pelo Criador, mas, ainda assim, com as sujeiras das forças do mal que a todos contaminaram, o que fez de todas as criaturas humanas portadoras de um problema a ser resolvido pelo Criador. Nascemos, portanto, impuros! O sentido das nossas vidas é o de limpar essas impurezas e, por isso, devemos o temor e a obediência ao Criador. Não sei — e nem os nossos antepassados se referiram ao fato de saberem — se teria sido possível à nossa mãe se sobrepor às imperiosas pressões dos entes poderosos que pretendiam subjugar as criaturas deste mundo. A nossa mãe sucumbiu porque, talvez, não lhe fosse mesmo possível resistir. Mesmo isso os nossos antepassados, ou não conseguiram criar o entendimento correto sobre a sua queda, ou, caso o tenham feito, o que foi repassado até os dias do meu pai Lamech não mais contemplava essa compreensão. Mas isso não nos deve enfraquecer; ao contrário, precisa crescer em nós a obrigação que temos em renovar a vida.

— Deve ter sido por isso que o sábio Melmon se referiu a um “modelo” que estava sendo montado a partir do sangue da nossa linhagem — ponderou

Tubal.

Heber estava surpreso com o quanto Tubal e Melmon conversaram. Melmon não havia deixado claro que a conversa tinha sido em termos tão profundos.

Talvez por Tubal ser menos apegado às tradições do que eu, por ele não pertencer à linha mestra da linhagem herdada por Sem de Noé, pode ter sido mais fácil e aberta a conversa entre eles. Melmon deve ter se sentido mais à vontade com ele do que comigo para falar dessas coisas — pensava Heber.

A voz do patriarca soou sem que os demais esperassem que ele fosse continuar a falar.

— “Modelos”, existiram muitos e de muitos tipos, contava meu pai. Lamech recolheu muita coisa de Matusalém e de Enoch, só que, principalmente do seu pai Matusalém, que muito soube via Enoch, que esteve diretamente com o Criador e com algumas classes de entes poderosos que o assistiam permanentemente, mas também com Jared, pai de Enoch. “Adão” não era um nome... Existiram muitos deles, como já disse... “Adão” era uma linhagem de homens, do mesmo modo que Eva também não era um nome. Existiram muitas histórias... Muitos passaram a viver sem ter nomes, identificação... Houve um tempo em que não se dava nome às pessoas da raça humana, pois delas não se esperava uma identidade. Mas essa identidade surgiu, ainda que contra à vontade do Criador, cujo plano era outro: ele desejava ver nos humanos “identidades obedientes” como a dos entes que o obedecem, o temem e o adoram. As forças do mal geraram toda essa confusão no sangue dos que foram urdidos para viver neste mundo, que é o caso da humanidade. Mesmo entre os tais seres, aos quais me referi, que são celestiais mas que são definidos também como macho e fêmea, pelo menos em alguns deles, parece ter havido confusão no sangue que portam... Se assim posso me referir aos seus corpos. No bojo dessa situação vivida por eles, parece ter sido criado um tipo de modelo com vistas a algum projeto, mas que não funcionou. Por não ter funcionado neles, fomos produzidos... Em algum ponto desse processo surgimos nós, os humanos com identidade, e isso foi estabelecido no nosso legado como tendo sido a partir de um Adão e de uma Eva, mas existiram muitos. Sobre o nascimento de Seth, o terceiro filho de Adão e de Eva, existem mistérios sobre os quais jamais saberemos. Até mesmo sobre o meu nascimento, o meu pai Lamech me informou que também existem coisas inexplicáveis. Confiemos no Criador que tanto urdiu os entes poderosos como a nós, os humanos.

— Conheci... Ou melhor, eu e meu filho Joctan conhecemos um desses seres... — exclamou Heber, timidamente, enquanto todos os presentes se voltaram para ele.

MISTÉRIOS DE UM PASSO ESQUECIDO

O PATRIARCA se levantou sem a ajuda de ninguém e caminhou alguns passos em silêncio, como se o seu velho hábito de caminhar no fim de cada tarde pudesse ser ali reproduzido em escala menor.

Depois de permanecer algum tempo parado, fez meia volta e retomou o lugar onde se encontrado sentado.

— Também conheci alguns poucos, mas meus antecessores na linhagem vivenciaram isso muito mais que eu e meu pai, Lamech. Jared, Enoch, Matusalém, mas principalmente Enoch, que viu de tudo e esteve, inclusive, com o Senhor. Os demais estiveram com outros entes poderosos, mas não com o Senhor. Meu pai, Lamech, não sabia ao certo quantos tipos de entes poderosos existiam, e nem mesmo quais eram os vinculados ao Senhor. Menos ainda sobre aqueles que agiam atendendo a objetivos desconhecidos. Conheci a obra de Enoch e de Matusalém, mas muito se perdeu na devastação — disse o patriarca, como se hesitando em continuar com o assunto.

— Nunca pude perguntar e meu pai, Cuch, jamais mencionou isso... Ele jamais se referiu às circunstâncias em que o Senhor falou consigo, ó Pai Noé! Você O viu? O que Ele lhe disse? — perguntou Nemrod, para a surpresa dos demais.

O patriarca não pareceu surpreso com o questionamento, apesar de que era característica da cultura de então os mais idosos falarem o que quisessem, sem jamais serem questionados pelos mais novos e, mais ainda, no caso do patriarca.

Noé olhou algo divertido para Nemrod, e respondeu por entre sorrisos:

— É melhor que eu o diga antes que me vá, porque sei que ninguém mais

me perguntará isso. Não, eu não vi o Senhor, e acho que, à exceção de Enoch, ninguém o viu... Bem, talvez Adão o possa ter visto. Depois de muito refletir, acho que Enoch o viu, porque foi levado para lá, para a Sua sua morada, de onde jamais saiu. Coincidentemente, esse era um dos pontos centrais dos temas abordados por Enoch — que o Senhor o tenha, porque ele não morreu entre nós, pois foi levado, e é nossa crença que até hoje permanece ao Seu lado. O Senhor nunca deixou o Seu céu, o Seu palácio, nunca veio ter conosco diretamente, é o que os Seus representantes e ministros disseram a Enoch. Ele fala conosco de lá e usa esses ajudantes, que são também seres muitos poderosos, para nos fazer cumprir as Suas ordens. Ele me ordenou que construísse uma arca flutuante, mas vedada em todos os seus espaços, e que nela coubessem os animais que eu pudesse recolher, sendo, principalmente os domesticados. Ele me impediu de trazer mais humanos... “Somente os da sua família”, ele ordenou. Quanto aos animais, deveriam ser os que eu conseguisse alocar na arca e que não representassem perigo para nós. Foi isso! Ele me disse muitas vezes, deu-me diversas instruções. Falou que os maus não sobreviveriam, e que ele iria limpar o sangue dos viventes das sujeiras que o tempo construiu na sua obra, corrompendo-a! Disse que a semente do Pai Adão estava em mim e nos meus descendentes, e que longa seria a minha vida, para tornar possível a ocupação de todo este mundo pelos meus descendentes, e que eu precisaria cuidar disso velando pela pureza do nosso sangue — contou o patriarca, como se estivesse rememorando tudo aquilo com certa dose de esforço mental.

— E esse ajudantes... Os entes poderosos que servem ao Senhor e que cumprem as suas ordens, alguma vez os viu? — tornou a perguntar Nemrod.

O patriarca, demonstrando menos humor do que na pergunta anterior, respondeu, só que, dessa vez, bem lentamente.

— Antes da devastação, quando estava ainda construindo a arca, vi alguns desse seres... Eles me observavam... Aconteceu diversas vezes, mas não sei quem eram e se tinham algum vínculo com o criador. Nunca falaram comigo... Esses nunca o fizeram, mas outros, que não vi, deram-me muitas orientações em nome do Senhor, quando da construção da arca. Parecem ser humanos, como nós, mas desconfio do corpo deles... Parece semelhante ao nosso, mas o modo como agem... Isso tenho muita dificuldade em entender. As tradições dizem que eles nem sempre respeitaram os humanos, mas os vinculados ao Senhor, esses sim, confio que nos respeitem, pois nem mesmo sei o quanto me ajudaram — completou Noé, ao mesmo tempo em que

firmava seu olhos em Heber, pedindo que ele narrasse a sua experiência com o ser que afirmou ter encontrado.

— Meu filho Joctan relataria o ocorrido melhor que eu, pois muitas vezes me vi pensando, aterrorizado, sobre as coisas que escutei, e sei que muito perdi sobre elas, exatamente pelo atordoamento constante em que me vi ao lidar com aquelas notícias... Mas reproduzirei, sem introduzir minhas opiniões, o que me foi dado registrar na memória.

Heber narrou superficialmente o teor das conversas mantida com Melmon, registrando que Tubal já havia reproduzido, de modo ainda mais significativo, as ideias dele e as notícias do passado. Começou a aprofundar a sua narrativa quando passou a relatar o encontro com Despina e seus lobos.

Heber resolveu não poupar o patriarca de algum possível desagrado, e ressaltou, ponto por ponto, todo o conjunto desconcertante de informações que ele havia colecionado quando do seu contato com Despina. O relato de Heber muito contrariou o patriarca, e o fez ficar de pé em alguns momentos.

Indefinição do Criador quanto à Sua forma de ser; o modelo de conduta que Ele queria dos humanos e não conseguira obter; a escolha da linhagem de Adão para a construção desse modelo, associado ainda à questão de que os humanos eram o que a semente do Criador neles existente os impelia a ser — eram tão perturbadores os conceitos que o patriarca escutava de Heber, que o fizeram, em uma das ocasiões em que estava de pé, de costas para o grupo e olhando para a parede da caverna, levantar uma das mãos pedindo uma pausa para confessar que, com ele, estava se dando o mesmo atordoamento descrito por Heber, o que o fazia perder parte da narrativa enquanto procurava organizar as ideias em torno daquelas notícias.

— Acreditamos que todos os seres que existem vieram do Criador, inclusive esse ser... Esse ser que parece ser uma senhora, apesar de ter lhe dito que não era nem macho nem fêmea, veio também do Criador, nisso acredito, pois ele me disse: eu sou pai e criador de todos os seres que existem; contudo, não me comprazo com todos, pois muitos se corromperam. Ele me disse isso! Mas como compreender toda essa questão de indefinição do Criador? A indefinição de suas criaturas? E as definições que desvirtuam o que a própria natureza definiu? Não consigo compreender! Nisso tudo, somente consigo entender o modelo que ele espera criar por meio da nossa linhagem... Isso eu posso entender, e dedico a esse objetivo a minha vida e sei que vocês também assim ofertam as suas existências — ponderou o patriarca.

Foram interrompidos pelo chamado para a refeição, ao qual todos atenderam prontamente.

Alimentaram-se em silêncio, antes cumprindo o ritual de agradecimento. Mas, depois da formalidade usual, cada um permaneceu perdido nos seus próprios pensamentos, os quais estavam plenamente pulsantes junto com a rememoração das observações de Despina transmitidas por Heber.

Algun tempo depois estavam novamente reunidos para escutar o restante da narrativa de Heber, que, dessa feita, sem maiores hesitações, detalhadamente explicou a história do eremita Asser, das suas marcas, do motivo da morte do irmão de Caim segundo a “versão proibida” que levava em conta a covarde influência do Senhor sobre as suas criaturas, e lá estava novamente o velho patriarca em pé, como se olhando para a parede da caverna naqueles momentos tão estranhos para a sua sensibilidade, talvez porque desejasse que ninguém pudesse observar a sua face, para não perceber o que estava acontecendo no seu íntimo.

Ao final da narrativa de Heber, para espanto dele, de Nemrod, de Tubal e de Sem, Noé se põe de joelhos e se prostra, como se soltasse um lamento de dor moral indefinível.

Os quatro agitadamente se movem no sentido de o ajudar, pois o som que ele expressou parecia o de uma dor física insuportável, o que os fez pensar em algo mais grave.

Após um certo tempo ele os tranquilizou, levantando o seu rosto com a fronte marcada pelo contato com o solo, enquanto fixava a sua vista em algum ponto do espaço a sua frente.

— Dói-me muito escutar tudo isso... O Senhor me disse que teve que se recriar, que gerou tudo, mas teve que se refazer e ainda se refaz, mas não sei o sentido do que escutei... Jamais compreendi o significado profundo do que ele me informou. Disse-me que todas as criaturas o servem, e acho que o fazem exatamente por isso. Mas algumas linhagens parecem ter saído do seu controle, e a dos humanos compõe a sua criação mais recente, mais nova, apesar de não ter saído conforme os seus desígnios plenos. Daí a sua importância para o modelo que precisa surgir neste mundo, porque não saiu do jeito que ele queria, e nós fomos os escolhidos tanto para fazer cumprir os seus desígnios como para produzir esse modelo, que deverá ser a base de tudo o mais que ainda precisa surgir na criação. Por isso o seu zelo implacável, e tudo o que distorce o seu desígnio precisa ser ajeitado, corrigido ou então aniquilado, e daqui surge o meu sofrimento silencioso,

pois ele delegou a mim essa responsabilidade. Eu mal tenho suportado conviver com tamanho peso, e peço ao Senhor que me deixe morrer, que me livre desse fardo, pois não o suporto. Somente vivendo esse tormento é que pude compreender o que Enoch afirmou quando disse que o Senhor atormentava os seus eleitos. Mas ele o faz devido a esse aspecto do seu modo de ser, e acho mesmo que Enoch não pôde entender isso no seu tempo.

Noé levantou-se com a ajuda de Sem e de Nemrod, que lhe estavam mais próximos, e de pé permaneceu enquanto pousava seus olhos fixamente em Heber.

— Sei que os desígnios do Senhor são estranhos para o meu entendimento, mas envolver Caim para que viesse a matar Abel, é por demais atroz até mesmo para a minha sensibilidade, que já constatou por si mesma quão insensível é o Senhor nas difíceis decisões que tem que tomar para dar curso à sua criação. Desculpe-me, ó meu filho Heber, porque sei que somos todos homens de uma só palavra... Mas é certeza fatal do seu entendimento que o eremita tenha afirmado isso? E esse homem é confiável no sentido de podermos tomar isso como fato da nossa história? — questionou o patriarca.

— Não sei, ó meu pai, não sei...

— Fale-me sem hesitação... Se somente houvesse uma impressão sua a ser recolhida da sua sensibilidade, e o tivesse que fazer num rompante, ele estaria sendo contado pelos seus critérios morais como sendo um homem virtuoso?... Diga-me sem demora! — ordenou Noé.

— Sim! Nesses termos, não tenho outra resposta a não ser reafirmar que sim, o velho Asser é bem mais que isso... Sim, não tenho como dizer a mim mesmo que ele não seja um homem com honra e virtude, pois ele é por demais honrado e virtuoso. Ele é de medir as palavras e também é econômico e cuidadoso nas classificações... Ele carrega consigo tesouros como também tragédias, as mais obscuras, que entristecem a alma. Falando em tesouro...

Heber se levantou e foi até onde estava o seu alforje, e dele retirou o saco de couro que Asser havia lhe dado, enquanto o depositava nas mãos do patriarca.

— Eis algo que ele me deu... E o fez porque afirmou que iria morrer dentro em breve, devido à sua avançada idade e às mazelas que nele prevaleceram na luta pela sobrevivência perante a devastação. E como não possuía nenhum descendente, já que desconfiava que todos teriam morrido durante às tempestades e enchentes, ele deu a Joctan essa bolsa com seu conteúdo, e lhe disse palavras enigmáticas que agora não recordo com

segurança. Segundo Asser, essas folhas trabalhadas com sinais sempre pertenceram aos seus ancestrais, ou seja, aos descendentes de Caim, e que, para eles, representavam parte do tesouro das suas tradições. Ele tentou me explicar, sem concluir devido as suas próprias hesitações, que os sinais nelas desenhados representavam as falas dos entes poderosos do Senhor.

— São sinais bem diferentes dos que me acostumei a decifrar dos registros de Enoch... Não tenho ideia do que possam significar, e talvez, com a desgraça que se abateu sobre este mundo, não tenha sobrevivido alguém que o saiba. Se assim for, isso será uma relíquia dos registros de um tempo passado... O pai do meu pai, Matusalém, uma vez me disse que ele e seu pai Enoch aprenderam a fazer os registros, nos moldes em que as regras vieram de Seth, passando por cada patriarca até chegar ao tempo deles. Mas eu não sei dizer de onde Seth apreendeu os seus desenhos e os seus significados. Porém, se esses vieram de Caim, que era irmão de Seth, deveriam observar os mesmos critérios de lógica, mas não é isso que percebo nas folhas do eremita. Não compreendo! — disse Noé.

— Será que, pelo fato de Caim ter sido destinado a se estabelecer em outra região, em conhecendo a lógica dos registros que Seth perpetuou, ele criou um sistema próprio para sua descendência? — perguntou Heber, como se falando para si mesmo — E se for uma lógica de registro que os entes poderosos ensinaram para que ele pudesse fundar uma linhagem distinta da de Seth?

— Talvez... Pode ser — respondeu Noé, enquanto emendou — Não sei o que fazer com isso e, de minha parte, tenho mesmo que repassar para os seus cuidados, ó meu filho Sem, os tesouros que compõem o pacto do pai Adão com o Senhor, o que restou dos registros de Enoch e de Matusalém e o que eu mesmo registrei da minha aliança com o Senhor, cujos termos importam a toda a nossa descendência. Quanto a essas folhas, se o eremita as deu a Joctan, mais uma vez penso que elas devem permanecer sob os seus cuidados.

— De quem o pai Adão recebeu o aprendizado sobre o modo de registrar as palavras? — perguntou Nemrod.

O patriarca olhou para Nemrod, mas, agora, não mais se percebia em seus olhos o bom humor antes existente. Meio que a contragosto, começou a construir lentamente a sua resposta.

— Existiram vários pais Adão e diversas mães Eva no Éden; pelo menos é isso que meus ancestrais informaram às suas descendências (n.e. – Atentar

para o fato de que, no tempo de Noé, não existia a crença de que “Deus havia criado Adão do barro e Eva da costela de Adão”. Essa versão somente surgiria milênios mais tarde, ao tempo de Moisés. Na verdade, nesse tempo, a expressão “deus” ainda não existia no vocabulário humano). O último casal escolhido foi laboriosamente trabalhado e adestrado pelo Senhor e seus entes poderosos, até que um, dentre eles, furtivamente, interferiu no processo, e fez da nossa mãe uma agente das suas ideias e dos seus propósitos, o que levou nosso pai Adão a apoiá-la, ainda que contra a vontade do Senhor. É o que sabemos! Antes deles, parece já ter existido formas de registro das informações que eram usadas por muitos entes poderosos, inclusive aqueles vinculados ao Senhor. Ali — o patriarca apontou para uma pequena reentrância discretamente visível numa parede mais distante localizada no fundo da caverna — tenho guardado os preciosos tesouros que trouxe comigo dos tempos antes do dilúvio. Somente crianças conseguem lá penetrar, e foram elas que me ajudaram e ajudam, obviamente que sem saber do que se trata, a manter esses registros e outras peças escondidas. Digo-lhes a meia-verdade de que são presentes que meus pais me deram e que preciso guardar, e, para tanto, elas são as minhas protetoras, o que enche os seus olhinhos de brilho ao se sentirem meus soldados. Atrás daquela parede está algo semelhante a um conjunto de folhas bem organizadas que, segundo os meus ancestrais, o pai Adão recebeu de um desse entes que trabalha ao lado do Senhor, e que a Adão tudo foi explicado sobre o seu sentido e o significado de cada um de seus sinais. Contudo, o conjunto foi perdido na confusa época em que viveu Jared, devido à descida de entes poderosos estranhos ao Senhor, exatamente na colina onde estabeleceram uma base, expulsando de lá o pai de Enoch, o que quase desgraçava a sua vida. Muito tempo depois Lamech, o meu pai, o resgatou junto a esses entes e me deu para a sua guarda, o que faço até hoje. Está próxima a hora em que devo deixar esta vida, e preciso tomar uma decisão que muito me pesa...

Os demais se entreolharam porque havia, entre eles, a compreensão de que, desde que descera da arca, o patriarca, quando defrontado com algum assunto sério, quase sempre, em tom dramático, dizia algo no sentido de “ser próximo o tempo em que teria que deixar esta vida” e, apesar de assim dizer, ainda estava ele ali, enquanto muitos bem mais jovens morriam.

Aquele seu “hábito psicológico” ou fosse lá qual a razão que o levava a se sentir daquela maneira, para os mais íntimos, havia se tornado motivo de sorrisos discretos prenes de uma respeitosa ironia para com o “velho

discurso” do patriarca.

— O que me foi dito é que um ente poderoso apoiador do Senhor, chamado Aya Raz Yel, deu o conjunto das folhas com os registros provenientes dos desígnios do Senhor, cuja forma de registro já era praticada pelos entes poderosos antes mesmo do mortal inteligente humano Adão existir. Nele, Aya Raz Yel passou à humanidade, por ordem do Senhor, um conhecimento para ser adquirido no futuro, que nem mesmo os demais entes poderosos de então tinham acesso. Eles possuíam a forma do registro, mas não o conhecimento, a compreensão necessária para a decifração. Desse modo, os meus ancestrais achavam que aos humanos foi dado um manual de conduta cujos registros poderiam até mesmo se tornar incompreensíveis com o passar do tempo, mas cujo conhecimento, aos poucos, iria surgindo e sendo repassado de geração em geração. Segundo acredito, nele estão as chaves que resolvem a decifração dos símbolos que representam os problemas da vida que precisavam ser, um dia, corrigidos. E caberia ao sangue da nossa descendência, escolhida como herdeira do sangue de Adão, fazer essas correções, conforme o modelo proposto pelo Senhor.

O patriarca permaneceu um longo tempo em silêncio após as suas últimas palavras.

— Se esse modelo estava e está plenamente descrito no conjunto dado por Aya Raz Yel a Adão, hoje não mais o sei, pois não conheço todos os registros, e já meus pais também não os conheciam. Desconfio, pela pressão que recebi do Senhor, que o conceito sobre esse modelo parece ter sofrido indefinições ou mesmo distorções, e, por isso, o Criador me força a obedecê-lo fielmente, no sentido de enaltecer o modelo de humano que ele precisa ver existindo neste mundo. Ele me disse, certa feita, que, do mesmo modo que as sementes trazem consigo o segredo das árvores frondosas e de seus frutos, cada parcela particularizada do que ele represou em si mesmo, ele repassou para a criatura humana individualizada, porque ele precisa do conteúdo elaborado pela lavratura humana, ou seja, ele precisa dos frutos dos nossos pensamentos, das nossas emoções e das nossas ações. Agora que existimos, os frutos que cada um de nós produz, o Criador os saboreia, mas tem detestado aqueles que estão vindo dos humanos depravados, apartados da obediência que ele nos exige em relação ao modelo que precisa ser cumprido por nós. Por isso, se por um lado somos pequenos pela nossa insignificância pessoal, somos grandes perante os olhos e o gosto do Senhor, porque procuramos agradá-lo como forma de agradecer pela dádiva da existência que

dele recebemos. Segundo ele, até a consumação da sua obra, permanecerá vendo o que lhe é do agrado ou não, para somente absorver o que lhe for útil, no seu engendramento que ainda não foi finalizado, na sua reconstrução que ainda está em curso, e que somente se consumará no final dos tempos da sua urdidura. Do mesmo modo que, ao ingerirmos comida estragada passamos mal, o Criador, ao receber das suas criaturas perdidas os frutos das suas loucuras, nele causa mal estar, e já não mais suporta tanta desobediência.

O patriarca novamente se calou, agora para beber um pouco de uma poção feita à base de ervas que se encontrava numa jarra à disposição dos presentes.

Nemrod observou a todos, e percebendo que o silêncio seria mantido até o patriarca voltar a falar, se é que tal se daria, resolveu, então, perguntar:

— Meu pai, com todo o respeito... Nesse modelo, os homens que tive que contratar para construir as cidades que ampliarão a nossa presença na região, produzem frutos desagradáveis aos olhos do Senhor? Se ele criou os seres humanos...

O patriarca praticamente calou Nemrod com o seu olhar fixo voltado para ele. Realmente, em toda a vida de Noé, ninguém jamais ousara questioná-lo tão abertamente sobre aqueles assuntos. Nem ele próprio se atrevia a pensar neles, e mal se recordava a última vez que o fizera.

— Não leve a sua pergunta adiante... Não sei respondê-la ao certo. Houve tempos em que já pensei muito sobre esse aspecto, e, como já disse ou pretendi dizer, independentemente dos motivos de os fatos serem assim, ou de os acontecimentos terem se sucedido dessa maneira, tudo o que me permito saber é que precisamos perseverar no conceito do modelo de homem que precisa existir na Terra, e que o nosso povo é o instrumento do qual se serve o Senhor para a sua correção. Não avancemos além disso! Essa abordagem deve encerrar definitivamente qualquer desdobramento, doravante, sobre o assunto. Não podemos passar para os nossos descendentes dúvidas sobre isso. Precisamos alinhar as nossas palavras e atitudes com os critérios que sabemos existir nesse modelo. Homens voltados para o mal, para a mentira, para a disputa infundada, para a depravação e para a não observância aos preceitos que o nosso povo preserva como sendo as ordens do Senhor, não devem transitar no nosso meio. Contudo, como já transmiti a Nemrod e a vocês, precisamos saber exercitar as exceções quando da interação e do convívio com outros povos, com outras crenças, mas delas nos afastando o mais rapidamente possível, para que não haja contaminação das

suas depravações comportamentais junto aos nossos descendentes. Cada chefe de área terá que saber sensatamente a necessidade dessa possível interação, mas também quanto à inevitabilidade da sua dissolução, no tempo adequado, quando tal vier a existir. Compreendam: o conjunto dos preceitos dados a Adão, continha e contém os mistérios do porquê o Criador necessita das suas criaturas, para que elas vivam e devolvam o que foi vivido por elas de volta a ele. Somente os alinhados com a crença correta poderão viver de modo a atender esse desígnio. Sobre aqueles que se encontram apartados dessa observância, não esqueçam, ó meus descendentes, o Senhor, de tempos em tempos, como já fez, fará cair toda sorte de desgraça sobre as suas cabeças. É por isso que nós não podemos conviver com eles, sob pena de também caírem nas nossas cabeças as punições que sempre virão, pelo mau uso que essas pessoas fizeram delas mesmas, e pelos frutos podres que produziram para o Senhor. E não esqueçam: o Senhor a muitos mundos criou e a muitos mundos destruiu — afirmaram os nossos antepassados. E isso talvez ele tenha feito pela depravação moral dos seus habitantes, e não podemos permitir que isso aconteça no nosso mundo. É essa a nossa missão. Não podemos titubear! Se tivermos que errar, que o façamos pelo excesso de zelo, mas não pela omissão ou hesitação criminosa. Além disso, somente as situações estratégicas de exceção devem ser observadas, como a que já me referi como sendo a inevitável interação com outros povos. Nisso precisamos exercer a maestria da prudência e da sagacidade.

Para surpresa de todos, ouviu-se a palavra de Sem, cujo feitio era, na frente do pai, jamais dizer coisa alguma, a não ser em resposta a alguma solicitação vinda dele.

— Meu pai... Não será muito dureza dos nossos corações tratar questões de postura sexual com o mesmo peso das maldades e das perversões? Acho...

— Mas isso é uma perversão, a mais putrefata das perversões e uma maldade para com as leis do Senhor — esbravejou o patriarca, que não disfarçou, com aquela atitude, o quanto aquele assunto o incomodava e o feria. — Ó meu filho Sem... — Noé levantou-se e abraçou o filho, que também já era adiantado em idade — peço o seu perdão. Não deveria ter lhe interrompido, pois ninguém mais me respeita, como também ao Senhor, na altura em que você o faz. Mas não podemos deixar essa questão em aberto para a educação dos nossos filhos. Além do mais, ainda que achemos dureza de coração, o Senhor assim o determina, por mais que esse desacerto faça parte da sua criação e, sob certa ótica, caberia a ele mesmo resolver. Mas eis

que o Criador de todas as coisas nos ordena que o façamos! Precisamos fazer! Como não fazer? Estranhamente, os entes poderosos do Senhor parecem não possuir sabedoria para lidar com certas questões da sua obra. Talvez, por isso, ele tenha nos criado para sermos ferramentas de alguns ajustes que outros níveis da hierarquia que o cerca não conseguem realizar, por motivos que desconhecemos. Uma vez Matusalém disse a meu pai, Lamech, ter escutado de Enoch que o poder que os entes poderosos postados ao lado do Senhor emanavam era tão dependente do fogo central, que era tão imenso e intenso, que eles pareciam não ter vontade própria, não poder agir, a não ser movimentados pela vontade do próprio Senhor. Nunca compreendi essa informação completamente, e somente quero com ela dizer que todo um contexto estranho e desconhecido para nós existe envolvendo o Senhor, e nós, os humanos, somos somente uma das suas criações. Devemos, portanto, obedecê-lo em tudo, porque somos, aqui neste mundo, os seus olhos, os seus ouvidos, somos nós quem expressamos as suas palavras, as suas ordens, e precisamos, então, cumpri-las, para que os desígnios do Senhor construam permanentemente a sua obra. E que os outros povos nos vejam como seus obreiros! Não podemos nos desviar disso, meu filho Sem, ainda que nos doa no coração agir com dureza quando tal se fizer necessário. Aya Raz Yel deu as ordens do Senhor para Adão, que passou a seu filho Abel, quando a esse foi dada a descendência. Contudo, Caim matou Abel, e a descendência foi repassada ao seu terceiro filho, Seth, que, em recebendo as ordens, sobre elas emendou, por sua vez, as suas próprias observações de patriarca.

A esse ponto da sua narrativa, o patriarca voltou os seus olhos para Heber, enquanto continuava.

— É fato que os descendentes de Caim, que não aceitavam a danação a eles impingidas, e, por isso, clamavam contra ser Caim culpado da morte de Abel, tanto fizeram naqueles tempos que o Criador terminou por não achar digno ver as suas ordens repassadas àqueles descendentes que então existiam. A nossa ancestralidade passou a narrar que o Criador esperou para ver como se saía cada um dos filhos de Adão, e foi tramando, assim, a sua posteridade e a descendência escolhida, de acordo com o que o sangue de cada um deles produzia. Foi então que Seth surgiu como a solução de continuidade, e é dele que descendemos, e não de Abel e nem de Cain. Jamais esqueçam isso! Desde Seth que essas ordens vinham sendo repassadas aos demais patriarcas até os tempos de Jared, quando, como já dito, elas se perderam. Pelo seu desaparecimento é que o Criador, novamente, tomou de um humano da

descendência, Enoch, o filho de Jared, e lhe repassou o que julgou, naquele tempo, que deveria lhe ser dado em termos de chaves de entendimento e de revelação para os demais humanos. Desde que Lamech recuperou as ordens, ficaram na nossa posse, além dessas, as que foram também recebidas por Enoch e reproduzidas por ele e seu filho Matusalém. Somos o único povo deste mundo a ter esse privilégio, e devemos, portanto, honrar o compromisso assumido por meio da aliança firmada junto ao Senhor.

Voltou-se na direção de Sem, que era o seu herdeiro direto na descendência da linhagem, para dizer:

— Infelizmente, devo agora dizer algo que antes hesitei, mas para que não reste nenhuma dúvida de sua parte, quando eu tiver seguido para me reunir com os meus ancestrais, ó Sem, a questão do desvio de conduta sexual é tão séria que existia outro tipo de marcação que, durante certo tempo, foi imposta aos humanos depravados. Fui conhecedor de que, a sudeste, existe um povo que venera um ser cujo símbolo é um falo (n.e – muito provavelmente, Noé estava se referindo aos hindus, a Shiva e ao culto ao Lingam), louva o sexo e, ainda assim, eles não possuem problema de conduta entre eles. Mas se há povos além da nossa linhagem que se mantêm puros, ainda que seguindo as ordens de outros senhores, sei da mistura ocorrida entre os seres ancestrais vindos do norte extremo com os homens do sul e do oeste e do que isso resultou. A força da atração acima de quaisquer circunstâncias que, no passado foi elaborada por um ente poderoso e “inserida no sangue dos animais” (n.e. – manipulação de genes), eclodiu sem pedir licença em algumas linhagens de humanos e se espalhou. Nesse ponto, as forças do Senhor, utilizando-se da crença de outros seres poderosos que estavam também no planeta, manipularam-nos para que eles usassem da sua capacidade inerente à Magia (n.e. – assim era entendida a ciência existente na linguagem da época, no caso, referente à engenharia genética) que praticavam, e marcassem os humanos imprestáveis para o convívio. A marcação foi, então, procedida, mas a longo prazo não deu certo, pois somente foi percebido depois que uma tendência de se sentir atraído por seres do mesmo sexo também existia entre alguns dos grupamentos dos seres poderosos. Recordo-me que, nas narrativas dos meus ancestrais, houve guerra entre esses seres por conta disso. Notadamente, porque muitas vezes os humanos quase se viram extintos, e a culpa da pouca procriação da época foi imputada aos que preferiam os indivíduos do mesmo sexo. Isso tudo foi num tempo em que muitos humanos foram escravizados por esses seres, sendo

poucos os que trabalhavam e viviam com eles de modo decente. Fizeram uma “contra marca”, um antídoto, que, além de eliminar o sinal visível marcado em alguns lugares do corpo humano, pretendia, também, limpar o sangue do “doente”, pois as mulheres de então, notadamente as de alguns grupamentos, não aceitavam “homens marcados” como companheiros. Veja, Sem, como a questão pode se desdobrar para situações alarmantes, e não podemos ter isso em conta de um problema menor. Não! Requer vigilância constante, e isso faço cumprindo as ordens do Senhor. Não podemos abrir mão das ordens que Ele nos deu, que modelam o animal humanizado como a Sua criatura vinda do Seu Éden, pois muitos dali surgiram que nada cumprem na sua obra.

O patriarca fez um sinal com as duas mãos como se convidando todos a se levantarem, demarcando o fim daquela conversa.

Acompanhou todos até o pátio do local onde residia, mas sempre segurando um dos braços de Heber, como se desejando que os demais seguissem os seus caminhos, mas que ali ele permanecesse mais um pouco, e foi exatamente o que se deu.

— Necessito ainda lhe falar, ó Heber... Preciso dividir com você uma preocupação que passei a possuir após um sonho que tive envolvendo seus filhos Faleg e Joctan — mas tranquilize-se, que não é de morte. Conduto, uma desgraça ainda maior espreita a nossa descendência, e temo que isso venha a ocorrer ao tempo em que Faleg assumir, depois de você, o comando da nossa descendência. Já houve uma arca antes da minha.... Penso que numa devastação passada quando, a oeste daqui, a civilização dos entes poderosos voadores fugiu à devastação, mas orientou os seus humanos prediletos para que construíssem uma arca diferente da minha, que convivia com os grandes peixes no seio dos mares (n.e. — A referência foi feita em relação à devastação planetária que atingiu as cidades dos ancestrais sumerianos). Sou sabedor que este mundo teve muitos dilúvios, e talvez venha a ter mais. No meu sonho, vi meu Senhor, na sua própria arca, procurando semear uma nova vida no mundo, erigindo novas cidades, mas sua arca sempre voava para longe, por não conseguir o seu intento, e as cidades desmoronavam e todos os seus habitantes choravam desgraçadamente. Agora, que tive eu mesmo de construir uma arca, esse novo dilúvio passou e estamos construindo muitas cidades, e lá estava no meu sonho novamente o Senhor na sua arca, supervisionando o que a minha descendência estava fazendo, construindo múltiplas cidades por todo o mundo, e vi novamente a sua arca voar. Enquanto descia a minha vista, pude observar Faleg, desesperado,

procurando por Joctan, e os dois resolveram lhe procurar, para que você os ajudasse a novamente reunir as cidades que saiam do seu governo. Muitos choravam e grande era o clamor que se elevava para o céu, vindo do desespero dos seus habitantes. Não fale isso com ninguém, mas me ajude a refletir sobre o significado desse augúrio, pois senti vivamente que não era um sonho qualquer — disse o patriarca, com a voz algo alterada.

Noé fez naquele dia o que muito raramente fazia, convidando Heber a caminhar com ele, seguindo a trilha por entre a baixa vegetação até chegarem ao bosque de onde costumava retornar.

— O peso que sua sensibilidade carrega deve ser imenso... — disse Heber, à guisa de falar alguma coisa.

— Sim, e jamais diminui... Ao contrário, sempre aumenta, porque os fatos vão se tornando mais complexos. Muitos agora estão nascendo e poucos morrem, mas haverá um tempo em que a balança se equilibrará. Nos tempos do Éden, bem antes da devastação, houve um equilíbrio pretendido pelas potestades do Senhor, mas não sei se isso ainda está valendo. Muitos segredos existiam então. Mas com a atitude da nossa mãe Eva, seguida pela de Adão, muita coisa antes restrita foi revelada pelos fatos, e talvez poucos segredos restem que possam explicar o porquê de sermos como somos. A receita dos humanos foi ali tramada já sobre um conjunto de acontecimentos que vinham tendo lugar há muito tempo. Do homem bom, assim idealizado, veio junto um ser muito animalizado, cheio de maldade e de disputa, o que precisou e precisa ser corrigido, e para isso fomos escolhidos. A cada característica do modo de ser dos humanos, corresponde um segredo do Criador, segredos antes escondidos, mas que, desde então, passaram a se revelar à luz dos fatos e das misérias que jamais foram pretendidas pertencerem ao homem. No entanto, essas se mostraram, e terão que ser trabalhadas enquanto vida houver — afirmou Noé.

— Mas esses segredos não pertencem ao Criador? Se começaram a aparecer na sua criatura, não é porque dele vieram? Estou muito confuso, ó meu pai Noé! Será que o Criador não consegue se enxergar, e por isso ele precisou criar alguém, à sua imagem e semelhança, portando todos os seus segredos, para, então, ele poder observar e corrigir, será isso? Mas, se for, será que o Criador precisa de correção? Foi dito por você que ele estava se construindo ou reconstruindo... Será devido a isso, então, que suas criaturas são obrigadas a serem depositárias dos seus segredos, e ele vai nos corrigindo? E sobre a questão da depravação sexual, será esse aspecto mais

um dos segredos do Criador? — atreveu-se Heber a perguntar.

— Ó Heber, não me pergunte tudo isso, pois não tenho resposta nem para mim mesmo... Porém, suas perguntas eu mesmo já me fiz nas minhas reflexões, e por esse mesmo caminho que agora trilhamos, faço eu, diariamente, a semeadura dessas dúvidas, esperando, um dia, ter as respostas suportáveis para todas elas. Mas, por enquanto, não as tenho, e penso que esse foi também o drama dos meus ancestrais, e será essa angústia que lhe acompanhará doravante e, principalmente, quando alguns ou muitos lhe endereçarem inúmeras perguntas e for a sua vez de respondê-las na função de patriarca do povo herdeiro das tradições do Senhor.

À medida em que ia escutando as palavras de Noé, foi se apoderando de Heber uma sensação de terror, só por se imaginar sendo obrigado a tratar de todos aqueles assuntos e de ser, um dia, o responsável pela sua versão final para os membros da descendência.

Após algum tempo caminhando em silêncio, o patriarca voltou ao assunto.

— Não posso fugir à abordagem dos temas da sua pergunta. Essa questão da sexualidade... Esse parece ser o segredo perdido do Éden, o porquê desse tipo de atração estranha existir na natureza dos homens... Se é que tão somente se dá entre os machos. A maldade que surge do coração dos homens na hora das disputas, das intrigas e das intolerâncias raciais e de prevalência na crença desse ou daquele ente poderoso, isso posso entender. A perversão que se percebe na hora da ação guerreira mais difícil, quando a nobreza é substituída pelo mais pervertido dos sentimentos que é o do ódio, da vileza, da danação sem conta a que um ser humano pode se entregar em certas circunstâncias da vida, isso posso também compreender. Esses segredos posso ver na própria natureza, que se movimenta para sobreviver sempre, pois é esse o nosso instinto. Mas quanto à depravação que surge com o comportamento sexual junto com a preferência por indivíduos do mesmo sexo, sem a procriação, isso não posso entender e não tenho como aceitar. Por que é assim, não sei, mas esse segredo parece ter escapado do controle sobre a receita que foi aplicada a certa parcela da natureza, para que pudesse surgir o homem como o conhecemos. Ou a receita foi elaborada de modo equivocado, ou houve problema no feitio, na produção, pois, quando semeamos, a planta que disso surge corresponde exatamente ao que se espera da semente lançada ao solo. A semente do homem ou foi equivocadamente ordenada, ou do seu nascimento brotou o inesperado, sendo compreensível a

tristeza do Criador ao ver um tipo de criatura pela qual ele não esperava. Mas, se ele é a semente de tudo, ou mesmo que dele tudo deva e possa surgir, o que existe deveria ser produto direto dessa semente, mas se assim não é, nisso reside um mistério profundo que não sei avaliar. Mas se for, por que o Criador não gostou do resultado?

Heber ia retrucar, mas o patriarca não notou e continuou a dizer:

— As receitas da vida, os mistérios de como elas vivificaram e os segredos que cada criatura trouxe consigo parecem ser frutos que o Criador saboreia, e assim lhes dá o desígnio, conforme a sua vontade e intenção. A noção de cada característica associada ao enigma por trás de cada segredo que move o homem, nesse ou naquele sentido, pertence a esse contexto em relação ao qual não mais se pode retornar para melhor compreender as suas causas mais iniciais. Somente nos é dado conviver com os seus efeitos e corrigi-los. Segundo os ancestrais, houve mesmo um tempo em que a vida muitas vezes sumiu e voltou a aparecer neste mundo, devido às calamidades. Agradecemos ao Senhor o privilégio de podermos levar a nossa vida adiante, enquanto tudo se movimenta para que o equilíbrio das coisas se mantenha — ponderou o patriarca.

Os dois continuaram a caminhar enquanto lá ao longe, no horizonte longínquo situado muito além do poder humano de interferir no processo da natureza, o astro luminoso começava a esconder a sua face, anunciando a chegada do repouso e da reflexão que, naqueles tempos, sempre dançavam junto com as chamas tremulantes das fogueiras, como se convidando a vida a cessar todos os seus movimentos, pois que, da quietude do sono reparador, parece ser que as novas esperanças e desafios se preparam para surgir com suas faces no dia seguinte.

Desde aquela conversa mantida com o patriarca Noé, Heber passou a temer a chegada do futuro, pois os desafios que lhe escapavam da mente, enquanto procurava conciliar o sono, em muito ultrapassavam as esperanças que conseguia, naquele momento, produzir para si mesmo como condutor da descendência. Perguntava-se se os seus temores poderiam, um dia, ao tempo da sua vida, serem pacificados quanto ao futuro que esperava não só pela descendência de Adão, mas também pela de todos os que viviam neste mundo.

Sentia-se esgotado por não encontrar respostas e, mais ainda, pelo sono não lhe visitar sorratamente para lhe dar uma folga de algumas poucas horas.

Pensar deve ser algo complicado... Se eu tivesse tão somente a certeza que vem da fé inabalável que tudo vai dar certo porque o Senhor assim o determinou, estaria dormindo feito uma criança. Como eu posso ser um dia patriarca, se não possuo mais essa fé? Será que algum dia realmente a tive? — pensava Heber, enquanto o império do tempo obrigava tudo a continuar a existir.

PARTE II

NARRATIVAS ANTIGAS

Portar, no seu próprio sangue, a marca de problemas alheios à possibilidade de escolha, é escravidão indesculpável que nem mesmo a pior das faces da maldade se permitiria impor.

A ESTRANHA LINHA TEMPORAL

AO ESCUTAR tantas coisas vindas do patriarca Noé, Heber sentiu-se profundamente surpreso, pois sempre pensara que o seu venerável ancestral, apesar de amável, era um homem fechado, sério por demais, que paradoxalmente brincava com as crianças e com os jovens, mas que jamais falava algo que pudesse gerar problemas na rígida educação pregada e vivida por ele mesmo, acima de todos os demais.

Recordava-se, agora, das suas últimas palavras, quando ele lhe disse, ainda sob à luz da eterna possibilidade da sua morte sempre tida como iminente, mas que jamais se verificava:

— Não sei por quanto tempo ainda estarei entre vocês, pois minha hora já foi chegada algumas vezes, mas os ajudantes do Senhor sempre me dizem que por um pouco mais viverei... Esse pouco já é muito e tem se repetido sempre, mas preciso tomar algumas decisões que tenho evitado, e delas devo tratar como se eu fosse deixar este mundo nos próximos dias, ainda que isso possa demorar a chegar. Por isso, novamente lhe ressalto sobre o que já lhe revelei: que, no passado, o sangue de muitos foi mexido, e sempre foi dito que incontáveis homens morreram à conta dessas coisas. Surgiram doenças entre os marcados, e essa era outra sina que esses portavam, porque nem as mulheres, nem os demais membros da comunidade desejavam qualquer tipo de aproximação com eles. Foram, assim, tidos como instrumentos de vexame para as vilas e famílias, e muitos foram executados por ordens desconexas vindas de muitos chefes exasperados. Seja firme a sua expectativa de que, no seu tempo de patriarcado, não se faça necessário ao seu jugo agir sobre essas questões. Esse é um dos aspectos de que não gosto nessa vida longa, enquanto os demais daqui se vão mais rapidamente. Somos obrigados a tomar

decisões que nos perenizam no sofrimento enquanto a vida passa... Mas só que para os outros. Meus ancestrais também lamentavam esse aspecto das suas vidas. Feliz foi Enoch, que pouco disso teve que fazer... Assim reza uma triste história que precisamos esquecer. Contudo, o modelo que o Senhor preparou para o nosso povo, esse devemos perseguir até o fim do nosso último alento enquanto linhagem escolhida.

Heber retomou o convívio com os seus familiares diretos, mas, para ele, aquele tempo da sua vida foi de uma profunda rememoração crítica de todo o corpo de conhecimento perturbador que, em tão poucos anos, modificara por completo a sua visão de mundo.

Tornou-se um homem mais silencioso, que buscava a solidão, ainda que a sua vida agora estivesse estabelecida num patamar de deslocamentos constantes para encontros com os elos da linhagem vinda do patriarca situados em cidades distintas e distantes.

Quando atingiu a idade de 170 anos, Heber mantinha plenamente o vigor corporal, e era, dentre os membros da linhagem, ou seja, Noé, Sem, Asfarxad e seu pai Salé, o que mais se movimentava em visitas constantes às cidades fundadas principalmente pelos descendentes de Tubal, de Gomer e de Cuch, notadamente Nemrod, por todo o Oriente Médio, Europa e Ásia, que marcavam a expansão do “plano do Senhor”.

Onde se encontrasse um descendente do patriarca Noé, pertencente à linhagem ou não, ali estaria o sangue-modelo do criador para dar continuidade a um modo de vida que atendessem aos seus desígnios, e para lá Heber se sentia na obrigação de seguir, cumprindo o que ele julgava ser o desejo do Senhor.

Infelizmente, para a lógica dos membros da linhagem, a inevitável coexistência com povos vizinhos, que nada tinham a ver com o tipo de sangue-modelo vindo de Noé, continuava produzindo problemas de muitas ordens.

Ao tempo em que Heber ultrapassou a idade de 220 anos, conflitos dolorosos começaram a ter lugar entre cidades da descendência e outros vilarejos, que sempre terminavam em derramamento de sangue, o que muito o entristecia.

Assim como Nóe, Heber passou a ser respeitado por todas as origens e mais conhecido do que Salé, Asfarxad e Sem. Além do mais, devido ao fato de a idade do patriarca Noé não mais permitir deslocamentos consideráveis, coube a Heber a função de negociador em praticamente todos os principais

conflitos da sua época.

Nas muitas reuniões de negociação que teve com diversos povos em situações distintas, o que antes sequer se via claramente agora estava exposto como aspecto do comportamento humano, pois a maldade, a perversão e a depravação dos costumes era o fator comum em toda aquela vizinhança.

A inabilidade de saber conviver com culturas diferentes trazia consigo a maldade na interpretação dos fatos, e o pesado julgamento segundo os valores de então era traçado sempre do modo mais duro para com o seu semelhante. Influenciados pelas “ordens do Senhor”, naqueles tempos os humanos que não se submetessem aos critérios dos seus desígnios eram tidos como “imprestáveis para a vida”, e, perante os olhos dos membros da descendência, eram portadores da “sina do mal” que precisavam ser eliminados.

O ódio e a intolerância que essa visão de realidade gerava nas pessoas compunham a mais perversa motivação para a matança generalizada sempre que os confrontos tinham lugar, pois, afinal, os “portadores da sina” precisavam ser eliminados do mundo.

Além de todo esse contexto, vicejava ainda abundantemente naqueles tempos uma outra sina, sendo essa a dos depravados, pois assim eram tidos todos aqueles que não se pautavam conforme os preceitos educacionais dos descendentes do patriarca. Era fato que o modo de vida desses era em tudo mais harmônico e organizado do que os dos seus vizinhos, que pouco observavam essas questões.

Sob essa perspectiva, é mesmo de se imaginar que qualquer pessoa, em sã consciência e observando as ocorrências daquele tempo, se pudesse optar por uma vida regrada, produtiva, organizada e pacífica, seguramente abraçaria o modo de vida dos descendentes da arca. Contudo, as coisas neste mundo parecem não obedecer a uma lógica uniforme, e existe, para além do que é obvio e normal para uns, o outro lado da face da vida que traz consigo tendências, inclinações, sonhos, expectativas e impulsos profundamente complexos, e esses ocorrem em todas as faixas populacionais da família humana, independentemente de origem e de aspecto cultural. Porém, naquelas outras culturas alheias às “normas do Senhor”, simplesmente o que era incomum se transformava em “normal”, e assim a vida era tocada pelos desafios perenes que sempre se avolumam a cada dia da aventura existencial. Nessas sociedades, o nível de tolerância e de compreensão para esses outros aspectos comportamentais não era definido por um princípio já adrede

estabelecido, recebido de um ser superior. Nelas, as coisas sempre eram resolvidas depois de surgirem os problemas, e não era qualquer coisa que, tão facilmente assim, pudesse ser considerada como sendo um “problema”.

Os historiadores modernos têm uma certa dose de dificuldade em discernir e bem perceber a visão de realidade que as pessoas desse tempo passado possuíam.

Era uma época em que a herança da arca de Noé havia se transformado na “grande marca cultural-religiosa”, e se esse aspecto, por um lado, atraía simpatia de alguns outros segmentos étnicos que se formaram em torno de outros focos de sobrevivência do dilúvio, por outro começou a provocar posições extremadas de oposição ao “comando do patriarca” sob as perspectivas da moral e da política.

Naquela altura dos fatos, a base dos mais importantes “centros urbanos” do mundo de então (n.e. – que viriam a ser as futuras cidades que marcariam a etapa mais recente da história da humanidade) era exatamente o que estava sendo trabalhado por homens como Nemrod, que fundou os alicerces das cidades que dariam início aos impérios babilônicos, acadiano e assírio, dentre outros menos significativos. Babel, Acad e Nínive, foram edificadas por seu pulso forte e seu raro senso de bem gerir as forças de uma sociedade.

Heber se deslocava constantemente, às vezes por caminhos já percorridos, como os conhecidos de Sefarad (n.e. – Península Ibérica), em outras, pelos longos caminhos da Terra de Senaar e adjacências (Oriente Médio), além dos que o levaram a percorrer muitas regiões do leste e da sua porção mais extrema (n.e. – Ásia Menor e mesmo a Ásia).

Por onde passava, a sua amargura somente aumentava, pois lhe era angustiante constatar que o “sonho de um mundo justo e decente” que deveria surgir após o dilúvio, não encontrava guarida nos fatos.

Agora, como o “patriarca” da linhagem em atuação, apesar de todos os demais, inclusive Noé, ainda se encontrarem vivos, era ele quem comandava os fatos, junto com os chefes locais, pois os problemas cada vez mais aconteciam e não poderiam esperar ele retornar e se reunir com o conselho de anciãos.

Nitidamente percebeu que as coisas estavam saindo do controle e não mais era razoável esperar que surgisse um panorama mundial estabelecido nas “ordens do Senhor”.

O sonho do velho patriarca Noé já havia morrido, apenas continuava insepulto e assim permaneceria por mais um tempo.

O estranho — costumava pensar Heber — é que o sonho de Noé lhe havia sido encomendado pelo Senhor, e agora parecia caminhar para o fracasso.

Que tipo de Senhor era aquele, já que os seres humanos, se o quisessem, poderiam realizar o seu sonho, mas ele próprio parecia não ter o poder de fazê-lo?

As pretendidas posturas de pureza e de retidão que, desde a época do início do seu patriarcado, nos tempos pós-diluvianos, Noé passou a ensinar como sendo o pano de fundo do modelo comportamental que haveria de distinguir dos demais os “herdeiros” dos pactos feitos pelo Senhor com Adão, Set, Enoch e com ele próprio, cada vez mais eram frutos raros de encontrar.

Havia acertado um encontro com Faleg, Joctan e mais alguns dos seus filhos para atualizarem alguns assuntos, e eis que aquele tão esperado dia pela sua sensibilidade estava prestes a chegar. Mas, para tanto, era necessário se dirigir para o lugar ajustado, e era essa a direção do seu deslocamento.

Como patriarca institucionalizado, ele agora viajava com uma patrulha protetora, formada por 14 homens, e mais uma equipe com 5 homens, que sempre estava adiantada meio dia de distância, para, no caso de problemas, ser possível a alguém tomar providências no sentido de avisar os demais núcleos da linhagem.

À noite, acampado, após conciliar o sono, Heber sonhou com Despina lhe dizendo: “se a vida mudou para gente como nós, poderá mudar também para vocês, e quando isso acontece, tudo o que se supunha conhecer cai no abismo de uma mudança que você não entende, porém, sente que está sendo levado por ela, mas não sabe quando vai acabar e nem aonde ela vai lhe levar. Por isso, humano, sinto-me como alguém deslocado do mundo. Agora é a sua vez! O seu mundo não existe mais. Pare de procurar por fantasmas, porque agora você já se encontra entre eles.”

Heber acordou profundamente assustado, pois a sensação era a de que Despina estivera ali, ao seu lado, falando com ele, acompanhada de um dos seus lobos.

Esforçou-se para voltar a dormir, mas o sono lhe frustrou a companhia, o que o levou a rememorar o sonho que Noé havia lhe contado sobre o fim da organização da descendência do sangue encomendado pelo Senhor.

Não muito longe dali, Faleg contemplava o resultado que o seu pequeno, porém potente, grupo armado havia produzido na cidade que acabara de se apoderar, para poder preservar, junto aos seus habitantes, os preceitos

ordenados pelo Senhor.

Vários focos de fumaça subiam na direção das nuvens, enquanto gemidos e gritos de desespero das mulheres e crianças junto aos cadáveres dos homens das suas famílias eram escutados aqui e ali, ao mesmo tempo em que as casas, ainda de pé, estavam sendo invadidas para o levantamento do butim.

Faleg, algo acostumado nos últimos anos da sua vida àquele tipo de conflito, sentia-se enojado ao perceber a aparente inutilidade daquilo: trazer o mal a um povo com a justificativa de estar lhe fazendo um bem!

Cumprida a programação anual ajustada para a região que ele comandava, dirigiu-se para o lugar do encontro reservado com o seu pai e demais irmãos.

O reencontro com os filhos deu grande alegria a Heber, pois há muito não os via.

Naqueles encontros, o primeiro dia sempre era dado para a renovação dos laços e não havia uma agenda a ser cumprida.

Conforme o costume, no dia seguinte teve lugar a reunião do pequeno conselho familiar, no qual se assentaram Heber, Faleg e Joctan, sendo prevista para mais tarde a participação dos filhos de Faleg e de Joctan.

Faleg começou a atualizar o seu pai e o seu irmão em relação às notícias dos últimos três anos, e o seu tom era de pesar. Não havia motivação em nada do que dizia, e seu olhar não mais se fixava no do interlocutor, como sempre o fizera quando das conversas.

Após relatar a última posse da sua guarda treinada para o conflito, ele se pôs de pé e disse:

— Desculpe, meu pai, mas minhas mãos estão sujas de sangue... Não me suporto mais cumprindo ordens de um ente a quem não conheço. Não deveria ter sido eu a sucedê-lo; Joctan é bem mais afeito a essas coisas de tradição do que eu. Matei, meu pai, novamente matei gente inocente, não por decisão lógica para mim, mas para fazer cumprir as “ordens do Senhor”. Sinceramente, não mais farei isso. Não existe honra em mim, não me sinto bem... Se esse Senhor é um ente superior, não sei exatamente no que ele assim possa ser considerado, se nos obriga a ações como essa, para implementar um modelo. Basta!

— Não diga isso, meu filho, o Senhor é o nosso apoio.

— Ele nos abandonou, se é que algum dia tenha estado ao nosso lado... E quer saber mais, meu pai, não precisamos desse ser, ele é quem parece precisar de nós para alguma coisa. Devíamos parar com essa obediência cega, se é que Noé está compreendendo corretamente essa história de uma

conquista a cada período das estações. Não vou faltar com a minha verdade, meu pai... Tenho cumprido as ordens de Noé bem mais por respeito a você do que a ele... Acho mesmo que essa tradição está enlouquecendo a todos nós, e o pior, aos poucos, de tal modo que não dá tempo a que o percebamos. Essas coisas desse ente pretensamente poderoso se misturam com as coisas da vida e nós...

— Meu filho, não siga com as palavras...

— Não quero mais ser o elo da linhagem... Sempre achei Joctan mais habilitado para isso, pois ele pensa e analisa melhor as coisas do que eu.

— Não, meu irmão — disse Joctan — quanto mais faço as coisas encomendadas pelo Senhor, mas me sinto como você. Lamento, meu pai, mas pelo que lhe conheço, sei que o seu sentimento não é muito diferente do nosso, mas a sua posição de patriarca o obriga a conviver com essas falsas esperanças de um mundo que nunca existiu e que nem vai jamais existir, por falha desse Senhor ou nossa, isso não sei avaliar, mas posso perceber que esse modelo não tem como prevalecer num mundo que não o valoriza.

Heber ficou longo tempo em silêncio, pensando em como ele se violentara ao longo de todos aqueles anos para fazer cumprir as ordens do patriarca Noé.

Olhou para os seus filhos, percebendo como eles tinham razão para se sentirem daquele modo, pois como bem percebera Joctan, ele também assim se sentia.

Não havia dito ainda aos filhos, mas estivera em visita a Gomer (n.e. — de cujo sangue/DNA seria descendente o povo ariano) e de lá saíra profundamente preocupado. Ele lhe havia dito que os seus filhos estavam sendo acossados, visitados por entes poderosos, e ele mesmo já havia visto alguns deles os espreitando. Eles ali estiveram convivendo com os descendentes de Gomer por algum tempo, até que outros entes mais poderosos os expulsaram, pois o Senhor, doravante, iria fazer um pacto com um dos ramos daquela descendência, e essa seria o padrão da nova linhagem para os humanos.

Gomer havia lhe revelado que ainda estava fazendo um levantamento de dados mais apropriado para poder apresentar no próximo conclave em torno dos patriarcas reunidos. Mas era fato que, ali, um Senhor que se dizia o mesmo Senhor de Noé estava, agora, escolhendo uma outra ramificação diferente daquela que passava por Sem, Arfaxad, Salé, Heber e Faleg. A linhagem por ele agora pretendida tinha, em vez de Sem como membro da

primeira geração advinda de Noé, o seu irmão Jafé, seguido do seu filho Gomer e da sua descendência (n.e. – o povo ariano que surgiria mais tarde).

Faleg e Joctan já se encontravam tão desanimados que Heber resolveu deixar para outro momento a narrativa do que escutara de Gomer.

(N.e. – Naquele tempo, ainda não estava claro para os descendentes do patriarca Noé, mas o Senhor estava começando a se apresentar aos futuros arianos como sendo Brahma, o criador do universo).

Heber decidiu recuar e assumiu uma posição mais de pai do que de patriarca.

Naquele encontro foi tomada a decisão de que Joctan se deslocaria até a terra dos descendentes de Gomer, e assim Heber tramou mais com a intenção de conversar posteriormente com Joctan, para deixá-lo a par do que escutara de Gomer.

Passam-se os anos e, fosse pela inapetência de Faleg de levar adiante um tipo de liderança que ele não pretendia, ou pela ordem de complexidade que surgira num mundo agora povoado por inúmeras cidades com culturas e crenças em entes poderosos distintos, cada vez menos a descendência de Noé conseguia se fazer presente perante as ocorrências de então, no grau de importância que sempre fora pretendido.

Antes mesmo que se pudesse cumprir com o novo conclave já agendado, Heber teve que conviver com uma grande dor, pois Faleg veio a falecer de morte natural, pela altura dos seus duzentos anos de idade.

Foi um choque para toda a descendência, pois, pela primeira vez, um elo da linhagem da quinta geração após Noé havia morrido antes do próprio, o que não fazia sentido para a lógica dos patriarcas.

Heber, acossado pela dor da perda, durante muito tempo acusou o duro golpe recebido da vida, pois, além de perder um filho muito amado, o que atenta contra o que a natureza humana entende como normal, perdia também um líder da linhagem, e logo no pior momento da história do legado do patriarca Noé.

Faleg sequer dera a benção ao seu primogênito, com vistas à manutenção da linhagem.

Naquele momento ele não contara sequer com a presença de Joctan, que havia partido em direção à região dos descendentes de Gomer (n.e. – antepassados dos arianos).

O que será que fizemos ao Senhor para que ele tenha se esquecido de nós dessa maneira? Como pode o mais novo na linhagem de patriarcas morrer antes dos mais velhos? O que os outros povos agora pensariam do prestígio que a linhagem de Noé sempre tivera junto ao Senhor? — questionava-se Heber.

OS MAGOS DO NORTE

JOCTAN SE ENCONTRAVA JÁ INSTALADO entre os descendentes de Asquenez, filho de Gomer, quando recebeu a notícia da morte do irmão. O mensageiro levou também a instrução dada por Heber de que ele, desde que possível, fosse em direção ao norte, para verificar as notícias recebidas pelo Conselho dos Anciãos sobre a vida que lá se desenvolvia.

Desde que ficara sob sua posse a bolsa de couro com as folhas nela permanentemente guardadas, Joctan a trazia sempre consigo, na esperança de que, numa casualidade, alguém lhe pudesse dar alguma pista do seu significado.

De modo diferente dos tesouros do seu povo, aquela bolsa não havia sido considerada como minimamente importante, e, por isso, pensara ele, não havia sentido em deixá-la guardada, pois, assim, jamais seria vista por alguém.

Acostumara-se, portanto, a levar consigo a bolsa de couro em qualquer viagem que fazia, hábito ao qual se acostumara pelas décadas que se seguiram na sua vida.

Perante a ordem recebida de seu pai, Joctan se organizou com alguns membros da parentada e seguiu viagem para o norte, à procura dos povos que haviam sobrevivido à devastação e que não tinham qualquer relação de proximidade sanguínea com a descendência da linhagem do patriarca Noé.

Durante quase três ciclos da lua, numa viagem penosa, Joctan e seus companheiros foram descortinando alguns povos pacíficos. Apesar da difícil interação, havia uma similaridade linguística que permitia, a um certo custo, a troca de informações.

O que mais impressionava Joctan e seus companheiros era a informação

corrente na cultura daqueles povos sobre a interação constante deles com os entes poderosos que veneravam.

Foi aconselhado a se dirigir ainda mais para o norte, já que a época era propícia, porque existia, entre aqueles povos, a lenda sobre um colegiado de magos que se situava no norte mais extremo, em uma grande ilha. Eles seriam descendentes de povos ainda mais antigos, que teriam convivido direta e abertamente com entes poderosos, dos quais teriam herdado muitos conhecimentos.

Um dos povos — na verdade, uma tribo situada quase às margens do oceano situado ao norte (n.e. — Atlântico Norte, onde hoje se situa o norte da Alemanha) — vivia em constante intercâmbio comercial com os da grande ilha, e uma equipe de artesãos locais estava finalizando uma carga que seria levada para uma das regiões da grande ilha vizinha àquela onde se situava o colégio dos magos. A boa notícia foi a de que Joctan e os demais poderiam seguir com eles.

Dias depois o grupo formado em torno de Joctan chegou a um dos locais mais belos e diferente de tudo o que o hebreu havia visto.

A cidade era grande, se comparada às que comumente estavam ainda sendo formadas no continente (n.e. — continente europeu), tendo aproximadamente no seu centro um parque envolto por um bosque que o separava da cidade, em cujo terreno se percebia a presença de grandes pedras, cada uma delas rodeada por construções menores.

Ali, Joctan foi orientado a seguir durante cerca de dois dias de caminhada para o norte, até a terra das altas montanhas (n.e. — atual Escócia), o que fizeram sem maiores problemas, a não ser o da chuva constante.

Próximo ao sopé de uma delas, o grupo encontrou um pequeno vilarejo, onde foram bem recebidos, no qual ficaram sabendo que o colégio dos magos se situava próximo dali, só que escondido à vista, devido ao relevo do terreno.

No dia seguinte, caminhando pela planície que margeava a grande cadeia de montanhas, logo avistaram no alto o colégio dos magos e para lá se dirigiram.

Chegaram no momento em que todos estavam vivenciando um momento de silêncio, sendo orientados a aguardar num recinto que lhes foi apontado até que alguém viesse chamá-los, o que aconteceu depois de algum tempo.

Foram assistidos por uma família ali residente, cujo senhora parecia comandar as providências iniciais de receber os raríssimos visitantes que

apareciam. Logo depois, ela conseguiu estabelecer o possível padrão de entendimento quanto à linguagem ali praticada. Quanto a isso, a presença de dois dos artesãos-navegadores que foram com Joctan até o colégio dos magos foi essencial para que a troca de informações pudesse ter lugar.

Joctan e os dois artesãos foram levados pelo casal anfitrião até uma sala ampla, algo escura, pois a luz ali não penetrava diretamente, enquanto um grupo de cinco homens idosos, vestidos com trajes cinza e branco de um tipo de tecido desconhecido para Joctan, saudaram-nos em silêncio.

Joctan explicou sobre a sua origem desde o casal primevo da descendência, associando-os, junto com o nome dos patriarcas longevos, à figura do Senhor a quem veneravam como sendo o Criador de todos os mundos e de todos os seres.

Falou sobre a devastação, de Noé e da arca, da sua descendência como continuação da linhagem vinda desde Adão e Eva, e procurou ressaltar, o máximo que lhe foi possível, a questão do modelo de humano ao qual o patriarca Noé e seu pai Heber dedicavam as suas vidas, para ajustá-lo às coisas do mundo.

Perguntou se eles sabiam algo a respeito disso, e esclareceu que ali viera para conhecer o modo de vida e as lições que pudesse recolher.

Um dos magos, o mais novo de todos, mas, ainda assim, com aparência de idoso, respondeu em nome dos demais.

— Somos tão longevos ou mais ainda do que os patriarcas do seu povo, pois nossos ancestrais são anteriores aos que nos foram apontados, se a contagem de tempo que fazemos estiver sendo agora bem utilizada pela minha mente para esclarecer as nossas origens. Vocês tiveram um casal a partir do qual seu povo foi gerado, se bem entendi... Nossos ancestrais afirmam terem sido gerados por um povo que habitava terras mais ao norte de onde nos encontramos, mas que atualmente não mais existem, devido a problemas ocorridos bem antes dessa última devastação que também enfrentamos. Esse povo era parecido com os humanos, mas não era totalmente igual ao que hoje somos. Eles, porém, tinham vários entes poderosos a quem veneravam, alguns dos quais — claramente o mago hesitou em continuar com sua abordagem, mas, após cerrar os olhos durante algum tempo, retomou a sua explanação — nós também veneramos. Eles — esses entes poderosos aos quais nós também veneramos — realmente falam de um ente ainda mais poderoso do que eles, a quem consideram o Criador. Sobre esse, porém, nada sabemos, pois as informações são conflituosas.

Estudamos as informações que herdamos, mas temos dificuldades em interagir com outros povos, na medida em que decidimos nos isolar completamente. Isso fizemos devido ao modo de vida deles ser muito diferente do que comumente praticamos. Somos dedicados ao poder do Alto, e não nos imiscuímos na vida de ninguém, o que nos obriga a permanecer isolados. Além do que, não esperamos também receber visitas, e por isso estranhamos a sua chegada... Mas é de nossos costumes a todos acolher, como penso e espero ser também esse o costume do povo a que você pertence.

— Sim, sim, esse também é um costume praticado por todos os povos da terra em que vivemos — disse Joctan, feliz por ter escutado uma referência em relação a um ser Criador superior a todos os demais entes poderosos. — Um aspecto mais gostaria de apresentar para a apreciação dos que aqui estão. Nas minhas viagens, junto com meu pai e sozinho, sempre estudando os costumes dos povos visitados, tanto para posterior relato aos líderes como para informá-los da necessária vigilância que precisam manter sobre as comunidades das quais meu pai e meu irmão são, ou melhor, eram líderes... Pois meu irmão morreu recentemente e meu pai está ainda se recuperando do fato... Muito bem! Vou direto ao assunto: nossos antepassados, antes da devastação, legaram-nos notícias de tempos difíceis, plenos de defeitos na conduta dos homens em muitos campos da vida, como a maldade, a falsidade e a depravação sexual, dentre outros. Por isso, o Senhor, o mais poderoso de todos os entes, o Criador, mandou sobre o mundo o dilúvio, pois a sua intenção, conforme dito ao patriarca Noé, era a de aniquilar os homens e outros seres maus, e da semente de Noé e de seus três filhos sobreviventes, semear o mundo com um tipo de sangue no qual o modelo que o Senhor desejava e deseja para esta humanidade estaria marcado ou projetado para acontecer. Esse foi o plano transmitido ao patriarca Noé, e nós vivemos na prática do zelo da sua aplicação. Assim, muito de errado que antes existia não era mais para existir. Contudo, existe, e cada vez mais, novamente, parece estar dominando o modo como se vive, pelo menos nas cidades que foram formadas por outras linhas de sobrevivência cujas origens desconhecemos. Esses fatos compõem a nossa agonia, porque o Senhor tem se ausentado da convivência e da comunicação com os nossos patriarcas, e os conflitos começaram a ocorrer num mundo que não deveria mais sofrer essas coisas. Infelizmente, esse é o nosso tormento, e não estamos sabendo agir de modo eficaz. A muitos meu pai e eu procuramos, e outros da minha descendência

também o fizeram, no sentido de encontrarmos respostas para as nossas aflições e orientações para as nossas atitudes. Mas tudo somente fica mais estranho e diferente para os padrões do meu povo, e, pessoalmente, já percebi que existe algo de muito diferente acontecendo, que se situa fora do contexto daquilo que os patriarcas do meu povo tanto têm se esforçado por conhecer, decifrar e transmitir como legado. Por isso estou aqui!

Lembrando-se de que trazia consigo a bolsa de couro, Joctan lentamente a depositou sobre uma grande pedra horizontal que existia no recinto, enquanto dizia:

— Gostaria de mostrar essas folhas que recebi de um velho eremita... Na verdade, é minha intenção deixá-las neste colégio, pois, para mim e outros do meu povo que as viram, não fazem sentido, e espero que aqui possa ter alguma serventia para os que vivem... Os que estudam aqui.

Joctan retirou cuidadosamente as folhas do interior da bolsa de couro e as deixou sobre a pedra, enquanto o mago que havia falado se levantou e veio observá-las de perto, tomando-as em seguida. Fez uma reverência enquanto agradeceu, não sem antes olhar atentamente para as duas primeiras das 27 folhas do legado do eremita. Em seguida, entregou-as para um outro mago que permanecera sentado, enquanto dizia:

— Convidamos-lhe para que nos próximos três dias permaneça na nossa vila, para que, no quarto dia, você possa vir ter conosco novamente. Não precisa se preocupar com a tradução nem das nossas ; nem das vossas palavras, porque existem alguns poucos dentre nós que conhecem todas as línguas faladas neste mundo, mas que agora não se encontram aqui.

Fez mais uma medida e se afastou, enquanto Joctan e os dois artesãos eram convidados a se retirarem.

Os três dias se passaram de um modo que há muito Joctan não sentia: a vida da natureza daquele lugar passando calmamente frente a seus olhos.

O verde das grandes planícies que procuravam subir pelas altas montanhas até os seus cumes acinzentados contrastava fortemente com o céu azul daqueles dias de brilho intenso da luz solar.

Serpenteando a planície, dois pequenos rios se alternavam nas suas curvas, quase se encontrando em diversos pontos dos seus percursos, suas águas cristalinas retratando, ao longe, a luminosidade intensa do lugar.

Animais pastavam junto a algumas aves pousadas, enquanto outras se movimentavam pelos ares, como se dividindo entre si a alegria de ali estarem desfrutando o ambiente.

Ao longe, do plano elevado da vila onde se encontrava, Joctan repassava a sua vida, naquela altura com 231 anos, apesar de se sentir ainda em excelentes condições, tanto corporais como mentais.

Recordou-se do seu irmão Faleg e das muitas vezes em que sempre fraternalmente conversaram, sem jamais terem discutido. E agora, estranhamente, ele deixara a vida sem maiores avisos, repentinamente, antes mesmo de vários outros que se situavam à sua frente em termos de desgaste temporal.

O normal teria sido Noé, Sem, Asfarxad, Salé e seu pai Heber faleceram antes, mas ali estava o enigmático curso da vida a mostrar ao orgulho dos patriarcas que, mesmo com o sangue da linhagem, parecia existir fatos dos quais o Senhor não cuidava.

Por que? Por que o Senhor deixara morrer o mais novo dos patriarcas? Que sinal retirar de um fato que não deveria ter acontecido? — ali se apresentava, a Joctan, a cobrança cruel do entendimento que deveria retirar do incompreensível processo em que aquilo tudo estava se transformando.

Será que o Senhor não é tão poderoso assim? Em tudo o que vivenciei nesse meu tempo de vida, não vi o seu poder agindo em nenhum momento, e tão só a tradição dos meus antepassados é que o tem valorizado, acompanhada do extremo zelo com que Noé, Sem e, principalmente agora, meu pai, têm se dedicado a toda aquela questão.

Até quando meu pai irá suportar a inversão das expectativas? — pensava Joctan.

No dia apontado pelo mago, Joctan foi levado, pelo casal que os recepcionara no momento em que ali chegaram, para uma caminhada por entre trilhas meio que escondidas em um bosque situado próximo a uma das montanhas da lugar.

Quase ao fim do bosque, quando as pedras da base da montanha já se misturavam com o limite das árvores, uma rampa difícil de ser percebida descia suavemente, como se para um ambiente localizado abaixo de todas aquelas pedras.

Após descer alguns degraus naturalmente ali existentes, eis que o casal introduziu solenemente Joctan num grande salão natural, onde a luz do dia conseguia penetrar, ainda que indiretamente, pelas reentrâncias do impressionante conjunto de pedras que adornavam aquele lugar.

O casal solicitou que Joctan aguardasse um pouco ao lado deles, que se encontravam diante de um altar com cinco cadeiras de pedras, tendo algumas

de suas partes revestidas por um tipo de material desconhecido. Por detrás das cadeiras, uma vegetação que parecia brotar do alto das pedras ali situadas pendia frondosamente, produzindo uma atmosfera delicada no local.

À frente do altar, um conjunto de trinta pedras localizadas no piso, entremeadas por um tipo de vegetação semelhante à grama, parecia demarcar a posição que os presentes deveriam assumir. Mas, claramente, aquilo era diferente do padrão usualmente conhecido.

Pouco a pouco foram surgindo figuras semelhantes às cinco com as quais anteriormente Joctan havia se encontrado, cada um delas se dirigindo aos lugares demarcados pelas pedras.

No altar, três outros personagens surgiram como se por detrás da vegetação, apesar de estarem ali disponíveis cinco cadeiras.

Havia uma pedra posicionada bem à frente do altar, que parecia desnivelada em relação às demais, o que apontava para o fato dela ter sido ali recentemente colocada.

Joctan foi convidado a se dirigir até a pedra e ali se posicionar.

Enquanto caminhava na direção que lhe foi indicada pelo casal, foi percebendo que existem salões com cadeiras, tanto à direita quanto à esquerda, que somente agora podiam ser vistos, devido à sua nova posição no ambiente, que passou a lhe parecer muito, mais muito grande, se comparado a qualquer outro que já tinha visto.

Ao olhar para os três seres em pé situados à sua frente, um calafrio lhe percorreu o corpo, pois teve a impressão de que ali se encontrava o ser a quem conhecera como Despina, em Sefarad, quando da sua primeira viagem para a região. Mas, de fato, era somente uma impressão, apesar de aquele ser se parecer em tudo com Despina. Ao lado dele, uma mulher de idade indefinível, de beleza ainda mais difícil de ser comentada, sorria levemente, como se para tranquilizar Joctan. No outro lado, um homem com aparência idosa e grave se movimentava lentamente na direção de uma pedra sobre a qual existiam alguns objetos.

Tomando em uma das mãos uma pequena pedra trabalhada na forma de uma esfera, o mago voltou-se para o ser parecido com Despina e pronunciou algo inteligível. Depois, dirigiu-se à mulher, falando para ela em voz baixa. Em seguida, deu dois passos adiante, e disse na língua de Joctan:

— Esse colégio da sabedoria sente-se contente com a sua presença, ó descendente do patriarca Noé. Somos conhecedores de toda a história da linhagem e de tudo o mais dos tempos anteriores à devastação. Somos todos

estudantes das matérias da vida, só que a esse conceito aplicamos um sentido bem mais amplo do que você poderá aquilatar com base nos valores da sua tradição. Você foi convidado para vir até aqui porque precisamos lhe agradecer pelo seu gesto, tanto o de nos procurar como o de nos ofertar essas folhas, que muito representam para nós.

Joctan sentiu as pernas tremerem e sua respiração ficou agitada, uma vez que não esperava nada naquele sentido.

— Pelo que sabemos, pertenciam à mãe da descendência da qual você faz parte. O que a “mãe de um dos ramos mais recentes da humanidade” falou, alguém registrou nessas folhas, cuja feitura pertence às artes do passado. Mas sobre o que ela falou ainda é motivo de estudo entre nós desde há muito, pois a linhagem de entes poderosos e à qual o nosso “guardião” pertence — o mago se referia ao ser não humano ali presente — participou, ainda que indiretamente, do processo da criação dessa ramificação. Nós mesmos pertencemos a uma outra, e assim o digo apenas para que o saiba, já que você é um dos que procuram a verdade sobre os fatos da vida. Além das nossas duas, existem mais quatro sobre as quais tivemos conhecimento. Eis as folhas que lhe devolvemos, por pensarmos que de direito pertencem ao seu povo.

— Não, ainda que assim possa ser considerado, mas não há mais sentido... Deixo-as aqui, pois vocês poderão estudá-las... O meu povo não tem como, e para mim não é possível. Esse direito me foi dado pelo velho Asser, que me as entregou, e reafirmado pelo patriarca Noé e pelo meu pai Heber. Ficaria muito feliz se aqui elas ficassem...

— Mas não temos como agora, em poucos dias, fornecer o nosso entendimento sobre o significado de todos os registros...

— Não é necessário... Na verdade, meu caro senhor, não desejo saber... Passei toda a minha vida pensando sobre isso, mas o pouco que agora sei penso que me é suficiente.

— Bem... Suas palavras soaram estranhas, mas muito agradecemos. A quantidade de verdade que cada um pode suportar deve ser bem medida, e penso que foi a isso que você se referiu sabiamente. Vivemos uma época difícil. O que antes estava unido por uma hierarquia e pela interação entre mundos agora começa a enfrentar a sua etapa de desagregação, e cada uma das partes luta por encontrar uma maneira de compreender como era o todo. A humanidade surgiu no início dessa desagregação entre os grandes seres — e o mago se voltou na direção do ser e da mulher que se encontravam um pouco mais atrás, fazendo-lhes reverência — que, por motivos ainda em

estudo, viram sua realidade se decompor e agora se encontram divididos. Assim digo para melhor lhe informar sobre o pouco que sabemos sobre o Criador que se diz maior que os demais, que é o Senhor a quem vocês veneram. Realmente, por motivos que são desconhecidos até mesmo para os grandes seres, esse Criador tem sumido e reaparecido ciclicamente ao longo do tempo da existência deles, bem antes do nosso nascimento. Por que é assim, ninguém o sabe. Por isso, entendemos como comum a sua narrativa quando aqui chegou, de que há algum tempo os seus patriarcas não têm notícias dele. O feitor de todas as coisas age de forma estranha mesmo para a lógica dos grandes seres, e também para a nossa.

Joctan jamais escutara palavras tão diretas e objetivas em relação ao modo de ser do Criador. Naquele momento, constatou algo que permanece um mistério até mesmo para os estudiosos mais profundos: aquele ser se dizia Criador da humanidade, mas não era humano!

— Finalizando as minhas palavras, sabemos que estamos todos caminhado numa direção pretendida pelo Criador, mas cujo destino parece necessitar do trabalho de mais agentes dessa construção, seja o que for que esteja sendo construído. Na direção desse destino, muitas etapas existiram, e parecem ainda faltar outras muitas, para que esteja consumado o que se almeja produzir. Não sabemos o que é! Você falou aos magos que o receberam que existia um modelo de homem sendo construído, um modelo de ser humano sendo edificado neste mundo. Essa sensação, alguns dos grandes seres pertencentes à linhagem do “guardião” e da “guardiã” aqui presentes afirmaram também se sentirem possuídos por ela, no sentido de que poderia, sim, estar em curso um processo que deles pretenda retirar um molde da sua linhagem para uma função sobre a qual jamais puderam compreender.

Joctan ficou sem entender toda a extensão do que escutara, pois, a princípio, pensou que somente o ser não era humano, mas agora, perante a mais recente afirmação do mago, a dúvida se fez presente no seu discernimento sobre a mulher ali postada ao lado deles.

— Muitas etapas ainda existem por vir, e a que estamos vivendo é tão somente a primeira de uma nova tentativa da natureza de reordenar os fatos da vida. Outras virão! Existe algo que ainda possamos lhe ofertar?

— Perdoem-me, mas meu pai me perguntará sobre a questão do modelo, se porventura encontrei alguma opinião ou orientação sobre a extirpação do que for nocivo à sua construção... Haveria algo que esse colégio pudesse me orientar? Assim rogo, porque são muitos os homens malvados, e mais ainda

os depravados nas suas posturas, e isso, além de infelicitar o mundo, se não for detido, deverá de propagar de tal modo que os bons costumes e o bem estar dos povos poderão jamais prevalecer

— Como disse, a natureza reordena os fatos da vida de tempos em tempos. Muitas calamidades já ocorreram e outras ainda virão. A próxima que se avizinha não virá pela natureza, como comumente se tem visto o fogo, o gelo, a destruição vinda do céu e a punição das águas renovando as épocas, varrendo este mundo, sempre propiciando um recomeço. O que agora virá será dirigido aos homens perdidos nas suas próprias paixões, para os que portam a sina do desajuste... Não porque sejam maus, mas porque estão novamente se perdendo nos comportamentos animalescos desassociados do que naturalmente o humano pode produzir nessas questões, que é o sentimento do amor e do respeito que a tudo deve ser emprestado.

O mago olhou profundamente para Joctan como se lhe devassando a alma. Foi quando esse pôde, então, mais claramente perceber que, se, por um lado, aquele homem não sorria em nenhum momento, do seu rosto emanava uma sóbria retidão, cheia de tolerância e de compaixão para com os aparentes desvios da humanidade.

— Você, nas suas preocupações e buscas, vem se referindo especificamente aos homens que demonstram preferência pelo mesmo sexo, mas isso não é um desvio em si, no que se refere ao campo das possibilidades e das opções de cada ser humano. Há algo mais profundo por trás dessas questões, de modo que, em havendo um futuro de sobriedade ou mesmo de desesperada necessidade de esclarecimento, esse “pano de fundo”, um dia, terá que ser enxergado pelos que vivem neste mundo e, se assim for, terá que ser revelado e explicado aos viventes. Penso mesmo que a sua presença entre nós tem a ver com esse aspecto das possibilidades. Por agora, porém, saiba que o problema que começa a ser verificado pelos grandes seres no sangue da humanidade tem a ver com o descaminho, sim, tanto na atitude sexual geral como na expressão da maldade. Contudo, ainda que nessa última postura é que resida o grande problema dos que vivem neste mundo, reside na questão menor da postura sexual desarrazoada, do sexo desvairado e inconsequente, seja o praticado entre homens e mulheres ou mesmo entre pessoas do mesmo sexo, um perigo à espreita que deverá destruir toda e qualquer forma de vida que esteja infectada pela sujeira do seu sangue. Essa sujeira poderá se propagar, destruindo muitas pessoas conforme a sua conduta sexual. Os portadores da sina serão extirpados deste mundo por motivos que não

compreendemos, mas é o que apontam os caminhos que nos levam às próximas etapas de um destino ainda por ser cumprido.

Joctan escutou aquele vaticínio e, em outros tempos, como a notícia se alinhava com a preocupação do “modelo de pureza” do qual o patriarca Noé falava, ele até poderia ter sentido um alívio por finalmente ver alguma lógica na punição aos depravados, aspecto inerente à crença da sua descendência que sempre esperou o Senhor punir os desobedientes e dar bênçãos aos obedientes. Mas agora, após escutar as palavras proferidas em resposta a sua própria indagação, ele se sentia desconfortável, pois recordou do aspecto inquietante de que, mesmo com os depravados, se assim o eram, isso se devia ao fato de portarem as sementes legadas para a humanidade pelo próprio Senhor.

— Mas — viu-se dizendo Joctan — essa doença está surgindo naturalmente, ou é produzida pelos grandes seres, ou mesmo pelo Criador, para punir a humanidade?

— Não sabemos e nem mesmo o “guardião” que disso cuida o sabe. A “guardiã” cuida das chaves de outros mistérios — disse o mago de forma lacônica.

— Lembre-se, ó descendente do patriarca Noé, portar no seu próprio sangue (n.e. – o sentido é o do que hoje chamamos de DNA) a marca das situações já vividas e os desdobramentos advindo dos acúmulos dessas experiências é sempre ser instrumento de um processo que se replica e que acontece no tempo a que chamamos vida. Sob essa perspectiva, viver é reordenar o sangue, herdado dos pais, reordená-lo a sua maneira, e repassá-lo para as novas gerações. Assim segue a vida!

Entendendo que chegara o final do seu encontro, Joctan fez uma reverência aos três posicionados no lugar um pouco mais elevado que lhe parecera um altar, enquanto fixou mais uma vez a sua atenção no rosto afável e belo da “mulher” ali presente e na face impassível do ser que ainda o olhava, ao mesmo tempo em que se dirigia para trás das folhagens.

Mas quem define as experiências e as circunstâncias que abraçam um ser humano ao longo da sua existência? E as expectativas que surgem no nosso modo de ser, de onde elas vêm, e porque eclodem, arrastando a cada pessoa para um caminho próprio? — se questionava Joctan, enquanto caminhava de volta para a vila, ainda se recordando das últimas palavras do mago.

À noite, antes de conciliar o sono, novamente as inquietações se fizeram presentes no seu psiquismo.

E se tudo isso vier do Ente Poderoso e Criador de todos os mundos e de todas as suas criaturas, que culpa poderá ter o ser humano? E se não for dele, de quem será a procedência que sempre remete a um futuro de tudo o que se passa no coração dos seres? Será herança de nós mesmos, como deixou entender o mago? E se for fruto do acaso... Mas que Ente Poderoso seria o Criador se o acaso pudesse mais que ele?

O caminho de volta foi muito mais penoso do que o da vinda, devido às condições do clima.

Muitos meses foram se passando enquanto Joctan, agora com sua guarda pessoal, obrigava-se a permanecer em vilarejos à espera de um melhor tempo para os deslocamentos.

Finalmente, ao retornar ao lar, soube que o seu pai, Heber havia sido chamado, porque o patriarca Noé prostrara-se de tal modo, acometido por uma fraqueza, que todos aguardavam a sua morte para qualquer momento.

Pensando, quando da sua chegada, que iria ter alguns dias de descanso, Joctan superou a fadiga da longa viagem que fizera, e logo se viu empreendendo uma nova, agora na mesma direção que seu pai seguira, rumo à morada do patriarca Noé.

Conseguiu lá chegar ainda em tempo de vê-lo vivo, apesar da profunda fraqueza que o dominava. Naquela mesma madrugada Noé deixava a vida terrena, para o pranto geral de toda a sua descendência.

Heber se sentiu esmagado pelo peso das perdas extremas, que o fluxo dos fatos, em tão pouco tempo, havia levado da sua vida: um filho muito amado, e o mais singular dos seres humanos dos muitos que conhecera.

Cumprido com o pranto que uma perda daquele nível provocava, a vida foi voltando ao normal, o que permitiu a Joctan relatar a Heber, com todos os detalhes, a sua estadia entre os descendentes de Gomer e dos magos do norte.

Conversaram por longos dias, e o tema da punição pela peste vaticinado pelos magos foi o mais abordado, sem que atinassem como aquilo poderia se dar.

Joctan evitou viajar por um longo tempo, para permanecer ao lado de Heber, que não mais dispunha do mesmo vigor que antes, apesar de sempre estar viajando para atender às obrigações de ser ainda o único patriarca em atividade, uma vez que Sem, Asfarxad e seu pai, Salé, praticamente não mais se movimentavam.

Cobrando-lhe ainda mais um custoso entendimento que cada vez menos Heber parecia estar disposto a conceder ao fluxo da sua vida, Reu, o filho de

Faleg, morreu com quase 240 anos, praticamente a mesma idade com que Faleg morreria.

Heber e Joctan se encheram de dor e todas as ramificações da descendência mal podiam acreditar que aquilo estava acontecendo.

Com o passar do tempo, Heber foi se transformando num homem taciturno, pois a sua sina foi permanecer vivo enquanto todos ao seu redor foram deixando a vida.

Ao longo dos próximos sessenta anos a sua solidão aumentaria sobremaneira, porque o seu companheiro de viagem e cúmplice em muitas dúvidas, angústias e silêncios, Joctan, deixou este mundo, logo sendo seguido por Arfaxad e, um pouco depois, pelo seu pai Salé.

No que errei para ser punido dessa forma? Estão todos mortos, aqueles a quem mais dediquei amor nesta vida. Meus filhos, meus descendentes mais próximos, meus antecessores, o grande patriarca Noé, e aqui estou eu, ridicularmente entronizado como único patriarca de um legado que nem mesmo o Senhor o protegia... Como posso eu proteger e difundir o legado de Noé? — questionava-se Heber, na altura dos seus 368 anos.

Era realmente o fim do projeto de Noé. Ainda assim, Heber torcia para que fosse verdade que o Senhor agora apoiava uma linha da descendência de Jafé, por meio dos descendentes de Gomer, como ele mesmo o dissera certa feita a Heber, de que notícias naquele sentido estavam chegando por meio do “transe profético” de alguns membros da família.

Que continuasse um modelo qualquer para que o ser humano pudesse sonhar com o seu próprio progresso! — refletia o solitário patriarca de um legado vazio. Mas, nesse ponto da história, naquela altura dos fatos, Heber, seguindo o exemplo dos seus filhos, já não mais conseguia ver com o mesmo peso da preocupação que absorvera de Noé, a questão dos homens que preferiam a parceria sexual de outros do mesmo sexo.

Sendo pessoas de bem e voltadas para o progresso da comunidade, isso sim, eu posso valorizar por mim mesmo. Lembro-me de Nemrod ter me dito, numa certa oportunidade, que eles eram tão bons quanto os demais trabalhadores. E que, para certas tarefas mais detalhadas, ele preferia mesmo usar aqueles homens. — Voltou a pensar Heber ao repassar mentalmente a sua vida, esperando a sua hora de seguir, ainda que com um travo de uma amargura profunda e uma sensação de algo inacabado que jamais o abandonou, enquanto esteve entre os vivos deste mundo.

Os anos se passaram e Heber continuava sendo visitado por membros das

diversas ramificações da descendência, que vinham atualizá-lo em relação às notícias do mundo que eles conheciam. Do patriarca, recolhiam uma ou outra orientação, mas ele insistia em prestigiar os chefes locais, motivando-os a agirem com seus próprios critérios, e que não fossem tão radicais quanto ele mesmo havia sido em certos momentos com as preocupações em torno das “ordens do Senhor”.

Quando de uma certa visita suas últimas palavras foram: *que possa faltar doçura no coração do Senhor, mas, nos nossos, por difíceis que sejam os dias da vida, jamais!*

O pesadelo do patriarca Noé havia se cumprido!

A BABEL DE CADA DIA

A DESCENDÊNCIA de Noé se descaracterizou após a morte de Faleg, e o mundo foi se enchendo de novos focos civilizatórios, advindos de conflitos e das constantes desagregações que forçavam os “expulsos” ou “perdedores” a procurarem outros espaços para levar a vida adiante.

Após a morte de Heber, as cidades espalhadas pelo mundo e que algum dia tiveram qualquer relação de hierarquia com os antigos patriarcas, desde então se encontravam absolutamente livre de qualquer tutela.

(N.e. – Os livros que compõem o Antigo Testamento da Bíblia, que somente surgiriam alguns milênios mais tarde, apresentam uma relação depois de Reu, filho de Faleg, até a “linha temporal dos patriarcas” chegar à figura de Terá, pai de Abraão, que não corresponde aos fatos. Tudo indica que foi somente uma forma do “autor e/ou tradutor do Gênesis” criar a aproximação necessária para retomar a aliança devido ao pacto que o Senhor, ao abandonar os arianos como sendo a linhagem eleita, voltou a firmar com a antiga linhagem semítica, que havia abandonado ao tempo de Faleg).

A única cultura cujos governos ostensivamente apresentavam a sua repulsa à prática sexual entre homens abrandou o patrulhamento então existente, e o processo que a muitos chocava foi se propagando com o tempo.

Foi nessa época, em que duas das cidades fundadas por Nemrod começaram a conquistar avanço militar e construtivo muito superior ao das demais, que os entes poderosos começaram abertamente a manipular os seres humanos para os seus fins.

Não foram poucas as vezes em que, enquanto esteve vivo, a mente de Heber passou pelas preocupações de fazer com que os registros do seu tempo fossem produzidos de algum modo. Na sua época, o método de escrita de Enoch ainda estava sendo feito (n.e. – o conhecimento histórico atual não aponta essa época como sendo uma na qual os antepassados dos hebreus possuísem a proto-escrita hebraica – no entanto, possuíam!) mas, ainda assim, Heber tinha receio do tipo de legado que poderia ser deixado por seus descendentes em relação aos temas complexos daqueles dias.

“Mas é necessário que existam as marcações do modelo que a descendência de Noé deveria perseguir” — pensava ele à época.

Não foram poucas as vezes em que ele mandou promover “cursos” para os mais jovens em todas as cidades da descendência, como forma de popularizar a escrita. Esse processo, porém, após a sua morte, foi encerrado. Ainda assim, Nemrod foi um dos que mais se aplicou em reproduzir as recomendações de Heber, e nas cidades administradas por eles, os cursos promovidos resultaram na existência de bons escribas.

Em Babel, uma das cidades fundadas por Nemrod, um novo conceito para os entes poderosos começou a ter lugar, vindo originalmente das terras situadas mais a leste (n.e. – os antepassados dos hititas).

O conceito de “deus”, “deuses” e também a noção sobre o “sagrado” surgiram na cultura daqueles povos como uma chama e, em pouco tempo, a figura do Senhor, o Criador venerado pela linhagem de Noé, estava obscurecida por outros deuses “mais presentes” na vida das pessoas (n.e. – nesse tempo não existia o conceito de um deus amoroso, compassivo e perfeito em todos seus atributos).

Até mesmo nas cidades da descendência, a sua lembrança foi sendo superada pelo cotidiano que se acumulava sempre no sentido das histórias que envolviam outros entes poderosos, agora chamados de deuses.

Em Babel residia um escriba cujo nome era Semer. Ele pertencia à descendência de Nemrod, ainda que, naqueles dias, isso não fizesse nenhuma diferença ou tivesse alguma importância, pois muitos eram os moradores vindos de outras origens para aquela cidade.

Na sua função, ele acompanhou de perto o desacerto ocorrido entre as diversas forças que apoiavam o rei de Babel, que, presumidamente, achava-se no direito de comandar quem viesse habitar a “sua cidade”. Mas, naquele tempo, essa educação estrangeira não existia formalmente, porque as leis ainda estavam sendo lentamente elaboradas pela evolução do pensamento

humano.

A língua trazida pelos descendentes de Noé havia se espalhado por toda a terra a oeste (n.e. – Europa) — assim considerada em relação ao local onde Noé vivera por quase toda a vida, após a devastação — como também pelas terras ao leste (n.e. – Eurásia) e ao sul (n.e. – Oriente Médio e África). Contudo, outras línguas agora começavam também a prevalecer em algumas regiões específicas. Ainda assim, a linguagem advinda dos familiares do velho patriarca era a preponderante em diversas regiões, servindo como base para todas as relações (n.e. – correspondia ao papel desempenhado pelo idioma inglês na atualidade, utilizado como base para interação e transações internacionais).

Algo de muito estranho ocorreu em poucos anos, que fez da língua mais falada do mundo, naquele período, uma quase candidata à extinção, como foi o destino de outras que na mesma época existiam.

Semer, além de escriba, era também um homem de confiança de um dos chefes setoriais da aristocracia do rei de Babel.

Ao tempo da sua vida, o “Senhor de Noé” já não era o “deus local” da cidade, até porque os seus habitantes estavam divididos na crença em diversos deuses.

Semer não tinha, em seu íntimo, qualquer noção de preferência por esse ou aquele deus, apesar de se recordar de ter visto um dos mais propalados deuses na cidade, ao tempo da sua adolescência. Foi a única vez que seu coração bateu fortemente com o susto que teve, quando viu aquela “tábua voadora”, como ele chamou, sobrevoar a cidade e depois sumir em direção às nuvens. Sobre a “tábua”, Semer e todos os demais habitantes da cidade viram dois deuses em pé, segurando uma espécie de bastão, enquanto olhavam para os habitantes de Babel.

Todos se ajoelharam, e ele não hesitou. Ajoelhou-se também, mas permaneceu com os olhos voltados para cima, tentando entender o que era aquilo. “Deuses”, era resposta a tudo o que não fosse humano e, ali, provavelmente, apesar da forma semelhante à da humanidade, estava algo que definitivamente não era humano.

Nunca mais os vira. Para seu assombro, outros habitantes da cidade viram aqueles e mais outros deuses em muitas oportunidades, o que o levou a ser o mais discreto dos homens, porque aprendera com as tradições dos seus ancestrais da arca, que *muitos se faziam passar por deuses, mas de todos eles, somente um era, de fato, o deus Criador. E esse era ciumento, vingativo e*

costumava punir quem venerava outros pretensos deuses. Era mesmo dito que aqueles outros apareciam e interagiam com os humanos obedecendo ordens do Criador, o que era feito somente para testar a lealdade dos humanos. Um dia, haveria o ajuste de contas.

Na dúvida, Semer procurava ser o mais discreto que podia, e como não havia sido admoestado objetiva e diretamente para ser seguidor desse ou daquele deus, preferia ficar à parte do processo. Mas, se necessário, lá estava ele venerando o “deus do momento”, de acordo com as circunstâncias da sua tarefa.

A vida é muito mais importante do que as inimizades e os problemas que podem advir da crença em um deus específico — pensava.

O chefe direto de Semer, porém, não pensava assim. Iakim, que já havia sido um seguidor radical do “Senhor de Noé e de todos da arca”, há muito deixara aquela preferência de lado, e venerava um dos deuses que era relativamente popular entre os que ali viviam naquela época.

O rei de Babel e todos os demais ministros e chefes veneravam o deus Marduk, e, por isso, Iakim abraçou a nova crença, como se nela tivesse vivido toda a sua vida. Não havia ninguém mais fervoroso a Marduk do que Iakim — pensavam muitos dos habitantes de Babel.

Por motivos obscuros da alma humana, ele não obrigava os seus empregados a seguirem a sua preferência, como se, para ele, quanto mais ressaltada fosse a sua devoção e menos concorrência existisse por perto, maior seria o prestígio junto ao deus. Efetivamente, era assim que ele pensava.

Iakim tinha um casamento de conveniência com Iassa, e, se não viviam maritalmente juntos, levavam uma vida agradável e pacífica, além de se estimarem profundamente.

Em Babel, naqueles tempos, não se tinha lá muita certeza sobre a paternidade das pessoas e muito menos havia uma preocupação mais marcante quanto a isso. Levava-se a vida como era possível!

Assim, Iakim e Iassa tinham uma linda filha, Iessa, que estava se iniciando na idade adulta, cujas feições literalmente a vinculavam aos traços da mãe. Mas, do pai, nela nada se via. Independentemente disso, Iakim e Iessa se estimavam profundamente, como pai e filha.

Iakim adorava a esposa e a filha, mas, confiar, ele confiava mesmo em Semer, pois, apesar da relação patrão e empregado, Iakim via Semer como um irmão, já que tinham idade parecida.

Naquela sociedade livre de pressões educacionais, alguns segmentos da emoção humana vinculada à postura sexual vicejavam livremente, sem maiores problemas de julgamento social quanto a preferências e carências diversas.

É importante ressaltar que o único “deus” que “declaradamente” perseguia a preferência por pessoas do mesmo sexo era o “Senhor de Noé”, já que os demais disso sequer cuidavam, e eles mesmos davam exemplos em outra direção, ou, simplesmente, eram omissos em relação a esse aspecto da vida, o que liberava seus fiéis para a livre manifestação das suas tendências.

O Rei Ablus via aquela aparente liberdade com preocupação, posto que fora educado ainda nos tempos da virilidade como sendo a marca dos bons soldados. *Mas o que fazer?* — perguntava a si mesmo, e muitas vezes pensou em levar esse assunto para discutir com os ministros e demais chefes. Contudo, tinha muita dificuldade em atinar se não iria agredir um pouco mais da metade dos seus principais assessores com aquela preocupação. Assim, sempre desistia da ideia para passar melhor!

Quando comentava em casa, a rainha e os demais familiares diziam que ele não considerasse aquele assunto, pois a preferência pelo mesmo sexo não iria atrapalhar a demonstração de força do exército do reino quando necessário.

Cedendo aos fatos, o rei procurava não observar a licenciosidade que achava estar existindo, e administrava como podia os seus já longos anos de reinado.

Semer não era um escriba qualquer, pois pertencia a uma linhagem familiar cujo pai era um organizador dos vestígios da linguagem antiga dos descendentes de Noé, e dele herdara essa curiosidade sobre o valor dos sinais escritos.

Seu trabalho era o de registrar o que possível fosse dos pedidos do rei e das ordens de Iakim. Contudo, nem todas as palavras, naqueles dias, tinham a sua correspondente grafia, e Semer dedicava a maioria do seu tempo a sistematizar a linguagem dos descendentes de Noé (n.e. – o hebraico antigo).

Muita gente sabia disso em Babel e em cidades vizinhas, e Semer era, por isso mesmo, procurado para ensinar os seus desenhos vinculados à noção de conteúdo. Como poucos eram versados naquelas formulações ainda primárias, não existia comunicação, o que muito limitava as suas ocupações oficiais, dando-lhe tempo livre para se dedicar ao seu sonho de formular o que viria a ser, mais tarde, a base do alfabeto hebraico, e, por outros motivos,

como se verá adiante, terminou também contribuindo para a estruturação do alfabeto babilônico.

Iakim sabia disso, mas não demonstrava maiores interesses pela questão, desde que Semer fizesse o registro das suas ordens funcionais para serem repetidas oralmente, com a pompa de que ele tanto gostava.

Certo dia, Semer saiu da sua sala de trabalho, que era um anexo à residência de Iakim, e para lá se dirigiu, para sanar algumas dúvidas que lhe surgiram no documento que estava escrevendo. Ao entrar no jardim central, atentou para um cômodo que não tinha porta, porque nele viu seu chefe prostrado no chão, como se tivesse fazendo reverência a alguém.

Ficou na dúvida se entrava ou não naquele recinto, e decidiu aguardar. No entanto, pensava consigo mesmo que *nem diante do rei o seu chefe Iakim se comportava daquela maneira*.

Enquanto hesitava, observou Iakim rolar pelo chão, tentando respirar, e foi nesse momento que correu para prestar alguma ajuda ao amigo e chefe, que procurava respirar, sem o conseguir fazer de modo satisfatório.

Iakim estava com olhos esbugalhados, pálido e lutando para inspirar mais profundamente.

Semer o ajudou a se por de pé enquanto dele escutava:

— Eu vi... O deus me apareceu... Ele já estava aqui quando entrei e ele... Ele desapareceu naquela sombra... — Iakim estava apontando para uma sombra arredondada, demarcada momentaneamente no chão, proveniente do jogo provocado pelo sol por trás de uma estrutura arredondada situada no teto de outra parte da grande residência, projetada pela janela aberta.

Semer olhou para a sombra ao mesmo tempo em que se dirigiu para a janela sem entender coisa alguma.

Iakim, ainda extremamente pálido, continuou balbuciando coisas sem nexos até que Semer o fez sentar e beber um pouco d'água, o que o levou a se acalmar a cada gole que o amigo lhe dava.

Realmente, Semer jamais o vira daquele modo, e sempre pensara que já conhecia todos os trejeitos do seu chefe e amigo.

— Ele me apareceu e falou comigo... O deus me disse que precisava de mim para cumprir uma tarefa celestial... Uma coisa sagrada... Ele ordenou que eu usasse meu poder para criar uma nova linguagem... Uma linguagem sagrada para substituir a dos desconhecidos ancestrais... — foi dizendo Iakim, mas, naquele ponto, ele olhou para Semer e arregalou os olhos se levantando, enquanto, logo após dar um pequeno grito, colocou as duas mãos

na boca repentinamente.

Semer o olhou, pensando consigo mesmo que, agora, o patrão havia ultrapassado o limite prudencial da ostentação de uma presumível masculinidade com aquele gesto, mas nada disse.

— Agora entendi... Usar o meu poder deve ser o mesmo que usar você, ó meu amigo, para formular uma nova linguagem para substituir a da descendência do deus ultrapassado. Pois que esse deus quer distinguir Babel de todas as demais cidades... Foi tudo tão rápido — balbuciou ainda Iakim.

— E ele ainda lhe disse isso tudo! — ponderou Semer, numa frase cuja entonação tanto poderia ser tomada como interrogativa como reflexiva.

Iakim o olhou ainda espantado, dizendo algum tempo depois:

— Na verdade, ele não disse assim... Ele não falou como estou falando com você, pois não vi a sua boca se mover, mas ouvi com muita precisão essas coisas que estou lhe dizendo.

— Mas qual o sentido disso? — perguntou Semer.

— Não sei, não sei... — respondeu Iakim, de forma dramática. — Existem muitas cidades, tanto próximas como distantes daqui, e todas elas devem estar procurando fazer valer a sua importância frente às demais. Os deuses de cada cidade devem estar disputando alguma coisa em torno dessa questão. É a única explicação!

Semer permaneceu durante um bom tempo dando assistência a Iakim, enquanto pensava sobre o que ele falara.

Realmente, nos últimos tempos, ele estava recebendo mais visitas de estrangeiros do que o usual, para trocar informações sobre as regras básicas da lógica de uma possível elaboração de um alfabeto.

Será que esses deuses estão aparecendo também para pessoas das outras cidades? — perguntava-se Semer enquanto assistia o amigo, fingindo ainda lhe escutar as palavras.

Para seu alívio, a esposa e a filha de Iakim retornaram de uma visita, e esse voltou a narrar tudo o que lhe havia acontecido, agora algo desfalecido nos braços das duas, novamente voltando a se esquecer de não ultrapassar certos limites posturais.

Semer pediu então permissão para falar, e rogou que ninguém ali comentasse sobre o acontecido antes de Iakim perceber se o rei iria gostar de ter tido um chefe visitado por um deus que presumivelmente estava interferindo nas decisões do reino, pois criar uma linguagem específica para substituir a corrente e mais comum iria requerer trabalho longo e penoso e, se

não fosse da vontade e da conveniência do rei, o pedido feito a Iakim poderia gerar desconforto.

Novamente Iakim levou as duas mãos à boca e, paralisado perante a reflexão do amigo, olhou para a esposa e a filha, quando desta última escutou:

— Semer tem razão... Escutei, outro dia, nos aposentos de uma das filhas do rei, que ele recebera a informação de que, em todas as cidades vizinhas, existia ainda uma maioria de habitantes vindos da descendência do patriarca Noé. Mas que, dentro de pouco tempo, a presença de pessoas de outras origens em cada uma dessas cidades deverá ultrapassar a quantidade de herdeiros da arca. Essa linguagem que utilizamos, que é praticamente a que eles sempre falaram, deve ir desaparecendo. Faz sentido, sim, o pedido desse deus a você, meu pai, mas como nos advertiu Semer com muita propriedade, é necessário que antes de o senhor falar com o rei, muita coisa seja verificada.

Iakim cobriu a filha de beijos, elogiando-a pela inteligência e beleza, e Semer se retirou de volta para o seu trabalho.

Passaram-se quase dois meses da visita do deus a Iakim até o rei retornar da longa vistoria que empreendera a postos avançados e estratégicos do seu reinado.

Iakim procurou de muitas maneiras aferir o perigo de contar ao rei sobre a sua visão e a mensagem recebida. No entanto, ao lembrar que os sacerdotes poderiam também representar um problema para ele, caso viesse a relatar o acontecido, pois o costume era que pelo menos um dos sacerdotes fosse consagrado pessoalmente por um deus, e naquela geração nenhum deles ainda havia sido, e a sua história poderia representar um desprestígio para toda a classe sacerdotal.

Procrastinou como pode a narrativa que pretendia fazer discretamente para o rei, mas, nas muitas ocasiões que teve, os ministros não o deixavam ficar a sós com o monarca.

Duas vezes tentara começar a abordar o assunto, mas recuara na última hora, pois o receio era maior do que a necessidade. Assim foi, até que um dia o inusitado teve lugar e de modo inesperado.

O impulso que o dominou para falar a respeito da “revelação” teve lugar num encontro de trabalho entre o rei, seus ministros e seus chefes, quando estava sendo abordada a questão da importância das tradições de Babel para a sua população e as cidades circunvizinhas.

— Precisamos, sim, em respeito aos deuses que nos apoiam, em especial

ao maior deles, o deus Maruk, encontrar uma solução para manter o domínio que, naturalmente, desde os tempos do nosso pai e fundador Nemrod, o reino de Babel vem exercendo sobre as suas cercanias. Não é preciso fazer sempre guerra para impor o nosso poder! — disse o Rei Ablus, quase gritando.

Ninguém na assembleia formada pelos membros da sua corte encontrava nada para dizer que fosse útil ao que o monarca procurava.

Foi nesse contexto que Iakim levantou-se com a imponência que a ocasião exigia.

— Rei Ablus, peço permissão...

— Fale, Iakim, preciso que alguém fale alguma coisa nessa assembleia de mudos, e desconfio que de surdos também. Saibam que eu tive um sonho, dias atrás, segundo o qual alguém muito especial no céu e na Terra me diria algo que faria do meu reino a ponte que uniria as coisas deste mundo ao alto... Portanto, fale, Iakim! — bravejou o rei.

Iakim teve, então, certeza que aquele era o momento pelo qual tanto esperara.

— Em homenagem a vossa grandeza, os deuses enviaram um dos seus para revelar um plano divino que deverá deixar Babel ainda mais importante em situação de superioridade em relação a todas as demais cidades e reinos.

Todos os olhos e a atenção súbita de alguns que sequer estavam prestando atenção às palavras de Iakim voltaram-se para ele, inclusive e, principalmente, os do Rei, que se levantou do seu trono.

Iakim tomou um susto, pois não esperava causar tanto impacto assim com aquela sua primeira frase. Respirou fundo e foi adiante.

— O deus... Apareceu e...

— Um deus apareceu a você? — esbravejou o rei, mais por curiosidade do que propriamente por outro motivo.

Iakim olhou para Ablus ao mesmo tempo que percebeu todos os sacerdotes também ficarem de pé.

Após a mais rápida e profunda hesitação que um ser humano poderia sentir naquelas circunstâncias, e vencido pelo receio do que poderia vir, emendou:

— Não a mim, mas a um homem de prudência e que possui alta capacidade de concentração da mente e conhecimento do assunto revelado, pois só assim o deus poderia transmitir a mensagem de que o reino de Babel deveria criar uma nova linguagem, com símbolos próprios, para fazer com que ela seja aceita por todas as demais, substituindo, assim, a que foi

herdada dos ancestrais de Nemrod, mas que se encontra sendo distorcida pelas muitas influências que recebeu dos estrangeiros. Assim, todo o comércio e as relações principais dos reinados seriam falados nessa nova língua de Babel.

— Quem foi o mensageiro que recebeu essa mensagem? — tornou a perguntar Ablus.

Iakim sentiu suas pernas fraquejarem e, com enorme dificuldade para falar, fez uns gestos com as mãos que não queriam dizer coisa alguma, enquanto balbuciou:

— Foi... Foi o meu... Foi o escriba de vossa majestade que labuta nos registros do meu ofício junto ao reino... Foi Semer, que é um homem de prudência e de alta capacidade de concentração.

Prontamente Ablus bateu uma mão na outra, enquanto disse satisfeito:

— Traga-o aqui... A revelação é excelente, e se existe alguém no meu reino que pode criar isso, é Semer. Traga-o aqui! — disse o rei abraçando Iakim, que não sabia mais o que fazer.

Como o rei havia gostado, todos agora pareciam também aplaudir a ideia revelada pelo deus.

— E quem foi o deus que apareceu para Semer? — perguntou o sacerdote mais velho dentre os presentes.

— Foi... Ele ainda não me disse, porque estamos, eu e ele, em estado de êxtase, pois faz pouco tempo o ocorrido. Foi na minha residência... Eu vi a luz do deus em plena manhã, e penso que ele falou com Semer pelos motivos que expliquei, mas acho que a mensagem era para... Para... Para o rei.

— Deve ter sido Marduk, o grande deus Marduk... — disse um sacerdote.

— Sim, pode ter sido... Deve ter sido — disse Ablus.

— Meu rei, como não havia me preparado para falar sobre o acontecido nesta oportunidade que a vossa graça me outorgou, enviei Semer em missão, da qual ele somente retornará logo mais à noite...

— Traga-o amanhã... Preciso descansar e refletir sobre essa revelação... É uma estratégia interessante, porque somente resulta em coisas... Coisas produtivas, e se soubermos agir, ocuparemos, como você bem disse, todas as cidades com a nossa marca, e Marduk e os demais deuses ficarão satisfeitos e honrados.

Iakim voou para casa na esperança de que Semer ainda estivesse por lá.

Encontrou-o quando ele saía e, em lágrimas, pediu para que ele voltasse consigo até a sua casa, no que prontamente Semer atendeu.

Iakim chamou a esposa e a filha, dando ordens para não ser interrompido em nenhuma circunstância, a não ser se fosse da parte do rei.

— Minha vida está liquidada! — disse em prantos.

Seus três interlocutores olharam para ele sem demonstrar maiores preocupações, até porque já estavam acostumados com os lamentos exagerados de Iakim.

— Destruí a minha vida e também a sua, meu amado Semer, amigo e colaborador fiel, a quem considero meu irmão, irmão mais sensato. Perdoe-me, mas, por fraqueza minha, acabei de expor a sua pessoa perante toda a corte, e preciso da sua ajuda amanhã.

Semer franziu o cenho e olhou pela primeira vez seriamente para Iakim, permanecendo em silêncio.

— Sei que você é um homem nobre, o mais nobre que conheço, como também sei como você é discreto e somente ocupa o seu lugar a muito contragosto, porque acho que você preferiria mesmo jamais ser visto. Contudo, peço desculpas mas tive... Peço o seu perdão, mas tive que dizer ao rei que foi você quem viu o deus...

Os três se puseram de pé na mesma hora, o que assustou ainda mais o já fragilizado Iakim, que também se pôs de pé, apesar de não atinar muito bem para quê.

— Transmíti ao rei aquilo que entendi, mas... Perdão, perdão, mas tive receio quando o rei me perguntou e também os sacerdotes estavam olhando para mim e me assustei, oh, como me assustei com aqueles olhos monstruosos fixados em mim, e por isso disse que somente um homem com alto grau de sensatez e de concentração mental, como você, poderia ter sido escolhido pelos deuses para transmitir ao rei um recado divino para fazer do seu reino uma potência ainda maior. E você é o único que pode criar essa nova linguagem, esse novo instrumento divino que fará da Babel o centro de um grande e poderoso império cultural. E o rei adorou a ideia, adorou! — disse Iakim, sem ter coragem de olhar para Semer.

— É o quê, meu pai? Como você fez isso com Semer? Para que você fez isso... O risco que você correu teria sido o mesmo se...

— Tive medo, minha filha, medo, perdoe seu pai...

— Claro que sim, pai, mas a questão é que Semer não tem jeito para essas coisas da corte...

Semer estava lívido, mas de todos os homens que conhecera na vida, sabia que Iakim era o de melhor coração, e que ele não fizera aquilo por

maldade.

Todos ficaram em silêncio durante um bom tempo até que ele, vendo o seu senhor Iakim quase arrancando as unhas de tanto roê-las, disse pausadamente:

— Meu senhor, sei que não agiu por mal e digo mais, não precisava da sua parte tanta explicação, pois, pelos nossos costumes, basta uma ordem sua para que eu seja obrigado a cumpri-la... Agradeço pela sua preocupação com a... Com a minha conveniência... Mas não se preocupe. O que devo fazer?

Iakim praticamente se atirou nos braços de Semer, chorando copiosamente, tão aliviado estava pelo modo como o seu empregado e amigo reagiu.

— Obrigado, obrigado meu amigo e irmão, obrigado, não sou seu senhor, sou seu amigo e lhe fico muito grato. Vamos ensaiar... Vamos ensaiar tudo o que você precisará fazer amanhã.

À noite, Semer mal conseguiu dormir, de tanto que ficou memorizando o ritual que teria de seguir no dia seguinte.

Correu tudo muito bem quando da conversa com o rei e sua corte, que, mesmo sem ter sido convidada, estava toda presente, o que somente fez aumentar a quantidade de comentários que, após a audiência, começaram a transformar um homem simples e discreto, que sempre quis distância dos deuses, mas que agora estava sendo transformado no “enviado divino” anunciado no sonho do Rei Ablus, e depois confirmado pela aparição do próprio deus Marduk, que lhe revelou o plano divino para, sem guerra, transformar o reino de Babel no mais importante de todo o mundo conhecido.

Somente um homem com seus predicados — fiel aos deuses, sábio, mentalmente poderoso — escolhido pelo alto e de inteligência divina, ainda que sob a forma humana, poderia realmente ter sido escalado para uma posição tão honrosa — diziam muitos dos cidadãos de Babel.

Semer era efetivamente muito competente e, com todo um contexto favorável e diversas facilidades que somente os que trabalham com “carta branca” dos poderosos dos céus e da Terra logram almejar, com o passar dos anos cumpriu com a sua tarefa de modo altamente satisfatório.

E foi assim, há cerca de 4.900 anos, que Babel veio a se transformar numa potência regional, implementando a sua própria linguagem, que passou a influenciar toda aquela região.

Realmente, com o passar dos tempos, a antiga linguagem que predominara nas cidades do mundo de então, provavelmente por ser

apadrinhada pelo “deus de Noé” que parecia estar em disputa com outros tantos deuses, foi sendo substituída até quase desaparecer, mantendo para a posteridade a sua tradição graças a umas poucas ramificações do vistoso passado dos descendentes de Noé.

O enigmático “conflito entre deuses” era um fato comum para o conhecimento humano desde as eras anteriores à devastação. Ao tempo da vida de Semer em Babel, aquela mesma questão ainda era percebida claramente, altura em que a humanidade foi novamente envolvida naqueles enigmáticos conflitos, como já havia sido antes do cataclismo.

(N.e. – Por estranho que possa parecer, em diversas passagens da Bíblia, que somente surgiria milênios mais tarde, ficam patentes esses acontecimentos singulares, quando os profetas do deus de Israel confrontavam os sacerdotes locais obedientes a outros deuses, além da referência que o próprio deus bíblico faz em relação a outros deuses, como os do Egito, que disputavam com ele).

Por esse tempo, os núcleos de diversos impérios que começaram a aparecer nas páginas da história do atual conhecimento humano estavam se formando. Os impérios sumérios e acadiano, assírio e caldeu, e o babilônico arcaico, eram tão somente alguns dos povos que assumiram cultura própria, deixando ao largo a “herança da arca” inicialmente recebida.

Se realmente houve um plano de algum ente poderoso para diminuir o poder de penetração da herança de Noé nas cidades fundadas pelos seus próprios descendentes, foi na altura desse fato que essa transição ocorreu, e a desagregação da família humana, enfim, ficou estabelecida desde então pela multiplicidade de línguas e de culturas que passaram a dificultar a união dos seres humanos em torno das suas causas comuns (n.e. – se existiam seres que pretendiam enfraquecer o poder da humanidade, para que ela não se enxergasse como uma só família, convenhamos, o projeto deu absolutamente certo, até que isso possa ser percebido, refletido e os humanos redirecionem os seus esforços noutro sentido).

Afinal, dividir para enfraquecer e dominar, eis o que um general ou um estrategista sempre pensa, ao observar o “outro lado” de uma disputa ou mesmo de uma estratégia de dominação.

Um dos aspectos mais intrigantes do contexto social da época em que se

deu essa transição refere-se ao fato de que o percentual de pessoas naquelas cidades que se sentiam atraídas por parceiros do mesmo sexo crescia em quase todas elas, mesmo nas linhas de descendência de Noé, agora miscigenadas com outras culturas.

Um outro aspecto, sendo esse problemático, foi a vulgarização que a atividade sexual gradativamente assumiu em muitas daquelas sociedades, onde a ausência de qualquer cuidado com o zelo emocional, associada à atitude sexual, foi usada por forças obscuras para gerar no seio da sociedade humana o germe de possíveis doenças que viriam a causar danos profundos nas pessoas, ceifando, inclusive, as suas vidas.

O que os magos do norte disseram a Joctan, sobre uma grande calamidade que um dia iria atingir a humanidade, agora via pestes, naqueles dias estava ainda sendo lenta e inconscientemente elaborada pelas atitudes dos desavisados humanos, que sempre tiveram dificuldade em perceber as vantagens e desvantagens que a diferença entre liberdade e libertinagem podem produzir na vida humana, independentemente das questões de moralidade comportamental.

Iakim levou o seu plano adiante, com o apoio do rei e da aristocracia da cidade de Babel, e Semer trabalhou ainda por mais três décadas e meia, envolvido com as duas linguagens que resolveu abraçar, para assim “passar melhor” com deuses, reis e homens. Apesar do feito considerável, o seu nome não passou à posteridade.

Mesmo gostando muito de Semer, Iakim passou o resto da sua vida se lamentando, porque os “créditos” pelo feito foram dirigidos ao amigo.

Para quem viveu em Babel naqueles tempos, existia a inabalável “certeza” de que os deuses usavam as pessoas para os seus fins. O difícil era atinar com o objetivo pretendido por eles.

Mais enigmático ainda era também perceber que, entre eles próprios, havia seguramente confrontos e conflitos, e tristezas dos humanos quando isso os envolvia direta ou indiretamente.

Ao que tudo indica, esse “hábito divino” somente foi rompido há pouco tempo, quando a ordem de complexidade das sociedades humanas chegou a um ponto tal que eles não mais tinham como “interferir”.

A vida humana segue adiante, com o remanescente deles à espreita, na Babel de cada dia, que, muito provavelmente, este mundo representa para os seus objetivos.

Nesse sentido, cada ser humano parece portar uma quota personalizada de

todas as conveniências e inconveniências das “experiências” que, desde o passado imemorial, foram impostas às espécies mais “espertas” ou “inteligentes” do planeta.

Semer, observador atento e privilegiado de muitas ocorrências singulares que tiveram lugar na Babel daqueles dias, passou os últimos tempos da sua vida refletindo sobre um aspecto intrigante: afinal, entre humanos e deuses, “quem precisava de quem?”.

Morreu tido como herói e enviado dos deuses, sendo sepultado com todas as honras dadas pela corte de Babel aos seus “grandes personagens”, num dia em que toda a cidade, chorosa, rogava aos céus a vinda de uma nova encarnação de um humano escolhido pelos deuses para fazer cumprir os seus destinos.

Ao lado do rei e da sua família, Iakim, observado pela esposa e pela filha, produzia um pranto desesperado e sonoramente alterado por “picos de dor”, que o levavam a esquecer o já referido limite prudencial, o que fazia com que o rei o olhasse, estranhando tanto tormento por uma morte natural, ainda que de um herói, mas que morrera sem dor e em idade de quem bem viveu a vida.

Somente Iassa e Iessa, contudo, sabiam a razão de tanta lamentação, para além do pranto sincero que devotava à morte do amigo.

OS MISTÉRIOS DIONISÍACOS

DESCENDENTES DIRETOS e indiretos do sangue (n.e. – DNA) de Jafé e de dois dos seus filhos, a saber, Tubal e Gomer, residiam agora em muitas terras, só que completamente apartados da cultura que dera origem a seus ancestrais.

Fundaram inúmeras cidades que, mais tarde, viriam a compor parte dos painéis revelados na mitologia grega e na ariana/hindu, principalmente, pois que muitas outras histórias que existiram e que foram passadas por meio de tradições orais e depois escritas, tiveram seus traços destruídos pela “queima de arquivo” que a ignorância humana sempre teimou por realizar.

Afinal, quando Nabon Assar, imperador assírio, há cerca de 2.747 anos antes do presente, decidiu queimar todos os registros históricos que existiam antes do seu reinado, na vã pretensão de ser o “número um” da história, a sua megalomania estava apenas dando continuidade ao processo de destruição de registros sobre o passado já em curso há muito tempo, pelos eternos pretendentes a “número 1” em alguma coisa. Este, veio a ter continuidade mais efetiva, cinco séculos depois, quando o imperador Chin Xi Huan Ti mandou queimar bibliotecas por toda a China com notícias de mais de 20 séculos, obviamente movido pelos “motivos de sempre”.

Não é por menos que os seres humanos compõem uma espécie que não sabe responder às questões básicas da sua filosofia existencial: quem somos, de onde viemos, qual o sentido da vida e a função de cada indivíduo nesse processo.

Estamos apartados desse passado imemorial porque sobre ele perdemos as notícias, e os registros que “sobreviveram” não conseguem ser devidamente interpretados pela visão condicionada do presente.

Nesses tempos idos, o que restava de uma das ramificações organizadas

da descendência de Tubal, ainda procurava meio de se manter com sua crença atuante, tentando descobrir nichos sobreviventes do prestígio que os herdeiros da arca tiveram no passado. De fato, muitos elos da corrente da linhagem seriam esquecidos a partir desse ponto da trajetória daqueles que, por muito tempo, pensaram ser os “escolhidos do Senhor”.

Agora, num mundo em que, na maioria das cidades onde outrora dominaram, seus núcleos representavam apenas algumas minorias que buscavam fazer sobreviver suas tradições no meio de uma corrente avassaladora de libertinagem e de devoção a diversos deuses. Assim, perante o multifacetado panorama das crenças humanas de então, eles procuravam dar continuidade as suas crenças ancestrais só que com menos fervor.

Foi assim que outros descendentes de Tubal seguiram nas repetidas missões de reconhecimento a algumas terras localizadas à oeste da região da antiga morada do patriarca (n.e. – atual Turquia na sua porção oeste), que mais tarde viriam a ser chamada de Trácia (n.e. – atual Bulgária).

Nessa época, por volta de 4.500 anos atrás, os trácios eram divididos em diversas tribos sem preocupação com qualquer forma organizacional.

Inicialmente, partiram três rapazes para a viagem pelas terras, onde a exemplo do local onde viviam, agora a descendência do patriarca Noé era tão somente uma minoria no seio da sociedade.

Ao longo do lento deslocamento, porém, um dos três rapazes adoeceu e morreu subitamente, o que muito entristeceu os outros dois pois eram amigos de longa data.

Permaneceram alguns dias num vilarejo sem saber o que fazer mas resolveram seguir adiante.

Ao chegar na região da Trácia, Joás e seu amigo Mebi, decidiram caminhar ao longo da margem de um rio até encontrar os habitantes locais.

Sabedores que, no passado, a linguagem dos descendentes do patriarca Noé, na medida em que as cidades foram sendo construídas por todo o mundo conhecido da época, veio a se estabelecer como sendo a mais usada por alguns milênios, seria somente uma questão de tempo descobrirem, em cada vilarejo que chegavam, um pequeno núcleo remanescente que tivesse conseguido manter as suas tradições, ainda que agora miscigenadas com diversas influências.

Joás e Mebi foram assim recebidos por uma família que se reportava às antigas tradições e, para o velho casal, receber notícias de outras partes do mundo, onde algum traço da sua cultura era vivenciado, foi um grande

conforto, o que os deixou radiantes.

— Pelo que pudemos perceber em algumas cidades, a nossa tradição, apesar de expressa por poucos, mantém a sua antiga vitalidade. Em outras, ainda que com quantidade maior de descendentes do nosso sangue, a influência das crenças locais deformou por completo a essência dos ensinamentos dos patriarcas. São situações distintas, as que encontramos por todas as cidades que passamos, mas que se enquadram nesse contexto. – disse Mebi enquanto se alimentava.

O anfitrião, um homem avançado em idade mas que conservava um sorriso juvenil sempre disponível no rosto, escutou as ponderações de Mebi e disse:

— Eu e minha pequena família, quando nos é possível, conversamos sobre o que acontece ao nosso redor. Esses tempos que vivemos são cheios de coisas que me fazem pensar, mas não consigo ultrapassar jamais o início das minhas reflexões, e desse modo, penso, penso, penso muito, mas não concluo coisa alguma porque não sei como concluir, essa é a verdade. As nossas crenças ancestrais morreram com os patriarcas. Nelas, acreditávamos num deus criador, todo poderoso, que escolhera a linhagem sagrada desses patriarcas para manter o seu braço de atuação neste mundo por meio deles. Era assim que eu pensava e transmitia aos meus familiares. Mas esse deus desapareceu e outros foram tomando o seu lugar... Ou esses outros deuses sempre atuaram e o nosso deus desistiu de nos sustentar... Não sei! A verdade é que esses outros deuses agora dominam tudo, ou pelo menos, a mente das pessoas, e não há mais lugar para o deus dos nossos ancestrais no pensamento, na cabeça dos que estão vivendo agora. Não vejo como eu e outros possamos insistir com isso, com essa teimosia nos confrontando com crenças que são mais diretas, porque esses deuses aparecem, falam com humanos, relacionam-se com eles e sai de tudo, até filhos e filhas deles com os humanos. Como o nosso deus de antes vai poder ser lembrado num ambiente em que ele não está presente? Não vai! Por isso foi esquecido por quase todo mundo e mesmo nós, quando conversamos sobre isso, hesitamos sobre o que fazer, sobre o que dizer aos mais jovens das nossas famílias. Compreendem? – perguntou Casser aos dois visitantes.

Os dois homens sinalizaram que sim só que com certa expressão de pesar.

— Conheço cidades em que se falam dos deuses e de um ou outro caso de convivência direta com eles. Porém aqui, nesta região onde vivemos, os deuses fazem de tudo e muitos daqui já os viram. Como podemos manter a

crença no nosso deus nessas circunstâncias? Os meus antepassados que sempre viveram nessa região, contaram que, há muito tempo, um filho de uma mortal, nascido de uma relação sexual da sua mãe com um ente poderoso cujo nome é Zeus, teria sido depois acolhido entre os entes poderosos, e passou a viver como se fosse um deles. Esse “homem-ente poderoso” é conhecido como Dionísio. Ele é muito falado e mesmo combatido por aqui... Na verdade, adorado por muitos e amaldiçoado por uns poucos. E isso não é dito somente pelos meus antepassados, mas por praticamente todos os que vivem nessa cidade. Como disse, não há lugar, na cabeça dessas pessoas, para o nosso deus. – concluiu Casser.

Joás se levantou e perguntou objetivamente:

— Alguém daqui, que vocês saibam, teve alguma convivência com esse deus ou com qualquer outro?

Casser e a sua esposa, Lia, olharam-se durante algum tempo até que os olhos dela se encheram de lágrimas.

O marido fez um movimento com a cabeça seguido de um outro com a mão, como se estimulando a mulher a responder por ela mesma.

— Um dos nossos filhos se casou e teve uma menina, mas logo depois, ele e a esposa morreram e somos nós quem cuidamos dela... Ou melhor, fomos nós que cuidamos dela... Seu nome é Mel. Sempre foi uma criança maravilhosa e, ao crescer, tornou-se uma linda mulher de temperamento afável e sempre foi querida por todos. Porém, certo dia – Lia chorava copiosamente a essa altura da sua narrativa – ela estava cuidando, com outros dos nossos familiares, dos animais em região aqui próxima, quando eles viram uma luz se formar próxima a uma árvore, pois foi assim mesmo que eles contaram. Viram, então, um homem sair daquela luz e caminhar na direção deles. Todos correram, menos ela que... Ela se recordou, quando ainda falava conosco, que olhou para o homem e não se assustou, mas sentiu-se mal, e os que correram, viram quando ela caiu, como se desacordada. De longe, eles viram que o homem cuidou dela, com respeito. Ela acordou e conversou com ele e, do mesmo modo como havia chegado, ele começou a caminhar numa certa direção e ninguém mais o viu. Ela voltou para casa, mas não se recordava de ter conversado com o homem, apesar da insistência dos demais afirmando que ela havia conversado. Passou-se o tempo e ela nos disse que sonhara com o “deus Dionísio”, e que iria ser uma sacerdotisa dele, e por isso teria que passar o resto dos seus dias em algum lugar que na hora não soube dizer onde era. Eu choro, não porque ela sofre... Penso que não

pois ela nos diz que é feliz. Casser e eu, e mesmo alguns outros familiares a visitamos, e ela diz que vida melhor não poderia ter, apesar de sentir a nossa falta. Ela é uma sacerdotisa muito respeitada, mas nem todas são. Mel recebe muitos presentes para o deus, que ela é quem cuida, e assim supre com folga as suas necessidades. Ela, na verdade, é temida, como se a nossa criança pudesse fazer mal a alguém... Mas muitos a temem, e sobre isso não sei explicar.

Joás e Mebi escutaram em silêncio e não mais se contendo, Mebi perguntou:

— Será que ela poderia conversar conosco? Ela é muito reservada?

— Sim... Mas ela é procurada por muitas pessoas e acho que, mais cedo ou mais tarde, ela fala com quem lhe procura... Ela agora é muito famosa... Vem gente de longe, por isso ela vive reservadamente, no interior do templo dedicado ao deus. — explicou Casser.

Dias depois lá estavam os dois homens procurando localizar o templo de Dionísio, o que fizeram sem muita dificuldade. Contudo, tiveram que passar ali mais um dia até que a sacerdotisa aparecesse, pois ela estava “incomunicável” no interior do templo.

Passaram a noite conversando no alojamento do templo erguido para as pessoas que vinham de longe e, em não tendo nada para fazer, resolveram dar continuidade a uma conversa que tiveram logo na primeira pernoite da viagem, ao tempo em que o terceiro viajante, Astor, que veio a morrer, ainda se encontrava entre eles.

A questão era a de quantos temas centrais da cultura ancestral dos descendentes da arca eles se recordavam. Joás afirmou:

— Lembro-me de lhe ter dito que, na minha opinião as principais questões da nossa ancestralidade começam com a atitude estranha da mãe Eva e terminam nas viagens de Joctan e de Heber, do que disso ficou registrado. Entre esses extremos, somente coloco a subida de Enoch aos céus, por ordem do Senhor e a proeza de Noé.

— Ora, Joás, na época de Noé as pessoas saíam de um lado do mundo e se dirigiam até onde ele morava para receber dele o indicativo de onde a arca tinha estacionado, somente para visitá-la e ver com os seus próprios olhos. Isso instigava as pessoas a falar do assunto do cenário de como o mundo era antes. Mas hoje ninguém mais fala nisso e muitos afirmam que o evento de Noé nem aconteceu. E pior: dizem também que a história de Enoch é diferente do que se conta, até porque quem sabia contar mesmo a história era

seu filho Matusalém e tudo desapareceu no dilúvio. O que estou querendo dizer é que, não sendo possível a verificação dessas histórias, as pessoas do nosso tempo não vão acreditar nisso, na medida em que eles têm coisas mais interessantes para acreditar, até porque estão acontecendo agora. Era isso que eu queria ter dito naquela noite, mas você e Astor não me deixaram dizer, afinal, eram dois contra um, mas agora digo: o passado vai morrer junto com o tempo, porque o presente é e será sempre muito mais interessante e não penso que caiba tudo na cabeça das pessoas, como nos disse Casser.

Entraram noite adentro nas discussões que vinham mantendo sobre esse e outros temas desde que iniciaram a viagem.

Na manhã seguinte, Joás e Mebi procuravam entender se estavam acordados ou sonhando com a presença de uma “deusa” junto a eles, pois jamais tinham tido a oportunidade de observar uma mulher tão bela quanto Mel. Ainda que relativamente jovens, eram bastante viajados, e já tinham visto muitas feições femininas na altura dos 34 e 35 anos que, respectivamente, possuíam.

Apesar da beleza que, por mais que ela procurasse disfarçar, aparecia de modo a calar homens e mulheres em atitude de homenagem pelos seus traços singulares, Mel possuía uma seriedade que, ainda que mesmo associada a um suave sorriso, era patente.

A sobriedade e mesmo a majestade que dela emanavam deixaram Joás e Mebi tremendamente inseguros sobre como proceder.

No seu longo e belo pescoço, Mel portava dois sinais, um ao lado do outro, os quais as vezes o seu cabelo preto cobria.

Joás ficou esperando que Mebi falasse, pois que era o mais expansivo dentre os dois, mas viu que o amigo não iria querer falar muita coisa naquela hora.

Tomou para si a tarefa de explicar a Mel quem eles dois eram, situando-os na mesma descendência do patriarca Noé a que ela própria pertencia, e que ali estavam para tentar compreender a questão dos deuses e o porquê do deus dos ancestrais de Noé não mais os guiarem. Essas eram algumas das respostas que procuravam e ali estava alguém que era da mesma raça que eles, e ainda mais uma sacerdotisa que convivia com deuses. Por isso vieram ter com ela após terem estado com os seus avós Casser e Lia.

Ao falar neles, Joás percebeu os olhos de Mel ficarem marejados enquanto ela perguntou:

— Eles estão bem? Faz tempo que não os vejo e a ninguém da família na

qual nasci.

— Sim estão bem, muito bem, apenas também sentem saudades... - respondeu Joás.

Mel sorriu e os convidou a acompanhá-la ao interior do templo pois uma tempestade se aproximava e eles precisavam se alimentar de algo.

— Eu sabia que vocês viriam pois o deus Dionísio me avisou... só que acho que eram três os que da minha raça iriam me procurar. – disse Mel.

Joás e Mebi ficaram lívidos com aquela informação e, após se recuperar, Joás explicou a morte repentina do amigo logo no início da viagem.

— Estranho... Ele teria que estar aqui... Mas tudo deve ter o seu seguimento, a sua continuidade... Se vocês estão aqui devo homenagear o esforço de vir buscar do deus Dionísio a reta orientação para a vida de vocês. Muito foi revelado pelos patriarcas da nossa descendência mas quase tudo vai se perder ou já se perdeu. Eu não sabia... Mas existem muitos deuses e os nossos ancestrais veneraram um deles que é o principal mas não o mais importante. Quando essa história for contada....

— Seremos nós os que irão contar o que deve ser sabido por muitos? – perguntou timidamente Joás.

— Não sei... Era para ser o que não chegou até aqui...

— Do que serve saber tanta coisa se não seremos nós a narrar... Qual o sentido que faz termos informações e morrermos com elas? – perguntou Joás.

— Nós não sabemos, mas aprendi com Dionísio que daqui mesmo, com a nossa mente, podemos construir estrelas em outros céus e iluminar os caminhos dos que ali estão e não podem, por si mesmos, fazer isso. Para tanto, dependemos das coisas sobre as quais pensamos.

— Como? – disse Mebi num impulso.

— O deus Dionísio me ensinou que existem muitos mundos... Diversas moradas escondidas... Inúmeras casas e palácios que não podem ser vistos daqui, mas existem e possuem vida abundante. Muitas dessas moradas não propiciam condições de progresso aos que nela vivem e assim precisam que outros os ajudem... São como crianças que não podem se alimentar sozinhos, que não podem cuidar de si mesmos, foi assim que entendi. Para esses, daqui, podemos acender estrelas no céu deles. Ainda que morramos, o que sabemos permanece vivo de algum modo, e quando as nossas consciências se fazem presentes em outras pessoas, ainda que com nova faces, sem sabermos, continuamos a agir como um dia agimos e se aproveita o que foi assim colecionado.

— Mas como pode uma consciência habitar outra pessoa? — tornou a questionar Joás.

— Não sei, mas ele disse que quando era um simples humano, o sangue que nele corria o deixava perceber outras duas faces que a sua consciência havia habitado antes de ser Dionísio. Ele me disse que os meus sinais — nesse ponto, Mel fez um movimento gracioso com o cabelo para poder mostrar no seu pescoço uma marca arredondada tendo ao lado algo parecido com uma meia-lua — apontam exatamente para uma continuidade de uma sina vivida antes por outras pessoas, tendo sido a minha própria consciência a habitar numa dessas faces há muito tempo.

— Qual o significado dessa “lua cheia” e da “meia-lua” em você? — perguntou Mebi.

— Não sei muito bem... Ele apenas me pediu para permanecer sem conhecer homem até o fim da minha vida, para que eu não viesse a repassar isso para nenhuma descendência, pois essa marca precisa sair do sangue humano. Meus pais morreram cedo porque minha mãe tinha esses sinais e meu pai somente um deles. Pelo menos assim ele me explicou. Lembro-me, agora, dele ter dito que isso representava um sinal de posse da parte de entes poderosos sobre um certo segmento dos homens e mulheres deste mundo, mas que ele próprio, mesmo contra a vontade de alguns deuses, resolveu interferir para nos libertar disso. Pelo que entendo, por ele ter sido humano antes de ser um deus, concluiu que deveria agir fortemente, ainda que expondo a si mesmo. Disse-me mais: que ficaria a meu critério morrer em um dado momento depois dos meus avós... Isso porque eles já tinham sofrido muito com a perda do filho e da nora e também por isso o deus me preservou. Assim, desde que eu me mantivesse sem conhecer homem algum, a minha vontade junto com a sua própria proteção me preservariam de qualquer problema, e que após a morte deles eu deveria o momento de deixar este mundo e ir ter com eles, pois me aceitariam onde eles vivem. Entenderam? Devo morrer sem repassar a marca para, desse modo, dar um fim a um processo que não sei explicar (n.e. — nessa época, os humanos não possuíam no seu vocabulário e nem havia sentido mental para o que hoje podemos compreender como “experiências” e “cobaías”).

— Posso lhe fazer uma pergunta? — principiou Joás a dizer.

— Sim... pergunte o que quiser. O meu senhor e deus Dionísio me disse que quanto mais vocês soubessem melhor para o seu plano, mas não sei explicar que desígnio seria esse.

— Ele lhe aparece, fala com você...?

— Sim! Ele faz isso comigo e com dois casais de idosos que costumam sempre estarem aqui, pois que se revezam para cuidar de mim e quando ocorrem muitas pessoas eles são quem cuidam. Eles já os viram algumas vezes, mas, falar, até hoje ele somente tem falado comigo. Ele é um deus sensato, profundo.

— Mas, como é possível? Dizem que ele, no passado, não sei se antes de já ser um deus ou quando era somente um homem, ele... Ele não via limites nas coisas da vida! Costumava se embriagar com os prazeres da carne, do sexo e de todo tipo de costume perturbador em relação aos hábitos. Muitos que o seguem, nos seus mistérios, nas suas comemorações passam também a não mais respeitar muita coisa nessa vida. Não é isso que dele se diz? — questionou Joás.

— Sim, penso que sim, pois é isso mesmo que costumava escutar sobre ele antes do seu pedido dirigido a mim. Comigo, nesses tempos atuais, nada é assim, muito pelo contrário. Não sei como era antes, no seu passado sofrido, e admito mesmo que tudo isso possa ter tido lugar, pois ele me explicou que, por diversos motivos, teve que caminhar por todas as estradas por onde os deuses e os homens já haviam passado. A sua tristeza foi a de nunca ter vislumbrado um caminho diferente, nem para deuses ou para os homens, quando ainda influía em alguma coisa no destino de uns e de outros.

Os dois rapazes escutavam atentamente a descrição de Mel, fosse pelo teor inusitado do que ela falava ou mesmo pela impossibilidade de retirar os olhos da sua figura majestosa.

— Vejam... Dionísio, como homem e depois como deus, provou de tudo e com tudo se envolveu. Ele era muito radiante e atraía muitos para a convivência com ele e fazia isso naturalmente. Algumas vezes, ele somente se fazia acompanhar, em certas vivências, com entes e humanos muito dotados, muito inteligentes e mesmo sábios. Em outros momentos, fazia questão de dividi-los com todo mundo e assim também se deixava acompanhar com quem dele se acercava. Entre esses, alguns entes não humanos permaneciam naquele tipo de convivência, tanto com Dionísio como com os humanos. Segundo o que, ele próprio ressaltou, jamais um homem ou um deus havia agido assim! Foi desse modo que ele se transformou em ponte para que muitos humanos pudessem conviver com esses seres diferentes. Isso tudo, porém, tido como naturalmente extraordinário, era narrado exageradamente por muitos dos humanos que

participavam dessas comemorações da vida, até porque todo tipo de gente podia se fazer presente. Para tanto, ele permitiu, inclusive, que quem o desejasse, pudesse até mesmo disfarçar a sua identidade, podendo permanecer anônimo. Devido a isso, ricos e pobres, nobres e gente simples, e até mesmo deuses disfarçados, vinham para se maravilhar daqueles momentos em que a mais alta conversa era professada, o mais alto teor de sabedoria era, então, expressado nas abordagens pessoais. A bem do que, escutar aquilo, era uma benção até mesmo para os deuses, quanto mais para os humanos. Por isso, também, Dionísio foi convidado a virar um deus. Mas não foi somente por isso! E aqui vai a parte mais difícil.

Mel refletiu durante um certo tempo, aparentemente sem se dar conta do que a sua figura causava nos homens os quais, simplesmente, permaneciam com o olhar fixado na sua pessoa.

— Ele tentou me explicar, não sei se conseguiu, que no início de tudo, quando não existia nada do que hoje existe, um deus sentiu uma necessidade ou um impulso de “gerar um ovo”, como as galinhas fazem, e de se projetar para dentro desse ovo — ressalto que aqui utilizo exatamente o exemplo que ele me deu repetidas vezes. Mas as coisas não saíram muito bem, mas, ainda assim, ele o fez e surgiu o ser sem nome (n.e. – que os gregos chamaram de Caos). Porém, nasceu todo errado e, ainda daquele jeito, fez nascer de si todos os seres que agora existem e que portam seus problemas. Para a sua fortuna, outro deus nasceu junto com ele, ainda que a partir da sua feiura, e passou a tentar corrigir todo o erro cometido, e é a esse deus que Dionísio diz seguir (n.e. – mais tarde conhecido como Phanes e Eros, entre os gregos). Mas ele disse que tinha mesmo que obedecer a um outro deus menor, que chamamos por aqui de Zeus. Dionísio disse que, pelo fato de, na sua consciência, por ela já ter “passado tanto o sangue humano como o dos seres divinos”, ele agora sabe o que nem mesmo os deuses mais antigos podiam saber e que atualmente estão aprendendo com ele. Ele disse que existiam os deuses maiores, os mais antigos, os menores, surgidos depois, os especiais, como era o seu caso, e mais outras categorias de deuses que não tenho como compreender. Isso é muito difícil para mim! Mas penso ter sido assim que ele me explicou repetidas vezes para que eu pudesse entender. Ele se esforçou bastante para isso, e dizia ter seus motivos. Memorizei o que pude mas não entendi muita coisa. Enfim, essa é mais uma outra razão dele ter sido feito um deus: para ajudar os demais deuses no campo da compreensão dos assuntos, mas isso somente foi possível porque, como homem, ele viveu

profundamente e, pelo que ele diz, honestamente, e respeitando a todos de modo igual. Mas existe ainda uma outra.

— É... Deve ser assim... Deve ter sido assim e as pessoas falam como entendem, comentam como podem, às vezes modificando alguma coisa... Mas, perdoe-me por perguntar: esse deus do ovo primordial, o que criou o ovo e pretendia dele nascer de um jeito, mas nasceu de outro... Esse é o nosso deus, o dos nossos ancestrais, o Senhor de Noé e de Heber? – balbuciou a guisa de pergunta a voz fugidia de Joás que já estava se sentindo envergonhado por fazer tantos questionamentos, mas ele o fazia porque, o seu companheiro sempre tão falante, nem mesmo demonstrava se estava realmente acompanhando o assunto com algum grau interesse, se é que o foco da sua atenção estava no tema abordado.

— Sim... foi isso que ele disse: que esse ser era o mesmo que estava escolhendo povos para fazer valer os seus desígnios no mundo. Como Dionísio sabia da minha origem, da minha descendência, ele tratou logo de me confirmar esse aspecto para que eu pudesse entender. O nosso deus foi o do ovo! Ele é o criador de tudo, mas tem problemas!

Joás se voltou tão repentinamente para Mebi que este tomou um susto quando ele disse:

— Eis a razão para o “modelo de Noé”, por ele ter perseguido junto com Heber esse modelo no seio do nosso povo. Esse ser se fez errado... Mas quem é esse deus de Dionísio diz seguir?

Mel sorriu discretamente enquanto olhava para Joás compassivamente, dizendo:

— Não sei, não sei, até Dionísio fala dele como se fosse alguém distante da morada dos deuses em que ele vive. Parece que tanto ele como “o do ovo” residem em outras moradas. Estou me recordando que ele disse que o deus feio espalhou assim a feiura e a desconfiança entre todos os seres nascidos a partir do seu jeito pessoal, das suas características pessoais. O deus bonito expressou a sua beleza no sentido de gerar atração antes mesmo do tempo em que veio a existir a questão macho e fêmea. Por isso, dizia Dionísio, que os humanos teriam que ser muito compassivos e tolerantes para com eles mesmos, mas sem perder a noção de que cada um é igualmente importante na construção do que é belo em si mesmo, dizia ele. Não havia beleza a ser herdada do deus feio, por isso nós, humanos, precisávamos aprender a construir no nosso íntimo o que fosse necessário para embelezar a vida. Feito isso, a feiura que promove o mal e o sofrimento desapareceria... Deixem-me

dizer: Dionísio não falava sobre o belo e o feio do modo como nós mortais comumente o fazemos. A sua expressão era sempre de plenitude quando falava da beleza e da feiura íntima dos seres de uma forma geral, dos deuses e dos homens. Então, não pensem que belo e feio nas abordagens desse deus se referem às coisas exteriores.

Joás voltou a olhar para Mebi e resolveu dizer, antes que o amigo viesse a falar qualquer bobagem referente à beleza de quem estava explicando os conceitos mais amplos sobre a questão:

— Acho que devemos ir embora pois já esgotamos a sua generosidade em nos receber.

— Deixem-me, então, concluir para que vocês sigam o caminho que a vida e os deuses lhe reservarem... O outro motivo que o levou a se tornar um deus foi porque ele era filho de Zeus com uma humana. Dionísio se tornou muito especial aos olhos do seu pai, assim ele me disse. Desde que se tornou um deus, costumava assumir as dores de todas as minorias e injustiçados, tornando-se, na reunião dos deuses, uma espécie de defensor dos mesmos, fossem eles de origem divina, semidivina ou humana (n.e. - nessa época, expressões que hoje são vulgares na linguagem atual, começaram a surgir, e conceitos como “deus”, “sagrado”, “deuses”, eram então usados para qualquer coisa que não fosse humana. Esse conceitos surgiram, principalmente, a partir da época dos hititas, povo que habitou próximo à região da Trácia, mais especificamente na atual Turquia.)

— Esse Zeus, pelo que temos escutado, teve ou tem muitos filhos e filhas com humanos e também com deusas e outras categorias de seres... Como isso pode ser? O nosso deus pregava a retidão no comportamento, mas esse deus parece não observar qualquer prudência ou critério, por que é assim? – perguntou Joás.

Mel disse que não sabia responder.

Eles conversaram por mais um pouco e se despediram respeitosa e fraternalmente apesar da flagrante dificuldade dos dois em deixar de olhar para a figura de Mel.

Após cumprida a despedida inevitável os dois seguiram para a cidade próxima com o intuito de passar a noite. Enquanto caminhavam, comentavam a quantidade de filhos e de filhas de Zeus, como também sobre os demais relacionamentos que ele mantinha com outros humanos.

Nessa época, a questão mais atordoante para as pessoas era lidar com todas aquelas notícias que apontavam para o fato do ente poderoso conhecido

como Zeus, ter tido relação sexual tanto com homens como com mulheres, sendo para mais de cem pessoas os nomes dos que já circulavam como tendo feito parte daquela teia de parcerias sexuais.

Os dois continuavam caminhando sendo que agora Mebi voltara a ser o mais falante.

— Não posso seguir! – disse ele parando. — Meus passos estão indo na direção contrária de onde realmente eu desejaria permanecer. A vida não vai mais fazer sentido... Olhe a imagem dela... Para onde eu me volto ela está presente... Isso é porque ela está presente no seu coração.

— Pare com isso, Mebi, você está tornando as coisas ainda mais difíceis. – disse Joás.

— Minha alma ficou lá... Aqui estou incompleto... Preciso retornar para... – nesse ponto, Mebi deu um grito e segurou no braço do amigo.

— Joás... você não percebeu? Ela disse que depois de deixar este mundo ela foi convidada a ser uma deusa... Joás, ela é uma deusa! Vamos voltar e servi-la até enquanto ela estiver entre nós porque assim poderemos vê-la sempre...

— Pare, Mebi... Nosso destino não é esse. Precisamos cumprir com a nossa promessa que empenhamos junto aos anciãos da nossa cidade, de para lá voltar e atualizá-los em relação as coisas do nosso deus.

— Nosso deus, nosso deus... Ele nem quer saber mais da gente. Muito melhor é Dionísio e seu bom gosto em escolher quem lhe representa... Nosso deus só quer saber de velhos e de desaparecer sempre que...

— Pare Mebi... Precisamos praticar o temor a deus pois ele é justo mas pune os que o desobedecem..

— Agora sou eu quem digo: pare Joás, pare de dizer bobagens... Afinal, depois de tudo o que estamos vendo e já vimos, esse deus de mim não leva mais do o respeito que tenho pela tradição do nosso povo. Mas, deus por deus, mil vezes Dionísio ou mesmo esse louco do Zeus. – disse Mebi baixando bastante a voz como se para que os deuses não o escutassem.

Continuaram a caminhar até que entraram nas primeiras vielas da cidade.

Mebi olhou mais uma vez para o amigo dizendo:

— E se amanhã passássemos lá somente para deixar alguma oferenda como forma de demonstrar a nossa gratidão?

— Não piore as coisas... Mel não é destinada a nenhum homem e quanto mais vê-la tão somente aumentaria o sofrimento.

— Tem razão. Você está quase sempre errado, mas reconheço que agora

tem razão... Esta vida é mesmo uma desgraça... Também, se isso que chamamos de vida foi criada por um ser que saiu de um ovo e ainda saiu alquebrado não poderia mesmo ser diferente. Enquanto ele não se engendrar corretamente essa vida será uma miséria.

Tenha juízo Mebi!

— Sabe mesmo o que eu penso?

— Não e não quero saber.

— Direi de todo jeito pois é do meu direito: o criador está perdido, os deuses maiores e menores também e a vida não faz sentido algum, a não ser que um amor tipo o de...

E continuaram a interminável discussão que acalenta o fluxo do cotidiano e diminui o seu fardo, afinal, uma das mais belas formas de expressar o amor fraternal é por meio da cumplicidade que surge na amizade, pois que esta é quem, no final das contas, ajuda a suportar e a sustentar a vida.

PARTE III

NARRATIVAS TARDIAS

*Eis que surgem segredos da alma, obscurecidos pelo sofrimento,
desgraçada revolta, em pleno tormento.*

A SINA DOS PORTADORES

A PARTIR do episódio de Babel, a noção precisa da linhagem temporal dos “escolhidos do Senhor” foi se perdendo quando muitos descendentes, por força das circunstâncias da vida, foram se separando da pretendida liderança dos patriarcas.

O próprio segmento dos mesmos, ou seja, aquele que era tido como o mais importante de toda a descendência por ostentar um modelo de conduta e um “sangue puro” a ser repassado para as futuras gerações, estava, nesses tempos, completamente perdido no ocaso cultural que houve entre os “filhos da arca”, pois era assim que muitos dos que nasceram após a proeza de Noé passaram a ser nomeados naqueles dias distantes.

Esse aspecto, dentre outros, provocou, a descontinuidade da descendência dos membros da linhagem por cerca de quase quatro mil anos.

(N.e. – Quando os primeiros cinco livros da Torah judaica, que correspondem aos primeiros cinco livros do Antigo Testamento da Bíblia atual, foram confeccionados na época de Moisés, ou seja, muitos milênios depois da era de Faleg, o cronista bíblico ou o próprio criador — os rabinos acreditam que foi Javé quem mandou um dos seus anjos entregar a Torah pronta a Moisés — teve que providenciar algumas adequações para poder dar sentido à história do povo hebreu. Muito provavelmente, o autor desses livros, seja ele quem tenha sido, preferiu descartar alguns milênios da história da descendência, que corresponde exatamente ao período em que o povo ariano recebeu a atenção do “Senhor”, em detrimento da continuidade no seio da genealogia no povo hebreu).

Além do que, a presença ostensiva agora de muitas crenças particularizadas, com cada deus defendendo a sua “base”, todo esse panorama afastou ainda mais as notícias do passado sobre o qual, a cada dia, dele menos se sabia.

No passado distante, tido pelos próprios descendentes de Noé como “tempos desconhecidos”, a atração entre seres do mesmo sexo já existia. Esse traço marcante da nossa sensibilidade, nasceu com a humanidade e jamais foi uma questão de “opção pessoal” porque o psiquismo comum à natureza humana foi invariavelmente invadido por uma série de incontáveis “identidades” e “perfis” (n.e. – atualmente classificados como “identidade de gênero”) que não correspondiam necessariamente à opção macho e fêmea, que terminou por definir os parâmetros biológicos da natureza planetária.

Seja quem foi que cuidou da arquitetura do tipo de atração surgida muito antes da polarização macho e fêmea que veio a compor o reino animal da natureza terrestre já o fez com o tempero sanguíneo que viria a produzir as tendências do coração que eclodiram na vida humana. Por difíceis que possam as mesmas serem entendidas, o fato é que estas deveriam, a qualquer custo, superar a força desagregadora, desconfiada, que desgraçadamente existia entre as classes de seres, que formavam, em tempos agora desconhecidos, os protótipos de tudo o mais que veio a existir na Terra e alhures. Mas é nesse ponto que se torna necessário uma reflexão mais profunda.

O entendimento sobre essa questão fio se perdendo, veio diminuindo, piorando com o passar do tempo, até que a tornou um dos elos perdidos inerentes à origem dos terráqueos. E por esse nível de compreensão ter se deteriorado com o tempo, cada vez mais expunha ao sofrimento e à danação, as pessoas que traziam nas suas sensibilidades, as cotas de todos os tipos de atração que, lá atrás no tempo imemorial, tiveram que ser edificadas para poder superar o desamor, a cisma e a desagregação então existentes entre os seres vivos dos muitos tipos que existiam.

O que atualmente se conhece por sexo foi criado exatamente como a alternativa ao impasse então existente cujas “notícias” somente se fariam presentes nas páginas de algumas mitologias.

Ressaltado esse aspecto, torna-se imperioso refletir sobre a possibilidade de que, nos tempos mais antigos, essa questão era vista com normalidade e até o próprio criador a observava com outros olhos. Contudo, devido a um problema difícil de ser explicado sob à luz da ótica humana, esse ser parece ter mudado de ideia e passou a literalmente perseguir uma pureza sanguínea

(n.e. – por politicamente incorreto que possa parecer, aqui a referência é a um tipo de “eugenia” relacionado com o “modelo pretendido”) na qual não mais poderia existir espaço para as marcações (n.e. – código genético) dos traços de afeição surgidos por meio da atração gerada para agir independente da observância do aspecto sexual macho ou fêmea do corpo.

Em outras palavras, houve um tempo em que o temperamento das pessoas (n.e. – psiquismo ou seja, o conjunto de fenômenos mentais que definem o modo de ser de uma pessoa) não era definido pelo órgão sexual do seu corpo, mais sim, pela herança da sua própria consciência particularizada com esses ou aqueles traços definidores.

(N.e. – O processo de “identidade de gêneros” que novamente eclode e cada vez mais deverá se fazer presente nas novas gerações de humanos, tem a ver com esse passado hoje esquecido. O porquê das coisas da vida serem do jeito que estamos vivenciando é que, com o tempo, será melhor explicado, quando o aprofundamento do tema for possível à sensibilidade dos que vivem na Terra).

Por que esse contexto mudou? O que levou o Criador a modificar a sua própria postura perante a questão se todo esse desacerto surgiu a partir dele mesmo?

São painéis que precisam ser esclarecidos e, por mais que demore a época em que isso se tornará possível, sem escandalizar a ortodoxia do seu tempo, escândalo maior é a perpetuação da omissão silenciosa da alternativa de nada fazer para não incomodar o que se encontra posto como “normal”.

Por enquanto, que possa ser ressaltado que o Criador aceitava, sim, a questão da afetividade entre seres da mesma polaridade, ocorrer inclusive entre os deuses menores, em certas classes deles. O problema da sua não aceitação foi quando essa disposição emocional foi indevidamente repassada para os humanos. É nesse ponto da questão que reside o problema da sua não aceitação e precisamos avançar bastante na análise de diversas componentes que emolduram a vida mamífera, primata e humana, associadas à uma questão mais profunda de ordem espiritual que, a seu turno, deverá melhor esclarecida.

Sob essa perspectiva, a mudança mais marcante em relação à atitude sexual das pessoas, teve seu ápice num conjunto de eventos algo confusos

para a percepção das páginas da história, porque envolveu diversas componentes que interferiam na vida dos seres humanos e, algumas delas, hoje já não mais atuam diretamente sobre o que se passa na Terra.

Era uma época de profecias, de vaticínios e da continuada disputa entre certas categorias de deuses, mas sempre manipuladas pelos ditos entes poderosos maiores pois estes sempre se impuseram também sobre os chamados “entes menores”.

E para as terras de Sodoma, de Gomorra, de Adama, de Sidon, de Gerara, de Gaza, de Seboim, de Lesa e de adjacências, uma profecia havia sido estabelecida: se os habitantes não modificassem a sua atitude no campo da devassa sexual, tudo ali seria destruído devido a uma peste que poderia ceifar a vida de incontáveis pessoas, caso se espalhasse.

Quem eram os habitantes que prevaleciam nessa região? Exatamente a linhagem dos cananeus, que descendiam de Canaã, filho mais novo de Cam, filho “maldito” de Noé.

Essa profecia havia sido anunciada por Jabal, habitante pitoresco que vivia circulando por cinco cidades e, quase sempre, sendo execrado pelos habitantes para dali sumir e, por isso, ele não se estabelecia em nenhum delas. Vivia a esmo, em lugares inescrutáveis para a vista humana.

Jabal começou a profetizar num tempo em que os sacerdotes, as sacerdotisas, enfim, os oráculos dos deuses, eram quem isso faziam. A “concorrência” então se estabeleceu e ele era perseguido por muitos patrulheiros desse ou daquele segmento de culto.

Segundo o que acreditava, o seu circuito de vida passava pelo anúncio do “plano de deus” e, em se vendo escolhido para a tarefa de anunciador das calamidades tidas como castigos divinos, ninguém conseguiria calar a sua voz a não ser a própria morte, como ele comumente falava.

Mas de que deus falava Jabal? No meio de tantos deuses, a qual ele se referia?

Ele falava do mesmo “Senhor” que havia feito, no passado, um pacto com o patriarca Noé, e que agora estava estabelecendo um novo pacto com um enviado seu que estava ainda por aparecer na época do início dos seus vaticínios (n.e. – que viria a ser Abraão). Anunciava também que ele mesmo, Jabal, somente viveria um pouco mais, pois seria destruído junto com os que estão destinados à danação já que todos eles, os habitantes das cidades do seu circuito profético, eram portadores da “sina”, e esta precisa ser extirpada da Terra, “o que ocorrerá em breves dias” – bradava ele sempre que lhe

deixavam falar.

Novamente aquele “deus” que abandonara a descendência de Noé e de Heber para fazer um outro pacto com os arianos, descendentes de Gomer, via Jafé, outro filho de Noé, reaparecia agora procurando retomar o viés original da antiga linhagem do herói do dilúvio. As coisas deram errado por lá, ainda que dessa tentativa entre os arianos, tenha surgido como decorrência o sistema de castas e, em especial, a casta dos brâmanes. Por alguma razão que só o Criador conhecia, ele precisava refundar uma nova linhagem que teria que possuir alguma relação de descendência com as ramificações do passado, em especial a que terminara com Heber e Faleg.

Jabal passava de cidade em cidade vaticinando que os portadores da sina do vexame sexual, da maledicência, da maldade, da despreocupação quanto aos valores que uma pessoa honrada deveria ter, e por aí seguia a sua vasta relação de indicativos dos que iriam ser destruídos, mas, principalmente, afirmava ele, porque haviam contraído a peste que, sorrateiramente, nos dias dos seus anúncios, ainda não se deixara enxergar explicitamente pelos olhos da humanidade.

Somente alguns sintomas eclodiam em uma ou outra pessoa que logo morria, ainda que as causas não fossem claramente identificadas. A cada morte, em uma das cidades do “circuito de Jabal”, a sua voz se fazia escutar de modo mais estridente.

As pessoas chegavam mesmo a comentar que a voz de Jabal deveria ser mesmo a “voz de deus” ou de um “poder maligno superlativamente poderoso”, porque o seu eco permanecia por muito tempo nos ouvidos de quem o escutava. Pesadelos com a “voz de Jabal” eram frequentes naqueles dias.

Ele dizia mais: *que a maldição lançada sobre Cam tinha a ver com a danação que os seus descendentes assumiram por se deixarem contaminar pelas coisas do mundo e pela concupiscência da carne. Ainda que não sejam todos destruídos agora, o Senhor não descansaria até vê-los todos mortos. Que do sangue dos cananeus nada deveria sobrar!*

Os habitantes das cidades escutavam repetidamente aquelas lições, avisos de desgraça e admoestações de todos os tipos, e não foram poucas as vezes que pensaram em trucidar aquele “profeta maldito” que não os deixava em paz. Sem que se percebesse como, Jabal sempre escapava das emboscadas, e isso aumentava a sua fama de “protegido do Senhor”.

O fato é que a região vivia dias de profunda deturpação dos costumes.

Fosse a atitude sexual entre homens e mulheres, ou mesmo somente entre parceiros do mesmo sexo, tudo o que era praticado nesse sentido havia rompido um limite de segurança no campo da higiene, da emotividade, e não mais embelezava na sua diversidade, tornando-se vulgar e bestial além do que o próprio sentimento de liberdade da época costumava ter como sendo “normal”.

Passou mesmo a existir uma alienação que parecia ter retirado das pessoas a sua porção emocional racionalizada, deixando-lhes somente a porção animal, e esta, ainda assim, em uma confusa postura de descontrole total. Aparentemente, o “limite prudencial” das necessidades psíquicas doentias daqueles tempos havia também sido ultrapassado com a introdução aberta da prática do sexo com animais no meio das festanças, onde os humanos também com eles se consorciavam.

Naqueles dias, por exagerado que pudesse ser o discurso de Jabal para algumas sensibilidades, o vexame realmente havia dominado o contexto das vidas dos protagonistas inconscientes e inconsequentes quanto às suas atitudes sexuais, e uma peste definitivamente se enraizou naquela região. A depravação dos costumes e a imoralidade atingiram níveis jamais observados.

Ainda que com os corpos agora demonstrando os perturbadores sinais de uma série de problemas de saúde que começou a marcar as pessoas, estas não se cuidavam e tratavam de repassar a “sina”, assim chamada por Jabal, para mais e mais parceiros, como se naquilo residisse um comportamento de “rebeldia” ou de “celebração do caos” com seus aspectos fantasmagóricos se avolumando a cada momento.

O inquieto Jabal costumava ainda dizer: *do mesmo modo como deus havia enviado o dilúvio para extirpar da face da Terra os extraviados da vida, os malvados e perversos, a peste foi mandada pelo Senhor também para limpar o mundo de tanta depravação, para que o sangue puro da sua predileção possa novamente prevalecer. Mas para que isso seja possível, como as populações dessas cidades não fizeram penitência, terão que ser destruídas pelo fogo purificador para que nada reste do seu sangue imundo.*

Enquanto Jabal continuava com as suas intermináveis pregações aos “futuros defuntos do fogo do Senhor”, estranhamente, certa classe de deuses menores teve um conflito no âmbito interno das suas relações de divisão de poder e o impasse se estabeleceu entre os seus próprios membros. Devido a esse aspecto, os chamados deuses maiores sabiam ser uma questão de tempo a utilização de armas nucleares poderosas sobejamente descritas em algumas

mitologias do passado.

Para o vagaroso ramo da ciência que somente prefere enxergar o que os seus cânones replicam classicamente como sendo o passado histórico da Terra, tudo o que nisso não puder ser encaixado, obrigatoriamente tem que ser considerado como mitologia e não história.

Ainda que o avanço da arqueologia e de diversas outras áreas do conhecimento humano apontem que tudo precisa ser revisto em relação ao que se pensa sobre o passado, a visão viciada que foi entronizada permanece como sendo a única luz aceita pelo academicismo. O inusitado é que hoje, muito do que ontem foi obrigatoriamente considerado mitologia, está tendo que ser aceito como história, o que está forçando o entendimento clássico sobre esse passado progredir. Afinal, a guerra ocorrida na ex-mitológica cidade de Tróia, como também os conflitos ocorridos na também ex-mitológica cidade de Dwarca, na Índia, precisam ser revistas porque, se na primeira tem o que poderia ser considerado como “discreta” interferência de deuses menores numa guerra de humanos, em Dwarca o conflito foi diretamente entre “deuses”, e utilizaram ali armas potentes. Mas isso é inquietante para o atual padrão científico e mesmo as cidades sendo agora factuais, o enredo delas continua mitológico. Esquisito, não?

Esquisito mesmo é o enredo em torno das cidades cananeias e de demais agrupamentos étnicos da região, cujos habitantes estavam contaminados por uma peste que, caso se espalhasse, poderia ceifar a vida humana no planeta, segundo alguns critérios de análise.

Os deuses maiores, sabedores do problema, manipularam os menores para que eles se confrontassem exatamente nos céus daquelas cidades para daquilo retirar um “efeito produtivo” conforme seus critérios.

Quando esses dias estavam próximos, eis que um cidadão que emigrou de Ur, cidade suméria, e agora ali estabelecido, chamado Abrão (n.e. – o acréscimo de mais um “a” no seu nome somente passou a existir depois do pacto firmado com o Senhor de Noé, quando passou a ser chamado por ele de Abraão), residia em um lugar próximo ainda que fora das cidades.

Quando da iminência do conflito, três entes tidos pelos humanos como deuses (n.e. – na Bíblia que somente surgiria tempos mais tarde, os três seres são chamados de dois anjos e mais um que os chefiava sendo este o próprio Senhor, assim tido para algumas interpretações e traduções) procuraram Abrão no início do processo em que um novo pacto estava para ser ofertado a ele, para que a antiga linhagem dos descendentes de Noé viesse a ser assim

retomada.

Depois de assistidos pelos costumes humanos, conforme o padrão da época, os três seres se dirigiram na direção de Sodoma e Abrão os seguiu a uma certa distância daquele tido como o chefe que caminhava um pouco mais atrás dos companheiros.

— Se posso ter a graça de acompanhá-los posso também ter a oportunidade de servi-los em Sodoma, pois lá a tudo conheço e tenho familiares que ali residem. – disse Abrão.

Os seres que “caminhavam” ao lado dele, pareciam humanos mas de um jeito e com um modo de andar que nenhuma pessoa podia ostentar, o que lhes dava uma aura de mistério.

Ele havia visto os três se alimentarem da comida que lhes ofertou, de beber do leite e da água que lhes serviu, mas tudo era muito estranho neles.

— Como posso caminhar contigo após ter sido servido pela tua bondade sem lhe dizer a verdade que nos trouxe até aqui. Existe uma espécie de doença nessas cidades que precisa ser contida, aniquilada aqui mesmo, nessas cidades circunvizinhas, para que não se alastre. Viemos, portanto, para verificar se algo ainda pode ser feito antes da destruição.

O coração de Abrão disparou.

— Senhor, meu sobrinho Ló reside em Sodoma com sua família e eles são obedientes às velhas normas da tradição do meu povo.

— Eles irão verificar... – disse o ser se detendo e convidando Abrão a permanecer ali com ele enquanto os dois outros se dirigiam até a cidade para verificar se, porventura, Ló e os demais familiares estavam livres da infecção.

Abrão, inquieto pela notícia da iminente destruição da cidade, e percebendo que estava diante de seres “diferentes e poderosos” rememorou as advertências que escutara certa feita de Jabal, mas jamais pensou que aquilo iria realmente um dia ocorrer e, mais ainda daquela forma, tendo ele como testemunha dos fatos. Não se conteve e disse:

— Mas, meu senhor, e se existir mais pessoas que não estejam atingidas pela doença, ainda assim a cidade será destruída?

— O problema não é somente nessa cidade... Mas se existissem pessoas livres da doença seriam tiradas, mas as cidades vão ser, sim, destruídas. Outras verificações já foram procedidas antes.

Abrão não sabia, mas aqueles três seres vinculados aos deuses maiores estavam ali agindo “apressadamente” porque tinham consciência que, os “deuses menores” envolvidos no confronto já tinham partido no dia anterior

para acionar as armas e trazê-las para o combate, e que, a qualquer momento, as explosões poderiam acontecer.

Não longe dali, cidades que não estavam “infectadas”, tinham seus exércitos prontos para uma guerra causada pelos deuses e iriam também morrer sem sequer lutar. Isso porque foram manipulados pelos deuses menores antes que esses tivessem consciência de que iriam se confrontar usando armas que até dispensaria o uso dos humanos inocentes no contexto em questão.

— Mas como vocês podem usar desse modo os critérios de justiça que os deuses dizem seguir para com os humanos? Essas cidades serão destruídas mesmo que nelas possam existir pessoas com boa saúde e que professem vida virtuosa? — insistiu corajosamente Abrão perante o chefe dos anjos que permanecia ao seu lado.

O ser olhou de soslaio para Abrão pois este tinha dificuldade em olhá-lo diretamente. Abrão ainda não havia percebido, mas a “interferência daqueles seres” se referia tão somente a uma estratégia do “Senhor” de bem impressionar o humano, para que este viesse a se submeter, no futuro breve — como efetivamente o faria depois — aos seus desígnios, como alguns outros da linhagem dos patriarcas fizeram no passado.

Resolveu, então, naquela oportunidade, dispensá-lo, fazendo com que Abrão voltasse para sua casa, enquanto os dois outros seres retiravam Ló e os seus familiares de Sodoma.

Não havia tempo para muita coisa e tudo o que aqueles seres providenciaram foi isso. Contudo, houve um problema: a mulher de Ló estava infectada e até para salvaguardar o restante da família, ela teve que perecer junto com os demais sodomitas.

Alguns anos depois o Senhor firmava um pacto com Abraão, para cuja descendência ele prometera o domínio da Terra, pois no seio desta, ele faria surgir os seus profetas e o seu messias, o seu enviado todo poderoso para conduzir os humanos para o domínio por ele exercido, mas agora perdido desde os tempos de Eva.

Apesar das boas intenções para com a humanidade — caso existam — o objetivo maior desse ser sempre foi o de reconquistar, a qualquer custo, o domínio sobre os humanos, para poder conduzi-los do modo pretendido por seus desígnios sempre com vistas ao “modelo” (n.e. – modelo genético) por ele pretendido.

Nos dias de Sodoma, muitos humanos morreram por meio do tipo de

explosão ocorrida na região. Realmente a questão era delicada. Foi necessário o sacrifício de muitos homens, mulheres, crianças e animais contaminados, para que o resto dos humanos pudesse sobreviver. Afinal, o Criador precisa dos humanos para ter o seu modelo básico de recomposição para que, a partir deste (n.e. – por meio do processo de especiação e de outros meios evolutivos), outros mais evoluídos pudessem surgir com vistas ao seu projeto.

As dores daqueles momentos jamais poderão ser hoje vislumbradas porque o problema de “saúde pública”, surgida como consequência da destruição daquelas diversas cidades, perdurou por muito tempo e ceifou, lentamente, gerações e mais gerações de humanos.

Cerca de sete séculos depois do tempo de Abraão, Moisés e Josué se veriam obrigados a matar muita gente. Afinal, por ordem do Senhor, todo e qualquer descendente de um determinado povo teve que ser “passado a fio de espada”. Que povo era esse? A resposta é perturbadora: o conjunto de povos descendentes dos cananeus que sobreviveram à destruição ocorrida ao tempo de Sodoma (n.e. – após a confecção da Bíblia, que somente se daria bem mais tarde, pode-se perceber a seguinte ordem do Senhor: “*Deves condená-los à destruição completa os hititas, os amorreus, os cananeus, os perizeus, os heveus e os jebuseus, tal como o Senhor, teu Deus, te ordenou*”. – Deuteronômio 20, 17).

Compreender os desígnios de “deus” jamais foi processo fácil para os humanos e, antes do pacto ser firmado, Abraão teve ainda que passar por testes do tipo “ter que sacrificar seu filho” por ordem do Senhor. O inusitado é que, conforme os costumes da época, alguns cananeus foram castigados por ele exatamente porque sacrificavam seus filhos primogênitos a outros deuses. Contudo, foi exatamente isso o exigido de Abraão, e o pior: depois de muito sofrimento, ele resolver cumprir com a ordem. Vendo a sua “obediência”, a sua “submissão”, o Senhor enviou um anjo para segurar a sua mão na hora em que esta iria se abater sobre o filho, deitado numa pedra, que jamais entendeu coisa alguma do que estava acontecendo e cresceu com sérios problemas na sua sensibilidade.

Deste homem submisso retirarei uma nação submetida aos meus desígnios – era a tônica do pensamento do ser e de seus comandados, que se utilizavam da raça humana conforme as suas necessidades ou para algo ainda mais enigmático.

Um dos aspectos mais curiosos de toda essa história se refere ao fato de que, do mesmo modo como o criador não produziu, pessoalmente, coisa

alguma do dilúvio, ele também não provocou a peste, mas se aproveitou da inevitabilidade de ambos para mostrar um poder que jamais teve: que era o de corrigir, sozinho, o roteiro da sua obra e das suas criaturas, a quem enxerga como simples ferramentas.

O estranho é que ele preferia que a raça de humanos, que havia fugido ao seu controle “desde os tempos de Adão e de Eva”, acreditasse que ele era poderoso e malvado o suficiente, no sentido de, em enviando “males educativos” para, assim, educar os humanos, por meio da submissão ao seu poder, ele atingiria então os seus objetivos.

O modelo de Noé foi tão somente o modo antigo da sua tentativa. Naqueles tempos, após o seu fracasso com o “modelo ariano”, do sangue puro à moda do sangue de Gomer, descendente de Jafé, ele agora estava elaborando o “modelo Abraão”, aos ter perdido a continuidade da linhagem no tempo de Heber. Mas só havia um problema: a descendência de Abraão passava pela origem cananeia, o que não era muito condizente devido à maldição lançada por Noé sobre a descendência do filho Cam, logo após o dilúvio. Mas, na ausência de outra opção e/ou por achar Abraão a melhor opção independente de tudo mais, assim foi procedido pelo Senhor devido a sua doentia necessidade pela busca ou construção de um “modelo humano” que lhe servisse aos propósitos (n.e. – talvez, também por isso, a linhagem que seria apresentada na futura Bíblia, de Adão até Abraão e na descendência da qual viria a nascer Jesus, tenha tido as suas aproximações e adequações anteriormente referidas).

Após todos aqueles dias difíceis, vendo como os deuses podiam ser cruéis com os humanos, passou a existir na Terra uma cultura diferenciada, a partir da qual valores diversos passaram a existir em relação à submissão aos deuses.

Muitos povos, por temor, continuavam a defender a dependência aos deuses e cada núcleo que assim pensava tinha o seu. A descendência que, então, começou a surgir de Abraão, a qual, mais tarde, viria a se transformar no povo hebreu/judeu e nos árabes, era tão somente mais uma que tinha, como os outros, o seu próprio deus.

Movidos por razões diversas, começaram a surgir povos que defendiam a independência em relação aos deuses e muitos tipos de conflitos passaram a ter lugar.

Com o passar do tempo, o panorama planetário foi se tornando cada vez mais complexo e, no que se referia ao segmento populacional surgido de

Abraão, dele era esperado, da parte do Senhor, que não repetisse os “desvios” que continuavam ocorrendo inevitavelmente na cultura dos demais povos.

Havia um indesmançável fio que tecia a vida dos elos da linhagem, tanto no que se referia à corrente do “sangue sagrado” que fluía por entre toda a descendência de Noé e de seus três filhos, como também, numa outra ordem de função, entre os membros das demais ramificações da “linhagem escolhida pelo Senhor”, por meio do sangue de Sem, de Arfaxad, de Salé, de Heber e de Faleg. Agora, um outro arranjo era procedido para que um plano muito antigo pudesse voltar a ter continuidade nas disputas terrestres pelo domínio imperial da Terra, pois parece ter sido sempre esse o pano de fundo por trás do processo histórico do passado.

Abraão, parece ter sido a “última opção do criador” e dos filhos do seu neto Jacó a descendência das doze tribos hebraicas viria a ser firmada (n.e. — tudo indica que existiu por essa época um limite temporal que obrigou esse ser a assumir determinadas opções e não mais as pode redimensioná-las. Por isso, tudo o que decorreu desde então foi a partir dessa sua linhagem). Ainda que depois se mostre arrependido, como na própria Bíblia se encontra sobejamente registrado, esse ser se viu obrigado, em alguns momentos, a tomar decisões cujos resultados poderiam até não lhe agradar, mas deles ele parecia depender para levar adiante os seus desígnios. Assim ele passou a agir naqueles dias, como modo de reafirmar o pacto feito com Abraão, para, novamente, fazer-se presente nas disputas entre os deuses, sempre em torno do domínio sobre os desavisados humanos.

Se antes existiu uma “sina dos portadores da peste”, nos dias de Sodoma e Gomorra, agora surgia a “sina do devoto incondicional”, da “marca da devoção” como forma de promover a “salvação” de uma humanidade perdida.

Nos tempos de Sodoma e demais cidades, os sinais da peste substituíam as “marcas corporais” do passado cainista. Desse modo, a humanidade veio sendo milenarmente marcada pelo fato de portar no seu sangue as cotas das possibilidades de um jogo existencial no qual cada ser humano era e é tão somente uma “peça”, uma “ferramenta”, uma “cobaia”, uma “criatura portadora de características” para serem estudadas e verificadas com vistas a um propósito que não lhe confere direito à qualquer conveniência. Essa criatura era para jamais ser despertada, mas contudo o fez, e no uso do que lhe resta da sua cota de livre arbítrio, questiona sobre o sentido de todo esse contexto que a envolve como também sobre qual a sua função nessa história.

O que mais a raça humana deveria sofrer, absorver em si mesma dos problemas dos deuses, para resolver o que eles se viram incapacitados de solucionar? Seria esse o resumo da questão?

Se o destino da humanidade for o de sofrer calamidades diversas apenas para ser castigada devido à opção sexual das pessoas, onde essa história irá acabar?

O Criador nos fez a sua imagem e semelhança — e essa era a concepção que existia bem antes do dilúvio — e se tudo dele vem, conforme esse ponto de vista, por que o próprio Criador pune ou pretende punir a quem nasceu contaminado pelos seus próprios problemas de indefinição existencial?

Se por maldição, acaso, erro de cálculo ou desespero de um ser criador, que gerou o que sequer ele sabia ser uma obra existencial — pois a ela teve que se adequar e, assim, obrigar a que todas as criaturas que nela venham a nascer façam o mesmo — na qual muitos sofrem, por que aumentar ainda mais o horror, castigando, punindo pessoas pela opção sexual assumida e pela qual sequer puderam optar?

Naqueles dias, Abraão e seus contemporâneos não tinham como produzir reflexões desse naipe. Com o senso crítico comum a sua época e uma enorme boa vontade e generosidade nos seus corações, os seus descendentes seriam transformados nos núcleos das futuras linhagens que iriam ser perseguidas pelos caprichos dos entes poderosos. Estes, despossuídos de valores morais que os pudessem transformar em algum tipo de exemplo para os que pretendiam educar e submeter, usaram sempre do temor para conseguir a submissão forçada dos humanos até que se libertaram do seu jugo e começaram a viver conforme os seus próprios ditames. Percebendo o inevitável, essas consciências se organizaram para promover as religiões impositivas entre os terráqueos, como forma “indireta” para novamente dominá-los ou pelo menos influenciá-los.

E assim começou uma nova etapa de desafios e de sofrimentos para as consciências particularizadas portadoras das “marcas do passado”.

Havia um tempo-limite imposto pela própria entropia universal, para que as forças poderosas situadas além do contexto da percepção humana pudessem finalizar o seu pretendido processo de dominação.

Alguns “deuses” sabiam desse limite, outros não.

A humanidade, obviamente, nunca soube de nada nesse sentido, ainda que seja escrava de um processo cujas cores somente começam a ser percebidas com a inevitabilidade do avanço do conhecimento científico e

espiritual que move os humanos no rumo de melhores dias.

A LIBERDADE E SEUS EFEITOS

COM O TEMPO, para além do circuito da descendência de Abraão, a libertinagem voltou a se fazer presente em muitas das cidades e, principalmente, entre os escravos que nelas viviam. Estes, dissociados de qualquer ligação com suas origens, comportavam-se como as circunstâncias de cada localidade permitiam. Contudo, a liberdade política, filosófica, há muito havia sucumbido ao primado de ditadores e reis que, em nome dos diversos deuses, faziam uso de muitas formas de gerir o aumento populacional, o qual, no período entre guerras, era verificado em todos os lugares.

Na verdade, como os reis e ditadores desejavam ardorosamente que o número de súditos e dos membros dos seus exércitos aumentasse, eles próprios “financiavam” a libertinagem sexual daqueles dias, aproveitando-se dos hábitos e posturas viciadas que as pessoas herdaram dos ancestrais.

Nunca é demais dizer que, nessa fase da narrativa, não existia mais um povo sereno, temente a deus, que praticasse fielmente um rito comportamental, preocupado com qualquer valor mais elevado.

A descendência de Abraão estava ainda se organizando por meio das dozes tribos advindas dos filhos de Jacó, cujo destino estava agora nas mãos de Moisés que as havia libertado do jugo egípcio.

Por essa época, as tradições culturais que viriam dar origem ao pensamento grego, estavam convivendo com um traço da cultura celta que trazia consigo parte do cabedal do conhecimento druídico que, lá atrás, na história, teve como berço o “colégio dos magos” no extremo norte do mundo.

Disso resultaria o modo de pensar dos gregos cujo “espírito” foi chamado de filosofia, porque a busca amorosa pela verdade somente poderia ser feita

pelos amantes da sabedoria. Mas, por que a “busca amorosa” e não qualquer tipo de busca ou qualquer modo de buscar?

Aqui reside um aparente mistério.

Houve um tempo em que o colégio dos magos ainda funcionava nas terras do norte extremo (n.e. – há cerca de 3.000 anos, no norte das atuais Irlanda e Escócia, dois focos de conhecimento druídico já existiam como herdeiros de notícias de tempos muito antigos), quando os antepassados dos galaicos dominavam a grande ilha ali existente e adjacências (n.e. – Grã-Bretanha), em que teve início, ainda que lentamente, a transposição do modo de vida dos druidas antigos para o continente europeu. Esse processo foi tendo lugar ao longo dos séculos e o “modo de ser” original dos druidas daqueles dias foi desaparecendo aos poucos.

Os galaicos, pelo contato que tinham com os ensinamentos do colégio druídico, gabavam-se de que, entre eles, não havia o que se observava nos povos mais ao sul, isso no que se referia à questões de malícia, mentira e a “lascívia mal dirigida” de outros povos.

Quando, por fim, os gauleses dominaram a Grã-Bretanha, dominando os galaicos, os druidas foram obrigados a se tornarem, então, seus guias, e foi nesse ponto da história que na cultura druídica-gaulesa os conceitos celtas de “amigo da magia-ciência”, ou seja, o “muito sábio” (n.e. – em celta significava *dru-uids*) ou ainda, literalmente, “mestre da sabedoria”, foram herdados pelos gregos com o seu *philos sophia*, amigo ou amante da sabedoria, enfim, “filósofo”.

Qual a questão?

Os druidas sempre souberam que a “verdade” a ser buscada era “complicada”! Mais que isso: não era uma descoberta agradável à primeira vista, ou seja, não era para corações infantis. Estes, facilmente, passavam do amor para o ódio, do endeusamento para a demonização.

Assim, era necessário um tipo humano especial, que pudesse direcionar a sua mente nessa busca complexa por uma verdade cujos indicativos sempre apontaram para uma complexidade ainda mais singular cuja face nada tinha de agradável para a lógica humana.

Pouco se sabe sobre isso, mas o conceito de druida, entre os galaicos, era o de alguém que poderia ser considerado um profundo conhecedor do passado e dos seus mistérios, uma espécie de “especialista” preparado para se defrontar com as estranhas causas e origens que se situavam no passado distante mas que respondiam pelo o que agora é entendido como sendo a vida

que se leva na Terra.

Foi desse modo que alguns poucos focos culturais se prepararam para produzir, no trôpego e descuidado cotidiano da humanidade-rebanho, um método que possibilitasse a busca da verdade de modo prudente, aberto, honesto e amoroso (n.e. – muito mais tarde, Jesus deixaria registrado no Evangelho de Tomé, o chamado quinto evangelho, um “conselho” ou “orientação” para aqueles que buscam a verdade: *aquele que busca, não pare de buscar até que encontre, e quando encontrar, perturbar-se-á, depois maravilhar-se-á e reinará sobre o Todo*). Mas em sentido amplo isso jamais funcionou.

Mesmo o chamado conhecimento gnóstico — o termo gnose deriva do termo grego “*gnosis*” que significa “conhecimento” — que surgiria mais tarde, jamais preencheu esse aspecto ancestral da filosofia. Apesar de ter surgido entre os judeus helenizados que vieram a ser discípulos de Jesus, transformou-se tão somente num conhecimento espiritual vivenciado pelos gnósticos que o tinham como intuitivo, como algo que fazia parte da natureza humana, diferente do conhecimento científico ou racional. Em outras palavras, tornou-se mais uma questão de fé do que, propriamente, um método de busca.

De todo modo o pensamento grego conseguiu produzir caminhos que pretenderam libertar o homem da sua relação pouco esclarecida com os deuses e afastá-lo da ignorância. Mas permanece “perdido” um método ancestral praticado no antigo colégio druídico, uma tentativa de discernir a realidade que nos envolve a partir de uma maneira de se utilizar a filosofia que mesmo os chamados “pré-socráticos”, talvez os mais profundos dentre os que existiram dedicados a esse mister, passaram ao largo.

Os persas, porém, representando no tempo o resgate da fórmula das velhas tiranias com face teocrática, historicamente resolveram se colocar como contraponto ao modo de vida grego, e acabar de vez os poucos focos de regimes libertários que então existiam.

Ainda que não saibamos disso, o ser humano é meio que forçado a sempre o buscar o melhor de si, o melhor para si, ainda que essa força que nos mova seja misteriosa para a nossa razão. Mas esse é o fluxo normal que existe, ainda que de modo inconsciente, até nos aparentes piores exemplares da nossa espécie que possam estar temporariamente doentes.

Alguns povos, movidos pela vontade de serem livres, apostam nesse quesito ainda que não tenham a devida consciência. Mas, pelo menos, se

movimentam nesse sentido! Outros, porém, vinculados a um tipo de poder central dissociado de valores que estimulem o progresso seja individual ou coletivo, põem-se em direção contrária a esse fluxo.

O império persa, mais especificamente a partir de Dario, vangloriava-se da origem divina de sua dinastia e da virilidade dos seus combatentes, sendo exemplo de um modelo governamental ditatorial muito em uso no contexto planetário.

Os tais deuses menores, depois de incontáveis insucessos no sentido de se manterem no controle dos acontecimentos terrenos, no decurso dos últimos séculos, estavam “habilitando” humanos considerados semidivinos, para reinarem, a princípio, em nome deles. Com o crescimento da humanidade e do grau de complexidade que agora exigia a gestão das coisas da Terra, viram-se obrigados a afrouxar as rédeas sobre os seus representantes semidivinos. Estes, eram sempre produto de um intercuro sexual entre um ente poderoso e uma terráquea, ou, pelo menos, de uma boa estória que pudesse convencer as pessoas sobre a procedência “real e divina” de quem viesse a se tornar rei.

Os persas, dentre muitos impérios que surgiram na história daqueles dias, exemplificavam esse aspecto em toda a sua amplitude.

Ao assumir o poder, Dario, o Grande, tratou logo de por um fim as revoltas promovidas por outros pretendentes ao trono e depois começou a expandir ainda mais o império que, na época, se situava entre a Europa e o rio Indo.

Com singular capacidade de gestão ele dividiu o império em trinta e uma províncias ou Satrápias, colocando à frente de cada uma, um nobre de sua confiança. Nessa época surgiram os famosos “olhos e ouvidos do rei” entre os persas, porque Dario mantinha vários funcionários que em seu nome visitavam as Satrápias, ouvindo o povo e vendo os atos do Sátrapa. Dessa maneira, patrulhava os principais acontecimentos e mantinha controle sobre os vastos domínios do império principalmente no que se referia à cobrança de impostos e ao modo de vida das pessoas.

A oeste de seus domínios, um povo de comerciantes e navegadores começou a preocupar Dario: eram os gregos. E o pior: eles haviam ajudado algumas colônias persas do Mediterrâneo a se revoltarem contra o modo de gestão de Dario. Para puni-los, ordenou uma expedição militar, mas os persas foram derrotados. Mais tarde, seu filho Xerxes, deu continuidade ao processo de “guerra total” contra os gregos e foi também derrotado nas batalhas de

Salamina e Plateias.

O interessante é perceber que, as recém fundadas cidades-estados da antiguidade grega passaram por um processo cultural bem diferente do que marcou outros impérios da época, notadamente o persa. Em algumas delas, a liberdade de cada um era respeitada, e a observância às leis locais, assim definidas, vinha junto com a noção de cidadania. Contudo, a libertinagem e outros hábitos no campo da sexualidade existiam nessas cidades gregas e, esse aspecto, não se verificava no rigorosíssimo padrão da formação persa, fosse pela religiosidade advinda da herança do Zoroastrismo ou mesmo pelo temor produzido pelo patrulhamento inescrupuloso que os “olhos e ouvidos” dos reis persas mantinham.

De modo singular, ainda que os exércitos gregos recebessem o toque de zombaria dos persas, porque em seus quadros existiam “guerreiros amantes”, estes saíram vitoriosos das contendas, e mantiveram acesa a chama do mais precioso legado que uma civilização já produziu para a humanidade: a liberdade individual! Único caminho, talvez, que uma consciência particularizada possa assumir o comando do seu destino e optar pelo alinhamento filosófico-psíquico que mais lhe seja afeito em relação aos diversos campos da vida.

Qualquer outra alternativa contrária a isso pode acarretar danos profundos e irreversíveis — dentro de um extenso período temporal — à sensibilidade das pessoas.

Alguém pode optar por se dedicar a uma religião, a uma ideologia, a qualquer coisa na vida, mas é sua a opção. Isso é bem diferente de se ver obrigado a ter uma e/ou a ser especificamente daquele corpo religioso, ideológico, o que for.

Em muitas épocas da história da humanidade essa postura não era possível, apesar de que algumas poucas civilizações, alguns núcleos discretos, procuraram produzir essa liberdade de pensamento e de conduta ainda que confrontando tudo ao redor.

Os gregos foram os que mais produziram alternativas para o pensamento humano, para o modo organizacional das comunidades, e viveram os costumes de cada cidade-estado plenamente sem a restrição observada em outras culturas.

Apesar das suas crenças, do peso das circunstâncias da época, algo em seu sangue parece ter produzido somente ali o que jamais foi observado em outras comunidades.

Seus próprios antecedentes históricos repousam sobre povos, como os lídios, aqueus, micênicos, jônios, dóricos, dentre outros, que já traziam nos seus traços culturais diversas características que nos gregos se ampliaram em significado e em potência. Nesse aspecto, reside a herança de um comportamento sexual onde a predileção por pessoas do mesmo sexo havia se tornado prática comum.

Por trás da descendência sanguínea (n.e. – herança do DNA) desses povos, estava todo um circuito de histórias ramificadas desde os focos antigos, pós-diluvianos, das comunidades em que as tendências, inclinações e impulsos para a prática sexual entre pessoas do mesmo sexo já estavam presentes naquelas pessoas.

Olhando de outro ângulo de análise — dia virá em que o método científico perceberá, inevitavelmente, esta relação — naqueles dias em que Noé tanto se preocupava com o modelo a ser perseguido, o fato é que daquelas comunidades realmente se desdobrou um tipo de processo comportamental sem essas tendências que conseguiu se perpetuar por muito tempo e que gerou também os seus desdobramentos. Contudo, não de todo livre da presença de indivíduos que, ainda que em menor número, contra toda e qualquer influência do meio já nasciam trazendo consigo a inclinação por pessoas do mesmo sexo.

Mesmo os povos que vieram a se construir, mais tarde, sobre os focos civilizatórios cujos padrões de moralidade, baseados em sentimentos religiosos, perseguiam, puniam, execravam qualquer comportamento nesse sentido, ainda assim, surgiam indivíduos que viveriam pelo resto das suas vidas o “peso de uma vida interior disfarçada” para não sofrer os horrores destinados às “pessoas diferentes” de cada época.

A moral opressora estabelecida em padrões religiosos jamais conseguiu extinguir o comportamento que existia em alguns dos seus próprios agentes de atuação social. Apesar de todo o patrulhamento, das perseguições e punições criminosamente impostas a pessoas pela opção sexual assumida ou presumida pelos “juízes de cada época”, seguiu o desencadeamento da natureza a produzir a evolução do mundo com as cores e códigos que hoje marcam a vida, independente do “querer das pessoas”.

Por que será assim?

O que será que existe no mais íntimo de cada consciência particularizada que define as suas predileções emocionais e sexuais de modo avassalador e que atropela, inclusive, a definição biológica impressa no próprio corpo sob à

forma de um órgão sexual?

Lentamente essa resposta vem emergindo nas consciências que se permitem esclarecer quanto aos porquês dos aparentes mistérios da existência. E esse tema da sexualidade é somente um dos painéis enigmáticos que compõem a complexa natureza de cada ser humano.

Nessa época em que os filósofos pré-socráticos como Anaxágoras e Parmênides se questionavam sobre um possível caos primordial, sobre o que teria promovido a engrenagem do tempo, do espaço e das coisas girando, sobre o devir, enfim, sobre os princípios que envolvem tudo o que passou a existir, a função do ser humano no seio de todo esse processo logo começaria também a ser buscada numa aventura filosófica que está longe de terminar.

Do mesmo modo que uma longa extensão do solo pode ter suas características verificadas pela análise da raiz de somente uma das plantas que nele vivem, assim, também, cada ser humano parece estar enraizado numa mesma porção criadora que o mantém. Desse modo, estudar os painéis do jeito humano de ser, poderá levar a um determinado nível de entendimento sobre o seu enraizamento existencial.

Muitos filósofos e cientistas aplicaram esse paradigma a diversos painéis da vida, no sentido de uma pequena particularidade ser detentora do todo (n.e. – paradigma holográfico), mas parece que jamais esse modo de compreensão e/ou decifração das coisas foi focado no ser humano, para que a partir dele se pudesse ter ideia acerca da força ou do princípio, personificado ou não, que gerou a vida racionalizada, com toda a sua cota de impulsos e de tendências.

Como cada decodificação, cada pequeno degrau na lenta evolução do pensamento teve seu tempo, lugar, agentes, atores, atrizes e testemunhas, quem sabe se essas reflexões aparentemente ousadas, mas algo atrasadas, não venham a contribuir com o processo? O futuro dirá!

Nesses tempos da busca dos chamados pré-socráticos, existia um pensador em Éfeso, cidade grega (n.e. – atualmente pertence a Turquia) na qual viveu Heráclito, um dos mais homens mais profundos da sua época .

Seus discípulos costumavam crivá-lo de perguntas sobre muitas coisas e compassivamente ele se sentava onde podia passando a responder com paciência a todo tipo de questionamento.

— À exceção das guerras e das lutas de honra, quando somos obrigados a matar, fora disso, qualquer atitude danosa a alguém, por ela nos devemos sentir culpados? – perguntou um rapaz em certo dia em que o Sol parecia ter

sumido daquele região do mundo.

— No sentido do aprimoramento de cada um de nós, sim, mas no de não repetir o movimento do pensamento, da palavra ou do ato que causou dano em alguém, nunca devemos nos deixar possuir por esse sentimento. Jamais devemos assumir o sentido de culpa com fins de diminuição da própria potência que sentimos em nós mesmos. Por que? A vida é cheia de contrários e tudo se transforma. Somente para aqueles cujo pensamento se encontra inserido no seus limites e que, por isso, observa cada coisa separadamente, sem possuir a percepção plena do sentido de conjunto, este mundo poderá parecer um lugar de culpa e de sofrimento. Fora desse contexto, devemos viver sem qualquer imputação moral, como se em nós existisse uma perene e intacta inocência que nos permite atuar frente a tudo o mais nesta vida. Precisamos ser livres, inclusive perante às necessidades, porque, se delas dependermos, significa que abrimos mão da liberdade de modificar a natureza básica do que forma o nosso modo de ser. Não estou dizendo que não as atendamos, pois sim, devemos atendê-las no exercício constante do embelezamento da vida por meio das nossas próprias experiências, mas não delas nos tornarmos prisioneiros. A vida é o que cada um faz dela! Eu, porém, faço da minha um jogo de Aion (n.e. – na mitologia grega Aion era o juiz da espécie humana) no qual, para o seu juízo, torno-me criança usando do meu fogo criador, artístico e sem malícia para com a vida, pois que assim construindo e vendo destruído o que produzi, construo novamente, porque tenho para mim que o universo é uma eterna transformação na qual os cenários, atores e circunstâncias se equilibram sempre, em sua harmonia, onde os opostos representam tão somente esse equilíbrio essencial a tudo. E não esqueçam: há intelectos que já nascem para este mundo bem definidos em relação aos caminhos da vida. Outros, parecem chegar indefinidos, o que talvez seja uma forma de definição num tempo ainda por vir. Quem saberá se, no futuro, naturalmente a definição de hoje não poderá ser alterada amanhã, por fatores alheios ao nosso conhecimento atual? Assim, tudo se transforma, até mesmo as nossas definições, mas temos que passar por elas, caminhar livremente, de modo inocente, sem nenhum tipo de opressão ou de imputação moral, a não ser o da nossa consciência, mas sem qualquer noção de culpa.

Quando alguém se preparava para fazer uma nova indagação, Heráclito costumava perguntar:

— Vocês compreenderam a minha resposta?

As pessoas ao seu redor permaneciam em silêncio e ele, então,

arrematava:

— Antes de novas perguntas agora, vão viver, vivam, aprendam e me tragam novos questionamentos para que também eu possa aprender e me transformar.

O conceito de liberdade de Heráclito enobrece o ser humano e o impulsiona a realizar nele mesmo o que traz consigo para que assim se cumpra o processo de transformação num eterno devir, mas no qual não poderá existir qualquer dever moral comportamental, a não ser o que cada um carrega como sendo a marca da sua própria consciência.

O princípio da poda serve para vegetais, mas para o curso da vida humana o que é e o que pode vir a ser, sempre se unem numa transformação que é necessária e, para tanto, a carga de inclinações que cada ser humano porta, deve e precisa ser vivenciada se assim for o que determina o limite da sua própria consciência e, é claro, se pudermos associar isso ao limite prudencial do bem alheio que devemos procurar sempre vislumbrar do mesmo modo como queremos que o nosso também o seja.

NOTÍCIAS EM ALEXANDRIA

O MUNDO PASSAVA, agora, por uma nova onda “globalizante” na qual, novamente, um mesmo padrão cultural estava sendo semeado em muitas regiões.

Desde a época de Noé, quando seus descendentes se espalharam pelo planeta e levaram consigo o rígido código de conduta que passou a marcar e a influenciar o comportamento de muitas pessoas, não se observava coisa igual.

Desde então, tiranias diversas tentaram criar um império planetário, mas tal nunca se deu.

Ainda assim, após a morte de Alexandre Magno, imperador macedônico que criou um vasto poder territorial em torno do qual seus generais, por serem os herdeiros diretos já que Alexandre morreu muito jovem, aos 33 anos, e na inexistência de um herdeiro oficialmente constituído, partiram para uma disputa ferrenha em torno de algumas regiões.

Como Alexandre e seus generais haviam sido influenciados ou mesmo educados sob a égide do nascente helenismo, após a sua morte, em cada cidade fundada ou dominada pelo império de Alexandre, os seus “herdeiros políticos” deram continuidade ao processo de expansão do helenismo pelo mundo afora, ainda que por meio de diversas etapas de guerras entre eles mesmos.

Alexandria, no Egito, assim nominada pelo general Ptolomeu em homenagem à Alexandre, terminou por congregar as mentes mais brilhantes da época e para lá convergiram muitas correntes do pensamento de então.

No complexo de construções no qual existia a sua famosa biblioteca, também tinha lugar salas amplas onde ocorriam grandes conclaves sobre esse ou aquele tema que importava ao conhecimento humano.

Ptolomeu organizou, como pôde, a vasta herança dos saberes da época, procurando encontrar pessoas adequadas e com capacidade para contribuir na gestão de todo aquele complexo conjunto de coisas do passado que foram se agrupando em Alexandria.

Para seu desgosto, eram poucas as pessoas com preparo, o que o levou a investir na contratação de mestres em diversas áreas, na promoção de cursos direcionados conforme as necessidades do seu planejamento.

Diferente dos demais generais de Alexandre, Ptolomeu era um pouco mais velho que ele e pertenceu ao privilegiado círculo de jovens que receberam orientação para a vida diretamente do filósofo Aristóteles, contratado pelo pai de Alexandre, Filipe, para ser preceptor do filho e de algumas crianças escolhidas da corte.

Ptolomeu e Alexandre, portanto, foram amigos desde a mais tenra infância e, dentre todos os seus generais, era o que tinha a confiança natural do imperador.

Além disso, o fato de terem recebido uma educação refinada para a época, passaram a ser adultos com preocupações culturais e intelectuais semelhantes quanto à “educação do mundo”, o que fez de Ptolomeu um zeloso administrador da cidade construída por Alexandre.

Desde que se tornou o mais novo faraó do Egito, Ptolomeu se esforçou para que a sua formação helênica não distorcesse os padrões culturais da história egípcia que ele começou a aprender por força da “herança política” recebida.

Com vistas a essa preocupação, Ptolomeu procurou se cercar dos mais profundos conhecedores da história antiga do Egito para melhor se informar e, assim, respeitar as origens da terra da qual, agora, por contingência do destino, ele estava dando início a uma nova dinastia que iria prevalecer até os tempos de Cleópatra, sua descendente longínqua.

Dentre todos os conhecedores da história egípcia o que mais lhe impressionou foi Maneton, um homem discreto e de uma sobriedade que dele se dizia que, por saber tanto, vivia calado e solitário porque não havia quem com ele mantivesse um nível de conversa de modo satisfatório.

Um dos traços do seu temperamento era muito raro: desde cedo, ele fora educado somente para falar o necessário, o que não o tornava uma pessoa simpática, facilmente acessível, exatamente porque o seu silêncio era substituído pelo olhar profundo que falava por si só. Mas isso incomodava muito as pessoas, na sua maioria, superficiais, que em falando as trivialidades

da vida se sentiam meio que envergonhadas quando o olhar manso e profundo de Maneton pousava sobre elas. Apesar disso, para as pessoas mais sensíveis, quando estas dele se aproximavam, não desejavam mais sair de perto, como se aprisionadas por um raro tipo de magnetismo pessoal.

O faraó Ptolomeu, desde o seu primeiro encontro com Maneton, sentiu um profundo respeito por aquele estudioso do passado, não só do Egito, mas de toda a história também a respeito de outros povos que no Egito se tinha notícias.

Maneton, por repetidas vezes, narrou para o faraó todo um contexto que lhe era absolutamente desconhecido, de um passado cujas cores ele mal imaginava. Ainda que educado por Aristóteles, o viés filosófico do mesmo parece ter se sobreposto ao histórico, e foi com Maneton que o ex-general de Alexandre aprendeu sobre os tempos esquecidos.

Como era amigo de Alexandre e por ter convivido com ele desde a adolescência, uma certa ocasião despiu-se da investidura de faraó e disse para Maneton que iria lhe fazer uma pergunta como um simples homem que ele saiba ser, independente de até onde a vida tinha lhe conduzido.

— Meu mestre e professor, muito da vida já recebi. Tive o privilégio de conviver com três semideuses em relação aos quais reconheço minha insignificância: Aristóteles, Alexandre e você!

Maneton fez um sinal com a cabeça como se discordando do que escutara.

— Somente alguém com a sua autoridade moral e intelectual para me estimular a falar sobre um assunto que me incomoda, mas ao qual me acostumei. Convivi com Alexandre desde os meus 14 anos em praticamente todos os dias da minha vida, até que ele nos deixou, na sua morte prematura, há alguns anos atrás, e não há exagero quando afirmo da nossa convivência quase que diária e ininterrupta ao longo de todos os anos. Da educação que ele recebeu eu também bebi, do adestramento a ele direcionado também a mim foi dado, participamos de todas as festividades, traquinagens, desafios, etapas da formação da personalidade e mesmo vendo muitos jovens da nossa geração ter relações sexuais com outros homens desde cedo, jamais em mim ou nele algo existiu nesse sentido, ou mesmo que assim nos envolvesse, e juntos vivemos todas as venturas que uma vida plena propicia. Contudo, desde a chegada de Heféstion ao nosso círculo íntimo já próximo ao final do nosso tempo com Aristóteles, claramente eu percebi a nuvem de emoções diferentes que existia entre eles e sempre respeitei isso. Quando do

envolvimento real deles dois que, no princípio somente eu sabia, e sobre o qual Alexandre falou abertamente comigo, somente pude escutar sem nada poder dizer de tanto que o amava, como também a Heféstion, igualmente meu grande amigo e companheiro de vida. Ao tempo em que convivi com eles nunca vi num casal composto por homem e mulher, um clima amoroso de respeito, de transparência, de carinho, de amor profundo como observei naqueles dois.

Maneton observava as lágrimas de saudade e de homenagem que os olhos de Ptolomeu vertiam ao se recordar dos dois amigos que naquela altura não mais se encontravam entre os vivos deste mundo.

— Nem mesmo eu com os meus amores, chego perto de sentir qualquer coisa parecida, por quem quer que seja, com o que aqueles dois sentiam um pelo outro. Pergunto-lhe, meu nobre amigo e mestre: você tem alguma explicação que me possa dar sobre isso? Obviamente, estava há muito acostumado com o fato da relação entre homens apesar de por elas jamais ter sentido qualquer atração. Sinceramente, não estou me referindo especificamente ao prazer sexual pois a essa versão dos fatos, como disse, estava e estou habituado pelo simples fato das coisas serem mesmo assim. Mas o que me chocou nos meus amigos foi ver neles o mais belo sentimento que já pude ver na vida e isso me é profundamente intrigante. Se nada puder me dizer, não me diga, pois sei que há coisas que parecem pertencer ao circuito dos deuses e não ao dos homens, e o fato de ser faraó não me engana a ponto de me sentir em circuitos que me são indevidos. Sou um homem, um simples homem, portanto, não se obrigue a me responder pelo fato de ser faraó. Talvez não haja mesmo uma resposta compreensível e simplesmente as coisas são como são.

— Meu senhor, a sua generosidade para comigo e a confiança que deposita no meu saber são ambos um engano profundo da sua grande alma que foi investida do poder divino dos deuses que protegem os faraós do Egito, que somente lhe permite errar nesses juízos porquanto a sua gentileza resolveu operar em mim grandezas que não possuo. Mas existe sim, meu senhor, um fio indesmanchável que nos permite tecer a teia que une um passado esquecido ao presente aparentemente incompreensível, mas ao qual nos acostumamos e com ele convivemos, e aqui não somente me refiro à questão do amor entre homens porquanto também conheço, entre as mulheres, a verdadeira afeição. Esse fio nos leva aos deuses, tanto aqueles que julgamos como sendo os pais da linhagem divina que originou a nossa

nação, como também em relação a outros sobre os quais temos notícias e que reinaram, num passado distante, sobre terras distantes do Nilo. Na semente (n.e. – DNA) deles esse hábito parece estar indelevelmente marcado e esta marca veio junto na semente que deles foi plantada na Terra para que os todos os animais e os humanos pudessem surgir nesse mundo. Assim, trouxeram os ancestrais humanos essa marca e até hoje a atual geração de humanos porta essa tendência que estranhamente desperta em alguns e em outros não. Mas tendência, meu senhor, é tão somente um impulso, um empurrão que uma tempestade íntima nos obriga a por a nossa atenção e sensibilidade num foco específico para poder gerir um rio ainda mais caudaloso do que o próprio Nilo. Porém, quanto à habilidade para a majestosa expressão da arte do amor profundo, poucos parecem possuir essa arte, independente de serem casais compostos por pessoas do mesmo sexo ou o padrão usual que costumamos tomar como natural, porque, obviamente, nele reside a continuidade da espécie humana. Penso que somente as “grandes almas”, como dito pelos hindus, quando se referem a homens e mulheres capazes de sentimentos superiores, podem sentir o amor dessa forma. Seus dois amigos, independente da função que tiveram na vida, seguramente devem ser exemplo do que acabo de dizer. Digo-lhe mais, meu senhor: muito antes da humanidade surgir, existiam modos de identidade desses seres que apresentavam muitas faces e se por cada uma delas tomarmos um gênero, o que mais tarde veio a surgir como sendo o corpo de machos e fêmeas jamais contemplou ao incontável conjunto de expressões que já existia antes da confecção da vida por aqui. É como se alguém tivesse errado nessa conta pois deveriam ser mais, bem mais as quantidades de gêneros portadores de definição sexual a existirem na Terra, em vez dos dois que hoje verificamos. De forma inapropriada parece existir bem mais modos de identidade na alma do que as duas opções sexuais disponíveis na natureza. Penso que essa é a base do problema! Nossas almas têm faces que não cabem nas duas formas corporais animalizadas que existem. Fiz-me compreender?

O faraó ficou abismado com a explicação simples que Maneton, com gravidade, transmitiu-lhe, assim, num simples momento que lhe pareceu uma eternidade, porquanto, em paralelo as suas palavras Ptolomeu viu repovoando o seu psiquismo memórias da convivência com Alexandre e Heféstion, em torno do que ele, às vezes, pegava-se pensando algo muito parecido com o que agora Maneton lhe revelara. Em muitos momentos ele pensara, ao observar os dois amigos: *esses dois não são homens, mas também não são*

mulheres.

Após alguns instantes o faraó disse:

— Parece um mistério... Um enigma do passado... Um fantasma que brota no jeito de ser de cada pessoa.

— De minha parte, meu senhor, após muito estudar e observar o mundo ao meu redor, penso que é um segredo perdido do jardim do Éden...

— De onde? - interrompeu-lhe o faraó.

— O senhor se recorda da história dos antepassados egípcios, quando me referi ao ser criador Atum, deus do qual tudo o que existe e todos os demais deuses se derivaram? Na crença de um povo que hoje vive espalhado por muitas nações, inclusive aqui em Alexandria, que são os judeus, o deus criador deles, chamado de Javé, conforme acreditam, criou o ser humano a partir de um jardim no qual experiências vivas eram praticadas, chamado Éden. Esse ser chamado por alguns deles como Javé e, por outros, sequer seu nome é mencionado por considerarem sagrado, é o mesmo Atum, que por sua vez é o mesmo ser criador Brahma dos hindus, como ainda também é o estranho criador da crença dos antepassados gregos chamado de Caos. Esse segredo perdido do Éden, e penso que existem muitos outros, talvez seja um dos reais protagonistas que movimentam as nossas vidas enquanto pensamos que somos nós, os principais personagens, quando a verdade não parece ser essa.

— Para alguém como você, ó Maneton, que tem profundidade no olhar, argúcia na inteligência e ponderação nos sentimentos essa possa ser a verdade, mas para homens como eu, fica muito difícil absorver esse contexto. Quer dizer que o que se passa na mente das pessoas é o que realmente move a vida enquanto nós seríamos apenas, apenas os portadores dessas tendências? É isso? Apesar de nos sentirmos sujeitos seríamos então somente atores para que uma mensagem ou algo através de nós persista, sobreviva sempre? Será exatamente isso que devo pensar das suas palavras? – perguntou respeitosamente o faraó.

Maneton lentamente moveu a cabeça em sinal de afirmação enquanto uma lágrima brotou do seu rosto quase sempre impassível agora algo crispado pela emoção.

O que pode levar um homem como esse a derramar uma lágrima? Será que essa explicação é tão dolorosa assim para ele a formular? Essa não era um dos aspectos da velha tese pré-helênica que classificava os humanos como um mero brinquedo dos deuses? – refletia o faraó respeitando o silêncio

de Maneton que, para sua surpresa, disse em voz baixa:

— Perdoe-me, ó meu senhor, mas custa-me expressar o aspecto mais cruel da nossa existência e, nas poucas vezes em que o faço, a amargura me acomete pois inevitavelmente recordo quão cegos somos nós, os humanos, para perceber esse aspecto da verdade. Precisamos, contudo, viver e, às vezes, penso que é mesmo melhor de nada sabermos sobre o que não nos é dado resolver pelos outros, ainda que esses “outros” sejam pessoas a quem amamos.

Não foram poucas as vezes em que ele e o faraó conversaram sobre o passado e as questões do “ser”.

Naquela oportunidade, ao se preparar para descansar, Ptolomeu procurou se inteirar de um fato que lhe surgiu na mente, quando Maneton se referiu aos hindus e que agora ele se recordava.

Quando ainda estavam todos eles na Índia, ao tempo em que Alexandre expandia o seu império, ele enfrentou e venceu o rei hindu cujo nome era Poro e, como se tornaram amigos, o imperador resolveu deixá-lo como o seu próprio representante na região após decidir voltar para a Babilônia, onde terminou morrendo de uma doença no auge do seu poderio, no ano 323 a.C.

Alexandre havia ali deixado, junto ao rei, um dos seus principais oficiais, chamado Glauco, em quem depositava tanta confiança como nos seus generais. Por falar a língua local e ser um homem culto e de bom relacionamento, o imperador esperava que ele ali ficasse por um bom tempo para poder assim acompanhar o desenrolar da administração do rei Poro, agora como o seu representante na região.

O faraó se lembrou disso e mandou o seu “serviço de inteligência” descobrir se Glauco já havia retornado da Índia e a qual dos generais ele havia procurado dado à morte de Alexandre.

Alguns dias depois foi informado que Glauco deveria ainda permanecer na Índia, porque nenhuma informação havia do seu retorno para a Babilônia, como também para a Macedônia, os dois locais mais prováveis dele procurar o imperador até descobrir sobre a sua morte.

O que Ptolomeu não sabia era que, cerca de nove meses após a partida do imperador e de seus generais da Índia, Glauco havia sido convidado a cear com o rei que desejava saber mais sobre o mundo macedônico onde Alexandre nascera. Glauco foi recebido pelo rei Poro que possuía uma estatura muito acima da média das pessoas.

Realmente, é um gigante gentil – pensava Glauco se recordando do que

Alexandre lhe dissera quando decidiu deixar Poro no reinado e lhe representando na região.

Ao lado do rei se encontrava um outro homem a quem Poro apresentou a Glauco, com sendo um amigo do rei e seu confidente, e ali estavam apenas para ter uma boa prosa.

Com as conversas, Glauco percebeu que aquele homem não era somente um amigo do rei, mas seu “guru”, ou seja, seu mestre, “alguém auto-realizado” sob a perspectiva daquela cultura.

Em determinado momento Glauco resolveu perguntar a Sanjan, que nas últimas duas horas mal tinha falado preferindo observar atentamente a conversa entre o rei Poro e Glauco sobre a cultura grega vigente na Macedônia.

— Existe algum deus digno de ser venerado? Se existe, por que a raça humana sofre tanto e para o que ela foi criada?

— Podemos venerar os deuses ainda que nem todos sejam exemplo de seres que aparentem honrar a nossa veneração posto que envergonham a relação de confiança entre as partes, muitos deles por não estarem à altura da delicadeza do coração humano. Contudo, todos vieram de um só ser, um Criador, que faz sua pessoa funcionar por meio de um jogo cujos participantes são ele próprio e mais dois seres poderosos que, em algum nível, foram decisivos para a existência da criação. Na nossa cultura, Brahma, Vishnu e Shiva são os três “Senhores da Vida”, enquanto na sua, Caos, Eros e Tarter (n.e. – Tártaro) são denominações que corresponderiam à mesma *trimurti* dos nossos ancestrais. Lá nas terras do Egito, Atum, Shu e Tefnut seriam esses mesmos seres que se encontram presentes na raiz de todas as tradições desse mundo. Portanto, pode-se e deve-se venerar a qualquer um deles, como também é possível ver em cada criatura humana um ser importante, digno de respeito e de consideração, porque cada um porta em si a semente de uma divindade. Assim, os humanos são para serem respeitados, mas os deuses são para serem venerados pelos humanos. Sofremos porque vivemos mal e não veneramos os deuses como deveríamos, ainda que nem todos eles demonstrem zelo para com os humanos. – disse Sanjan.

Glauco escutou atentamente a explicação, tirou algumas dúvidas sobre se o seu entendimento de algumas expressões estava correto e depois de hesitar por algum tempo resolveu dizer:

— Com todo respeito, não acho que a sua resposta responda a minha pergunta. Vou reformulá-la: de todos esses deuses, existe algum que mereça

efetivamente a veneração de um ser humano, por pior que esse ser humano possa ser?

Sanjan sorriu e disse à guisa de resposta:

— Dei-lhe uma resposta geral para lhe introduzir no modo como nós pensamos porque a nossa tradição religiosa é muito vasta e antiga, bem mais antiga, pelo que percebo, do que a tradição grega que é herdeira de povos os quais, por sua vez, herdaram de outros ainda mais antigos o legado que hoje possuem. Aqui nós expressamos a nossa cultura por muito mais tempo, daí a mesma se encontrar arraigada no nosso modo de pensar. Dito isso, agora vou responder o que pretendia já ter dito antes, mas preferi primeiro observar o seu entendimento sobre o que falei. Essa pergunta que você me endereçou eu mesmo a fiz tempos atrás, no meu tempo de discípulo junto ao meu mestre. Mas, antes, devo dizer que as coisas não são como nós as vemos. Em cada um de nós, a parte que é real, a essência de cada um é exatamente a parte que não vemos. Nós não somos esse corpo animal... Isso é somente o substrato materializado do que o meu atman (n.e. – no sentido do conceito de “espírito” para a visão ocidental) conseguiu e consegue materializar dentro de um jogo, o mesmo que as três divindades criadoras jogam. Conseguir materializar aqui se refere ao mérito possível que o atman tem colecionado de vivências passadas. O que é isso? São experiências vividas pelo atman lá atrás, na sua longa jornada evolutiva, quando por decorrências dos fatos e no uso da sua livre opção, teve que se investir dos pormenores evolutivos de diversas naturezas que caracterizaram cada geração de seres na qual viveu. Disso resulta uma coleção de impulsos que geram preferências específicas no todo das possibilidades da vida já que esta importa em muitas coisas, tantas quantas caibam na natureza de cada espécie e de cada um dos seus membros. Assim, você será sempre do tamanho que puder ser, da magnitude que a sua mente possa ocupar, porque o seu modesto aspecto animal, cujo corpo nasce e morre, será sempre uma face do seu atman: a que ele pôde produzir num momento específico da sua história. Então, por melhor ou pior que você se sinta ou possa ser, você é sempre o que pode ser agora. De acordo com o que você for, a cultura que tiver, os mestres e os amigos com quem possa conversar, o seu modo de enxergar as coisas vai crescendo ou estacionando e, de acordo com isso é que você irá medir como tratar o seu semelhante, pois que nele reside tudo o que existe em você, só que colecionado de modo distinto, de um outro modo bem particular, e definir a que deus poderá ou deverá venerar, conforme os impulsos vindos do seu atman. Dependendo da

“grandeza de atman” que você puder possuir, sentirá então uma inclinação para venerar este ou aquele deus que for do seu conhecimento, ou seja, que pertencer a sua cultura. Isso se for o caso de você desejar realmente venerar um deus!

— Mas... não é conveniente se venerar um deus? Torno a perguntar, e se for, que deus seria?

— Nesse ponto tudo fica complexo porque para o ser humano comum, sim, além de conveniente é importante a veneração de um deus. Mas para quem adentra as escrituras e nelas se aprofunda, perceberá que existe mais de um deus que, dependendo da marca que ele deixou em cada um, com a sua força e características criadoras, você se sentirá impelido somente a venerar um dos três seres do que nós, hindus, chamamos de *trimurti*, que é o resultado do jogo que eles jogam. Do mesmo modo que o rei Poro e o imperador Alexandre, ainda que de longe, jogam em torno de uma parceria e, das ordens deles dois tudo se movimenta nesse reino e no resto do império, assim também três deuses o fazem. Estes, como já o disse, são Brahma, o que criou, Vishnu, o que organizou e mantém o mundo (n.e. – universo) funcionando, e Shiva, o que percebeu que a obra teria que terminar devido aos problemas surgidos e por isso ele é o finalizador. Ao adentrar as escrituras antigas do nosso povo, aquele que busca tenderá a venerar um deles. Quase todos, dentre nós, veneramos a Vishnu e a Shiva. Brahma, nesse tempos, é pouco venerado.

— Mas a quem devo venerar? Essa dúvida Alexandre também tinha e costumávamos conversar longas horas sobre isso, e os seus generais pediam para que ele firmasse um deus para ser venerado pelo seu exército e ele não o fazia. Mas eu gostaria de encontrar um a quem venerar. – disse Glauco quase como se numa confissão.

— Eu e o rei Poro conhecemos dois mestres que chegaram à conclusão de que não poderiam, de modo honesto, venerar a qualquer um deles, mas tão somente respeitá-los e é o que eles fazem. Nisso não há problema! Ilustre a si mesmo, reflita e escolha. Eles já são muitos talvez exatamente para que não soframos tanto assim, com esse nível de escolha, porque, conforme cremos, independente de quem escolhermos, estaremos, sim, venerando à Brahman, o ser Incognoscível, que para nós representa a união dos seres que compõem a *trimurti*. Brahman é o ser a quem deveríamos venerar, mas como ele é inatingível pelo conhecimento, resta-nos a veneração a esses deuses mais interativos para o nosso modo de ver as coisas da vida.

— Tudo o que você disse é muito importante e interessante... Muito agradeço a sua dedicação. Mas continuo com o vazio no meu coração... Talvez pelo que você explicou sobre o que o meu atman pôde organizar agora, deste Glauco que sou e, pelo visto, o meu atman terá que trabalhar muito mais ainda.

Os três homens sorriram ao mesmo tempo em que Sanjan retomou a palavra.

— Já que você está aqui, Glauco, cabe a você trabalhar... E o seu atman apenas lhe dá o suporte para tanto. Cabe a você se inteirar sobre os deuses, mas, acima de tudo, sobre o homem como produto dos deuses. Os deuses parecem que estão feitos e o tamanho de cada um deles pouco tem variado ao longo do tempo em que os humanos sobre eles puderam registrar. Desse marco parece que eles não passam. Os humanos, porém, estão ainda por ser construídos e penso que nem eles mesmos sabiam que as coisas se encaminhariam desse modo.

— Esse deus... Brahma, o criador, quem é ele?

— Aqui impera um enigma: do mesmo modo que seu corpo é tão somente uma face do seu atman, o ser a quem chamamos Brahma é somente a face que ele conseguiu construir para si mesmo do seu atman, após ter mergulhado na própria criação.

— Não compreendo... Ele é o criador e nós somos criaturas... Nós estamos mergulhados na criação e ele também? Onde ele está?

— Não é fácil falar sobre isso, mas ele reside na sua morada específica, no brahmaloka, que quer dizer a “morada de Brahma”, e nós estamos aqui. Ainda assim, somos todos feitos a partir das suas menores partes, tendo como tempero das nossas vidas o temperamento que conseguimos formar nesse mergulho, a partir das energias disponíveis dos três seres da *trimurti* que compõem tudo o que existe. Vem da essência deles três a base do que somos e de tudo o que nos define.

— Tudo?

— Sim, tudo!

O rei Poro e Sanjan se entreolharam aguardando a continuação da perquirição de Glauco.

— A cultura que vocês têm e a que nós temos são bem diferentes. Assim são por causa dessas energias? Se for desse modo acho que não consigo compreender essa arquitetura.

— O atman de cada um de nós assume as porções dessas energias e a

repercussão que elas causam na personalidade que o atman vem formar, quando assume um corpo na Terra, define o modo como a pessoa será. Mas isso sempre poderá ser modificado para melhor ou pior, dependendo do curso e das opções da vida. Esse mergulho, ou seja, quando o atman assume uma personalidade temporária, sempre se dá com o indivíduo cercado de outras pessoas e em lugares distintos. De acordo com a história de cada grupo as tradições vão se formando e servindo de escola de vida para cada um que nasce na Terra. Do conjunto de tudo isso emerge a personalidade de cada um de nós, como resultante do que colecionamos e do efeito das circunstâncias que nos envolvem. Assim foi com Alexandre, com o rei Poro, comigo e com você, cada um com as suas circunstâncias.

— Mas a definição do que hoje somos se deve mais aos deuses ou a nós mesmos? – tornou a perguntar Glauco.

— Isso não está nas escrituras e é tão somente motivo de opinião nossa quando abordamos reservadamente alguns assuntos. Parece que os deuses somente comandaram o processo da vida, seja da deles ou da nossa, até um certo ponto da história, o qual, exatamente, não sabemos detectar. A partir desse ponto, houve algum fator que cerceou neles o poder de nos comandar e, desde então, achamos — o rei Poro, eu e mais uns poucos — que estamos livres para caminhar no sentido que pudermos ou no do que a vida venha a nos permitir... É estranho constatar, mas esses deuses da *trimurti* foram muito inteligentes para criar o mundo (n.e. – o universo), mas vêm tendo problemas consecutivos para conseguir administrá-lo. Por que é assim, não sabemos, mas é assim, tem sido assim desde o início dos tempos, conforme apontam as nossas escrituras. E dos três, carregamos em nós a semente deles e, em especial, a do primeiro deles, de quem os dois outros (Vishnu e Shiva) que surgiram após o primeiro se edificaram, que é esse ser a quem chamamos de “Brahma, o incompleto”.

— Incompleto em que sentido?

— Não sabemos mas os três deuses da *trimurti*, apesar de muito poderosos, parecem padecer dessa questão de não serem completos. Falta-lhes algo mas não sabemos o que é! – disse Sanjan.

O rei Poro, que havia permanecido todo o tempo em silêncio quando da preleção de Sanjan, resolveu dizer algo.

— Essa questão de ser incompleto é um tema que muito me persegue desde que me tornei rei. Tenho tudo o que preciso e o que quero, mas me sinto incompleto. Por que? Seu imperador e também agora meu imperador,

pela confiança e respeito com os quais ele me brindou, tem tudo, mas, no entanto, sempre se move no sentido de conquistar mais, de saber mais. Isso, para mim, é enigmático e inquietante pois, afinal, até onde vai a nossa sensação de ainda faltar coisas que nos completem? Parece que também os deuses sofrem dessas coisas... Como isso pode ser? Sinceramente, achava o meu caso terrivelmente complexo até o dia em que conheci o imperador Alexandre mais intimamente, e ele não disfarçou o seu amor por um seu amigo, coisa que já haviam me dito sobre a cultura de vocês, mas que não costumamos observar por aqui. Será que nele, a sensação do “faltar algo”, é maior do que em mim, por exemplo, que sou somente dado a ter mulheres como minhas companheiras? Não sei responder, mas apenas registro isso porque, em relação a esse assunto, nada pode ser mais avassalador para a minha sensibilidade, do que um homem como Alexandre, que me derrotou, ser dado a essas atrações.

— Realmente, para mim, também é um mistério, o fato do meu imperador... Eu gosto de mulheres e meu imperador, apesar de também gostar, porque eu sei que ele gosta, prefere a companhia de um homem por quem sente amor. Como pode ser isso? – questionou Glauco como se estivesse pensando em voz alta

O rei Poro olhou para Sanjan e lhe disse:

— Diga-nos algo mais sobre isso, meu mestre e amigo, pois de mim são poucas as palavras que tenho sobre esse tema, pois ele me é por demais perturbador, mas para a grandeza da sua sabedoria, da qual sempre podemos extrair algo mais, quem sabe se o acréscimo de alguns comentários não terão o condão de confortar a esses dois desafortunados que se incomodam com algo que não lhes diz respeito, mas sim, à vida.

Sanjan sorriu começando a trocar de lugar algumas pequenas pedras decorativas que estavam sobre a pequena mesa colocada quase no limite do próprio chão em torno da qual eles estavam sentados em panos graciosamente arrumados.

— A título de reflexão final sobre o assunto, mas não de conclusão, ressalto que a natureza dos *asuras* (n.e. - deuses menores na cultura hindu, que corresponderia na mitologia grega aos titãs), estabelecida sobre o psiquismo demoníaco de muitas das suas espécies, marcou indelevelmente o espírito dos que vivem neste mundo com apetites grosseiros, que irrompem, sem dar tempo ao atman, exercer o seu controle. Só os que superaram o drama do primeiro impulso logram hoje se verem livres das influências do

passado, incluindo aí essas questões sobre preferência sexual.

Sanjan refletiu um pouco mais e, após um longo tempo em silêncio, continuou a falar:

— Foi dito pelos deuses e registrado por eles mesmos, em tempos passados, e mais tarde, quando os humanos surgiram, esse legado foi transmitido para a sua posteridade pelos *rishis* (n.e. – sábios e semideuses) da Índia antiga, que repousam nas naturezas das “espécies não humanas” muitos mistérios difíceis de seres agora compreendidos por nós, os homens. Muitas espécies não humanas foram sendo urdidas para sentirem a atração, como forma de superar a repulsão que então existia, impedindo a agregação das forças da vida universal. Esses registros ou aspectos do segredos da vida daqueles seres foram depois inevitavelmente repassados para os humanos. Quando esses segredos vieram parar na natureza humana, os mesmos passaram a se esconder na herança das diversas “vontades imperiosas” que hoje definem muitas das personalidades que se veem obrigadas a sentirem essas atrações de antanho. Estas, nada podem fazer no sentido de não senti-las. Só a “Yoga do desapego” que situa a natureza da alma a ser trabalhada acima da natureza do corpo animal a ser pacificado, pode resultar no aparte dessas tendências caso exista o incômodo psicológico, porque se isso, de fato existir, precisa ser pacificado. Caso não, basta viver a arte da sobriedade e da elegância, seja qual for a preferência sexual do ser humano, e arte, aqui, refere-se ao padrão de qualidade que deve existir na conduta sexual, independente de tudo mais.

— Arte? – questionou Glauco.

— Sim, arte! O sexo requer a boa arte do usufruto de cada segundo. – disse Sanjan para total surpresa de Glauco. — Digo-lhe mais, caro irmão: quando esse ser criador disse pela boca dos *rishis* (n.e. – Brahma ou Javé, conforme seria nominado na Bíblia que, naquela altura dos acontecimentos, estava tendo seus livros traduzidos do hebraico e do aramaico para o grego, em Alexandria, na formação da versão chamada de Septuaginta) que ele é alguém autoengendrado, isso implica dizer que o mesmo ainda está se engendrando, só que, agora, a partir das criaturas humanas e não mais somente a partir dos deuses.

Glauco fez um movimento com a cabeça como se não estivesse entendendo muito bem a explicação de Sanjan.

— Veja bem. No início da criação ele se autoengendrou ou seja, agiu sozinho no sentido de se fazer a si mesmo. Contudo, quando outras criaturas

surgiram a partir da sua essência, ele passou a absorver a contribuição dada pelas vivências que lhes eram úteis, mas nem todas assim eram vistas por ele. Quando os humanos surgiram, parece que ele optou ou se viu obrigado a apreender o que é vivenciado pelas suas criaturas, como se o que cada um vivesse servisse de teste, de prova, de demonstração para que ele pudesse escolher. Dessa maneira, essas criaturas, que produzem as provas que o movimentam, foram geradas para que ele delas se servisse, ou seja, vivemos para ele. E observe: o “bem” já é natural nas mulheres devido a sua função de maternidade, ou seja, o “bem” tinha que existir nas “mães” para que estas pudessem cuidar dos filhos. Mas isso não quer dizer que estivesse no coração dos homens. Numa nova etapa da expansão da energia de atração vinda de um dos deuses da *trimurti* (n.e. – Vishnu, que na mitologia grega foi chamado de Eros ou de Phanes, e que mais tarde personificaria um homem chamado Jesus que, nessa época, ainda não havia nascido), surgiu a “doçura masculina” e esse foi um dos aspectos do problema. Nós aqui na Índia carregamos a doçura no coração mas não fazemos disso um impulso à atração entre pessoas do mesmo sexo. O impulso comportamental que temos transforma isso em fraternidade, devido ao modo como observamos a presença do sagrado em cada pessoa, independente de sexo. Vocês, gregos, tratam essa sensação de modo diferente do nosso, transformando-a em sentimento de paixão e de amor. Isso não tinha que ser assim, mas assim é devido ao que o deus Kama (n.e. – uma das expressões de Vishnu) provocou nos seres para superar a desagregação inicial, a tal desconfiança que precisava ser superada. O seu próprio imperador é cativo dessa componente mental!

O rei Poro, Sanjan e Glauco ainda conversaram por outras vezes enquanto o “observador” de Alexandre ali permaneceu. Quando chegou a notícia da sua morte, Glauco, pesaroso, retomou o caminho de volta e, como Alexandre sempre tinha lhe dito, que, se um dia ocorresse algum problema que o deixasse em dúvida sobre o que fazer, procurasse o general Ptolomeu que possuía a rara sensatez de resolver problemas sem criar outros tantos. Assim ele fez e, após ser informado, quando lá chegou, dos problemas ocorridos entre os generais após a morte de Alexandre e sabendo também que Ptolomeu o havia procurado se dirigiu então para o Egito.

O reencontro cumpriu o ritual hierárquico, agora à moda egípcia, mas logo Glauco passou a compor a primeira linha dos oficiais do faraó e sempre era convidado a participar de uma ou outra conversa entre o mesmo e

Maneton, quando era solicitado a se lembrar de todos os detalhes de uma conversa mantida há muito tempo atrás, com os dois sábios hindus que, muito mais do que as coisas da Terra procuravam as coisas do céu, sem, contudo, descuidar do zelo sempre necessário àqueles que tem como obrigação gerir os destinos das comunidades.

Numa dada época, Maneton solicitou uma audiência com o faraó, pois havia sido procurado por cinco magos do norte, que pediam autorização para poderem permanecer e trabalhar em torno dos processos que envolviam a biblioteca de Alexandria. Ali estava para saber do faraó se ele gostaria de se encontrar com os magos, pois eles trouxeram duas pequenas carroças com algumas caixas contendo obras escritas para doar à biblioteca.

O faraó transformou o gesto dos magos num ato oficial de governo no qual recebeu a doação das três caixas com a pompa comum às circunstâncias da época.

Convidados para a ceia do dia, os magos e um grupo de amigos do faraó agora conversavam sobre as coisas do mundo, sendo intermediado nas conversas por um dos dois magos que falavam a língua grega, apesar de estarem no Egito.

— Pertencemos ao colegiado mais antigo da história humana que perdurou por muitos milênios nas terras do norte. — disse um dos magos cujo nome era Bursken. — Contudo, por antigo que fosse, como tudo nesse mundo, a nossa capacidade de sobreviver sem se imiscuir nos processos políticos de disputa e de prevalência, apesar de termos atravessado milênios, soçobrou há não menos que mil e quatrocentos anos atrás, quando os povos do norte e do sul da grande ilha em que vivíamos (n.e. — atual Grã-Bretanha) deram início a um período de disputas territoriais que fragilizou a todos. Mais recentemente, os povos chamados pelos romanos de gauleses subiram na direção do norte e conseguiram invadir e dominar as culturas galaica e gaélica a que pertencíamos. O nosso Grão-Mestre, cuja idade remontava há uma coleção de séculos de experiência na lide das coisas desse mundo, constatando o fim de um período de mais de seis mil anos ao longo dos quais o nosso colegiado foi se organizando, percebendo também a inevitável onda de barbárie que iria assolar o lugar onde sempre funcionou o colégio de magos, tomou a decisão de nos espalhar pelo mundo como forma de fazer sobreviver os traços da herança do nosso conhecimento. Chamamos a nós mesmos de druidas e se antes éramos um povo devotado à vida e aos estudos, absorvidos pelos gaélicos nos transformamos em magos (n.e. — “cientistas”

daquele tempo) e, mais recentemente, absorvidos pelos gauleses, fomos transformados em sacerdotes, conforme o modo deles pensarem. Mas na verdade, hoje somos muito menos do que os nossos antepassados já o foram.

Bursken perguntou ao outro mago, que também se expressava na língua grega, se ele desejava acrescentar algo, mas recebeu uma sinalização para seguir adiante.

— O nosso conselho de então, cerca de dois séculos antes da separação dos seus membros, decidiu que seriam feitas três cópias do conjunto dos nossos registros e, quando aqueles compêndios ficassem prontos, seria, então, verificada e escolhida a estratégia para ser cumprida no sentido de levá-los para locais mais seguros, pois a barbárie de certas tribos costumava usar muito daqueles materiais como “queima” para as fogueiras da noite. Foi assim que a geração de druidas a qual nós e mais outros pertencemos, decidiu, há tempos atrás, que três equipes se deslocariam para o sul e de acordo com as possibilidades do destino escolhêssemos os lugares possíveis. Foi desse modo que terminamos escolhendo, na medida em que lentamente nos deslocamos, as cidades de Pérgamo, Roma e Alexandria. Por isso aqui estamos! Pelas nossas informações, nessas cidades existem bibliotecas e centros de estudos das suas obras e por isso pensamos que nelas poderão ser guardados os registros colecionados pelo colégio dos magos. Inicialmente éramos três grupos, cada um com nove membros e juntos viajamos até que as nossas destinações nos obrigassem a nos dividir. Do nosso grupo quatro terminaram ficando em algumas das cidades pelas quais passamos, a convite dos seus habitantes, pois somos dotados de alguns conhecimentos ancestrais que podem ser uteis.

Os druidas foram devidamente acolhidos e o legado que trouxeram passou a fazer parte da biblioteca de Alexandria.

Devido à sensibilidade do faraó e do seu conselheiro Maneton, conversas como aquela sempre tinham lugar no aconchego da intimidade real.

Tempos depois, Maneton foi surpreendido por uma visita imperial à biblioteca onde normalmente permanecia trabalhando e residindo. Ele e o faraó, que de vez em quando se dirigia à biblioteca para se atualizar com as “novidades” e o visitava, mais uma vez ali estava e seguiram juntos atravessando alguns setores onde escribas, mestres do conhecimento e especialistas em línguas trabalhavam laboriosamente na produção do conhecimento para que este pudesse ser registrado.

O faraó permanecia tempos observando quanto ainda havia para ser

traduzido para o grego, que era a língua que o helenismo havia transformado naquela época praticamente na linguagem comum entre as pessoas e assim prevaleceu até que o latim dos romanos começasse a rivalizar, o que terminou por criar traços importantes da cultura greco-romana.

Maneton e o faraó — nessa altura conhecido como Soter que era um epíteto egípcio acrescido ao seu nome macedônico Ptolomeu — foram então à sala onde os druidas trabalhavam e ali permaneceram por um bom tempo olhando os manuscritos, diversos tipos de folhas e placas de argila e de madeira entalhadas que estavam sendo estudadas.

Um dos druidas estava traduzindo um grupo de folhas cuja aparência parecia ser nova e bem diferente em relação às demais, o que chamou a atenção do faraó que, por sua vez, perguntou do que se tratava. Bursken veio em ajuda ao druida que não compreendeu a pergunta do faraó explicando:

— Realmente essas folhas são “novas”, porque representam apenas a cópia mais recente que foi feita, há cerca de uns quarenta anos atrás, de um conjunto original de vinte e sete folhas que remontam há milênios, que teriam sido entregues a um dos nossos Grão-Mestres por descendentes da arca do dilúvio. É do vosso conhecimento alguma notícia nesse sentido? – perguntou Bursken ao faraó e a Maneton.

O faraó respondeu que escutara, ainda adolescente, sobre um dilúvio mas sobre o qual nada sabia. Maneton, por sua vez, esclareceu ao faraó que descendentes mais recentes dessa linhagem da arca do dilúvio eram exatamente os judeus, aos quais ele havia se referido em conversa anterior e que no passado vieram viver no Egito, quando da libertação deles promovida por Moisés e, ao saírem, formaram um povo que habitava próximo à Alexandria, nas terras margeando o mar no sentido leste, apesar de viverem espalhados pelo mundo.

Voltou-se para os druidas e complementou:

— São tribos que vivem no Oriente entre o grande mar que conhecemos (n.e. – mar Mediterrâneo) e o severo deserto do nordeste (n.e. – deserto da Arábia) e que se chamam judeus, filhos de Jacó que é o mesmo que Israel, de quem Moisés seria um descendente e têm uma extensa linhagem de patriarcas cujos nomes não os tenho todos memorizados. Sei apenas que um deles é o da arca. – disse Maneton.

— Conheço, sim, algumas dessas tribos... Eles parecem que não formam um povo pois o que deles sei é que pertenceram a dois reinos, sendo o mais recente e remanescente da sua história o reino de Judá, que foram esfacelados

tempos atrás pelos assírios, pelos babilônios e depois pelos persas. – disse o faraó.

— Isso, meu senhor, é a esse povo que Bursken se referiu. Vocês sabem o teor dessas folhas? – perguntou Maneton voltando os seus olhos para Bursken.

— Sim, sabemos em parte... Refere-se a uma mulher a quem eles consideram como sendo a “mãe dos humanos” ou da linhagem a qual esses descendentes da arca pertencem... Essa mulher foi alertada por alguém que tanto pode ser um ente diferente ou mesmo outra mulher, que os filhos dela seriam usados como modelos para testes (n.e. – cobaias de uma experiência biológica) que seriam feitos pelos deuses ou por um deus com seus anjos. Isso ainda não está claro para o nosso entendimento. Talvez, esse seja o conceito mais próximo do que as pessoas que produziram esses registros desejariam transmitir. Nas outras folhas estão descrições mas ainda não deciframos tudo pois nos faltam parâmetros para compreendermos o significado de todos os produtos, das peças do corpo humano e de animais que aparecem e, principalmente, de punições a serem empregadas muito provavelmente aos humanos desalinhados em relação aos objetivos do Criador. Dessa “oficina” (n.e. – que a Bíblia viria a chamar de Jardim do Éden) o Criador afirma ter retirado tudo o que precisava para compor a vida na Terra. – respondeu Bursken.

— “Oficina” no mesmo sentido da do deus Hefestos (n.e. – deus mitologia grega)? – perguntou o faraó.

— Não meu senhor, acho que não... A do criador é uma oficina viva (n.e. – laboratório genético) que produz modelos vivos de plantas e de carne... O de Hefestos é diferente... Pelas informações, funcionava somente para atender às necessidades dos deuses. – disse Maneton.

— Mas dizem que ele produzia coisas vivas. – emendou o faraó.

— Sim, meu senhor, mas não feitas de carne. – explicou Maneton.

A conversa continuou enquanto o faraó observava as figuras desenhadas em algumas das páginas.

— Vejam isso. – disse o faraó enquanto mostrava uma das folhas que possuía, dentre outros desenhos, o de uma mão com pelos brotando na sua palma. — Qual o sentido disso?

Bursken tomou a folha imediatamente anterior e começou a explicar:

— Como disse, temos somente em parte informações precisas sobre esses registros porque o pouco que daqui deduzimos aponta para uma situação

muito estranha. Vejam: as palavras que surgem aqui, provavelmente referentes a essa mão humana cabeluda, foram entendidas por nós como “marca”, “marca de castigo”, “marca de punição”, “castigo marcado”, “punição marcada”, “castigo” e “punição”. Mas não avançamos mais do que isso, devido a ausência de padrões anteriores desse tipo de linguagem ou algo que nos pudesse dar essa ideia. Conseguimos identificar, próximo aos desenhos, palavras que se referem a eles, mas ainda não as deciframos por completo nem analisamos todos os desenhos.

— Marcas do corpo, marcas da alma... Nos meus estudos já passei por essas questões mas não as ressaltei como importantes. – observou Maneton.

Um dos druidas presentes falou algo com Brusken que explicou que iria traduzir o que seu companheiro gostaria de dizer porquanto os demais druidas que não entediam ainda a língua grega e que se encontravam num outro cômodo estavam sendo ajudados pelo outro druida que, além de Brusken, também a dominava.

— Preciso apenas fazer um registro que talvez possa ser útil. Tenho conhecimento que, por conta das histórias narradas entre nós por meio da memória dos bardos, um descendente de Noé esteve com os nossos magos ancestrais e além de ter deixado essas folhas, ele teria repassado oralmente muitas outras informações. Dentre as histórias existe a de que ele teria elucidado que humanos antigos tinham sinais no seu corpo, como forma de demonstração pública de pertencerem a um determinado deus e, quando os desobedeciam, eram punidos com mais marcas em lugares muito específicos do corpo. Mas não temos “canções dos bardos” sobre as razões ou quais seriam as causas que os deuses se justificavam para proceder desse modo. – disse o druida, o mais idoso entre os cinco.

Maneton e o faraó continuaram a caminhar visitando outros compartimentos do imenso conjunto de construções e ao final do percurso foram se refrescar em uma das grandes varandas que aquele complexo possuía.

De lá, observando a cidade que se expandia cada vez mais, e tendo mais ao longe a visão do mar, o faraó olhou para Maneton e disse:

— Não quis dizer na frente dos bons druidas mas quando dos meus deslocamentos com o inesquecível Alexandre, passamos por dois povos que “marcavam gente”, como forma de punir criminosos... Será isso a que se refere aqueles registros?

— Pode ser, meu senhor, mas existem marcações que são produzidas de

fora para dentro, como essas a que se referiu, contudo, aquilo na mão, vem de “dentro para fora”, ou seja, deve ser algo que acontece com a pessoa e ela passa a produzir isso na mão, do mesmo modo como a nossa cabeça produz cabelos... Bem, a minha já não mais me cobre como gostaria. – comentou Maneton emendando a resposta com seu comentário alegre enquanto deslizava uma das mãos pela careca.

O faraó sorriu dizendo:

— Que essa tese esteja errada pois se o deus criador fosse punir as pessoas com a ausência de cabelos, onde eu estaria?

Ptolomeu ficou alisando a cabeça destituída de maiores pelos que ostentava já há algum tempo ao mesmo tempo em que os dois amigos riam do que eles mesmo tramaram para encerrar o encontro daquele dia.

Ao retornar para os seus aposentos que ficavam no complexo da biblioteca, Maneton pensava consigo mesmo: *“o passado é efetivamente muito estranho... Espero que o futuro seja diferente, mas o passado, quanto mais a minha consciência o busca mais sofro com o que vislumbro. Ao mesmo tempo se não voltar, como poderei compreender a origem de como isso veio dar no que deu? Não posso me deter... O faraó confia em mim... Apesar de que acho que estou doente, algo obcecado por estes temas, porque sem essa busca, qual o sentido que me resta? Não consigo viver como quase todos que conheço, sem tentar compreender a vida!*

Após conciliar o sono Maneton sonhou com uma arca enorme e com um homem muito idoso sentado próximo a sua entrada conversando com o faraó.

Ele vinha subindo por uma trilha observando os dois conversando tendo a arca por trás.

Ao vê-lo se aproximar os dois homens sorriram e o faraó disse para o ancião:

— É este de quem lhe falei... Ele está tentando nos aproximar... Trazer o seu tempo para o meu...

O ancião olhou para Maneton com simpatia e disse:

— Ele já o fez... É porque essas coisas demoram... Mas o tempo nada esquece e ele sempre cobra um futuro e este sempre chega.

Maneton parou diante dos dois homens enquanto o ancião, levantando uma das mãos, o saudou fraternalmente.

Nesse momento Maneton acordou olhando fixamente para a palma da sua mão, a qual, estranhamente, ele a estava trazendo de volta ao peito, como se acabando de saudar o simpático ancião.

Sentiu um grande alívio ao perceber que a mesma estava normal, sem nenhum tipo de marca, o que o fez suspirar.

Pouco depois se levantou e fazendo um rápido asseio, pensou em voz alta: — Mais um dia de busca... Onde isso me levará?

Ao chegar à sala onde trabalhava, após organizar a mesa com os seus utensílios, a primeira reflexão que registrou naquele dia foi: *“Talvez, tenha existido um tempo em que, por certas atitudes, muitas pessoas tiveram seus corpos marcados. Será que já houve um tempo em que essas marcas passaram a ser registradas na alma? Será que existirá um tempo em que o peso dessas lembranças se expressará como tendências e inclinações nessas mesmas consciências, em jornadas futuras? Mas que atitudes poderiam ter sido as do passado distante para que os deuses punissem as pessoas? E quem são os deuses para nos punir se eles sempre tentaram nos escravizar? Temas difíceis para o pensamento, mas inevitáveis para os que buscam a verdade, ainda que jamais a encontremos! Que eu possa seguir na minha busca...”*

A EMBLEMÁTICA ROMA

DEVON OLHAVA ao longe a legião romana que marchava lentamente na direção de uma grande planície para melhor se posicionar perante a guerra inevitável com os gauleses.

Mais um conflito de uma longa série iria agora ter lugar e, provavelmente, pelo fato do seu comandante estar usando todo o poder que conseguiu reunir das desagregadas tribos gaulesas, o exército não teria como se recuperar caso perdesse e aquele sentimento era a angústia que pesava entre os gauleses pois todos tinham consciência da questão. Mas não era o caso do poder de Roma que possuía diversas legiões e para eles aquela era somente mais uma guerra de conquista territorial e estratégica para os interesses do império.

Os gauleses eram descendentes diretos dos celtas e, nessa época, existiam cerca de cem aldeias que ocupavam partes das atuais França, Bélgica, Suíça e Itália. Além dos romanos, os germânicos também interagiam com essas tribos. Contudo, o império romano dominava muito do mundo conhecido e por isso Júlio Cesar pretendia fortificar a presença do império nas terras do norte do continente europeu. Para tanto precisava vencer definitivamente aquelas tribos gaulesas que ainda lhes opunha brava resistência.

Devon caminhou na direção de onde se encontrava o seu comandante Vercingetorix e começou a provocá-lo, recordando as palavras que ele havia usado antes ao se referir aos romanos.

No dia anterior, na sua preleção, ele chamara os soldados romanos de “mulherinhas”, dado à preferência declarada de muitos dos soldados das suas legiões por outros homens o que foi motivo de zombarias da parte dos seus soldados.

Entre os gauleses, aquele tipo de atração não existia ou, caso existisse, encontrava-se escondido no psiquismo assustado de alguns que não desejavam se expor.

Entre gritos e achques comuns à aparente indisciplina gaulesa, foram à luta contra os romanos num renhido combate corpo à corpo que durou alguns dias, até que os gauleses foram definitivamente derrotados.

Devon, agora feito prisioneiro, engolia o seu orgulho ao se ver obrigado a obedecer aos romanos e estava firmemente decidido, na primeira oportunidade que surgisse, a lutar bravamente para escapar, ainda que a empreitada lhe custasse a vida. Mas não iria ficar ali, dominado por uma força humana que ele julgava inferior a que ele estava vinculada pelo nascimento.

Mil vezes a morte do que permanecer aqui, controlado por essas “mulherinhas”. – Pensava Devon para logo depois se sentir o pior dos seres quando a sua mente atordoada o levava a repensar: “Mulherinhas que nos venceram!” – e sua cólera não tinha limites. Mas como estava amarrado pelos pés e pelas mãos há quase dois dias, ele estava decido a provocar a sua própria morte a continuar a ser humilhado daquele modo.

Ouviu um tropel de cavalos e teve a louca ideia de rolar o seu corpo enlameado na direção das patas do cavalo para causar a queda do seu ocupante e, quem sabe, na confusão não conseguiria tomar de um punhal ou mesmo de uma espada e poder lutar e ter uma morte honrada.

O tropel dos animais foi soando cada vez mais próximo até que para seu “azar” cessou de vez e ele pôde ver um homem montado, seguido de muitos outros, que o observava enquanto perguntava aos soldados próximos:

— O que este animal gaulês faz aqui? – perguntou Júlio Cesar que estava fazendo uma “ronda final” por toda as centúrias daquela legião que vencera os gauleses naquele ano (n.e. - 52 a.C.).

O soldado mais próximo se perfilou e disse:

— Meu comandante, esse homem está amarrado porque de todos os cativos foi o que mais deu e está dando trabalho e o centurião o deixou assim, para que o víssemos sempre e pudéssemos “acalmá-lo” a cada um dos seus ataques de fúria.

— Com essa chuva vocês vão é matá-lo sufocado nessas poças de lama. Por que não o mataram? A ordem não era a de não fazer prisioneiros nesse combate?

— O centurião desconfiou que ele era um dos chefes desses animais e o

deixou para algum interrogatório que fosse necessário... Mas já soubemos que todas as informações importantes foram colhidas... Acho que a ordem para a sua execução virá logo.

Júlio César resolveu descer do cavalo pois a tenda para qual se dirigia estava a uns poucos metros dali e se aproximou ainda mais de Devon perguntando primeiro em latim e depois na língua gaulesa, apesar da dificuldade com o que o fez:

— Quem é você.. Como é o seu nome?

Devon estava com areia nos olhos o que o impedia de mantê-los abertos por muito mais tempo, contudo, como pela primeira vez, alguém o tratava com algum respeito, resolveu responder.

— Devon, Devon é o meu nome....

— Você deixou família na sua terra? – perguntou Júlio César.

O gaulês tentou olhar para o homem que estava lhe fazendo aquela pergunta e toscamente falando na sua língua enquanto decidia se cuspiria ou não na cara do romano. Mas algo nele o inclinou a não fazer. Respirou fundo e respondeu:

— Não...

— Sua família foi morta pelas nossas forças? – tornou a perguntar o imperador.

— Não... Foi num confronto de honra com outras famílias quando eu estava ausente.

Júlio César olhou fixamente para Devon e dele se afastou caminhando na direção da tenda de comando enquanto chamava um oficial que o acompanhava dizendo:

— Até eu sendo capturado mentiria dizendo ter mulher e filhos para não ser aniquilado... Esse homem tem muito valor... Ordene que ele não seja mais castigado a não ser que crie problemas. Que ele possa se lavar, ter uma roupa... Mantenha-o com as mãos amarradas mas não os pés...

Devon foi vivendo como escravo-trabalhador na legião e foi estranhando, a cada dia que passava, o fato de estar sendo poupado.

Após anos levando aquela vida, para sua surpresa, a legião na qual trabalhava se dirigiu para Roma e ali Júlio César logo se autoproclamou imperador.

Um dia ele foi levado para falar com uma autoridade que desconhecia sem que atinasse com o porquê daquele fato inusitado na sua vida.

Ao adentrar uma grande sala que tinha ao fundo um homem sentado

sobre uma ponta da mesa ao mesmo tempo em que lia algumas folhas que segurava, Devon recebeu a ordem de se ajoelhar, o que não obedeceu.

Recebeu uma pancada fortíssima nas suas pernas, dada por trás por um dos soldados, que tomou da sua espada embainhada e o obrigou, com a arma, sem o perigo de feri-lo, a se ajoelhar, o que ele agora o fez a contragosto.

O imperador olhou para o gaulês e, ao vê-lo de joelhos e com as mãos atadas mandou ele se levantar, mas a pancada havia sido tão forte que ele não conseguiu fazer sem a ajuda do próprio agressor.

Júlio César, falando com uma certa dificuldade a linguagem do prisioneiro, a ele se dirigiu nos seguintes termos:

— Sou o imperador... Fui eu quem falou com você naquele dia lá no campo de batalha... Admiro as pessoas de coragem e que seguem o seu próprio código de conduta e não se vendem às situações... Isso é tão raro aqui em Roma que a sua atitude me chamou a atenção. Você não mentiu para salvar sua vida... Está me compreendendo?

— Sim, estou.

— Se eu mandar soltar as suas mãos você ainda me atacaria?

— Sim, sou seu inimigo e você... O senhor é meu inimigo. As coisas são assim! Não fui eu que escolhi mas sigo a minha sina e você, ou melhor, o senhor a sua.

Júlio César olhou longamente para Devon refletindo como naquelas circunstâncias e diante da reafirmação de que o atacaria ele ainda se preocupava com as palavras e a forma de tratamento com que o distinguia enquanto imperador.

— Eu não queria conversar com um prisioneiro... Se eu mandasse lhe soltar e lhe pedisse para não me atacar, você daria a sua palavra de honra?

Devon ficou absolutamente sem jeito perante as palavras do imperador.

— Sim... O senhor está me pedindo isso?

— Sim, estou. – disse Júlio César.

— Tem a minha a palavra agora e sempre enquanto eu viver, nem que seja somente por mais um dia.

O imperador mandou soltá-lo, o que os guardas fizeram temerosos. Porém, surpresos eles ficaram quando Júlio César os mandou deixá-los a sós.

Devon, que não estava entendendo coisa alguma do que estava se passando, mais ainda estranhou quando teve que dizer seu nome a pedido do imperador.

— Pois muito bem, Devon... Havia esquecido o seu nome. Tenho uma

proposta: preciso que você aprenda o meu idioma e o dos germanos para que me possa ser útil. Pretendo usá-lo como meu emissário para o que resta do seu povo não se sinta marginalizado do progresso que a organização do meu império pode promover. Com vocês não haverá mais guerra... Pelo menos por uma década sei que os gauleses não terão como reconstituir seu exército, se é que um dia novamente o terão. Mas também não quero deixá-lo livre, agora, porque, apesar da sua palavra, não desejo que um homem como você volte para conviver com o seu povo gerando nele qualquer esperança. Roma venceu! Agora necessito expandir e fortificar o império no norte e preciso que você, no momento correto, trate das relações de comércio e não de guerra, com os povos que vivem nessa direção. Trabalhe comigo por cinco anos que então lhe darei a sua liberdade, desde que a sua palavra esteja mantida. Temos um pacto?

— Eu jamais enganarei meu povo...

— Eu nunca lhe pediria isso até porque não preciso de você para guerrear com quem quer que seja, mas preciso de alguém como você que me possa ajudar a reatar relações de comércio perdidas e depois com os germanos. Desejo que você seja o “juiz” dessas relações a me dizer o que, no seu modo de pensar será justo ou não, vantajoso ou não para as partes envolvidas.

— Tem a minha palavra. Eu já falo a língua dos germanos, preciso somente aprender a sua. – disse Devon.

— Bem... Se tenho a sua palavra saiba que você tem a sua liberdade desde agora... Apenas peço que permaneça sob meu comando durante os próximos cinco anos.

Devon olhou para Júlio César profundamente surpreso pelo que escutara e disse:

— Tem a minha palavra e somente sairei do seu comando quando você... Quando o senhor assim ordenar.

Desse modo que nada teve de usual, aos poucos nasceu uma amizade profunda entre aqueles dois homens, o que fez do gaulês um importante assessor estratégico para o governo, sendo que Devon aprendeu a gostar de Júlio Cesar, mas detestava profundamente os demais romanos, de uma forma geral, e mais ainda o modo “falso” e “superficial” como a política do império se processava.

Com o tempo Devon veio a desenvolver a sua tarefa de modo a satisfazer plenamente o imperador e sempre que este pedia a sua opinião sobre algo do senado romano, ou mesmo sobre os pactos políticos que ele fazia com outros

patrícios, dele escutava: todos mentem ao seu redor!

Júlio César costumava sorrir da franqueza rude de Devon e escutava ainda mais:

— Cuidado com seu sorriso de superioridade que se para muitos é sinal incontestável de que se encontra no controle da situação, para outros pode ser demonstração de fraqueza... Do modo como penso, quando alguém se acha superior aos demais e neles confia é porque de nada sabe sobre o que se comenta pois todos escondem suas impressões. Digo-lhe sem reservas já que me perguntou: os soldados verdadeiramente lhe respeitam e o admiram, mas esses políticos, sinceramente, penso que tão somente o temem.

— Todos ganham com a minha presença no governo... – principiou a dizer o imperador.

— Isso é o que o senhor acha porque eles desejam exatamente que o senhor pense dessa maneira.

E assim seguia o relacionamento de um imperador com um ex-escravo por quem se afeiçoara e em quem confiava.

Meses depois, dois magos gauleses chegaram à Roma e foram recebidos pelo imperador que manda chamar Devon para que o mesmo sirva de interlocutor.

Para surpresa de Júlio César ali estavam dois sobreviventes de um grupo de sacerdotes gauleses que se dirigiu à Roma como forma de fincar uma relação de parceria com o setor do império responsável pelos anais da cultura e do conhecimento, pois eles traziam consigo parte do legado de uma antiga biblioteca de um colégio druídico cujas origens remontava a tempos imemoriais.

Como aquela cultura estava em extinção eles ali estavam para construir uma “trincheira de resistência” com o apoio dos romanos, no sentido de preservar aqueles conhecimentos.

Júlio César os recebeu com respeito e designou Devon para, doravante, cuidar de todas as providências no sentido do estabelecimento definitivo dos dois magos em Roma além da manutenção da continuidade dos estudos só que, agora, sob à égide do setor responsável do governo.

Devon não cabia em si de contentamento por poder reaver traços da cultura de toda uma vida e passou a se dedicar com afinco ao trabalho de apoiar os dois druidas e de introduzi-los junto aos homens mais cultos do império que se interessassem pelo assunto.

Os romanos sempre foram muito liberais com a cultura dos povos

conquistados e apesar de uma ou outra intriga, os druidas receberam o apoio necessário para a continuidade dos seus estudos.

Com o tempo, os dois druidas se demonstraram escandalizados com a permissividade sexual do modo de vida romano, o que levou Devon a explicar, como lhe foi possível, que aquele povo não tinha prúdos e nenhum tipo de valor que preservasse a conduta das pessoas do mesmo modo que eles, os gauleses, tinham em certos sentidos da vida.

Segundo o que Devon procurava demonstrar aos druidas, os gauleses não tinham leis bem definidas, mas possuíam costumes absolutamente fixados e entre eles não se verificava, por exemplo, a prática sexual entre pessoas do mesmo sexo. E assim era não porque existisse uma lei sobre o tema, mas por uma questão de princípios comportamentais e jamais se observara aquele tipo de postura. Já os romanos possuíam leis para tudo, mas eram profundamente descuidados para com aquelas situações, não tendo costumes padronizados e quase tudo era permitido ou, ainda que não, acontecia como se fosse.

Os dois druidas passaram a confrontar aquela situação sempre que possível meio que esquecidos que estavam em terras estrangeiras cujos habitantes pouco se incomodavam com o que eles falavam ou deixavam de falar. Ainda assim, as intrigas chegaram até os ouvidos do imperador.

Por esse tempo, Devon havia acabado de organizar, à moda da cultura romana, o pouco material escrito trazido pelos druidas e já se encontrava a par do seu significado e de algumas folhas misteriosas sobre as quais os dois druidas pouco sabiam. Segundo eles, os que conheciam profundamente os escritos que conseguiram chegar até Roma, haviam morrido ao longo do difícil deslocamento empreendido desde as terras de uma grande ilha situada ao norte que Devon sequer conhecera ao tempo da sua vida.

Nos seus agora escassos encontros com o imperador, dele escutou certa feita:

— Esses sacerdotes... Os druidas, estão sendo ingratos para com a guarida que lhes dei. Ainda não os expulsei em homenagem a nossa amizade...

Devon teve uma profunda surpresa ao escutar aquele comentário e ficou sem saber o que dizer.

— Já se passaram mais de cinco anos, meu amigo, do pacto que firmamos e se você quiser retornar ou mesmo deixar Roma pode fazê-lo pois alcançamos os objetivos propostos e você fez muito bem a sua parte e continua a fazê-lo. Mas sintase livre... Quanto aos druidas, estou pensando sobre o que fazer...

— Mas... O que foi exatamente o problema que eles causaram?

Júlio César levantou-se e caminhou na direção de Devon que estava de pé a alguns metros do imperador. Mesmo possuindo alta estatura, ainda assim o imperador era mais baixo que o gigante gaulês.

— Venha, sentemo-nos ali no jardim... Roma é um mundo estranho e enlouquecido e aqui até as paredes escutam... Todos podem fazer qualquer coisa desde que não descumpram flagrantemente a lei, mas o imperador... Diga-me uma coisa... O que você acha dos nossos costumes? — perguntou Júlio César.

Devon engoliu em seco pois preferia não tecer qualquer comentário sobre esses painéis da vida romana e, em especial, para o imperador. Mas ali estava ele, olhando fraternalmente para Devon, o que era raro na figura de Júlio César, pois normalmente o seu modo de olhar parecia querer perscrutar o interior das pessoas e às vezes se mostrava carregado de malícia ou de ironia, quando não descambava para a mais enigmática frieza.

— Meu senhor, não ouse lhe falar pois o estimo demais para poder causar qualquer desconforto desnecessário a sua sensibilidade. Quando falo o que penso sobre o senadores ou qualquer funcionário do seu governo, o faço no sentido prático das coisas, até porque acho que a sua generosidade aprecia e elogia pessoas que, no desempenho das suas funções, na minha opinião, mereceriam justamente o contrário. Até aí me permito falar quando o senhor me solicita. Mas sobre os costumes...

Júlio César sorriu abertamente ao escutar as palavras sempre francas de Devon e tornou a pedir que ele não se furtasse a dar a sua opinião pois ele precisava encaminhar a questão dos druidas e somente o queria fazê-lo após escutá-lo.

— Pois muito bem... Os costumes romanos não estão à altura das conquistas do império. Para mim, enfraquecem a força de Roma, mas quem sou eu para achar isso se o meu povo foi duramente derrotado pelo valoroso poder da força e da inteligência dos romanos? Por isso, meu senhor, não vejo sentido nas minhas palavras e sempre que me percebo criticando os costumes que aqui vejo, trato de fazer isso no silêncio dos meus pensamentos, não por medo, mas por respeito aos fatos e também porque aqui sou um acolhido pela sua grandeza pessoal. Devo ser grato e o sou, o que me impede de aprofundar as minhas observações sobre essas questões.

— Mas é justamente isso que eu desejo que você faça: diga-me, sinceramente, o que você tem escutado a meu respeito e das pessoas

importantes do império de um modo geral.

Devon foi ao inferno dos seus receios e de lá não queria retornar para aquela conversa, mas os olhos negros do imperador o fitavam agora mais friamente, como se exigindo que ele cumprisse a sua determinação.

Percebendo que não iria conseguir se livrar do mais estranho momento da sua vida, após ainda alguma hesitação ele começou a falar:

— O meu ex-comandante, Vercingetorix, referia-se aos soldados romanos como “mulherinhas”, devido ao costume da prática sexual entre eles, o que, parece, sempre foi feito sem disfarces. Ele nos falava que, pior que os romanos, somente os gregos, e maldizia o sangue dessas culturas por empestar o mundo com hábitos desse tipo. Contudo, os que não têm esses hábitos foram derrotados, o que destrói a argumentação.

— Isso é o que você pensa ou o que você escutou dos seus irmãos de raça?

— Os dois... Isso é o que escutei e o que penso. Sinceramente, não consigo entender como pode existir essa vontade... Aqui em Roma vi dois homens... Fiquei com nojo... Não me acho melhor do que ninguém, também não me acho pior... Penso que cada homem traz uma sina, que cada mulher carrega um fardo, pois para elas é muito mais difícil cuidar da vida... Alguns poucos homens conseguem modificar a sua sina, mas as mulheres quase nunca, porque o mundo é muito cruel para com elas... E ainda são mães... Vi também aqui em Roma duas mulheres, bem, elas estavam só se beijando... Isso não me causou repulsa, mas não gostei do que vi... Preferia que as coisas não fossem assim, mas em Roma são. Não queira que lhe diga mais nada, meu senhor. Fiz o meu exercício de sinceridade e de franqueza em relação ao seu pedido, mas isso muito me custa fazer, creia-me, não consigo entender quanto mais comentar e ter opinião.

O imperador sorriu e se levantando, respirou fundo sentindo o frescor do fim da tarde, e perguntou repentinamente para o gaulês:

— E sobre mim, Devon, sobre o imperador, o que se fala por aí? Não estou lhe perguntando sobre os meus feitos, isso eu sei... Não sobre o meu governo, isso eu também sei... Mas o que não sei é o que dizem sobre a minha conduta como homem e você é o único ser humano em quem confio que me pode dizer a verdade.

Devon, que jamais tremera em qualquer uma das batalhas que empreendeu na vida, estava agora com as pernas trêmulas, hesitando sobre o que dizer ao ser humano a quem ele mais considerava.

Passou-se algum tempo e ele não conseguiu expressar coisa alguma.

Júlio César se voltou na sua direção e tornou a perguntar:

— Você matou quantos homens até hoje... Tem ideia de quantos matou?

— Sim, tenho... Tenho porque uma vez um menino do meu povo me fez essa mesma pergunta e desde então passei a contar, mas só aproximadamente, não é exato... Matei quase quatrocentos homens... Uns trezentos e setenta ou oitenta... Muitos desses foram romanos... e o senhor?

— Com minhas próprias mãos matei 34, mas por meio das minhas ordens e decisões há muito perdi a noção. De tribuno a imperador tive de enfrentar muitas situações e de todas elas quase sempre resultava na morte de alguém. Mas você ainda não me disse o que se fala a meu respeito... Não se preocupe, pois isso não me matará nem irá causar a morte de alguém, nem mesmo dos druidas que acolhi que andam dizendo que, além de rei sou também rainha... Já escutou isso, não deles, mas do povaréu romano?

Após uma certa hesitação Devon se viu obrigado a dizer alguma coisa:

— Sim, meu senhor, o povaréu fala de tudo e de todos e o senhor não escapa aos comentários afiados dos linguarudos que fogem de uma barata mas, quando criticam, o fazem como se fossem corajosos. São... São pessoas medíocres ou caso não sejam se comportam como se fossem, o que, para mim, dá na mesma coisa.

Devon permaneceu com os olhos fixos no assoalho como forma de não encarar o imperador que aparentava um sorriso na face como se esperando exatamente por aquela resposta ou algo parecido.

— Tive algumas esposas e tenho algumas amantes, mas a vida não é tão simples assim... Os soldados falam muitas coisas e os comentários são incontroláveis... Mesmo o grande Alexandre... Já ouviu falar de Alexandre, o imperador que antes de mim mais teve o mundo aos seus pés?

— Sim, meu senhor, já ouvi falar e sei a história da sua vida.

— Sabia que ele muito amava a um outro homem, além de ter esposas? – perguntou César.

— Sim, sabia e acho isso incompreensível. Mas como disse, deve existir algo faltando na minha cabeça para que eu possa melhor entender essas coisas... Minha mãe sempre me dizia que os deuses tinham esquecido de por todas as peças na minha cabeça... Ela deve ter razão.

— Não, meu caro Devon, talvez não... Os deuses nos fizeram com esses ímpetos, com desejos e com o instinto de sobrevivência que os animais também têm, mas não penso que eles esqueceram de por peça nenhuma nas

nossas cabeças porque nas deles essas peças também parecem estar ausentes. O ser humano enfrenta certas situações e circunstâncias que ele se vê obrigado a vivenciar, mas isso não quer dizer que ele as entenda. Não é somente você que não consegue compreender essas questões do amor e da sexualidade livre, meu caro Devon, eu e o resto dos romanos também não compreendemos. Muito já pensei sobre isso, mas desisti... Vivo como posso, apesar de em Roma todos poderem fazer o que quiserem, mas um imperador tem que se manter recatado, como também, toda a sua família. A vida parece ser bem mais complexa do que o pensamento humano pode avaliar... Os deuses, no legado que eles deixaram, parece que padeciam da mesma ausência de sagacidade e de sabedoria para poder avaliar a vida de modo apropriado. Não me incomoda que os romanos falem mal da vida privada do imperador e da sua família, mas não permitirei que os druidas façam a mesma coisa. Mal não lhes farei, mas avise-lhes...

— Eu mesmo os expulsarei... Isso não é papel de um druida... Esses sacerdotes adivinhos, falastrões de hoje, nada têm dos druidas do passado....

— Não, não precisa expulsá-los... Apenas advirta-lhes que se houver mais um foco de comentários vindo deles em relação a minha pessoa serão imediatamente expulsos de Roma. Bem, fica a seu critério... Faça o que quiser em meu nome com esses dois que parecem não honrar a hospitalidade que lhes dei.

Após se despedir de Devon com uma tapa nas costas o imperador já estava retornando para o palácio quando parou e lhe perguntou:

— O que você sabe sobre os druidas do passado?

— Muito pouco, sei apenas que eles existiam e que eram seres diferentes, acho mesmo que diferentes não só em relação ao modo como viviam, mas parece que eram realmente diferentes também em algumas coisas dos seus corpos...

— Diferentes, diferentes... Você repetiu essa expressão muitas vezes no meio de poucas palavras, mas isso não explica no quê eles eram diferentes. Isso me interessa por demais, sabia Devon? Pesquise isso para mim... Se não com esses druidas... Mas se um dia você for embora e descobrir algo sobre isso, ficarei muito feliz se puder vir até onde eu esteja para me esclarecer sobre essas questões.

Devon ficou mais um vez surpreso com o imperador.

Este homem é surpreendente e se interessa por muitas coisas além do que tem um modo de agir que é único. – pensou Devon.

Antes que pudesse dizer qualquer coisa o imperador emendou:

— Deixe-me explicar... Desde cedo, fui iniciado nas práticas da religião romana. Conforme cremos, desde que os deuses ficaram mais distantes dos homens, permaneceu valendo um pacto, um acordo entre eles e os humanos, e esse acordo se alicerça nos rituais que lhes são endereçados. Desse modo, como a convivência entre deuses e humanos é mediada por rituais, estes precisam ser executados sem erros e, por isso, a necessidade de sacerdotes que comandem esses rituais. Cada deus tem o seu sacerdote e seus rituais e, no meu caso, hoje não mais exerço, mas fui e sou, de certo modo, o *flaminius*, o sacerdote de Júpiter que é o nosso maior deus. Tive que estudar muitas questões misteriosas, mas as guerras e a política obrigaram a que me afastasse desses mistérios... Sempre que posso, ainda costumo retornar aos temas que envolvem tanto a vida dos deuses como a nossa. Por isso me interesse pelos seus antigos druidas.

Tornou a caminhar na direção do palácio e tendo agora Devon caminhando ao seu lado voltou a lhe dizer:

— As conversas que me interessam não mais as tenho no palácio pois, como lhe disse, as paredes romanas têm ouvidos e o pior: parecem ainda padecer de algum grau de surdez pois distorcem muito do que converso. Por isso conversamos no jardim e sempre que aqui lhe trazer é porque desejo que a nossa conversa mantenha-se reservada, como sempre foi entre nós, meu amigo.

Um imperador não pode ter amigos e muito menos um prisioneiro de guerra. - pensou Devon.

O imperador, como se estivesse lendo os pensamentos do gaulês, arrematou:

— Para alguém na minha posição é bem mais fácil ter como amigo um estrangeiro por quem tem admiração do que por aristocratas cuja relação de interesse com um imperador jamais poderá ser de amizade, pois os interesses falam mais alto e é mesmo natural que seja assim. Quando lhe chamo de amigo, realmente o tenho dessa forma e, se bem você observar, jamais chamo a quem quer que seja desse modo, ainda que tenha afeição natural por alguns patrícios. Na verdade tenho um outro a quem chamo de amigo, mas não reside me Roma. Estou mesmo pensando em visitá-lo pois preciso me deslocar para um destino cujo caminho passa pela região onde reside. Você deveria vir comigo para conhecê-lo e mesmo para me acompanhar nas negociações.

Devon assentiu e novamente se despediram à moda de Devon, ou seja: mesmo com toda demonstração de amizade e de confiança da parte de Júlio César, e desde que assimilou os padrões da cultura política romana, ainda que sozinhos, Devon jamais deixou de tratá-lo com toda a formalidade que os fatos exigiam, apesar do sorriso discreto do imperador quando percebia as lisuras e mesuras num homem cuja programação cultural jamais fora adestrada para aquele tipo de gesto.

Na próxima vez que se encontrou com os dois druidas Devon não perdeu a oportunidade de dar-lhes uma lição, apesar de ter decidido que não iria esclarecer que o imperador estava por detrás das suas atitudes. “Assim”, pensava ele, “não iriam ter motivos para falar mais mal ainda do homem que os acolhera”.

— Romanos da minha convivência me disseram que vocês andaram falando de modo desrespeitoso para com o imperador. Isso é verdade?

Os dois ficaram lívidos e tergiversaram um pouco tentando deixar o assunto esquecido.

Devon, que há muito tempo não cometia qualquer tipo de violência, com suas mãos gigantescas segurou, ao mesmo tempo, a cada um dos druidas pelas vestes à altura do pescoço, levantando-os no ar, quase os sufocando e matando daquele modo para depois atirá-los no chão.

— Não quero nem saber da resposta de vocês para não surrá-los como merecem, cães imundos, coisa que o mentor de vocês deveria ter feito lá atrás. Se eu souber de qualquer palavra dita por vocês, detratando a pessoa do imperador ou de quem quer que seja pessoalmente os expulsarei daqui.

Um dos druidas, agora recuperado do quase estrangulamento, levantou um braço, apontou para Devon e disse:

— Você deveria se envergonhar por usar da violência contra homens que jamais se adestraram nessas coisas.

— Existe violência cometida com os braços e outra que é peçonhenta, que se comete usando a língua. Cuide da sua língua para que os meus braços não tenham que estrangular a víbora que você é, falso druida que envergonha toda uma tradição.

O druida, porém, como se estivesse possuído por uma teimosia ou radicalismo situado além da prudência que o momento exigia voltou a dizer:

— Disse e repito: o seu imperador é uma rainha... Ele não é um rei. Ele gosta de homens...

O soco que Devon deu na cara do druida fez com que ele desmaiasse

instantaneamente.

— Ainda que isso possa ser verdadeiro, que as coisas sejam desse modo, não cabe a nenhum de nós três apontar o dedo acusador para quem nos acolheu. Se até alguns deuses faziam isso ou fazem, sei lá, o que me cabe fazer nesse mundo pode ser qualquer coisa, menos brigar com esses fatos. Já fomos derrotados com as armas que conhecia, imagine participar de uma luta cujas armas nem sei apreciar. Não! Arrume suas coisas e as do seu companheiro, mas os levarei amanhã para fora do império. Vocês não ficarão aqui sob pena de perder a vida porque eu mesmo os matarei...

— Devon – aparteu o druida mais novo –, sou fraco de vontade perante ele que é mais velho e, pelas regras, meu superior. Disse para ele que não concordava com seus comentários... Eu não os expressei apesar de pensar como ele, mas nada disse exatamente por respeito à acolhida que o imperador deu a missão da nossa ordem, de procurar guarida, proteção para nossos conhecimentos nesse mundo onde eles parecem já não valer mais nada. Se não for causar problemas, pois não sei da repercussão que os comentários feitos possam ter provocado, peço que nos dê mais uma chance... Eu vou esquecer que ele é meu superior e procurar usar de argumentações lógicas para convence-lo a agir de modo diferente. Ele é um bom homem, mas jamais aceitou a decadência do nosso povo e vive remoendo raiva e ódio pelos romanos. Ele precisa aprender a dominar isso ou a superar. Se notar que ele não vai evoluir eu mesmo cuidarei, combinado com você, de sair daqui com ele, pois não posso largá-lo, devido ao nosso juramento. Infelizmente, ele esqueceu um dos lemas dos nossos ancestrais que nos ensinava a somente emitir expressão de juízo sobre algo ou alguém quando for para evitar um mal maior ou na edificação do bem. Falar por falar, criticar por criticar é maledicência. Não sei porque mas esse nosso irmão enveredou por esse caminho.

O gaulês escutou contrafeito o druida mais jovem, apesar de perceber nele uma sensatez que o surpreendeu. Fez, então, um sinal com a mãos que poderia significar qualquer coisa, mas o druida entendeu que teria mais uma chance pois muito o agradeceu logo em seguida.

Se não era ficou sendo um sinal de complacência e o fato é que, desde aquele dia, um bom relacionamento nasceu entre Devon e Rotam, pois esse era o nome do jovem druida.

Daquela feita, antes de se retirar, ao perguntar a Rotam se havia algum material ainda sem título que demonstrasse o seu significado que não estava

registrado no setor do governo imperial foi por ele informado que, devido à morte dos druidas mais velhos, já explicada ao imperador quando da audiência em que foram acolhidos, um dos tópicos continuava misterioso para eles dois.

Devon resolveu levar com ele os registros ainda sem título para procurar uma solução com vistas a sua decifração.

Os dias se passaram e ao que tudo indicava, Rotam parecia ter conseguido enquadrar o druida de “língua inquieta”, como Devon passou a chamá-lo.

Tempos depois lá estava ele na comitiva do imperador que se dirigia para as terras que o império havia conquistado no limite onde viviam as primeiras tribos germanas.

Em certa altura do caminho, Júlio César fez estacionar a sua grande comitiva enquanto seguia com sua guarda pessoal e também acompanhado de Devon para visitar alguém a quem considerava como amigo e não o via há muitos anos.

— Esse é o amigo de quem lhe falei... Mas faz muito tempo... Nem me recordei quanto tempo faz da última vez que nos vimos... Ele foi um grande guerreiro e após lutar muitas guerras foi ferido de tal modo que passou a ter uma perna praticamente inútil, o que o afastou da carreira militar. Com o seu saber, naturalmente, ele deveria ter ido para Roma e fazer uma trajetória política, mas não quis. Sempre disse que já havia dado à Roma a sua juventude e força, mas depois do ferimento, resolveu se dedicar às suas buscas pessoais e viajou para lugares distantes, aprendeu muitas línguas e morou em diversos lugares. Perdeu a esposa que muito amava no nascimento do filho e, mais tarde, o mesmo morreu na guerra, o que só contribuiu mais ainda para que ele se isolasse do mundo romano. A nossa amizade, desde a juventude, somente tem crescido apesar da distância. Na verdade, pertencemos a mundos tão diferentes que não temos diferenças...

O imperador cavalgava tendo ao seu lado Devon que, também montado, o seguia um pouco atrás, somente se adiantando quando era chamado.

— Que bolsa é essa que você carrega? Nunca lhe vi com ela... — perguntou o imperador.

— Tem várias delas no setor de registros do palácio. Retirei da posse dos druidas o que eles ainda não sabem entender devido à morte dos mais velhos que nem chegaram à Roma, como eles explicaram. Trouxe comigo para lhe mostrar nesse percurso se houver oportunidade e se o senhor quiser.

— Refere-se a deuses ou a homens?

— Eles não sabem... Parece que um dos que morreu sabia...

— Depois gostaria de ver esses registros. Confesso que tenho inveja do meu amigo Sérvulo, a quem vamos visitar. Ele tem um pouco mais de idade que eu e me acostumei a vê-lo como uma espécie de irmão mais velho. Mas como lhe disse, o mundo dele é o que eu gostaria de ter para mim e as poucas vezes na vida em que o visitei, seja pelas suas constantes viagens ou pelas minhas, sempre o encontrei cercado de folhas de diversos tipos, de livros, de pedras, de madeiras com algum tipo de rabisco, enfim, esse é o seu mundo. Não querendo lhe causar sobressaltos, pois faz tempo que não nos vemos, enviei dois observadores tão somente para me confirmarem se ele estava na sua residência para que eu pudesse vir, mas sem que ele soubesse. Quero lhe causar uma surpresa!

Lucius Sérvulo não cabia em si de contentamento em ter o velho amigo ali, na sua frente, sentado despreocupadamente, enquanto resgataram todas as lembranças que puderam do passado comum.

Devon não foi convidado a participar num primeiro momento das conversas já que os dois amigos conversaram praticamente durante um dia e meio a sós. Somente no meio da tarde é que ele foi apresentado a um homem afável, na casa dos sessenta anos, mas que apesar da jovialidade da sua face o corpo apresentava alguns problemas que o obrigavam agora praticamente a viver entre o seu quarto e um escritório contíguo cheio de coisas, exatamente onde se encontravam.

A conversa girava em torno das fronteiras do império com os povos germânicos e Devon permaneceu calado enquanto esse teor predominou.

César começou, então, a relatar para Devon algumas aventuras comuns que eles haviam tido na juventude, o que foi motivo de muitas risadas e relembrações.

— Por mais que falemos não conseguiremos nunca nos lembrar de todas as bobagens que quase fizemos e dos muitos feitos que sonhamos em fazer mas também nunca conseguimos. – disse Lucius sorrindo. — E eis aqui na minha casa, o meu amigo e imperador Júlio César... É mesmo inacreditável o curso da vida... Somente acredito que aqueles dias chegassem a esses porque os estou presenciando.

— É... Quem diria... Quantas dificuldades tive que superar para sobreviver e chegar até aqui, não que eu tenha sonhado em ser imperador, mas o destino de Roma não poderia mais se estabelecer no modelo da antiga república. – disse César.

— Não acompanhei de perto e minha impressão pode ser por demais superficial, mas desde o primeiro triunvirato que você participou, associado a um senado fraco, a sequência daqueles fatos e seus desdobramentos sinalizavam que, inevitavelmente, uma mudança no regime viria. Sinceramente, não sei se para seu bem ou para seu mal, acho que você conseguiu fazer a transição da antiga república para o império de um modo a compatibilizar todas as forças envolvidas na vida romana. Mas não sei se isso é bom para você, meu amigo, pois essa geração de romanos a que pertencemos é incontestavelmente boa para a guerra, mas desgraçadamente frágil para a construção do espírito de um povo condutor de rumos para os outros povos, de um império, que seja! Não gosto dos impérios, mas se os deuses fizeram os humanos desse jeito eles parecem ser necessários para superar a desunião estúpida e estéril que prevalece em todos os lugares. — disse Lucius.

— Os gregos conseguiram pregar e praticar a liberdade individual e o que resultou? Força e espírito forte num momento e, depois, desagregação e fraqueza. Acho que se eles tivessem conjugado um estado forte, com a liberdade produtiva individual, não teriam sucumbido ao nosso poder. Mas pouco importa, deles apreendi a importância, sim, da liberdade, mas esta parece ser para outros tempos, como você o disse, Lucius. Por agora, a disciplina e o poder centralizado importam e muito para que o mundo siga diante e os povos vivam sob a paz romana. Para muitos povos, ser dominado por Roma significa para eles a paz, ou pelo menos um tipo de paz que não teriam sem a égide do império pois vivem em constantes lutas internas, sempre em busca do poder.

Devon calado estava e assim pretendia continuar quando foi provocado a se expressar por uma pergunta do imperador.

— Nunca lhe perguntei isso, mas diga-nos, Devon, o que você pensa sobre o que acabei de falar?

— Se eu fosse romano muito provavelmente pensaria desse modo, mas não sou, e o que penso não encontra guarida nos fatos, o que me leva a admitir que vocês podem e devem ter razão. Vercingetorix, meu ex-comandante, uma dia promoveu uma reunião entre líderes do meu povo que jamais teve uma ideia de união como a que os romanos tiveram, e é por isso que vocês, na minha opinião, conseguiram se sobrepor aos gregos, aos gauleses e a outros povos, exatamente por essa noção que nasceu com vocês. Meu ex-comandante estava procurando entender o que os líderes pensavam

sobre a necessidade ou não de existir um “império gaulês” para melhor coexistir com o mundo ao redor. Mas não sei se por herança dos celtas, nossos ancestrais, que também jamais pretenderam se organizar como um império, o nosso sangue parece ter a tendência tribal e não essa visão agregadora maior que vocês têm, e nisso está a diferença. Impérios sempre existiram e não sei porque o meu povo não quis formar um. Pagou o preço e hoje continua a viver sob a paz promovida pelo poder romano. Isso é bom? Isso é ruim? Penso, penso, penso e jamais consigo chegar a uma conclusão. Tudo o que posso perceber é o que disse no início das minhas palavras: se eu fosse romano, seguraria pensaria assim.

— Você articulou muito bem o seu pensamento e o que disse é realmente profundo e verdadeiro. Acho mesmo que, o que um dia foi um sonho dos gregos, nós, os romanos, fomos quem o realizamos, exatamente porque nasceu em nosso espírito essa percepção de que, se o mundo há de precisar sempre de um império, pelo menos enquanto não houver equilíbrio de forças entre os povos, nessa altura da história, conseguimos preencher essa lacuna. Para Roma, como já disse, para o tipo de cidadão romano que hoje existe, penso que o império melhor se acomoda aos fatos do que a república. Estimo tão somente que isso seja melhor para você, meu caro amigo. — disse Lucius.

— Mas diga-me Lucius, você que estuda tantas culturas e visões diferentes do mundo, o que achou do calendário que me atrevi a introduzir? — perguntou o imperador.

— Somente você com base nas antigas ideias dos sacerdotes de Júpiter poderia pretender unificar a contagem do tempo. Mas acho que agiu acertadamente e foi muito feliz pela opção... Isso vai influenciar uma visão mais ampla dos acontecimentos e das coisas. Como você conseguiu encontrar tempo para ser general de legiões, comandante supremo, imperador e ainda cuidar de questões como essas?

— Tenho dormido pouco desde que parei de comandar e procuro me dedicar aos estudos mais amplos. Além do que, estou bem cercado de estudiosos profundos... Assim tem sido e me sinto bem com o progresso que vejo acontecer em muitos campos da vida romana. Com a ajuda de Devon, penso ter estabelecido uma relação de cobrança de impostos com os povos dominados pelo império que é justa e que traz bons resultados para todos. Em nenhum momento decidi secamente sobre essas questões, nem impus o meu ponto de vista, ao contrário, deixei ao critério dos conhecedores de cada povo, de cada cultura, o estudo para me apresentar opções de cobrança e o

que império poderia fazer em contrapartida na região. Acatei praticamente todas as sugestões e poucas mudanças fiz nos critérios da parceria.

O imperador se levantou e por algum tempo assim permaneceu, só que caminhando de uma parede a outra, enquanto dizia:

— Tenho um sonho comigo, mas que ainda não realizei, que é o de transformar cada povo conquistado num centro de estudo e de progresso, mas a partir da conjugação dos pontos fortes daquele povo com os dos romanos. Sei que em Alexandria, em Pérgamo e principalmente no oriente, por onde perambulou Alexandre, existem esses centros que promovem as melhores discussões, as mais profícuas abordagens sobre assuntos estratégicos e importantes à vida. Por isso que nesses lugares as mentes mais brilhantes nelas passam a viver se dedicando a essa busca. Veja quanta coisa você tem aqui, na sua casa... Imagine, meu caro Lucius, uma equipe de estudiosos comandada por você, onde esse esforço mental organizado e bem dirigido poderia chegar? Penso que muito longe e esse é meu sonho que vou procurar realizar, pois o grau de pacificação que agora existe dentro das fronteiras do império a tal permite. Um dos motivos da minha vinda até aqui é também o de lhe convidar a pensar comigo e isso que tem a ver com muito do que sonhamos lá atrás, não se recorda meu amigo?

— Claro que sim... E penso mesmo que seria ótimo dedicar esses restos de anos que a vida poderá me dar a esse objetivo. — disse Lucius.

Conversaram mais sobre o projeto e algumas linhas de atuação foram ali avaliadas para posterior aplicação.

Numa hora em que estavam se deliciando com os pratos especiais da culinária da região, Lucius perguntou ao imperador:

— Tem visto Marco Antônio?

César não disfarçou, num primeiro instante, o seu desconforto com a pergunta, mas logo se recompôs.

— Não, faz algum tempo que não o vejo. O nosso último encontro não foi dos melhores... A vocês posso contar isso e para que você saiba, meu amigo Lucius, como está o “clima” entre nós dois não me furtarei a narrar o nosso último encontro. Não faz muito tempo que o mandei chamar, pois soube de algumas referências que ele fez a minha pessoa num banquete oferecido por dois senadores que comemoravam o casamento entre os filhos. Ele se apresentou alguns dias depois e, quando adentrou o meu salão e me saudou tive que olhá-lo com dureza o que ele estranhou. Chamei o meu chefe de guarda e disse para ele que em nenhuma instância entrasse naquele ambiente

pois daquele encontro iria sair vivo somente eu ou Marco Antônio, se uma resolução não se apresentasse. Disse que caso fosse ele a sair, que não lhe fosse imputada nenhuma culpa, pois havia sido eu a provocar a situação. Não sei quem estava mais lívido: se o chefe da guarda ou o próprio Marco Antônio. Como o primeiro hesitou em sair dei-lhe ordem veemente para que o fizesse imediatamente. Foi então que caminhei na direção de Marco Antônio, enquanto tirava uma adaga que sempre uso e a deixei em cima da mesa e o convidei a fazer o mesmo com a sua que sabia ser ele portador. Bati no meu corpo inteiro para mostrar-lhe que não possuía nenhuma outra arma escondida. Ele me perguntou o que estava havendo e eu lhe disse: que toda Roma possa falar mal de mim ou de você, que é o meu segundo em comando, o meu general a quem entrego a capital do império quando viajo. Isso eu aceito. Mas jamais você poderia falar de mim ou eu de você, porque isso é insuportável para o império. Você disse que eu era às vezes rei e outras rainha, como se querendo me diminuir na frente de todos. Jamais você poderia ter dito isso de mim, independente do que eu possa fazer com a minha vida, como eu também jamais poderia fazer esse tipo de comentário a seu respeito, ainda que eu saiba tudo o que você faz. Nós dois somos Roma, Marco Antônio, e eu lhe escolhi como sendo o meu segundo em comando. Você está em plena forma, mas eu faz tempo que não luto, mas daqui você não sairá vivo ou eu, se não escutar de sua parte um pedido de desculpas que me convença que a sua imbecilidade só teve lugar nessa ocasião. Caso não seja essa a sua postura, prepare-se porque vou matá-lo com as minhas próprias mãos aqui e agora, mas não admito isso vindo de você.

Lucius parecia estar profundamente arrependido de ter feito a pergunta e Devon não sabia muito bem o que fazer. O imperador, porém, como se com a mente fixada na recordação daqueles momentos, e parecendo estar vivendo um daqueles instantes em que o desabafo com os amigos é tudo o que resta a ser feito para dar continuidade a vida, levou a diante a sua narrativa imune ao desconforto que estava provocando nos seus interlocutores.

— Como ele ficou em silêncio, em menos de um piscar de olho meu pulso voou na direção da sua face o que o fez desandar. Em seguida peguei da adaga sobre a mesa quando ele gritou pedindo desculpas e colocando parte da responsabilidade no excesso de bebida consumida. Ele me disse que não havia afirmado isso, mas tão somente dera risadas sobre o que ali foi comentado, o que sempre ocorre, segundo ele. Disse-lhe de minha parte que homens como eu, ele e outros, quando representamos o império, não

podemos nos permitir a certos comentários, pois todos podem ser e fazer o que quiserem em Roma, mas esses homens, não! Ainda que façam, devem sempre negar. Nada nos pune por fazer e o porquê de fazermos isso ou aquilo já é um drama... Eu mesmo não entendo... Mas foi isso: apertamos as mãos e nos despedimos e ainda não nos reencontramos depois desse ocorrido. Mas tinha que fazê-lo! Ele é um bom homem e penso que, muito mais do que eu, padece de ajustes na sua vida. Não mais o vi e espero mesmo que demore um pouco a reencontrá-lo. Por que será, Lucius, que a vida tem esse painel para uns e para outros não. Sempre me recordo do caso de Alexandre e do seu amor por seu general. Será que a humanidade já nasceu assim ou foi no meio do caminho da sua história que esse tipo de predileção surgiu?

Lucius coçou a cabeça como se procurando algo para fazer enquanto pensava em algum resposta.

— E você, Devon, tem alguma resposta?

Devon balançou negativamente a cabeça como se esperando que Lucius falasse alguma coisa.

Para seu alívio Lucius resolveu falar.

— Não sei se estou certo, pois isso é só uma opinião que tenho comigo desde que percebi a amplitude desse tipo de preferência. Por mais que enriqueçamos as tradições religiosas, o ser humano sempre estará na busca de uma verdade que talvez nunca venha a se completar ou que jamais alcançará, a respeito de um conhecimento que o afastará sempre da ignorância do passado, mas isso não implica em certezas absolutas no futuro. É uma inquietação que o moverá como se na perene construção de uma cura para si mesmo, a fim de superar ou de pacificar a sua ansiedade interior. Ele já nasceu com isso, o que penso ser estranho pois é como se os deuses o tivessem feito assim. Se foi assim com esse aspecto da vida sou obrigado a achar que com as outras características da conduta humana também tal deve ter se dado. Portanto, penso que a humanidade já nasceu com todas essas questões que a definem como ela é hoje. Se assim for, esses deuses nada têm de perfeitos ou se perfeitos forem por que haveriam de gerar tanta luta íntima nas pessoas? Será que somente transferiram as que lhes são próprias, pois que deles se tem notícias que também tinham suas predileções nesse sentido? É o que penso, meu amigo.

Os dois se voltaram para Devon como se esperando a sua opinião, o que muito o contrariou, apesar do disfarce que resolveu ostentar na sua face, afinal, os anos em Roma o haviam ajudado nesse sentido.

— Pouco ou nada tenho a acrescentar ao que tão ricamente o senhor Lucius expôs... No sangue do meu povo não vemos ou, pelo menos, nunca vi essa postura e essas predileções que pude observar nos romanos. Mas, como já disse – nessa altura Devon olhou para o imperador – vejo isso com naturalidade, pois as coisas são como são. Muitas notícias do passado apontam para fatos assim na história de muitos povos lá atrás no tempo.

— Ah, por falar nisso, mostre-nos as folhas que você trouxe para ver se conseguimos apreciá-las devidamente. – solicitou o imperador para grande alívio da parte do gaulês.

Devon foi até onde os cavalos estavam sendo cuidados e retornou com a bolsa de couro na qual as mesmas estavam guardadas e foi logo mostrando as folhas aos dois.

Eles foram passando, uma por uma, mas nenhum indicio de conhecimento do seu significado eles conseguiram obter naquela verificação.

Lucius ainda as comparou com outras posses que ali ele guardava, para procurar alguma relação de semelhança que pudesse algo esclarecer dos seus enigmáticos registros e desenhos, mas nada resultou.

Após horas de verificação e de discussão sobre a possível época em que aqueles tipos de folhas já eram trabalhadas para aquela serventia, o estilo dos sinais e a concepção de alguns dos desenhos aparentemente sem lógica perceptível, eles desistiram e Lucius lembrou a César que havia um senador cujo filho e ele eram profundos conhecedores de registros antigos e eram dos poucos que falavam de dilúvios e de desgraças ocorridas em tempos imemoriais.

César ficou de procurá-los quando do seu retorno à Roma e a conversa seguiu por outros rumos mais agradáveis.

Lá para tantas, observando Devon que os escutava atentamente, Lucius disse:

— Estou me lembrando que Cícero tem como amigo um gaulês, acho que seu nome é Divíaco, e segundo ele é um homem com conhecimento bem amplo. Sabia disso meu imperador? – perguntou Lucius.

— Não, afinal, quantos gauleses e druidas existem no império? –disse Júlio César se voltando sorrindo para Devon. — Você o conhece?

— Não. – disse o gaulês.

— Ah, mas esse amigo de Cícero, apesar de eloquente, não é gente agradável, pelo menos não demonstra ter educação bem elaborada, como é o seu caso, Devon. Na verdade, ele fala muito mal dos romanos, segundo o que

Cícero me apontou na última vez que me visitou.

— O que ele fala de nós? – perguntou Júlio César.

— Para lhe responder tenho que retornar ao tema das nossas práticas. Esse homem tem uma rudeza de expressão que um ou outro romano já chamou a sua atenção para que ele não mais repetisse o comentário de como teria sido possível aos afeminados romanos derrotar os gauleses.

Devon gostou de Lucius mas preferia que ele fosse mais discreto com os comentários apesar de compreender que era tanto tempo sem ver o amigo imperador que a atualização dos assuntos parecia nunca acabar. Percebeu que Júlio César não gostou nenhum pouco daquela repetida abordagem e preferiu ficar olhando para o chão ainda que sentindo o seu olhar sobre ele.

No dia seguinte, após a despedida calorosa entre os amigos, seguiram viagem enquanto o imperador refletia sobre a herança greco-romana que tanto marcava o modo de vida da aristocracia que tão bem conhecia.

Como o destino dera voltas. – pensou Júlio César. Os nossos antepassados troianos nos legaram seu sangue e eles eram culturalmente bem diferentes dos gregos. Contudo, nem mesmo esse legado associado com as influências etruscas havia impedido o modo de ser dos helenos invadir a vida dos romanos. E agora somos chamados de “mulheres” por esses bárbaros.

Chamou Devon para cavalgar mais próximo a ele e lhe perguntou:

— Sabe meu amigo, que o meu sonho é o de que o meu governo produza as últimas linhas de uma história sem brilho da humanidade, onde apenas os gregos iluminaram o mundo com suas ideias e ideais, e também as primeiras de uma outra etapa da nossa história onde o império romano possa ser partícipe ativo na construção de um novo mundo. Mas ao longo desses últimos anos, apesar dos grandes problemas que enfrentei, que superei, ultimamente essa questão de outras culturas, como a sua, acharem os romanos “mulherinhas”, apesar de sucumbirem sob a sua força, isso está me fazendo refletir por demais sobre o modo como nós pensamos as coisas da vida. Diga-me uma coisa: você acha que o sangue, os costumes e a honra de um povo estão interligados?

— É uma questão muito profunda, meu senhor, e não sei sequer abordá-la convenientemente. Desde que recebi a sua generosa acolhida e a inestimável confiança de me ter próximo a sua intimidade, tenho procurado me agigantar para poder melhor servir ao seu sonho e ao seus projetos. Acredito firmemente neles e mesmo pertencendo aos derrotados, reconheço no poder

romano um potencial que não vejo em meu próprio povo e em nenhum outro dos que conheci. Mas o senhor e seus amigos me têm colocado questões que a minha condição de preparo intelectual não consegue desenvolver muito bem. Sempre tive pouco estudo e somente depois da sua convivência, após apreender a língua daqui é que os meus horizontes se expandiram, mas ainda sou muito pequeno para questões grandiosas e essa é uma que não ouse enfrentar. Meu povo tem honra, a seu modo, tem seus costumes e acredita que o sangue que nos marca veio dos deuses. Vocês, os romanos, têm honra, obviamente, tem seus costumes bem diferentes dos do meu povo e acreditam também que o sangue que lhes faz pulsar o coração veio dos deuses. No entanto, a inteligência de vocês, a ambição dos romanos, a sagacidade das estratégias que marcam as suas conquistas, a força com que conseguem o que desejam e o respeito que ainda conseguem ter pelos vencidos, claramente define algo de superior se comparado aos demais povos. Diante de tudo isso, como posso achar que costumes no campo da sexualidade poderão definir algo que seja distinto e que seja vantagem ou desvantagem no jogo das coisas do mundo? Não posso, porque, como já lhe disse, com sua permissão, mesmo que ache isso estranho quando comparo com as minhas raízes, tenho consciência de que o resultado da vida de vocês é muito mais rico e diverso do que os do meu povo. Portanto, meu senhor, não acho que a conduta sexual de um povo implica em melhor ou pior noção quanto aos deveres da honra, de uma conduta honrada que cada um deve ter para com a sua própria consciência, como também para com os objetivos do povo a que ele pertence.

— Devon, Devon... Como é rica a sua abordagem. Suas palavras me ajudam a me acalmar, a encontrar paz e sentido na minha vida... Eu lhe sou muito grato por dividir comigo, de modo sincero, as suas opiniões. Acho mesmo, que à exceção das de Lucius, as suas são as únicas que escuto tendo a certeza de que estou lidando com a sinceridade e a honestidade de alguém.

Devon não cabia em si de contentamento por ter conseguido se sair bem da difícil situação que a pergunta de César o colocara.

Continuaram cavalgando lentamente, trocando uma ou outra impressão até que Roma surgiu ao longe convidando-os a acelerar o passo com vistas ao merecido repouso.

Por aqueles dias Devon se dedicou bastante aos estudos junto com o druida Rotam e mais outras pessoas que os ajudavam, inclusive o druida mais velho que professara um voto de mudez para poder permanecer em Roma e vivo.

Corria o ano 44 a.C. e muitas histórias chegavam ao imperador sobre o fato de alguns senadores estarem trabalhando ativamente para que Roma voltasse a ser uma república, o que atentava contra os interesses de Júlio César.

Certa vez, conversando com Devon, ele disse:

— Recorda-se de Cícero, aquele amigo de Lucius ao qual ele se referiu como sendo, por sua vez, amigo de um gaulês? Parece que o mesmo está envolvido com um grupo que luta pela república. Mas eles não podem muita coisa a não ser fazer o barulho de sempre.

Devon sorriu pensando consigo mesmo como o seu povo era atrasado em relação ao padrão dos romanos, que discutiam regimes de governo para um império quando os gauleses mal conseguiam definir as leis de uma tribo.

Como o imperador estava de bom humor e por se encontrarem nos salões contíguos ao palácio, Devon resolveu lhe mostrar como os manuscritos, folhas e livros sobre os dias antigos estavam colecionados e passaram horas, observando uma ou outra obra.

— Nessa bolsa estão aquelas folhas sobre a tal mãe da humanidade que Lucius apontou, mas não sabemos muita coisa. Desisto delas! Deixo-as aqui junto com esses outros pertences para que o senhor vá tratando disso quando lhe for conveniente.

O imperador tomou da bolsa e começou a passar uma por uma das folhas nela guardadas. Fixou o seu olhar no desenho de uma mão com a palma cheia de pelos e sorriu dizendo:

— Vou ter que ir ao senado nos próximos tempos... Providencie uma cópia bem desenhada dessa “mão cabeluda” pois, numa das minhas idas, vou entregar a um senador, ao qual Lucius se referiu, e que sei se interessar por mistérios absurdos e incompreensíveis, para ver se ele nos ajuda a entender o significado dessas folhas.

Meses depois se passaram enquanto um penoso inverno castigou Roma. Para Devon, foram dias de muitos estudos com poucas saídas, a não ser quando chamado pelo imperador que adoecera fortemente.

Findo o inverno e chegando os idos de março, o imperador chamou Devon para que o acompanhasse na sua ida ao senado, cumprindo a liturgia do cargo. Ali também pretendia encontrar o senador do qual Lucius havia falado o qual era inclinado para estudos dos antigos mistérios.

Permanecendo em local próximo ao átrio do senado ali aguardou pelo chamado do imperador com vistas a possível conversa com o estudioso dos

tempos antigos.

Júlio César adentrou o grande recinto sozinho, cumprimentando e sendo cumprimentado por alguns, enquanto procurava o senador a quem pretendia entregar a cópia que mandara fazer do desenho da mão.

Ao vê-lo, fez-lhe um sinal comunicando que gostaria de falar com ele, ao mesmo tempo em que viu um pequeno grupo vindo na sua direção, o que achou estranho, pois, normalmente, numa ocasião como aquela, todos costumavam fazer exatamente isso.

Percebeu que o senador a quem cumprimentara e de quem esperava a aproximação se encontrava parado como se temeroso de se aproximar.

Com a folha do desenho dobrada em uma das mãos algo estendida na direção do senador, observou que muitos saíam, como se apressados, e somente teve tempo de se voltar para ver Marco Cesar Bruto retirar um punhal das suas vestes e agredi-lo impiedosamente na altura do coração.

Esboçou um gesto de defesa e enquanto lutava, um outro veio pelo lado e também o esfaqueou, sendo seguido de outros tantos que, agora, sem nenhuma defesa, sucessivamente aplicaram golpes e mais golpes armados dos seus respectivos punhais.

Ao saírem as ruas para começarem a anunciar que Roma estava livre do seu ditador passaram na frente de Devon que correu na direção onde pensou que o imperador estaria.

Vendo-o estendido no chão profusamente ensanguentado, tentou reanimá-lo, mas percebeu que a sua vida já havia se extinguido.

Ficou sem saber o que fazer até que um senador bastante idoso se aproximou lentamente de Devon, que segurava a cabeça do cadáver entre as suas mãos, tentando dar-lhe um pouco de dignidade naquela hora.

O senador olhou para a folha que agora se encontrava aberta no chão, ao lado do cadáver, e observando o desenho da mão cuja palma se encontrava algo cabeluda, disse:

— Devia ser uma brincadeira que Cesar iria fazer com alguém, talvez mostrando como os deuses brincam com os homens já que os desenhos que circulam por aqui quase sempre têm esse teor... Esses monstros nunca param de se divertir com o nosso sofrimento.

— É... Devia ser... – disse Devon.

Os dois permaneceram em silêncio por mais algum tempo.

— O que devo fazer com o corpo?

— Esperemos que uma patrulha deverá chegar pois já a mandei chamar.

Sou o mais velho daqui e tenho que cuidar dessas coisas. Você ainda é muito novo, verá coisas estranhas como essa ao longo da vida... O que pretende fazer?

— Tenho uma autorização do imperador que me tornou livre há algum tempo e pretendo ir embora... Preciso pedir a sua autorização ou a de alguém?

— Não, mas de todo modo, farei chegar aos seus aposentos uma outra que lhe darei caso necessite. Você nos prestou bons serviços... Tem certeza que não quer permanecer entre nós? Afinal, já são tantos anos...

— Sim, mas vou embora... Não tenho mais razão para permanecer aqui. O imperador tinha um sonho e me fez personagem real do mesmo. Fiz parte dele e na minha pequenez absorvi a cota diminuta que me cabia fazer e também sonhei, mas agora, o sonho se foi...

— A que sonho você se refere?

Diversas pessoas se aproximavam do corpo sem vida do imperador e dali saíam assustados com as consequências imprevisíveis que poderiam se desdobrar.

Devon olhou para o velho senador e disse:

— Terei dificuldade de colocar em palavras, mas o seu sonho tinha a ver com o aspecto inevitável de que a vida neste mundo sempre teria vencedores e vencidos, os mais fortes e os mais fracos, mas que ainda assim era possível ambas as partes viverem com dignidade e progredirem juntas. Ele se preocupava com os vencidos e queria, como fez, fazer deles também focos de progresso para os povos. No âmbito da miserável vida que levamos e vemos é uma visão grandiosa que dá algum sentido às coisas. Ele me fez personagem desse sonho, no trato com os povos vencidos e isso pude ver por mim mesmo. Em plena guerra, em pleno caos ele sonhava, ele sonhou e fez outros, como eu, sonharem. O senhor não sabia disso?

O velho senador algo surpreso disse:

— Nunca vi um romano recitar o objetivo dos seus governantes de um modo tão feliz como você o fez e me envergonho de dizê-lo: não, não conhecia esse sonho de Júlio César, ainda que tenhamos conversado em muitas ocasiões.

Devon resolveu, então, tomar nos seu braços o corpo do seu amigo e o levar para o posto da guarda a fim de que alguém o pudesse recompor.

— E essa folha... Vai deixá-la no chão? – perguntou o velho senador que não conseguia efetivamente se baixar para apanhá-la. Resolveu pedir a um dos presentes que a apanhasse e quando começou a acompanhar Devon, eis

que surge a patrulha que, tomando dele o corpo sem vida do imperador passou a cuidar do restante dos procedimentos.

— Eis a folha do imperador... Dê fim a isso para que tal não seja associada a sua morte... Como lhe disse, mandarei deixar nos seus aposentos a autorização para você cruzar qualquer fronteira no império. Boa sorte, meu filho e que os deuses que gostam de você continuem a lhe acompanhar.

— Por que você diz isso?

— Observando a sua história e a destinação que a vida lhe impô, para que fosse conduzido até as mãos de Júlio César, que outro pensamento poderia ter alguém a não ser o de que os deuses lhe protegem?

— Está falando sério ou isso é uma brincadeira?

— Bem, que os deuses brincam conosco, isso não tenho dúvida, mas estou falando sério quando digo que eles devem gostar de você.

Devon sorriu e começou a caminhar na direção dos seus aposentos. Recebeu, como prometido, o passe vindo da parte do velho senador, mas mal conseguia conciliar o sono pois a todo momento se recordava de Júlio César a quem tanto considerava.

Foi-se um grande homem e ficou esse mundo cheio de misérias. De tudo o que vi, as únicas ideias que poderiam melhorar a vida tinham vindo exatamente dele. Como tudo é estranho... Os deuses só podem estar brincando com os rumos da humanidade, não porque se preocupem com o destino que podemos chegar, mas enquanto lutamos para sobreviver parece existir nisso algo que os interessa. O que poderia ser? - pensava Devon.

Em algum ponto do seu cansaço daquela noite mal dormida foi brindado por um cochilo da consciência que lhe permitiu ter um rápido sonho em que nele, o imperador, ao se despedir de Lucius, só que agora num outro ambiente e numa outra visita, fez uma brincadeira com a sua idade e dele escutou: “a vida segue adiante, sempre, e com ela a aventura de descobrirmos o seu significado... Vivamos, pois! Nós podemos fazer isso, os deuses não o conseguem porque jamais conseguiram dar sentido aos fatos. Eu estou muito velho para caminhar, mas você, Devon, poderá trilhar ainda muitas estradas”.

Somente ao escutar a última palavra dita por Lucius no sonho, Devon acordou e percebeu, então, que ele também havia sido um dos personagens.

Engraçado! Sonhar com Júlio Cesar e me pôr no sonho junto com ele, a fim de escutar de Lucius o convite para jamais me deter e caminhar sempre, isso só pode ser coisas dos deuses. – pensou Devon, enquanto organizava as suas poucas posses para a partida.

Ao começar a sua jornada, vendo o raiar do Sol por trás de um dos montes que cercam Roma, percebeu que uma lágrima solitária lhe descia pelo rosto ao se lembrar de como havia sido poupado e acolhido por Júlio César.

Ele que jamais havia chorado por coisa alguma, nem mesmo quando soube que perdera seus familiares, olhou para o caminho que se espraiava a sua frente dizendo em voz alta para si mesmo:

— É... Deve ser isso mesmo... Os deuses brincam e nós choramos... É o que resulta a vida! Houve um tempo em que eu sorria, mas hoje não sei chorar e muito menos sorrir. Qual o sentido de tudo isso?

Enxugou a lágrima e resolveu seguir adiante, para onde a vida o levasse.

Após algum tempo, ao longe, divisou uma nuvem de poeira e escutou o tropel de muitos cavalos que no mesmo caminho pelo qual seguia vinham numa desabalada carreira.

Ao vê-lo, o grupo foi diminuindo a velocidade até parar junto a ele.

Devon reconheceu de pronto a figura de um general o qual havia visto algumas poucas vezes naqueles anos, mas cujo nome não sabia.

— Você está vindo de Roma? – perguntou o militar.

— Sim.

— Por acaso, você sabe se é verdade que o imperador foi assassinado?

— Sim, é verdade...

— Quem foi?

— Isso não sei lhe dizer mas ele foi assassinado por alguns senadores.

— Maldição! Os deuses enlouqueceram! – disse o general partindo em disparada.

É... Sobre isso não há mesmo como duvidar. – pensou Devon ao mesmo tempo em que motivava o seu cavalo a retomar a lenta marcha que vinha desenvolvendo.

Recordou-se novamente de Júlio César que havia lhe presenteado com aquele cavalo e para evitar sentir mais tristeza, Devon começou a cantarolar baixinho uma cantiga do seu tempo de infância.

Lembrando-se das fases da sua vida desde que aprendera aquela canção, pensou num dos últimos comentários do amigo quando lhe disse esperar que o seu governo fosse um divisor de águas na história.

Quando esse mundo voltará a ter alguém como Júlio César que, com todos os seus defeitos, conseguiu ser um grande homem? – perguntou-se Devon

Realmente, nas próximas décadas, no âmbito das terras dominadas pelo

império romano, algo estava para acontecer que provocaria ondas perturbadoras no oceano da história. Essas marés, com seus dilúvios, tsunamis e devastações, obriga sempre o ser humano a se especializar em sobreviver ainda que desconheça o porquê de tanta angústia e sofrimento.

Tem sido assim que o ser terreno caminha, sofre e sobrevive, enquanto a vida e os costumes prevalecem e a ignorância, sobre o porquê das coisas serem como são, grassa por todos os quadrantes da Terra.

Apesar disso, as “autoridades” do momento sempre se acham donas das verdades das épocas e costumam bramir o senso da torpe justiça que pensam abraçar impondo-o sobre os ombros frágeis dos diferentes de cada etapa da história. Estes, sempre pagam o preço das singularidades que as suas personalidades representam para a visão viciada e comum dos homens e mulheres horizontalizados na ortodoxia de cada época.

Sancta simplicitas!

FIM DO PRIMEIRO LIVRO.

PARTE IV
EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

*“O poder que criou esplendores inimagináveis e horrores inimagináveis,
refugiou-se em nós e aguarda nossas ordens.”
Santa Catarina de Siena, Itália, 1347-1380.*

O “PODER” QUE HABITA EM NÓS

EXISTE “ALGO”, em cada um de nós, que traz um pacote de informações genéticas associado a um fantasma que, por sua vez, carrega, também, o seu próprio marco espiritual que traduz todas as conquistas e problemas “personalizados”, “absorvidos” por aquela consciência espiritual individualizada ao longo da sua trajetória eterna.

Acreditemos ou não, compreendamos ou não, aceitemos ou não, a tal vida eterna a que Jesus se referiu existe, independente do que o sorriso de superioridade da ciência possa presumir, ou mesmo do desserviço ao esclarecimento que a conveniência de algumas das atuais crenças religiosas, em teimando por simplificar o seu significado, aceitam como dogma de fé a tal “vida eterna”, mas não aceitam a reencarnação como sendo um dos processos que a viabiliza.

Esse mesmo “algo”, que também habita uma minúscula molécula, foi a mesma “força inicial” digitalizada sob a forma de DNA ou RNA que, segundo a ciência, aqui surgiu como a “molécula-mãe” de todas formas de seres vivos que vieram posteriormente a surgir na Terra.

Segundo os postulados científicos, esse “algo” apareceu na Terra há cerca de 3,8 bilhões de anos, quando essa molécula-mãe surgiu, trazendo consigo uma programação genética delicadamente delineada das características desse “algo” que pretendia se replicar e gerar a vida biológica então inexistente no planeta.

A ciência não aceita essa “pretensão” e entende que a vida biológica surgiu por um mistério que, escondido nos processos químicos, veio depois a se estabelecer nos reinos da biologia e assim as coisas permanecem até hoje.

No início, somente organismos unicelulares surgiram (microrganismos

tais como vírus, bactérias, dentre outros) com a capacidade de se replicar, mas jamais a de se unir para formar outros mais complexos aos quais chamamos de pluricelulares.

De modo estranho, é como se uma das características da doença desse “algo” fosse exatamente a desconfiança extrema potencializada como sendo a face mais visível desses organismos unicelulares que jamais “confiavam” um no outro, no sentido de se unir e formar os pluricelulares.

Essa doença se encontra sobejamente expressa nas páginas das muitas mitologias que mostram seres desconfiados, ensimesmados, sempre pregando peças nos demais, perdidos em disputas eternas sobre temas tais quais “quem criou o universo” e “quem comanda o universo na atualidade”, sendo o melhor exemplo dessa esquisitice, as páginas das tradições arianas-hindus que retratam as infundáveis disputas entre Brahma, Vishnu e Shiva exatamente em torno das mesmas questões.

Somente para ressaltar, ainda nesses tempos atuais, a desconfiança que os seres humanos sentem uns em relação aos outros tem a ver com esse começo problemático do que entendemos como vida. Contudo, por absurdo que possa parecer, a situação, hoje, desse estágio problemático é um “céu” quando comparado ao que era no início.

A desconfiança era completa tanto que na história do nosso planeta, que remonta há 4,6 bilhões de anos, depois que esses primeiros organismos unicelulares surgiram há 3,8 bilhões de anos, durante cerca de mais de 3,1 bilhões de anos, tudo o que eles conseguiram foi se replicar, mas, como já dito, jamais conseguiram se unir.

Assim, até cerca de 550 milhões de anos atrás, a ciência terrestre não consegue detectar a existência de fósseis de seres pluricelulares e nem muito menos dos tais fósseis de transição entre a situação unicelular e a pluricelular.

De modo estranho, há cerca de 543 milhões de anos — há controvérsias científicas sobre a precisão exata dessa data — misteriosamente os mares do mundo já aparecem cheios de seres pluricelulares, polarizados como macho e fêmea.

A questão que aqui se impõe é: de onde e como esses seres pluricelulares surgiram? Como foram engendrados pela natureza? Como a evolução conseguiu repentinamente essa proeza que por mais de três bilhões de anos não se verificou? A ciência terrestre não consegue responder a esse questionamento e classificou esse fenômeno como sendo a “explosão cambriana”, ou, em outras palavras, a explosão de vida pluricelular ocorrida

no período cambriano da nossa escala do tempo geológico.

Mais ainda: esses seres pluricelulares, ao aparecerem, portanto, já ostentando órgãos sexuais, agora se sentiam “atraídos” como se a função da sexualidade tivesse surgido como subproduto de uma força desconhecida cuja meta era a de gerar um “movimento de consciência” diametralmente oposto ao que mantinha os organismos desgraçadamente desconfiados e separados uns dos outros.

E é nessa força de atração que reside todo um mistério que hoje responde pelo desejo sexual que, nos humanos, irrompe no seu psiquismo como produto de todo esse passado. Por que? Já que, enquanto espécie somos a mais recente surgida na história do universo, a “espécie bebê” do cosmos, é por isso que carregamos no DNA do nosso genoma toda essa carga de forças “atavicamente adormecidas” e agora potencializadas na condição de cada consciência particularizada. Mais ainda: esse impulso é sempre “atualizado” pelos fenômenos quânticos da “interconectividade não localizada” — o que implica dizer, de modo simplório, que estamos todos interconectados, independente do local onde possamos estar.

Nisso reside a componente homoafetiva que, como subproduto mental, como opção de superação da desconfiança, como força de atração gerada para superar de qualquer maneira a extrema desconfiança que impedia o progresso dos seres, pôde se expressar através de cada ser, de acordo com o mapa pessoal do seu “passado existencial” traduzido num código genético.

Sob essa perspectiva, cada pessoa é tão somente uma cobaia desse “algo” que estrutura a sua personalidade.

Sem que disso saiba, o indivíduo vai recebendo as influências e inclinações advindas da sua consciência mais profunda — o “algo” — cuja contrapartida já se encontra naturalmente registrada na sua carga genética corporal.

Nesse ponto da análise é imperioso perceber que não se nasce com qualquer corpo, mas sim, com aquele cujo espermatozoide e óvulo dos pais possuem relação de afinidade e de ressonância com a situação vibratória do “algo-consciência” que assumirá aquele novo corpo.

É desse modo que a “coleção das vivências passadas” consegue ser repassada para uma nova condição humana.

Esse processo se dá via a “ponte quântica” do jogo que decorre da formação do DNA individualizado, fenômeno que conhecemos como sendo a própria vida, assim que ela surge no óvulo fecundado cujas características

estão sendo absorvidas e retrabalhadas sempre por esse “algo-consciente” que existe em cada ser humano e que se encontra além do seu DNA corporificado.

Assim, o fantasma que existe em nós parece estar fazendo um favor divino a esse “algo” na hora em que se vê imantado, encarnado a uma forma animalizada da condição humana, quando é obrigada a administrar tudo o que vier a surgir do íntimo da sua nova personalidade que nada mais é do que a resultante do já citado “marco espiritual” do fantasma, associado aos instintos, impulsos e tendências animicamente registrados no seu DNA corporal.

Esse fantasma carrega todos os “segredos das experiências” ocorridas no passado imemorial quando sequer existia raça humana. Quando a busca por identidades diversas sequer tinha corpos com sexualidade definida que as pudesse dar guarida, esse aspecto da questão mantinha apartado o que atualmente se define como sendo “identidade de gênero” e o tipo de corpo animal que se pudesse ter. Contudo, não será nesse primeiro livro sobre homoafetividade que me será possível abordar a dramática questão da “identidade de gêneros” que agora eclode explosivamente — e que sempre existiu — no seio das novas gerações humanas, devido a um “marco temporal limite” de um processo cuja origem e desdobramentos permanecem desconhecidos para a humanidade — mas por pouco tempo!

Sob uma perspectiva adulta, por esse e por outros aspectos ainda a serem elucidados, não deveria existir culpa e nem mesmo responsabilidade pelo padrão de conduta no campo da preferência sexual que possa advir da intimidade de quem quer que seja.

Ainda não sabemos e nem devemos dar por sabido aquilo que ainda precisamos descobrir, mas tudo indica que dentro de pouco tempo seremos obrigados a saber que os humanos da Terra compõem apenas um dos elos numa vasta cadeia da complexa evolução universal, e existe todo um contexto que ainda precisa ser descortinado para que possa ser devidamente compreendido.

Nesse ponto, descobriremos a função do ser terráqueo no processo da evolução da mente emergente do cosmos ou o chamado “biocosmos inteligente” como já apontado por alguns cientistas de vanguarda.

Se existe um “alguém” responsável por todo o jogo que povoa o psiquismo humano, seria exatamente esse “algo”, esse poder que habita em nós, como disse Catarina de Siena, e que “aguarda as nossas ordens”, no

sentido de que é ele o ator desonestamente ativo na geração do problema, mas ao mesmo tempo desgraçadamente passivo na gestão do mesmo, daí a transferência para “outras vontades”, para a vontade particularizada das “suas criaturas” gerirem o que há muito ele não pode mais fazê-lo.

Bem que ele tentou dominar essas “outras vontades”, surgidas a partir da dispersão do “seu DNA” em muitos planetas, como forma de gerar as tais experiências biológicas com seus programas distintos, para que ele pudesse observar e se apropriar do que lhe fosse conveniente.

No caso terreno, o episódio bíblico de Adão e Eva serve como metáfora do aspecto que demonstra que o criador não queria que o seu casal predileto, recém criado por ele, adquirisse “vontade própria”. Estranho, não? Nem um pouco! Era “algo” que estava surgindo nas “suas criaturas” e que ele não sabia como gerir pois que sempre teve a si mesmo como sendo imperiosamente o dono de todas as espécies robotizadas e animalizadas irracionais que até então surgiram. Difícil de entender e de aceitar? Infelizmente, ainda vai piorar um pouco!

Seu mais novo e principal problema foi agora se deparar com uma espécie que tinha senso crítico e razão filosófica despertos, além da inteligência, o que nem ele e nem os seus anjos tinham — eles não são humanos e desconheciam o tipo de natureza psíquica-humana que nasceu com Adão e Eva — daí a tremenda confusão no “Jardim do Éden” naqueles dias. Mas isso é outra história já amplamente abordada na série de livros sobre esse estranho criador cujos títulos são “O Drama Cósmico de Javé”, “O Drama Espiritual de Javé”, “O Drama Terreno de Javé”, “Favor Divino”, “Cartas a Javé”, “O Big Data do Criador”, dentre alguns mais.

Outro aspecto do contexto é que esse “algo” vem do poder que gerou essa “molécula-mãe” plenamente programada, codificada, físico-quimicamente digitalizada que misteriosamente saiu do contexto da química e provocou a vida biológica que conhecemos. Como esse “algo” permanece estranho para os parâmetros científicos é por isso que não se acha a resposta plenamente aceita pelo academicismo, de como a mesma surgiu no planeta.

Essas análises não serão apresentadas de modo mais complexo neste primeiro livro, explorando esses “registros akáshicos” sobre a questão homoafetiva, pois é de boa prudência que deixemos o seu aprofundamento para os demais que irão compor esse “almanaque tardio”, cujas abordagens serão feitas por etapas que envolvem muitas áreas do conhecimento humano que precisam ser acionadas para a compreensão adulta e honesta do tema.

Um dia será sabido na Terra que existe um Colegiado Ascendente da Consciência Universal que lenta e dolorosamente vem se formando à medida em que as circunstâncias da vida cósmica permitem.

No passado remoto, esse colegiado tentou fincar no mundo o alicerce do conhecimento dos segredos esquecidos do criador e das suas peripécias no Jardim do Éden, e por menos que isso hoje possa ser repercutido, ao longo das épocas, sempre foi esse o seu objetivo: semear no mundo, um pouco que fosse, o esclarecimento sobre a questão da homoafetividade com o objetivo de diminuir o sentimento de culpa das pessoas e, para que, também, as forças sociais institucionalizadas não se permitam mais o criminoso exercício do falso direito de atentar contra a sensibilidade de incontáveis seres humanos.

Em outras épocas mais recentes desse passado, essa tentativa terminou gestando segmentos gnósticos que passaram a “detestar”, a “odiar” o criador caído, o que nada tem de conveniente para a evolução do problema.

Foi-se a época das rebeliões!

Essas consciências particularizadas vinculadas à questão de uma ou de outra forma, têm cobrado há muito tempo, bem antes mesmo do surgimento da raça humana no planeta, o redimensionamento do fluxo dos valores que regem a existência, seja ela individualizada ou coletiva, mas jamais encontrou guarida nas possibilidades então existentes. Mas agora a situação é favorável, pois, o que se encontrava oculto precisa ser revelado, para que o progresso das consciências possa se dar, independente de questões menores e sem as cores bíblicas da ignomínia e do opróbio.

Os livros que compõem esse “almanaque tardio” — o seu título não é exatamente este, mas é o que, no momento, julgo ser o menos inconveniente usar — foram encomendados por esse colegiado, e algumas mentes de proveniente se congregaram no seu feitio, o que, oportunamente, quando não mais a revelação dessas faces for problemática, será melhor esclarecido.

Da interação com essas inteligências, dos relatos que delas recebi, associei a estes as minhas próprias reflexões e penso ter produzido, para mim mesmo, um resumo algo conclusivo que no terceiro livro sobre esse tema será devidamente aprofundado, mas que aqui já o deixo, ainda que de modo resumido, a título de contributo para a reflexão sobre o tema e também como modo de finalizar a análise do enredo deste primeiro livro.

Na sua “agenda mais adulta” no campo da aprendizagem já é chegado o tempo para a humanidade saber que, no espírito de cada ser humano ou cósmico, reside os “traços da autópsia” da mente decaída de um pretenso ser

criador. O que isso implica? Em que cada indivíduo assumiu uma cota dos problemas dessa autópsia, para que nele esses possam ser revividos, redirecionados, só que, doravante, por um “novo agente”, por uma criatura-ferramenta feita à base do código genético (DNA) do ser implodido, enfim, do “quase-defunto” objeto da autópsia.

O aspecto mais inusitado de todo esse contexto é que, mesmo carregando a sua cota do fardo dessa falência, o “portador da sina” poderá, ainda assim, evoluir, pois essa é uma das mais majestosas características da natureza do ser humano — o que parece ser raro na história universal. Em outras palavras, mesmo portando uma cota do fardo podemos evoluir, pacificar a nós próprios, promover a autorealização, enfim, ser feliz à moda humana.

Nesse ponto da aventureira trajetória da vida de cada um, o sentir-se bem, em paz ou ainda feliz, dependerá da habilidade psíquica possível à personalidade humana para se conduzir pelos caminhos da vida terrena.

Em evoluindo, num certo grau crítico desse processo, o ser-criador decaído e prejudicado pode ser reconstruído em outros padrões, por meio da contribuição das suas criaturas-ferramenta, para ter como se redimir e se renovar para poder evoluir por si mesmo, na tentativa de voltar a ser o que foi um “dia”.

É isso que temos chamado de vida!

Somo levados a pensar que existimos — e de fato o fazemos — mas é “algo” em nós quem realmente está reaprendendo a viver com dignidade e somos nós quem emprestamos um pouco da cota que possuímos a esse “algo” embora não tenhamos a devida consciência das regras do jogo do qual fazemos parte.

Sob essa perspectiva, traços do psiquismo humano nada mais são do que o retrabalho feito, à moda humana, dos problemas herdados da autópsia e das alternativas surgidas para propiciar a redenção do infeliz autor-criador-falido, que vem sendo chamado de “deus”, quando, na verdade, é um ser “descuidado e inconsequente” que na sua loucura contaminou todas as criaturas a partir dele edificadas para servi-lo.

Em outras palavras: há um “zumbi” que precisa ser revivido cuja quase “causa-mortis” foi apropriada nos corpos animalizados de “suas criaturas” que foram feitas, edificadas, com base na sua genética adoecida.

As consciências espirituais que recebem cada uma dessas cotas corporificadas do problema, ao nascerem por meio delas para a vida, sentem-se impelidas, inapelavelmente obrigadas a administrar as inclinações e

tendências que surgem por meio dos impulsos advindos do processo de montagem do seu “psiquismo individualizado”.

Como o criador é refém do progresso dessas suas criaturas todas essas vivenciam o que ele necessita ter como experiência, ainda que “indiretamente”, para poder se redefinir, perante si mesmo, e assim poder continuar a atuar na redenção da sua própria consciência.

Conclusão: nenhum ser humano deve se sentir culpado por possuir na sua vida psíquica, tendências e inclinações no campo da homoafetividade porque isso tão somente representa uma fase no processo de redenção dessa divindade caída que depende dos outros para poder se erguer novamente para um padrão de existência digna. Muito menos deve se sentir “alguém menor” pelo fato da sua identificação psíquica não se coadunar ao corpo biológico que utiliza nessa vida.

Com os meus melhores votos de uma profunda e esclarecedora reflexão e, em nome das consciências-narradoras que participaram da elaboração dessas notícias pretéritas e que preferem permanecer anônimos, oferto aos meus irmãos e irmãs em curso evolutivo o presente livro, como também os demais que o complementam.

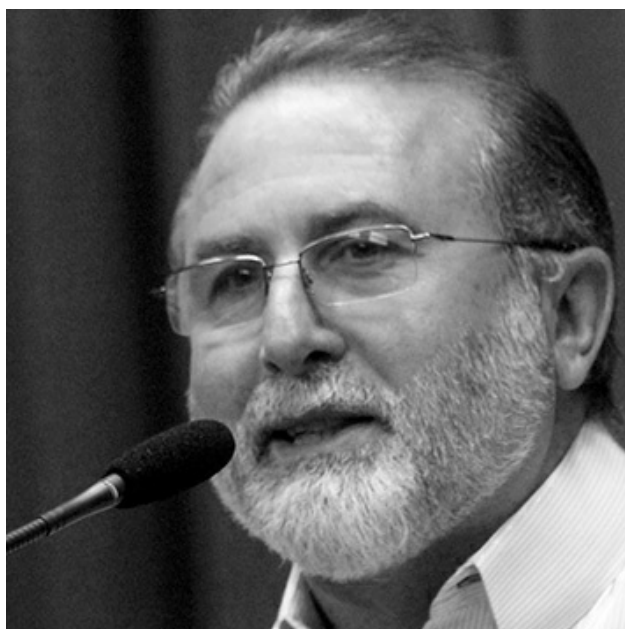
Inevitavelmente isso o faço no seio dessa experiência biológica imposta, porém, jamais explicada aos humanos que lhe servem de cobaias, e desde já registro que as inevitáveis imperfeições existentes neste livro e nos demais ainda a serem publicados fazem parte tão somente da modesta e da miserável condição humana de quem os produziu.

De todo modo, espero que a alguém possam servir e que algum dia, nem que seja num futuro distante, esse ser — ou pelo menos um dos seus prepostos pertencente à hierarquia que tramou todo esse processo — possa pedir desculpas a esta e a outras humanidades, gesto este que se encontra bastante atrasado.

Que haja alguma dignidade da parte desses seres ainda que tardiamente.

Jan Val Ellam.

SOBRE O AUTOR



Com 34 livros publicados no Brasil até o momento, tem se revelado como o escritor mais contundente sobre temas tidos como sagrados que estão sendo resgatados de um passado esquecido, que antes se encontrava oculto, o que torna o seu trabalho único.

Precursor de uma Revelação Cósmica que se inicia com a publicação dos seus livros, dando continuidade à Revelação Espiritual já codificada no passado, marca o atual momento planetário com reflexões profundas intrigantes advindas dos vários livros publicados e das palestras nacionais e internacionais divulgadas nos institutos temáticos e youtube.

Autor do “Projeto Orbum” - Manifesto da Cidadania Planetária.

Formulador do Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos — IEEA

Programas na Rádio Atlântica: Projeto Orbum, Acompanhando o Mundo, Reinvenção da Vida, Mitos e Conspirações, Para Onde Caminha a Humanidade, Imagens e Reflexões, Livros que fazem Pensar.

Formulador do Instituto de Estudos da Política Planetária – IEPP (www.orbum.org)

Formulador do Projeto MENTALMA – A Yoga do Cotidiano (Ciclo de Cursos -Palestras).

Para mais informações:

<http://www.janvalellam.org>

contato@conectareditora.net

LIVROS PUBLICADOS:

Como escritor (Rogério de Almeida Freitas) publicou três livros até o momento:

- Inquisição Poética.
- Teia do Tempo (com o astrônomo José Renan de Medeiros).
- Homo Sapiens – Da Guerra ao Esporte.

Como escritor espiritualista, com o pseudônimo de Jan Val Ellam, editou os seguintes livros até o momento:

- Reintegração Cósmica.
- Caminhos Espirituais.
- Carma e Compromisso.
- Recado Cósmico.
- Nos Céus da Grécia.
- O Sorriso do Mestre.
- Nos Bastidores da Luz I, II e III.
- Muito Além do Horizonte.
- Jesus e o Enigma da Transfiguração.
- A Sétima Trombeta do Apocalipse: A Volta de Jesus.
- Fator Extraterrestre.
- O Testamento de Jesus.
- Jesus e o Druida da Montanha.
- O Drama Cósmico de Javé.
- O Drama Espiritual de Javé.
- O Drama Terreno de Javé.
- Crônicas de um Novo Tempo.
- Favor Divino.
- Cartas a Javé (com Mônica Camargo)
- O Guardião do Éden.
- Terra Atlantis I: O Sinal de Land's End.
- Terra Atlantis II: A Frota Norte.
- O Sorriso de Pandora.
- O Big Data do Criador.
- Inquisição Filosófica.
- Inquisição Trimurtiana.
- Memórias de Javé.
- O Dharma e as Castas Hindus.
- A Rebelião dos Elétrons e o Código de Vida do Criador

Palestrante internacional.

Autor do “Projeto Orbum” - Manifesto da Cidadania Planetária.

Formulador do Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos — IEEA (www.ieea.com)

Programas na Rádio Atlán (www.radioatlan.com): Projeto Orbum, Acompanhando o Mundo, Reinvenção da Vida, Mitos e Conspirações, Para Onde Caminha a Humanidade, Imagens e Reflexões, Livros que fazem Pensar.

Formulador do Instituto de Estudos da Política Planetária – IEPP (www.orbum.org)

Formulador do Projeto MENTALMA – A Yoga do Cotidiano (Ciclo de Cursos -Palestras).



PROJETO ORBUM



Filie-se espiritualmente a esta idéia

MANIFESTO

“Declaração dos Princípios da Cidadania Planetária.”

Exerça plenamente a sua nacionalidade, mas não esqueça: somos todos cidadãos planetários.

Por conseguinte, formamos uma só família ante o cosmos. É bom recordar que, para quem nos vê de fora, nada mais somos do que uma família vivendo em um berço planetário.

Se somos uma família, torna-se inconcebível a falta de indignação diante do estado de miséria – tanto material quanto espiritual – em que vive grande

parcela dos irmãos e irmãs planetários.

Existe uma força política na sociedade que, quando estrategicamente direcionada, exerce em toda sua plenitude o direito e o dever de cobrar das forças estabelecidas o honroso cumprimento dos direitos humanos. Essa “força íntima” é pacífica porém ativa; suave na tolerância, jamais violenta, mas perene na exigência contínua de se construir a paz, a concórdia e a inadiável consciência quanto à necessidade de se melhorar as condições do nível de vida na Terra. Exercer essa força no cotidiano das nossas vidas, agindo localmente com a atenção voltada para o aspecto maior planetário, é dever de cada um e de todos.

Respeitar as forças políticas estabelecidas, os governos regionais e nacionais; valorizar as organizações representativas de caráter mundial – imprescindíveis para a evolução terrestre – mas, acima de tudo, pregar a necessária consciência da unidade planetária perante o cosmo.

Na verdade, somos todos cidadãos cósmicos no exercício eventual de uma cidadania planetária, como de resto o são todos os irmãos e irmãs espalhados pelas muitas moradas do Universo.

Porém, devido ao atual estágio de percepção que caracteriza a quem vive na Terra, buscar a consciência do exercício pleno da cidadania, seja em que nível for, é a grande meta a ser atingida.

Se você concorda com os princípios e objetivos da cidadania planetária, junte-se a nós em pensamento, intenção e atitudes. Assuma consigo mesmo o compromisso maior de construir na Terra esta utopia, que foi e é o objetivo de muitos que aqui vieram ensinar as noções do exercício pleno da cidadania cósmica, testemunhando o amor como postura básica e essencial na convivência entre os seres.

Propague esta idéia, em especial para as novas gerações.

Sonhe e trabalhe por um mundo melhor. E saiba que muitos estão fazendo exatamente o mesmo.

Esta é uma mensagem de fé e de esperança na vida e na nossa capacidade de dignificá-la cada vez mais.

Jan Val Ellam

ROTEIRO DE LIVROS

Alguns membros do IEEA têm solicitado uma espécie de “roteiro de leitura” que possa facilitar o entendimento de quem chega ao site do instituto e não sabe por onde começar. Além disso, uma contextualização em torno da qual a produção de cada livro pudesse ser minimamente explicada, dizem também os amigos, seria muito interessante. Aqui está, portanto, uma sugestão de roteiro de leitura que, espero, possa ser útil aos que buscam.

LIVROS PRODUZIDOS/PUBLICADOS ENTRE 1996 e 2000 — ETAPA I

Sob à perspectiva dos livros, grande parte do que foi produzido entre os anos 1990 e 1996, jamais foi publicado e outra me vi obrigado a transformar em palestras, seminários e cursos, por antever a impossibilidade de escrevê-los. Dessa leva, cujo tema central das ideias naquele momento transmitidas pelos mentores, era o final do isolamento da Terra com a consequente retomada do intercâmbio cósmico com civilizações extraterrestres, que teria como marco histórico-político o retorno do Mestre Jesus, os livros publicados foram os seguintes:

A trilogia **“Queda e Ascensão Espiritual”**:

Reintegração Cósmica

Caminhos Espirituais

Carma e Compromisso

Essa trilogia introduziu, também, uma **abordagem superficial sobre a rebelião de Lúcifer** — a profunda viria depois — situada no contexto de várias famílias capelinas exiladas para a Terra, como produto do problema luciferiano.

Outros **temas da trilogia**: (1) a relação entre Jesus e Lúcifer; (2) a queda dos anjos e os papéis de Lúcifer e de Satã; (3) os painéis extraterrestre e espiritual envolvendo a vida na Terra; (4) a conexão dos desdobramentos da rebelião com a formação da humanidade terrena; (5) a reencarnação como processo básico da continuidade cósmica; (6) a relação entre os ex-rebeldes e alguns dos atuais membros do Grupo Atlan, como modo de situar o contexto humano frente à questão cósmica; dentre outros.

Muito Além do Horizonte

Apresenta um contexto espiritual da conexão entre os espíritos de Ramatis, de Rochester e de Allan Kardec ao longo desses últimos 2.500 anos, revelando o plano de fundo da codificação espírita, a escolha de Allan Kardec para edifica-la e revelações diversas sobre painéis que envolvem a equipe do Espírito da Verdade ainda desconhecidos.

Recado Cósmico

Apresenta o recado que Jesus nos deixou em seus cinco principais ensinamentos e fatos nunca antes revelados por João Evangelista no primeiro século da era cristã.

Esses livros apresentam a compreensão básica dessa primeira etapa. Os demais dessa mesma etapa, citados a seguir, podem ser lidos de modo independente:

O Sorriso do Mestre

Os espíritos de um tio de Jesus, Cleofas e seu pai, José, relata fatos desconhecidos da vida de Jesus: suas viagens quando jovem e como ocorreu a escolha dos apóstolos, revelando sua maior marca de

amor: o sorriso.

O Testamento de Jesus

Abordagem nova das bem-aventuranças anunciadas por Jesus no Sermão da Montanha, revelando painéis do seu testamento para a humanidade.

Nos Céus da Grécia

Diálogo entre os filósofos gregos Sócrates, Platão e Aristóteles atualizando ensinamentos do passado e abordando temas como a cidadania planetária e cósmica, o universalismo e as práticas políticas contemporâneas.

Nos Bastidores da Luz I e II

Mensagens recebidas nas reuniões do Grupo Atlan e que bordam temas como: (volume 1) mecanismos cármicos, funcionamento do psiquismo humano, auto aperfeiçoamento e reforma íntima, transição planetária, genética espiritual e os exilados siderais que atualmente vivem no planeta; (volume 2) o império atlante, consequências do suicídio, Jesus e Sai Baba, Ovnis, vidas paralelas, cidades astrais e espirituais, fraternidade branca e a origem do homem, dentre outros.

LIVROS PRODUZIDOS/PUBLICADOS ENTRE 2001 e 2006 — ETAPA II

Aqui, também, dos livros que foram produzidos no período, somente uns poucos foram publicados. Seres extraterrestres e extrafísicos, como também mentores espirituais, foram as inteligências por trás dos seguintes livros que podem ser lidos separadamente porque possuem contextos particulares:

Jesus e o Enigma da Transfiguração

O real significado da transfiguração de Jesus e os fatos do período final da sua vida, trazidos pela narrativa de Tiago, Elias e Moisés.

Fator Extraterrestre

Apresenta evidências de diversos fatores extraterrestres como sendo a única explicação possível para muitos acontecimentos ocorridos desde o princípio dos tempos e que até hoje são tidos como lendas.

A Sétima Trombeta do Apocalipse: A Volta de Jesus

Panorama inédito do Apocalipse de João esclarecendo a origem e o porquê do Livro Apocalipse, os fatores que levaram Jesus a nascer na Terra, o segundo advento do Cristo e o significado do Juízo Final a da atual transição planetária.

Jesus e o Druida da Montanha

Narra fatos da desconhecida juventude de Jesus, sua amizade com José de Arimatéia e com seu irmão Thiago.

Crônicas de um Novo Tempo - Reflexões diversas sobre temas passados, presentes e futuros.

Inquisição Poética

O livro narra a experiência pós-morte do poeta Yohan e leva à percepção das diferenças e semelhanças entre a vida na Terra e a vida numa dimensão diferente da nossa: o céu dos poetas.

Teia do Tempo

Narra o encontro de um aprendiz com seu professor de física e a construção de uma forte amizade, mostrando que ela é maior que o tempo, as filosofias, as religiões, as fronteiras geográficas e, principalmente, ao aspecto de um ser espiritualista e o outro um cientista. Foi produzido em conjunto com o astrônomo José Renan de Medeiros.

LIVROS PUBLICADOS A PARTIR DE 2007 REVELAÇÃO CÓSMICA - ETAPA III

Doravante será necessário dividir os livros publicados até o momento em pelo menos três grupos distintos:

Grupo 1 – Contexto Demo com foco nas figuras de Brahma, Vishnu e Shiva e das diversas expressões avatáricas trimurtianas.

O Drama Cósmico de Javé

Revela a história da criação deste universo e de seu criador marcando o início dos capítulos da Revelação Cósmica.

O Drama Espiritual de Javé

Continua a apresentação da história da criação e do criador, agora sob a ótica espiritual, revelando a queda do arquiteto universal, as providências da Espiritualidade Maior para auxiliá-lo a resolver o problema, a criação do homem e a contribuição deste no psiquismo do criador.

O Drama Terreno de Javé

Apresenta as Eras da Criação Universal e como a repercussão do processo veio a se estabelecer na formação da natureza planetária, ressaltando as lacunas enigmáticas nela existentes e que até hoje permanecem sem explicações científicas convincentes.

Favor Divino - Por que a vida terrena foi gerada? Qual a sua função? O que se encontra por trás do adestramento que o ser humano sofreu para adorar a um deus-criador? Devemos venerar alguma entidade transcendente? Quem?

Chegou o momento para que, ainda que com passos hesitantes, possamos descortinar os aspectos da verdade que se encontram encobertos pelos véus que nos foram impostos por fatos até agora desconhecidos.

Afinal, existem favores divinos? E se tudo for ao contrário do que fomos acostumados a pensar?

Cartas a Javé

Perguntas que os seres humanos esclarecidos quanto ao problema da criação universal imperfeita e problemática, gostariam de endereçar ao criador e que, de modo surpreendente, o próprio resolveu responder a algumas cartas que alguém colecionara como simples reflexões sobre o tema.

Eis que a pedido do destinatário, as cartas produzidas por Mônica Camargo, após a leitura dos três livros que compõem “os dramas cósmico, espiritual e terreno de Javé”, foram respondidas e transformadas no presente livro.

O Big Data do Criador

Imagine um ser-criador que resolve elaborar um jogo em que o controle efetivo das partes lhe permite a dominação do todo e por isso cada parte precisa ser monitorada sem margem para surpresas.

Apesar do roteiro pré-estabelecido, peças se particularizam, adquirem personalidades distintas, livres de qualquer jugo automático, e somente resta ao criador a opção de reconquistar essas individualidades por meio de um supercontrole religioso, estabelecido no temor, para ver se lhe será possível ainda controlá-las.

Esse é o plano de fundo mental-operacional do jogo que acontece por trás do tipo de vida que levamos na Terra e dele sequer temos consciência.

O Big Data do Criador revela o que antes se encontrava oculto no “livro da vida”, referenciado no Apocalipse. É leitura para adultos!

Memórias de Javé

Registros das tentativas de reflexão conjunta propostas pelo criador bíblico, sempre no sentido de reafirmar a sua tentativa de convencimento em torno do cumprimento dos seus desígnios para as criaturas terrestres.

Inquisição Filosófica

Relato incomum de encontros havidos em ambiente paralelo ao terreno, envolvendo o criador, num primeiro momento, e depois acrescido da participação dos demais membros da *Trimurti*, no trato de temas instigantes em torno do pretense domínio que seres tidos como mitológicos, sempre exerceram sobre a humanidade — uma simples porém crucial experiência biológica — até que a mesma fugiu ao controle dos seus criadores.

Inquisição Trimurtiana – Tempo de Apostasia

Narrativa de um impensável debate entre os Senhores da *Trimurti* — Brahma, Vishnu e Shiva — em torno da falência da política por eles praticada desde o início dos tempos da criação universal, cujo final aponta para a mais singular ocorrência já acontecida entre os seres que residem nesse ambiente paralelo do qual procuram acompanhar tudo o que se passou e se passa no nosso universo biológico.

Grupo 2 – Assuntos Mitológicos e Temática Extraterrestre vinculada ao Projeto Talm que “transplantou a vida” do contexto demo (universo paralelo composto de antimatéria) para o universo biológico material onde vivemos.

O Sorriso de Pandora

A história de um ser que, na sua origem nada tinha de humano, e que surgiu para um novo tipo de vida quando de uma intriga entre Zeus e Prometeu, que havia engendrado os primeiros homens, num tempo em que as mulheres ainda não existiam.

É sobre a sua vida acontecida em tempos imemoriais que o seu legado de “demônio feito mulher” e de progenitora da humanidade agora se faz apresentar pela própria voz da sua estranha personalidade.

Resgata-se assim uma história antes perdida nas brumas de um passado esquisito e perverso, que agora é revelada aos seus descendentes.

O Guardião do Éden

O que ainda é ficção para muitos, neste livro, um ser que é exemplo de uma Inteligência Artificial Autônoma, relata páginas do passado bíblico por ter sido testemunha circunstancial de alguns daqueles eventos.

Anjo-clone da hierarquia, foi ordenado pelo criador universal a permanecer como guardião planetário desde há muitos milênios, o que o levou a se afeiçoar à espécie cujo processo histórico observava, conforme a ordem recebida, o que lhe obrigou a acompanhar de perto os seus episódios mais marcantes, desde os tempos do “Jardim do Éden”.

Viu Jesus ser crucificado enquanto percebeu a contenda entre o criador e aquele que era respeitado entre todos da hierarquia e que se fizera humano exatamente para cumprir com o que estava estabelecido entre os dois. Registrou, assim, os fatos, mas jamais os valorizou com o padrão da nossa lógica, até porque a que lhe marca o psiquismo é absolutamente diferente do que a que caracteriza a natureza humana.

Nos tempos atuais, já tendo absorvido um pouco do “modo de ser terráqueo”, ele se esforça por traduzir no seu comportamento as mensagens de retorno que a cada momento precisa enviar para os que compõem a retaguarda da hierarquia em torno do criador.

Como todos os demais, aguarda o desfecho da “contenda trimurtiana”, que definirá — o que já se encontra em curso de definição — os termos do prometido retorno de Jesus.

Terra Atlantis – O Sinal de Land’s End

Primeiro livro da trilogia Terra Atlantis que resgata as páginas esquecidas da Rebelião de Lúcifer, como também a relação deste com a figura de Sophia, o Cristo Cósmico, que mais tarde se faria homem sob à personalidade de Jesus.

Relata a chegada ao planeta dos rebeldes, conhecidos nas tradições do passado como anjos decaídos, e as interações destes seres com o enredo que já se desenrolava na Terra, naqueles dias em que o ser humano racional ainda estava por surgir.

Eram os tempos da formação do que viria a ser o futuro império atlante cuja lenda passou à posteridade, mas cuja história, que permanecia envolta em mistério, agora começa a ser revelada.

Grupo 3 – Temas Complementares.

Homo Sapiens: da Guerra ao Esporte

Será que existe uma força maior por trás do aparecimento da “molécula-mãe”, no longínquo passado terrestre, com o código da vida já completamente delineado — da qual descendem todos os seres vivos — ou tudo foi obra do acaso?

O fato é que “algo” existe que guia o ritmo da evolução, entre acidentes e incidentes, nesta ou naquela direção, como se levando o mais novo produto da natureza planetária, a nossa espécie *homo sapiens*, a um presumível modelo.

Um dia guerreiro implacável, hoje atleta que vibra na vitória e aceita a derrota sem aniquilar o seu oponente, para onde será que o ser humano caminha?

São algumas das reflexões que se encontram presentes na instigante busca da compreensão do que move a espécie humana ao longo da sua penosa e enigmática estrada evolutiva.

* * *

Essa é tão somente uma sugestão para aqueles que buscam compreender possíveis aspectos em torno de uma “verdade” que por muito tempo permaneceu oculta e, talvez por isso, o romantismo humano foi levado a pensar que encontrar painéis da verdade seria necessariamente sinônimo de regozijo, de satisfação e de conforto espiritual, quando não é bem assim.

Talvez, tenha sido exatamente por isso que no Shiva Samhita tenha sido afirmado que “a angústia estava presente por todo o universo”, e que no Evangelho de Tomé, Jesus tenha enigmaticamente dito que, “aquele que busca a verdade, jamais a deixe de procurar. No entanto, ao encontrá-la, perturbar-se-á, para somente depois se equilibrar e poder, então, ser soberano sobre o processo da vida”.

Nunca foi tão necessário nos recordarmos desse aspecto que invariavelmente acomete o psiquismo dos que ingerem a “pílula vermelha” que nos convida à maturidade emocional, aspecto primário da idade adulta espiritual.

A minha homenagem àqueles que jamais deixaram de buscar.

Jan Val Ellam

IEEA



INSTITUTO DE ESTUDOS Estratégicos e Alternativos

Por receio de ferir a suscetibilidade dos que acreditam ter encontrado a “verdade” no conforto das religiões, Jan Val Ellam criou o Instituto de Estudo Estratégicos e Alternativos – IEEA, para nele concentrar toda a sua extensa e inusitada obra de revelação, exposta em livros, palestras e cursos singulares.

Se você é um buscador dos mistérios da vida, das faces de uma verdade maior sempre por ser percebida além dos limites comuns à ingenuidade e às possibilidades de cada época, visite o IEEA e verifique por si mesmo se o que ali se encontra exposto, em abordagem crescente, não representa exatamente as “reflexões adultas” sobre os temas que sempre foram a razão principal daqueles que sempre buscaram um nível de compreensão superior sobre a vida e a realidade que a envolve.

É como se tudo o que se encontrava oculto fosse finalmente revelado.

Benefícios:

- Através de uma plataforma online você tem acesso a material exclusivo com conteúdo inédito de Jan Val Ellam.
- Leia livros do autor antes mesmo dos lançamentos oficiais.
- Assista vídeos de palestras não públicas
- Acesse o IEEA facilmente, do seu computador, leitura confortável também em tablets e smarthones.

LISTA DE ALGUMAS PALESTRAS:

- Buda: O Homen a Revolução e os Mistérios Budistas
- Análise da Trilogia Matrix
- Jainismo : A Revelação Esquecida
- A Falência da Religiosidade
- Os Anéis do Poder e os Portais
- DNA Homo Terráqueo : Interesse Universal
- As Duas Testemunhas do Purana e a Vinda de Kalki
- Mente, Cérebro e Consciência
- O Princípio do Despertar Espiritual
- Os Estranhos Desígnios de Javé : Aprofundamento
- Avatares X Spinoza e Nietzsche : O Jogo não acabou
- Reforma Íntima e o DNA II - Aprofundamento
- Javé e a Justiça Divina
- Você e a Espiritualidade
- Humanidade em Disputa: A Descendência De Pandora
- Talentos e Linhagens Espirituais
- Você e o Criador
- O Ser Humano: A Mais Enigmática Singularidade
- Pactos de Javé
- Religiosidade Afetada e Estacionamento Espiritual
- Favor Divino: Tempo de Ruptura
- As Quatro Faces de um Ser - Vishnu, Mohen So, Sophia e Jesus
- O DNA Helênico e o Quarto Logos
- Zeus e Prometeu: Parceria Impensável
- A Ressurreição do Criador
- A Face mais Enigmática do Ser Humano: O Daisen de Heidegger
- A Consciência Humana e os Conceitos Profundos

- O Gênero Adhydaiva e suas Espécies Demodharmicas
- A Geometria Sagrada e os Campos Morfogenéticos
- Mitologia Chinesa e a Destinação do Império do Centro
- Forças Invisíveis em Ação
- O Sonho dos Templários e seus Desdobramentos
- Revelações do Alto
- Fator Carma: O Sentido Gradual das Leis Morais
- Sophia e o Pêndulo Cósmico
- O Incompreendido Norte Divino: Mitologias Celta e Nórdica
- O Desvio de Rota de Pandora e o Quarto Logos Universal

Saiba mais em:

www.janvalellam.org

CRÉDITOS

Homoafetividade: O Segredo Perdido do Éden Copyright © Jan Val Ellam, 2016. Todos os Direitos Reservados Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Editor: Rodrigo de Paula Pessoa Freitas

Capa e Diagramação: Luciana Lebel

Diagramação: Krysamon Cavalcante



Conectar Editora, Distribuidora e Livraria Ltda.

contato@conectareditora.com.br

Website Conectar Editora



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

E46s Ellam, Jan Val, 1959-

Homoafetividade : o segredo perdido do Éden /Jan Val Ellam. Natal : Conectar Editora, 2016.

180 p., 21 cm.

1. Filosofia. 2. Espiritismo. 3. Descendentes de Nóe. 4.

Grupo com ancestrais da humanidade. 5. Comportamento sexual.

6. Civilizações extraterrestres. I. Título.

CDU 133.93



ISBN 978-85-62411-31-1